



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ISMAEL MALHADAS VIGÁRIO

**A arquitetura da igreja de Águas, em
Penamacor, de Nuno Teotónio Pereira:
Lugar de fé e oração**

**Dissertação Final
sob orientação de:**

Professor Doutor Joaquim Augusto Félix de Carvalho

**Braga
2025**

Catedral

ATÉ AO FUNDO MAIS ÍNTIMO DA PEDRA

o murmúrio da prece foi crescendo.

E, hoje, é do fundo dela

que se apenumbra o silêncio

e a orla de música revela

a sua entranha de estremecimento.

Que a abóbada, as ogivas, a paciência,

com o seu dentro tenso,

sempre estiveram de substância aberta

ao rumor grave de esbraseamento.

Por isso estarmos não é só estar. É esta

penetração do momento

que do fundo da pedra se liberta

e, secular, se reza por nós dentro

Fernando Echeverría, *Obra inacabada*. Porto: Edições Afrontamento Lda., 2006, 287

Agradecimentos:

Aos meus pais, de quem aprendi a honrar o trabalho,
aos professores das primeiras letras,
por romperem os limites dos meus sonhos.

Ao Seminário dos Redentoristas,
pela oferta de boa formação.

Aos colegas e amigos do
Curso de Teologia da Universidade Católica de Braga,
pelo bom ambiente de fraternidade.

E, agora, de forma especial, aos professores de teologia
por me abrirem os novos caminhos da fé e da liturgia,
a arte de viver a fé em comunidade eclesial.

Ao Senhor Pe. Joaquim Félix, as palavras exatas,
pacientes na orientação desta minha dissertação.

À Fátima, André e ao Daniel,
Âncoras de todas as minhas viagens.

Índice Geral	4
Resumo/Abstract	6
Siglas e Abreviaturas	7
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 1: BREVE APRESENTAÇÃO DA ARQUITETURA DA IGREJA DE ÁGUAS NO ÂMBITO DO MRAR	14
1.1. <i>A igreja de Águas um marco histórico do MRAR</i>	15
1.2. <i>O MRAR no caminho da arquitetura moderna</i>	20
1.3. <i>Ecos da arquitetura moderna brasileira na igreja de Águas</i>	22
1.4. <i>Reação do MRAR ao “estilo suave” nacional</i>	30
2. O MRAR e a moderna arquitetura religiosa suíça, alemã e francesa	34
2.1. <i>Le Corbusier e o MRAR na moderna igreja de Águas</i>	39
2.2. <i>Modernidade e inovação na arquitetura da igreja de Águas</i>	48
2.3. <i>Arquitetura moderna experimental na igreja de Águas</i>	50
2.3.1. <i>Assimilação da tradição cultural na igreja de Águas</i>	55
2.3.2. <i>Reintegração de materiais e técnicas locais na edificação</i>	58
CAPÍTULO 2: A IGREJA DE ÁGUAS, UM LUGAR TEOLÓGICO	62
1.1. <i>A igreja de Águas orientada para a fé e beleza de Deus</i>	65
1.2. <i>Uma casa para a Glória de Cristo</i>	74
1.3. <i>A luz na arquitetura da igreja, símbolo de Cristo</i>	77
1.4. <i>Arquitetura da igreja de Águas em diálogo com as outras artes</i>	80
2. Caracterização da arquitetura do exterior	85
2.1. <i>A torre sineira</i>	87
2.2. <i>O adro e o seu contexto arquitetônico</i>	89
2.3. <i>O nártex</i>	90
2.4. <i>Telhado e alçados</i>	91
3. Arquitetura interior convoca os símbolos cristãos	92
4. Caracterização teológica dos três elementos simbólicos do presbitério	97
4.1. <i>O lugar do ambão: a teologia da Palavra</i>	99
4.2. <i>O altar: o locus theologicus da eucaristia</i>	106
4.3. <i>A presidência do celebrante principal: a representação de Cristo</i>	110
5. Arquitetura dos símbolos cristãos na igreja de Águas ao serviço da missa	115
5.1. <i>A simbólica na igreja de Águas ao serviço da fé e oração</i>	115

5.2.	<i>A participação na missa na igreja de Águas</i>	122
5.3.	<i>A iconografia e o culto devocional</i>	125
CAPÍTULO 3: ARQUITETURA E IMAGEM AO SERVIÇO DA PASTORAL DA BELEZA LITÚRGICA		135
1.1.	<i>A beleza da encarnação de Cristo na dinâmica da fé</i>	139
1.2.	<i>A beleza da liturgia como resposta à beleza de Cristo</i>	141
2.	A iconografia do batistério da igreja de Águas	144
2.1.	<i>O batismo: acontecimento salvífico eclesial</i>	148
2.2.	<i>O sacramento do batismo faz a Igreja e a Igreja faz o batismo</i>	152
3.	O confessional da igreja de Águas e o sacramento do perdão/reconciliação	155
3.1.	<i>O perdão como abertura ao dom de Deus</i>	157
3.2.	<i>Reconciliação sacramental ministrada pela Igreja</i>	162
4.	Análise teológico-litúrgica do altar, ambão e presidência de outras igrejas visitadas e projetadas por Nuno Teotónio Pereira	165
4.1.	<i>Igreja Paroquial de Boidobra, Covilhã</i>	165
4.2.	<i>Igreja do Sagrado Coração de Jesus / S. Pedro, Covilhã</i>	171
4.3.	<i>Igreja Paroquial de Santiago, Almada</i>	173
4.4.	<i>Igreja do Sagrado Coração de Jesus, Lisboa</i>	179
CONCLUSÃO		184
Bibliografia		192
1.	Sagrada Escritura	192
2.	Documentos do Magistério	192
3.	Fontes Patrísticas e Medievais	193
4.	Bibliografia Geral	193
5.	Artigos Científicos	197
6.	Fontes Não Citadas	199
7.	Fontes das imagens	201

Resumo

O trabalho centra-se sobre a caracterização do projeto de arquitetura moderna da igreja de Águas, no concelho de Penamacor, da autoria do arquiteto Nuno Teotónio Pereira e a sua inserção no novo programa MRAR (Movimento de Renovação da Arte Religiosa). Identificar na arquitetura moderna da igreja elementos de convergência com a nova identidade teológica e litúrgica que emergiu do impulso do Concílio Vaticano II. Mostrar que o processo e o modo de construção, os materiais e as técnicas construtivas, podem estar ao serviço da verdade do Evangelho. Identificar na igreja o valor sacramental na arquitetura, quando o altar envolve a assembleia e a liturgia se revela na verdadeira expressão de comunidade de fé e oração. Por meio da qualidade da liturgia celebrada na edificação, a comunidade eclesial experimenta e transforma-se numa fraternidade de vida evangélica.

Palavras-chave: projeto de arquitetura, valor sacramental da arquitetura, liturgia, comunidade de fé e oração, verdade do Evangelho, MRAR, Vaticano II.

Abstract

The work focuses on the characterization of the modern architecture project of the church of Águas, in the municipality of Penamacor, by the architect Nuno Teotónio Pereira and its insertion in the new MRAR program (Movement for the Renewal of Religious Art). To identify in the modern architecture of the church elements of convergence with the new theological and liturgical identity that emerged from the impulse of the Second Vatican Council. Identifying in the church the sacramental value in architecture, when the altar surrounds the assembly and the liturgy, reveals itself in the true expression of community of faith and prayer. Through the quality of the liturgy celebrated in the building, the ecclesial community experiences and transforms itself into a fraternity of evangelical life.

Keywords: architectural design, sacramental value of architecture, liturgy, faith and prayer community, Gospel truth, MRAR, Vatican II.

Abreviaturas e Siglas

Aas	Acta Apostolicae Sedis
Ap	Livro do Apocalipse
At	Livro dos Atos dos Apóstolos
AT	Antigo Testamento
BIP	Boletim de informação Pastoral
CIAM	Congresso Internacional de Arquitetos Modernos
CICCCE	Catecismo da Igreja Católica (Catechismus Catholicae Ecclesiae)
Col	Carta aos Colossenses
1Cron	Primeiro Livro das Crónicas
Dt	Deuteronómio
DV	Constituição Dogmática <i>Dei Verbum</i>
Ed.	Edição
Ef	Carta aos Efésios
Ex	Livro do Êxodo
Gal	Carta aos Gálatas
Gn	Livro do Génesis
GS	Constituição pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
Heb	Carta aos Hebreus
IGMR	Instrução Geral do Missal Romano
IS	Livro de Isaías
Jo	Evangelho segundo João
JUC	Juventude Universitária Católica
Lc	Evangelho segundo Lucas
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen gentium</i>
Mc	Evangelho segundo Marcos
MOMA	Museum of Modern Art
MRAR	Movimento de Renovação da Arte Religiosa
Mt	Evangelho segundo Mateus
NT	Novo Testamento
ODAM	Organização dos Arquitetos Modernos
1Cor	Primeira Carta aos Coríntios
1Jo	Primeira Carta de João

POLA	Praenotanda (preliminares) ordenamento das leituras da missa
Rm	Carta aos Romanos
Sec.	Século
SC	Constituição Conciliar <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SI	Livro dos Salmos
SNA	Sindicato Nacional de Arquitetos
SNBA	Sociedade Nacional de Belas Artes
UIA	União Internacional dos Arquitetos
Vat. II	Concílio Vaticano Segundo

INTRODUÇÃO

A *motivação* para o tema decorreu da participação no seminário na Faculdade de Teologia, da universidade Católica Portuguesa, Campus de Braga: «Como reconstruir a catedral? (Rui Chafes). Práticas de reconstrução de lugares».

O termo «catedral» remete-nos para o âmbito da fascinante arquitetura religiosa cristã, que foram as catedrais medievais, lugares e símbolos da expressão da fé cristã. Hoje, ainda permanecem firmes a desafiar o tempo, uma memória áurea da época da «Cristandade».

Quando escrevemos «reconstruir», associamos o desejo de edificar um novo espaço de beleza, que convoque o ser humano atual a uma espiritualidade cristã e ao culto litúrgico encarnado na história contemporânea. Assim, questionamo-nos: como reconstruir a catedral? Numa interrogação que abre o diálogo com a arte, sobretudo, a arquitetura. A catedral será esse lugar onde melhor se deveria planificar e organizar o espaço para que a nova comunidade eclesial melhor participe na ação litúrgica.

O termo «catedral» traz associado toda uma realidade ampla e complexa que não se confunde com a nostalgia da vivência da fé no passado, mesmo que tenha sido gloriosa; antes abrindo o desafio para a atualidade: como reconstruir, hoje, a nova catedral? Na certeza de que a arte, sobretudo a sacra, desempenha um papel relevante no reacendimento da fé e qualidade da oração cristã.

A Igreja sempre valorizou a função essencial da arte sacra, numa forma bela e verdadeira de motivar o humano para a adesão à mensagem cristã, sobretudo à participação na celebração da liturgia da comunidade eclesial reunida em nome do Senhor.

A Igreja amou sempre as belas artes, formou artistas e nunca deixou de procurar o contributo delas, procurando que os objetos atinentes ao culto fossem dignos, decorosos e belos, verdadeiros sinais e símbolos do sobrenatural (SC 122).

Ao contactarmos com diferentes projetos de arquitetura de igrejas, depreendíamos que refletiam expressões plurais com diferentes modulações, de acordo com o seu autor. Que os estilos variam no tempo e no lugar. Que os processos de criação também viajam e dialogam com diferentes correntes e deles recebem influência. É reconhecida a existência de uma espiritualidade em muitas obras de artistas de mérito a quem se convida para, mediante o seu talento, o porem ao serviço de uma ideia: uma porta de sacrário, um crucifixo, um ambão, etc.

Diante da beleza artística de um objeto sagrado, o ser humano, sobretudo o crente, desperta para o sentir espiritual e ganha confiança.

A bela forma da arquitetura, com liberdade criativa do seu autor, pode aproximar-se da beleza do criador, quando descobre e orienta os recursos naturais na construção de um objeto interpelativo. E pode ajudar alguém, que dela se aproxima, a sentir-se convocado a um momento de contemplação e oração.



Figura 1 - A Capella del ponte Cabbiera, Serravalle (2019) -Martininoi Pedrozzi¹

A construção de uma capela minimalista com recurso a poucos materiais, mas pela sua integração no local e contexto ambiental: rocha, floresta, constitui-se realidade «surpreendente pela atualidade da linguagem expressiva que se baseia numa reflexão de design antrópico entre o homem e a sua terra»².

A catedral da Sagrada Família, Barcelona, de Antoni Gaudí y Cornet (1852-1926). Como interpretá-la? A entrega apaixonada da vida do autor à obra, lida como um sinal de esperança para o futuro da humanidade.

Da participação ativa e contacto com diferentes arquiteturas e modos de representar o lugar sagrado, nasce a necessidade de refletir e aprofundar a arquitetura de uma igreja nacional, representativa da modernidade e espaço de fé e oração. Assim, surgiu a escolha da igreja da freguesia de Águas, Penamacor, nascida do projeto do arquiteto Nuno Teotónio Pereira (1922-2016).

Contextualização. Para estudarmos a igreja de Águas (1949-1957), a primeira projetada por Nuno Teotónio Pereira, a que se seguiriam outras, não a podemos subtrair do moderno contexto da

¹ <https://images.app.goo.gl/m2cEn3wqAXDHQgtB8> , acedido a 29 de dezembro de 2024.

² Mário Bota, *Il Cielo in Terra: Un secolo di chiese e cappelle nell'architettura moderna e contemporanea*. (Milano: 24 ORE Cultura srl, 2023), 160.

arquitetura europeia: França, Suíça, Alemanha, Holanda. A arte de inovar a arquitetura na Europa era já um fenómeno presente, como o uso do betão aparente na construção da igreja de Notre Dame de Nancy (1922) por August Perret (1874-1954). A que se juntava Le Corbusier que, com méritos reconhecidos na arquitetura civil e, sendo agnóstico, aceita projetar a capela do peregrino de Ronchamps (1955) e o dominicano convento de La Tourette (1959-1965). A que se sucedem, um pouco por toda a Europa, outros artistas inovadores como em Vence (1950), obra de Henry Matisse, que introduz as artes decorativas na qualificação do espaço litúrgico. A arquitetura de Fritz Metzger, o belo exemplar da igreja de S. Félix e Sta. Régula, Zurique, na Suíça. Uma arquitetura que prima pela qualificação do espaço interior luminoso a motivar a fé e a oração da comunidade reunida.

A influência da modernidade arquitetónica europeia demoraria a fazer parte do novo cânone de construir igrejas em Portugal. Continuava a construir-se segundo os métodos tradicionais, que serviam a ideologia do Estado Novo. Estas igrejas afirmavam uma identidade nacional, apostavam na monumentalidade; outras, porém, já apresentavam traços de modernidade, embora incipientes, não passavam de tentativas paradoxais. No primeiro caso, apresentava-se a igreja do Condestável, em Lisboa; no segundo caso, em aposta moderna, a igreja de Na. Sra. de Fátima, também em Lisboa, e a igreja de Na. Sra. de Fátima, no Porto.

Estas últimas nasciam sob a influência do que se produzia nos países do pós-guerra, com vontade a aspirarem a ser modernas, reconduziam-se a um estilo eclético, sem inovação, pois não rompiam com os modelos do passado. O panorama da arquitetura nacional, sobretudo no que respeitava às igrejas, continuava a pautar-se pelo mesmo código estético do passado. Uma arquitetura de vontade concertada entre Estado e Igreja, orgulhosamente digno e nacional.

A mudança ocorreria com o evento do Congresso Nacional de Arquitetura em 1948. A reunião de arquitetos do Norte e do Sul constitui-se como uma frente de oposição a um modelo único e vigente de edificar, onde se afirmou a vontade livre de expressão de uma nova arquitetura religiosa, liberta dos condicionalismos do regime, procedimento que já se afirmava na arquitetura civil um pouco ao longo do país.

A emergência do MRAR. Foi relevante, para a mudança, o evento da exposição *Arquitetura Religiosa Contemporânea*, em 1953, na igreja de S. Nicolau, em Lisboa, promovida por um grupo de jovens arquitetos inconformados com o panorama da projeção da arquitetura das igrejas, em Portugal. O caso mais crítico era a recente construção da igreja de S. João de Brito, em Alvalade, uma contradição para a época moderna.

É na sequência da vontade de renovar a arquitetura religiosa das igrejas que surge a associação do MRAR, protagonizada por Nuno Teotónio Pereira, uma iniciativa de oposição aos modelos pré-programados de construir ao modo do sistema vigente do regime. Uma vontade de

afirmação de uma arquitetura inovadora e moderna com o intuito de projetar um novo espaço religioso, capaz de se libertar de imposições estéticas fora de época e não interpeladoras. Levava-se a sério a vontade imperativa de uma mudança. Sobretudo, a atividade de construir uma igreja era percecionada pelo MRAR como uma atividade de elevado grau de exigência, porque ao contender com o sagrado implicava com a verdade e a autenticidade religiosa. A necessidade de renovação da arquitetura religiosa era sentida pela Igreja do Movimento Litúrgico que, para o cumprimento dos seus objetivos, se aproximava dos princípios da arquitetura do Movimento Moderno: funcionalismo, racionalismo, depuração e clareza.

O objetivo da nova arquitetura consistia em não condescender com o postiço, o ilusório, porque a fé e a dignidade de Deus não se podiam atraíçoar. Assim nascia, em 1953, o manifesto do MRAR (Movimento de Renovação da Arte Religiosa), onde se lavravam os princípios que norteariam a construção das novas igrejas em Portugal e se prolongaria até 1969, com a duração de dezasseis anos³.

Esta questão será desenvolvida no primeiro capítulo: a necessidade da atualização da arquitetura das igrejas a construir no país. A arquitetura teria de ser moderna, como era o seu tempo, verdadeira e simples nos materiais, para responder à autenticidade e verdade do Evangelho. Poderia integrar a tradição construtiva, mas conjugando-a com a racionalidade, a funcionalidade, a simplicidade e a economia *crua* dos materiais utilizados. Sobretudo, que fosse capaz de transmitir a qualidade e a presença dos símbolos cristãos que foram o suporte histórico da fé, com ligação e fundamento bíblico.

Objetivos. Para a elaboração do trabalho, numa primeira etapa, procuraremos compreender a arquitetura religiosa da modernidade: razão do seu aparecimento, principais linhas de orientação que a caracterizam, países em que mais floresceu e os seus mais diretos representantes. As razões políticas que pesaram na sua tardia implementação em Portugal e a necessidade imperativa do aparecimento do MRAR.

Para compreender a obra de arquitetura do arquiteto Nuno Teotónio Pereira, socorremo-nos da consulta de artigos, publicações da sua autoria e depoimentos de colegas de trabalho e estudiosos da sua obra.

³ Cf. João Alves da Cunha, *MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do século XX*. Col. Investigação (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015), 219-20.

Como compreender o impacto e a relevância do projeto de arquitetura moderna da igreja de Águas, atendendo à época e circunstâncias que lhe deram origem e, especificamente, numa freguesia da Beira Interior?

Ao mesmo tempo, analisar o sentido que a forma da arquitetura da igreja tem no modo como a liturgia é celebrada. De que modo a arquitetura e as artes sacras evidenciadas podem promover a qualificação da *ars liturgica*: a oração e a fé da comunidade?

O objeto essencial do nosso trabalho é focarmo-nos na igreja de Águas do arquiteto Nuno Teotónio Pereira.

O método. Para a realização do trabalho fizemos várias visitas à freguesia de Águas, local de implantação da igreja, a fim de nos inteirarmos do projeto de arquitetura: o lote de implantação, a representação exterior e a leitura do seu complexo interior. Nas visitas à igreja, procedemos à reportagem fotográfica que ilustra o trabalho.

Sendo o trabalho de índole teológica e litúrgica, integrámo-nos na participação da eucaristia com a comunidade da freguesia, a fim de melhor vivenciarmos e recolhermos os dados que nos auxiliassem na reflexão litúrgica. De que modo a arquitetura, como organização do espaço interior da igreja, ajuda os fiéis à qualidade da participação nas ações litúrgicas?

Em peregrinação crente a uma igreja, como seria integramo-nos na participação da eucaristia naquela comunidade concreta? Da entrada exterior da luz, que observávamos, como se processava a sua tensão na qualificação do espaço interior?

Nas visitas à freguesia, tomámos contacto com a cultura da comunidade local: as festas, os lazes e a vida religiosa.

No alargamento do âmbito da investigação do trabalho de arquitetura de Nuno Teotónio Pereira, para elaborar o estudo comparativo do altar, ambão e presidência, mas sem caráter de uma análise detalhada e crítica, visto o objetivo básico do nosso trabalho se focar sobretudo na arquitetura da igreja de Águas, visitámos a igreja paroquial de Boidobra (1969-85), no concelho de Covilhã; igreja do Sagrado Coração de Jesus na Covilhã (1952); igreja paroquial de Santiago, em Almada (1963-68); e a igreja dtesTEseo Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa (1970-82).

Para uma melhor compreensão da arquitetura destas igrejas, interagimos com diferentes realidades: os padres das comunidades locais, a observação empírica e processo de comunicação com as populações, a fim de recolhermos informações e vivências que nos propiciassem uma adequada fundamentação das nossas reflexões relativas à celebração local da eucaristia.

CAPÍTULO 1: BREVE APRESENTAÇÃO DA ARQUITETURA DA IGREJA PAROQUIAL DE ÁGUAS NO ÂMBITO DO MRAR

Neste primeiro capítulo, temos como objetivo apresentar um estudo da presença da modernidade arquitetónica da igreja de Águas, no concelho de Penamacor, obra da autoria do arquiteto Nuno Teotónio Pereira (1922-2016), na altura ainda jovem e recém-formado.

Enfatizar o espírito de criatividade, inovação e de combate que presidiu ao arranque de um período notável que foi o MRAR, Movimento de Renovação da Arte Religiosa, do qual Nuno Teotónio Pereira foi um dos protagonistas desde a sua origem.

Neste percurso de investigação, tentaremos compreender e contextualizar as principais linhas de ressonância presentes na arquitetura da igreja de Águas. Mostrar em que consiste a originalidade da arquitetura da nova igreja de Águas e os motivos que presidiram à sua edificação.

Por que razão afirmamos que é um marco da arquitetura moderna religiosa em Portugal? Como se explica a ocorrência da sua edificação numa aldeia da Beira Baixa e longe de um grande centro urbano? Identificar os mais relevantes traços presentes de uma arquitetura moderna, mas também, integrada na geografia e cultura da região da sua implantação.

Explicar que a construção da igreja de Águas não é resultado de um decalque de outras igrejas modernas, mas que se destaca por uma identidade original. Conjugando elementos arquitetónicos locais: o saber fazer dos artesãos e as suas técnicas construtivas tradicionais e, ao mesmo tempo, importando traços de igrejas modernas europeias. O arquiteto Nuno Teotónio Pereira procurava erigir, na freguesia de Águas, uma igreja de arquitetura moderna, integrada na paisagem local, adequada à época, não repetindo um modelo ao estilo do “português suave”, próprio do regime do Estado Novo.

1.1. *A igreja de Águas: Um marco histórico do MRAR*



Fig. 2 - Igreja moderna e integrada numa cultura local. Fotografia de João Lopes Cardoso

No âmbito da edificação da arquitetura religiosa portuguesa, a igreja de Águas emerge como a primeira experiência moderna levada a cabo pelo jovem arquiteto Nuno Teotónio Pereira: «a primeira igreja moderna construída após a igreja de Nossa Senhora de Fátima de Pardal Monteiro, em Lisboa»⁴.

Depois de um período de maturação e reflexão crítica, o arquiteto Nuno Teotónio Pereira, com 25 anos, emerge como protagonista e concretizador de uma nova ordem de projetar edifícios, referimo-nos à renovação dos espaços sagrados, as novas igrejas queurgia construir ou renovar no país.

Cabe à arquitetura uma tarefa criativa e dinâmica para implementar novas formas de habitar o espaço. Uma igreja também é uma casa e define uma forma de estar e viver. Porém, uma igreja apresenta uma maior exigência de qualidade, trata-se de edificar uma habitação para a comunidade prestar culto litúrgico a Deus. O culto litúrgico beneficia da qualidade do espaço arquitetónico em que se realiza.

A celebração da liturgia católica não é nada indiferente à arquitetura e, vice-versa, a arquitetura de uma igreja não deixa indiferente a liturgia que aí se celebra. [...] Essa ligação não se faz de uma

⁴ Ana Tostões (Coord.), *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira* (Lisboa: Quimera Editores, 2004), 136.

vez para sempre, mas vai mudando no decorrer da história: como não existe uma liturgia imutável, também não existe uma arquitetura e uma arte para a liturgia que sejam imutáveis⁵.

O objetivo é inovar e adequar: espaço e função litúrgica. Não sucumbir à *mimesis* histórica da arte de edificar, mas desafiar e inovar, com imaginação e plasticidade. Que os espaços construídos sejam espaços de habitação, onde a espacialidade física projete o anelo à espacialidade sobrenatural: «A obra deve-se à primazia de dois conceitos – o do espaço interno e o da integração – que, numa altura de afirmação do estilo internacional face ao tradicionalismo dominante, quer na Igreja, quer na cultura oficial, eram inovadores»⁶.

Assim, Nuno Teotónio Pereira, nas viagens encetadas pela Europa, a partir da revista *werk* acompanhava e informava-se do novo espírito de renovação de uma nova arquitetura religiosa que servisse a comunidade reunida à volta do altar e participasse do sacrifício de Cristo. Uma celebração eucarística em culto autêntico. Este apenas seria possível, quando a configuração arquitetónica do espaço interno da igreja permitisse a plena e digna realização da função, que é o culto em verdade, pureza, pobreza e caridade, em fidelidade ao Evangelho.

Cabe à arquitetura a nobre tarefa de planejar um lugar expressivo que dignifique e estimule a assembleia a prestar o culto litúrgico digno a Deus. Deste modo, Nuno Teotónio Pereira procurou implementar, na igreja de Águas, um espaço interior expressivo, onde aquela comunidade concreta pudesse experimentar um culto genuíno que a convocasse para o altar, lugar de eleição da liturgia.

Como traçar o caminho da nova arquitetura da igreja de Águas? Nuno Teotónio Pereira aspirava por uma renovação, construir uma igreja moderna como acontecia na Europa. Através de revistas de arquitetura e viagens pela Europa tomou consciência do novo modo de construir igrejas e o recurso a novos materiais industriais.

É neste ambiente de formação que recebe a encomenda de projetar a igreja da freguesia de Águas, em Penamacor. Os objetivos programáticos apresentavam-se com clareza: racionalidade, integração, expressividade.

Trata-se de projetar uma igreja moderna para um local e uma comunidade católica integrada. Nuno Teotónio Pereira decide envolver a comunidade no projeto: recurso aos materiais locais e operários da região. Posteriormente, aquando das celebrações litúrgicas, recordariam a sua participação na obra, para melhor aderirem à qualidade nas ações litúrgicas.

⁵ Comissão Episcopal de Liturgia da Itália (Nota Pastoral), *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 2ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018), 20

⁶ Tostões (Coord.), *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, 136.

Uma linguagem de sabor expressionista com a preocupação de organizar um espaço em convergência para o altar, o fulcro da celebração. O facto de ter utilizado materiais de construção locais não se deveu a um mimetismo com a envolvente, mas a uma atitude genuína de respeito pela riqueza das tecnologias ancestrais da construção tradicional⁷.

Associar os trabalhadores e os materiais regionais, retirados daquele espaço, assumia o significado de participação e conjugação de esforços ao serviço do bem comum. Aqui, a comunidade é convocada a participar com o seu esforço e imaginação. No corte da pedra, usando os instrumentos do pedreiro: o ponteiro, o cinzel, o pico para remover os pedaços inertes e tornar os pedregulhos em pedras vivas.

Cada pedra trabalhada é transformada em pedra viva para erguer o edifício onde, futuramente, irá orar e transformar-se em cristão verdadeiro. Cada operário seria uma pedra viva da nova comunidade, vencendo as imperfeições rudes; purificar-se e tornar-se oferta autêntica ao serviço da comunidade.

Uma edificação moderna conjugada com um novo modo de viver o espírito do Evangelho, associando o valor humano local, como forma de envolver o povo ao projeto em curso: «os velhos mestres construtores trabalhavam tão bem que era preciso aproveitar essa sabedoria construtiva. Procurou ser autêntico [...] aquela obra não se podia confundir com o ‘português suave’ do regime»⁸.

Tratava-se de inovar, mas envolvendo o povo no novo projeto em curso: «N. Teotónio Pereira procurava a renovação do espaço litúrgico entre a tradição e a modernidade»⁹. Não se desviar dos valores da identidade do povo. Tradição e modernidade como forma inovadora de acolher as novas aportações da arte, a apelarem a uma fiel participação comunitária da vida cristã, sobretudo na eucaristia.

⁷ Tostões (Coord.), *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, 136.

⁸ Tostões, *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*, 136.

⁹ Nuno Grande, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus* (Coimbra: Eldlarc, 2021), 9.



Fig. 3 - O altar preparado para a celebração da eucaristia. Fotografia de João Lopes Cardoso

Para uma participação integrada da comunidade no projeto de arquitetura, o arquiteto Nuno Teotónio Pereira associa os valores e saberes da comunidade, a sua experiência de católico empenhado, inventariando processos que ajudem a melhor compreender a atualização e «realismo» da fé aos novos tempos: «a lógica contemporânea na utilização dos materiais que, aliada a atenta integração no contexto ambiental da aldeia beirã, constitui uma primeira manifestação de realismo e de uma consciente modernidade»¹⁰.

Viviam-se tempos de inovação na arquitetura europeia, civil e religiosa. Esta circunstância estimulou alguns jovens arquitetos portugueses. À cabeça dessa mudança, surge Nuno Teotónio Pereira, na altura participante na JUC (Juventude Universitária Católica).

Em 1947, aparece no jornal *Ala*, nº 66, o artigo do Beneditino D. Claude-Jean Nesmy, sob o título: «A Igreja e a arte sacra», tradução do artigo publicado no nº 93 do semanário francês *Arts*. O tema vinha acompanhado de uma imagem «Estudo para a Crucificação» do pintor Albert Gleizes, de 1935.

Classificados estes documentos como exemplares, o jovem arquiteto Nuno Teotónio Pereira manifestou entusiasmo para propagar as novas ideias sobre a qualidade da arte das novas igrejas.

Tornava-se urgente a necessidade de aceitar a nova arquitetura moderna para as igrejas que se viessem a construir. A não aceitação da arte moderna nas igrejas não passava de preconceito e falta de esclarecimento objetivo. Tal arquitetura «possui uma base objetiva, fundada na natureza do

¹⁰ Grande, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, 9.

real e sobre as leis naturais da arte, que o fazia acreditar no possível e necessário (re)aparecimento de uma arte que acolhesse, sem mutilações, a mensagem cristã»¹¹.

Nuno Teotónio Pereira, consciente do espírito de renovação da arte moderna das igrejas, dispôs-se a exercer a sua influência para modificar o quadro negativo das igrejas em vias de serem construídas. Queria, como arquiteto e católico convicto, contribuir para a mudança do *status quo* a que tinha chegado a arte religiosa. E isto, sobretudo na construção das mais recentes igrejas: «A igreja era a morada do próprio Cristo, o que fazia que a prática e aceitação da mentira construtiva no edifício capital da arquitetura cristã fosse uma trágica contradição, que deveria ser condenada por todos os cristãos»¹².

Ao mesmo tempo, com a crítica interna ao panorama da arquitetura religiosa, estava a criar-se «o caminho do futuro, preparando o terreno para o advento triunfante do novo estilo, reflexo da sociedade maquinista construída em bases cristãs»¹³.

Tratava-se de implementar em Portugal aquilo que já se experimentava em países da Europa Central, um novo espírito de renovação da arte moderna nas igrejas. Uma renovação da arte religiosa que se pautasse pela procura da verdade construtiva e definida em conformidade com a função litúrgica.

Uma arte que respondesse ao processo histórico moderno e pusesse o crente no caminho da autenticidade do Evangelho de rosto humano. Neste âmbito, uma igreja moderna devia apresentar-se numa unidade de formulação integrada e autêntica identidade. Era fundamental para Nuno Teotónio Pereira exprimir o sentido da identidade objetiva do que é uma igreja, sem criar dúvida ao transeunte. Sobre esta questão, Nuno Portas especificava que o critério não era a objetivação da identidade de igreja, mas a resposta concreta que a edificação manifesta:

O ponto de partida da igreja para a Beira foi outro: o caráter da região, a comunidade bem definida a que a obra se dirigia, a responsabilidade que já então se fazia sentir de responder com maior

¹¹ João Pedro F. Gaspar Alves da Cunha, *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A Ação do Movimento de Renovação de Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960. Tese de Doutoramento em Arquitetura, Vol. 1* (Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2014), 25-6.

A partir deste momento, sempre que citar a tese, identificá-la-ei pelo ano de publicação (2014), para a distinguir da publicação do livro de (2015).

¹² Alves da Cunha, *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A Ação do Movimento de Renovação de Arte Religiosa nas Décadas de 1950 e 1960* (2014). 27.

¹³ Nuno Teotónio Pereira, «A Arquitetura Cristã contemporânea», *Ala*, Ano V, nº 67 (31. Jan. 1947), 4, em João Alves da Cunha, *MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do século XX*. Primeira edição (Lisboa: Universidade Católica Portuguesa, 2015). 27.

realismo não só às necessidades de um programa, mas ao ambiente e à cultura pré-existente, permitiram um critério de composição com resultados notáveis para a fase atual da nossa arquitetura¹⁴.

Nuno Portas valoriza, sobretudo, o carácter expressivo da composição da igreja. Não fazendo depender a sua expressividade de um qualquer traço particular, mas do conjunto integrado, a forma compósita alcançada. Sobretudo, «pela escolha dos materiais e das técnicas construtivas que daí resulta»¹⁵.

1.2. *O MRAR no caminho da arquitetura moderna*

Depois de 1953, a partir da Exposição de Arquitetura Religiosa Contemporânea promovida pelo MRAR, organizada por um grupo de jovens arquitetos, nasceu uma nova atitude de mudança da arquitetura em Portugal. Nela, destacaram-se dois protagonistas: Nuno Teotónio Pereira e João de Almeida.

Estudante de belas-artes e de arquitetura, que entrou no Seminário dos Olivais, a quem o Cardeal Cerejeira enviou a França para contactar os dominicanos da revista *L'Art Sacré*. Através dele veio a trabalhar com o arquiteto Hermann Baur e a conhecer um círculo de arquitetos e artistas que deram às novas igrejas da Suíça alemã a modernidade e a qualidade que se lhes conhece¹⁶.

Para estes protagonistas, impunha-se fazer em Portugal aquilo que já se fazia na Europa: Suíça, Alemanha e França. A experiência adquirida do arquiteto João de Almeida daria os seus frutos. Ao regressar a Lisboa, enriquecido com os novos conhecimentos sobre a arquitetura moderna, ali praticada, sobretudo a aprendizagem no ateliê do destacado arquiteto suíço Hermann Baur. E, ainda, a visita a exposições, contacto com os dominicanos da *Art Sacré*, participação em debates, emergia, agora, com uma nova força para contribuir para a transformação da arte sacra em Portugal.

¹⁴ Nuno Portas, *Dois novos edifícios litúrgicos em Portugal, Arquitetura*, nº 60, (out. 57), 28. Em Alves da Cunha, O MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX. (2014), 109-110.

¹⁵ Nuno Portas, *Dois novos edifícios litúrgicos em Portugal*, nº 60, (out. 57), 28. Em Alves da Cunha, O MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do século XX. (2014), 110.

¹⁶ João Norton de Matos SJ, «A Renovação da Arte Religiosa. O MRAR e o seu Legado», *Brotéria* n.195/5 (2022): 375-384, 376.

Com a experiência adquirida, o arquiteto João de Almeida ganha protagonismo entre os seus pares, sobretudo entre aqueles que aspiravam por uma renovação das novas igrejas necessárias em Portugal. À sua volta começa a criar-se uma frente de combate e indignação por aquilo que se construía. De facto, reconheciam-se atropelos, repetição de modelos arquitetónicos que não acompanhavam a modernidade na arte no país. Não refletiam a nova antropologia moderna, assim como a atualização e as novas adaptações à liturgia.

A própria arquitetura civil sofria do entorse ideológico do regime político e não acompanhava a contemporaneidade da atualização e inovação da arte da sociedade moderna. Deste modo, a mudança e aceitação da modernidade da arte impunha-se como uma necessidade urgente. Na liturgia pretendia-se uma arte autêntica, conforme o Evangelho e a modernidade, que se adequasse às novas indicações do magistério.

Pugnava-se por uma participação comunitária nas celebrações eucarísticas, renovação da nova liturgia do canto, da Palavra, de modo a despertar o fiel para uma participação cristã fraterna. A influência de liturgistas inovadores como Romano Guardini, na Alemanha, que defendia as leis internas de um culto digno. A liturgia como um jogo de criança que se encanta com as formas de louvar a Deus, ou Pius Parsch a orientar a liturgia espiritual pelos tesouros do Missal Romano e da Liturgia das Horas, na procura de uma verdadeira comunidade de vida cristã.

É neste ambiente de necessidade, desejo de renovação de arte religiosa, que nasce a ideia de constituir uma associação, o MRAR. Começa a constituir-se, à volta de um grupo de jovens arquitetos católicos, uma consciência e desejo de renovação.

A presença do arquiteto Nuno Teotónio Pereira surge à cabeça como o primeiro protagonista. Como participante da JUC (Juventude Universitária Católica), toma contacto com o espírito de renovação da arquitetura religiosa moderna que se praticava na Europa. É, ainda, na JUC¹⁷, eivado de uma procura da vida cristã, que toma conhecimento do artigo do beneditino D. Claude-Jean Nesmy, como já referimos.

Considerou este depoimento altamente verdadeiro e capaz de combater o marasmo que se vivia em Portugal, em articular, no modo como se intervinha arquitetonicamente no espaço e renovação das igrejas: edificações inautênticas e pouco sagradas, sobretudo inadequadas para o cristão da época.

Aquele depoimento apresentado no jornal *Ala* e publicado na JUC, a que teve acesso, tornou-se determinante para uma tomada de posição, era o dealbar do MRAR, no ano de 1947.

¹⁷ Tendo como dirigente pastoral o Pe. António Reis Rodrigues, pessoa culta e marcante, um dos fundadores do MRAR.

Inicialmente, um grupo de artistas qualificados que tinham como objetivo renovar a arte sacra em Portugal. Ligados por vínculos de amizade, prática católica, e dispostos a contribuir para a promoção de todos os domínios da arte religiosa, sob a orientação e exigência de espírito cristão. A sua atividade pautava-se por uma exigente programação de atividades: reuniões quinzenais, preparação de ações de formação, palestras, organização de exposições, participação em congressos nacionais e internacionais.

1.3. *Ecos da arquitetura moderna brasileira na igreja de Águas*

Paralelamente e noutras geografias, também se faziam obras modernas. Referimo-nos ao caso do Brasil, sobretudo com as obras do arquiteto Oscar Niemeyer.

Enquanto decorria o período de construção de Brasília, com a introdução de iniciativas inovadoras, simultaneamente acontecia o Inquérito Popular à Arquitetura Portuguesa, de 1955 a 1961. O resultado do inquérito permitiu a confrontação entre a integração da arquitetura portuguesa e a modernidade. Destacam-se as participações de autores modernos, cujos artigos se traduzem e se divulgam no panorama da arquitetura portuguesa, como o arquiteto finlandês Aalvar Aalto (1898-1976)¹⁸.

Verifica-se uma recetividade e partilha do moderno que se praticava além-fronteiras. De que modo seria compaginável a tradição nacional, vernaculidade de materiais e costumes de construção, com a novidade europeia, a modernidade construtiva? Esta circunstância originava um fértil confronto, entre a inovação e a tradição. O debate não era pacífico, entre o novo e o tradicional.

Neste período existia já contacto com o panorama da arquitetura brasileira, cuja experiência era conhecida em Portugal. Havia a publicação de «*Brazil Builds: Architecture New and Old 1952-1942*, o catálogo da exposição montado em Nova Iorque, em 13 de janeiro e 28 de fevereiro de 1943, com o texto de Philip Goodwin e fotografias de Kidder Smith, peça fundamental»¹⁹. Onde se colocava em consonância e possibilidade de uma integração da tradição e da modernidade, sobretudo em Brasília.

A experiência tornava-se conhecida em Portugal e, com certa surpresa, pois entendia-se a modernidade em oposição à aceitação de modelos do passado. Esta preocupação é sentida pelo

¹⁸ *Arquitetura*, nº 46, fev., (1953), 15-6. Em Ana Vaz Milheiro, *Nos Trópicos sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*. 21. [Deve-se-lhe o contributo do conceito de orgânico na arquitetura]. Como Frank Lloyd Wright (1867-1959), com a ideia de integração na orografia e paisagem envolvente, o exemplo da Casa da Cascata

¹⁹ Ana Vaz Milheiro, *Nos Trópicos sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*. (Lisboa: Relógio D'Água, 2012), 17-18.

jovem arquiteto Nuno Teotónio Pereira «como realidades opostas. *'Brazil Builds'* desmente isso: na mesma publicação, na exposição de MOMA (The Museum of Modern Art), aparecem essas duas realidades. Isso foi uma surpresa e mostrou que o que é importante em arquitetura é a autenticidade, a consonância com o tempo»²⁰.

Em Portugal, este período correspondia ao tempo da aplicação do Inquérito à Arquitetura Popular Portuguesa, que arranca em 1955 e se conclui em 1961, momento da sua publicação. Não foi alheio o contributo do Congresso de Arquitetura de 1948, para uma mudança e tomada de posição, face à modernidade na arte.

Se por um lado se constituiu um fórum de livre debate de ideias, com a reivindicação da *Carta de Atenas*, por outro ainda havia «um discurso revisionista que tenta integrar a tradição e a modernidade»²¹ afeta ao regime político que interferia na plena aceitação do que se fazia na Europa; sobretudo, havia um distanciamento do modelo de modernidade no Brasil.

No entanto, será o arquiteto Nuno Teotónio Pereira que servirá de entrada para a aceitação do modelo particular da arquitetura brasileira²², inclinando-se para a sua inovação e atualidade. Os ensinamentos basilares da sua arquitetura, enquanto prática inovadora, expressando aspirações de modernidade e fruto de condições sociais e culturais próprias, mantiveram a sua atualidade: «é a condição moderna que o Brasil atravessa que possibilita rever a importância das marcas da história [...] são as imagens reproduzidas em *'Brazil Builds'* que abrem esse caminho»²³.

A arquitetura portuguesa vivia em estado de latência, repetia modelos do passado. Impunha-se uma reação fundamentada, assente em formação e espírito crítico e abrir a porta à arquitetura moderna. Sobretudo as igrejas em construção não respondiam à história social, à vida de trabalho da indústria citadina. Clamava-se por uma arquitetura nova para uma sociedade nova.

É nesta preocupação de intervenção, de não perder a história da arquitetura moderna, que cresce e se impõe a ideia do MRAR. Um conjunto de jovens arquitetos que não querem desperdiçar um conjunto de material recolhido e, como jovens jucistas, tudo fazem para transformar a edificação e renovação de novas igrejas, em Portugal, reagindo ao que se fazia mal.

Pedia-se uma análise prévia e uma discussão aos anteprojetos e não colocar a sociedade perante projetos consumados e impedidos do escrutínio de outros intervenientes: peritos e diferentes

²⁰ Milheiro, *Nos Trópicos sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*, 21.

²¹ Milheiro, *Nos Trópicos sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*, 21.

²² «Um tio meu, que foi governador-geral de Moçambique durante a Segunda Guerra Mundial – José Tristão de Bettencourt –, numa das suas viagens à África do Sul, viu o livro numa livraria, comprou-o e mandou-mo (Pereira, 10/02/2006)», em Milheiro, *Nos Trópicos sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*, 18.

²³ Milheiro, *Nos trópicos sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*, 22.

entidades político-sociais. Assim aconteceu o desconforto face à construção da «Igreja de S. João de Brito, no bairro de Alvalade, em Lisboa, pelas suas contradições formais»²⁴. Responsabilizava-se e exigia-se uma atitude de autenticidade e responsabilidade por parte de peritos e outras entidades socialmente responsáveis: «seria atraídoar a sua vocação de arquitetos e católicos»²⁵.

Assim, se justifica a reação e confronto de alguns arquitetos portugueses, informados da modernidade da arquitetura, diante do modo retrógrado de projetar e edificar igrejas em Portugal.

Não era alheio a Nuno Teotónio Pereira o conhecimento e contacto com o arquiteto da modernidade, o brasileiro Oscar Niemeyer (1907-2012), com quem se correspondeu:

Declarou sua admiração pela arquitetura moderna brasileira, na qual teve conhecimento através dos livros *Brazil Builds*, e revistas internacionais que vinham publicando sobre a nova arquitetura brasileira. Considerando o Brasil criador de uma arquitetura autêntica e original, ligada ao povo enraizada na Terra e compassada à época²⁶.

Manifestando admiração pelo trabalho moderno da Capela da Pampulha (de S. Francisco), em Belo Horizonte, inaugurada em 1943. Uma solução revolucionária da estética tradicional da construção em altura, o interior aberto e à disposição de soluções de plasticidade imaginativa. Diante desta inovação, a crítica emergiu dos diferentes ângulos da sociedade, por parte das autoridades religiosas, dos artistas e do povo em geral.

Os primeiros censuram-lhe «o não respeito da arte tradicional, ‘extravagante’ e ‘fantasiosa’-na contramão do imperativo religioso do recolhimento»²⁷.

²⁴ Norton de Matos S.J., «A Renovação da Arte Religiosa. O MRAR e o seu Legado», 376.

²⁵ Nuno Teotónio Pereira, «Exposição de Arquitetura religiosa Contemporânea» (1953, Folha de sala), em Alves da Cunha, *MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX* (2015), 33.

²⁶ Cf. Carta de Nuno Teotónio Pereira a Niemeyer, 1947, em Milheiro, *Nos Trópicos sem Le Corbusier*, 23. Também citado por Ana Paula Borghi de Avelar, Michel Pereira Toussaint e João Pedro Alves da Cunha. *Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia*, Vol. 2, n. 4 jul/ago. (2022): 122-146. ISSN 2447-0961. «A capela da Pampulha e a Igreja de Águas: uma Possível Relação de Irmandade», 139.

Acedido em 14 de dezembro de 2024. <http://doi.org/1055905/revconv.16n.6-119>.

²⁷ Borghi de Avelar, Toussaint e Alves da Cunha, «A capela da Pampulha e a igreja de Águas, uma possível relação de irmandade», 130.



Fig. 4 - Capela da Pampulha (de S. Francisco de Assis) do arquiteto Oscar Niemeyer²⁸

Porém, houve vozes a favor, sobretudo de artistas, os arquitetos Hardy Filho e Vasconcelos que, face às críticas à modernidade, apresentavam argumentos esclarecedores:

Vivemos no século XX, usamos sapatos de hoje, roupas de hoje, costumes de hoje, automóveis de hoje [...] Por que igrejas de ontem? Se na época romântica, se na Idade Média se fez o gótico, [...] por que hoje haveríamos de reviver fantasmas? O ambiente é outro, o material é outro, os sistemas diferentes, o sentir outro – duas guerras – por que a prisão do antigo?²⁹

As autoridades religiosas não viam ali um espaço de recolhimento litúrgico, mas preocupações artísticas fora de âmbito religioso, uma obra de encomenda civil e sem consulta eclesiástica. Só passados 15 anos, quando em degradação, as autoridades religiosas e civis decidiram regularizar a situação com a doação a favor da Mitra arquidiocesana. Será já o novo arcebispo, Dom Resende Costa que procederá à Consagração, em 1959, com manifesta adesão à nova arquitetura: «as novas expressões de arte a princípio tão chocantes, não há mais motivo para manter-se o veto oposto na ocasião pelo arcebispo D. António dos Santos Cabral à Igreja de São Francisco»³⁰.

²⁸ Cf. *Darey Ribeiro, Letras, em Oscar Niemeyer, Meu Sósia e EU*, (Porto: Campo das 1999), 12: «Oscar Niemeyer desenhou a Pampulha, onde forçou a arquitetura mundial a dar a volta por cima, a mudar de rumo. Até então prevalecia a tacahez do funcionalismo exacerbado. Ali se reconheceu, explicitamente, pela primeira vez, que a beleza é a única função importante, porque é a única capaz de dar permanência a uma obra arquitetónica».

²⁹ Hardy e Vasconcelos, 1946, em Borghi de Avelar, Toussaint e Alves da Cunha, «A capela da Pampulha e a igreja de Águas, uma possível relação de irmandade», 132.

³⁰ Borghi de Avelar, Toussaint e Alves da Cunha, «A capela da Pampulha e a igreja de Águas, uma possível relação de irmandade», 131.



Fig. 5 - Vista interna da capela da Pampulha³¹

O arquiteto português Nuno Teotónio Pereira teve conhecimento desta obra e manifestou grande admiração pelas soluções arquitetónicas inovadoras de Niemeyer para a igreja de S. Francisco:

Das numerosas e notáveis obras de Oscar Niemeyer que construiu ao longo da sua vida, foi esta igreja que mais profundamente me tocou, talvez pelo facto de ter sido a primeira. Foi um choque emocional que não esqueço, passados que foram mais de 60 anos: a ousada curva parabólica, transformando paredes e cobertura numa perfeita forma unitária. E também o enorme e deslumbrante mural azulejado de Portinari, recobrindo por inteiro a fachada de tardo. Tudo isto em volumes puros, recortados contra o céu³².

Das palavras laudatórias de Nuno Teotónio Pereira, depreendemos o grande apreço e influência indelével que provocou nele o conhecimento da arquitetura brasileira. A importância que tiveram a presença, em Portugal, as duas exposições da arquitetura brasileira: «Apresentada no ISCTE, em Lisboa, entre 1948-49, e a segunda exposição apresentada passados quatro anos, integrada nas atividades do III Congresso da UIA (União Internacional de Arquitetos) e contou com a presença de Lúcio Costa (1902-1998)»³³.

³¹ Fonte: <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/igreja-da-pampulha/>, 2019. Acedido em 14 de dezembro de 2024.

³² João Pedro F. Gaspar Alves da Cunha, *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A ação do movimento de renovação de arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960*. (2014), 54.

³³ Philip Goodwin, *Brazil Buildings – Architecture New and Old 1652-1942*, MoMA, 143, em Alves da Cunha, *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A ação do Movimento de Renovação de Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960*. (2014), 54.

É nesta sequência que se associa o apreço do também arquiteto Sebastião Formosinho Sanchez, que prognosticou que pudesse ter a adesão dos estudantes de arquitetura portuguesa e que pudesse ser um alento de renovação da arquitetura nacional³⁴.

Neste âmbito, e sendo Nuno Teotónio Pereira um jovem arquiteto, que declarou admiração pelo trabalho do arquiteto Oscar Niemeyer, não nos parece estranho identificarmos traços da sua influência na igreja de Águas. Igreja construída, posteriormente, (1949-1957), nela se manifestam influências notórias: o conceito de integração na paisagem, a organização do espaço interno, a planta trapezoidal, a expressividade despojada, a orientação da assembleia para o altar.

Nuno Teotónio Pereira não «adotou a conceção linear do Movimento Moderno e, tão pouco, algo de tradicionalista. Ele tentou encontrar um termo, sem uma rutura total, para que a população não se assustasse e viesse a rejeitá-la»³⁵. Neste mesmo sentido, Nuno Teotónio Pereira recuou na intenção inicial de colocação de um painel na testeira do presbitério, substituindo-o por um crucifixo em baixo relevo da autoria de Jorge Vieira (1922-1998). Evitando a crítica que havia sido feita ao painel mural de S. Francisco de Assis colocado na capela da Pampulha de Cândido Portinari. Optando e Pautando-se por uma preocupação plástica tanto interna como na expressão externa.

O facto de Nuno Teotónio Pereira ter tomado conhecimento das críticas à igreja de S. Francisco do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer, apresentou-se como uma oportunidade de aprendizagem e reflexão. Havia necessidade de explicar as opções arquitetónicas, porque uma igreja tinha destinatários definidos, geográfica e culturalmente integrados num lugar. E a crítica era uma função dominante na estratégia da arquitetura religiosa defendida pelo MRAR.

A igreja de Na. Sra. de Fátima de Águas, projeto pioneiro da arquitetura moderna, cujo projeto decorreu, posteriormente (1949-57), projeto de Nuno Teotónio Pereira vai constituir-se um marco, como refere Nuno Porta: «ser o marco, o ponto de nascença das igrejas que o nosso povo cristão merece: uma arte integralmente portuguesa e simples, inteiramente atual, intimamente cristã

³⁴ Cf. Sebastião Formosinho Sanchez, «Arquitetura Moderna Brasileira, Arquitetura Moderna Portuguesa», em *Arquitetura*, nº 29 (fev.-marc. 1949), 17. «É evidente e natural que a Exposição de Arquitetura Brasileira venha a ter reflexo no espírito dos mais novos e, mais acentuadamente, nos alunos de Arquitetura das duas Escolas do País. Esse reflexo, dizia, é natural e é bom que não se deixe arrefecer o estado de espírito em que todos ficamos de Renovar a nossa arquitetura (...) pois uma coisa é evidente: a atual Arquitetura Portuguesa está muito aquém da Arquitetura Contemporânea Brasileira». Citado por Alves da Cunha, *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A ação do movimento de renovação de arte religiosa nas décadas de 1950 e 1960*. (2014), 54.

³⁵ Borghi de Avelar, Toussaint e Alves da Cunha, «A capela da Pampulha e a igreja de Águas, uma possível relação de irmandade», 142.

na moderna arquitetura portuguesa»³⁶. E, tomando o modelo de arquitetura desta igreja, como um impulso do verdadeiro percurso do futuro MRAR. «Para o que, a 4 de fevereiro, haviam pedido aprovação do Ministro da Educação Nacional para os Estatutos do MRAR, que redigiram durante o ano de 1954»³⁷.

A igreja de Águas vai constituir um ponto de viragem e inovação na arquitetura religiosa portuguesa. Esta arquitetura pretendia responder a um tempo de renovação de um novo modo de projetar uma igreja, numa região rural: «procura contrariar o figurino estilístico oficial através de uma arquitetura ‘também do tempo’ capaz de conjugar formas modernas e materiais antigos. Trata-se de uma pesquisa muito particular no seio da cultura portuguesa do final de 1940»³⁸. Em que consistia a construção da modernidade da igreja de Águas?



Fig. 6 - A fachada poente. A implantação orográfica exterior da arquitetura da moderna igreja de Águas.

Fotografia de João Lopes Cardoso

Adequar a nova igreja à comunidade local, não descaracterizando a cultura e os costumes. Para esta mudança, equivalia a uma tomada de posição radical, um novo método de ação para uma nova arquitetura. A organização do espaço planeia-se em vista da sua função, autêntica para o espaço e para o tempo, possível apenas com liberdade de planeamento e sem censura prévia.

³⁶ Nuno Portas, *O Drama da Arte Sacra Portuguesa*, encontros, ano 1, nº 4, (abril 1956), 8. Em Alves da Cunha, *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A ação do Movimento de Renovação de Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960*. (2014), 109.

³⁷ Alves da Cunha, *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A ação do Movimento de Renovação de Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960* (2014), 176.

³⁸ Milheiro, *Nos Trópicos Sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*, 31-32.

Ao arquiteto exige-se verdade e autenticidade de sentir no espaço e na cultura, onde a obra nasce: «Fiquei apaixonado por aquelas construções da Beira Baixa de alvenaria com cunhais de pedra. Queria demonstrar que aquela arquitetura não tinha nada a ver com o ‘português suave’ imposto pelo Estado Novo»³⁹.

Era desejo da Casa Megre, patrono e mecenas desta iniciativa⁴⁰ facultar à aldeia de Águas de uma nova igreja. A existente já não respondia às necessidades dos novos desafios, quer artísticos, quer pastorais. Os novos tempos pediam mudanças adequadas para uma maior participação litúrgica da assembleia eclesial, que motivasse os fiéis à comunhão cristã e à participação concreta votada ao serviço da comunidade.

Para a concretização deste objetivo pastoral, impunha-se adequar e propor um projeto arquitetónico que respondesse àquela comunidade específica da região da Beira Baixa, local da igreja. Uma das exigências pastorais orientadoras era a valorização da celebração da missa, influência do movimento litúrgico, que teria impacto na configuração da arquitetura, sobretudo o lugar do altar para o qual toda a assembleia convergiria.

À altura, havia uma plêiade de jovens estudantes de arquitetura e recém-licenciados que partilhavam da motivação da modernidade que se praticava na Europa. Sobretudo em França, com Le Corbusier, em particular, proposta de um novo rosto para a arquitetura, implicava a conjugação de técnica e consciência arquitetónica:

Desenhado por valores espirituais vindos de um estado particular da consciência e por fatores técnicos que asseguram a materialização da ideia, a resistência da obra, a sua eficácia, a sua duração. [...] produto de uma luta connosco próprios – Jacob e o Anjo⁴¹.

Na identidade e preocupação dos jovens arquitetos que iriam organizar o futuro MRAR, renascia uma nova consciência de pensar e sentir a arquitetura religiosa. A execução material e

³⁹ Nuno Teotónio Pereira, «A Influência em Portugal da Arquitetura Moderna Brasileira», em «Escritos», (Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto Publicações, (1999): 298-305. Citado por Milheiro, *Nos Trópicos Sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*, 32.

⁴⁰ Cf. António Canoso, *Igreja de Águas*. (Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor, 2016), 11-12: «Domingos Megre, inteligência viva e dinâmica, encontrava-se um passo à frente no seu tempo e lugar. Contactando com novos mundos, neles se soube integrar sem cair na tentação fácil de a eles se entregar, renunciando às origens. Sorveu as transformações em curso e idealizou-as para a sua aldeia natal. Em Águas encontramos materializada a Carta de Atenas e as reflexões sobre ela introduzidas no pós-guerra, bem como os ideais de renovação da Igreja Católica que o Vaticano II (1962-65) iria passar a letra de forma na década seguinte».

⁴¹ Le Corbusier, *Conversa com os Estudantes das Escolas de Arquitetura*, trad. António Gonçalves (Lisboa: Ed. Cotovia, 2009), 43.

técnica não poderia ser alheia ao alcance dos valores espirituais da comunidade de fé. Para o arquiteto Nuno Teotónio Pereira, a igreja de Águas destinava-se àquela comunidade eclesial local. A nova arquitetura edificada teria de responder, segundo o objetivo do MRAR, na promoção e atualização teológica e litúrgica daquela comunidade concreta.

Indispensável estabelecer um contacto dinâmico entre o arquiteto e comunidade para quem este trabalha. Mais culta ou menos culta, esta comunidade tem sempre valores próprios, que compete ao arquiteto descobrir e integrar na obra; ao mesmo tempo, o contacto estabelecido, em correlação com todo o movimento de renovação que se observa no plano religioso, favorecerá a elevação do próprio nível cultural⁴².

A arquitetura da igreja teria de se focar no tempo e na cultura local, isto é, atualizar a forma da igreja à comunidade eclesial daquela povoação. Uma arquitetura que respondesse à inteligência da liturgia da Igreja.

1.4. *Reação do MRAR ao «estilo suave» nacional*

Viviam-se tempos de mudança da Igreja em Portugal, com formação na Ação Católica; os membros do MRAR aspiravam por uma participação na mudança da vivência fiel ao espírito do Evangelho.

A arquitetura religiosa deveria refletir uma nova identidade cristã, não hierarquizante e distante das necessidades espirituais dos fiéis. Uma pastoral de proximidade e mudança, aberta a uma nova espiritualidade que brotasse da participação e comunhão eclesial nascida na comunidade de vida, para a qual a arquitetura cumpria a adequada funcionalidade.

O projeto da igreja de Águas deveria responder à aspiração do MRAR.

Como atingir esse objetivo? Para que o projeto de arquitetura fosse autêntico, Nuno Teotónio Pereira precisou de se integrar no ambiente local: conhecimento físico e geográfico da região, identidade cultural e costumes. Identificar o tipo de comunidade humana, cultural e religiosa.

O lugar de culto cristão não preexiste à comunidade que nele se reúne: esta é que é o templo vivo do Deus vivo. E o edifício que vai envolvê-la terá de manifestar a natureza dessa reunião, não

⁴² Teotónio Pereira, «Experiência de um Arquiteto», Entrevista por António Pereira dos Reis, *Novidades* 7 de fev. (1961):1-3. Acesso a uma prova final do ebook, Alves da Cunha (Org.) *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*. Textos e artigos. (Lisboa: Centro Nacional de Cultura, 2022), 308.

somente numa linha funcional de solução prática, mas ‘incarnado’ algo do mistério invisível da Igreja Corpo místico de Cristo, a realizar no tempo uma ação una e intemporal⁴³.

Para dar expressão integral e local, o projetista socorreu-se de recursos inovadores: a implantação da igreja no encaixe da ruralidade da aldeia; os elementos vernáculos da região, pedra, madeira, metal, vidro, telha e artistas locais na execução das diferentes peças de estruturação.



Fig. 7 - Vista de nordeste da fachada lateral esquerda integrada na zona urbana. Fotografia de João Lopes Cardoso

No estudo de Ana Tostões, sobre a igreja de Águas, destaca-se o valor expressivo de diálogo com a tradição e a modernidade. E identifica-se esta igreja como ponto inicial e marco original de uma viragem na arquitetura religiosa portuguesa, respeitando os valores locais, conjugando uma tradição dinâmica e humanista, numa forma de modernidade expressiva:

Uma espacialidade significativa, capaz de dar a dimensão da condição humana e o sentido do sobrenatural, que reside a importância maior, e transforma esta obra no modelo da arquitetura religiosa portuguesa. [...] não o de um redutor funcionalismo, mas com uma aproximação ao contexto, às formas vernáculas, dentro da linha de pesquisa e entendimento da arquitetura moderna portuguesa⁴⁴.

⁴³ Teotónio Pereira, «Experiência de um Arquiteto», Entrevista por António Pereira dos Reis, *Novidades* 7 de fev. (1961): 1-3. Em Alves da Cunha (Org.), *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*. Textos e Artigos. 312-13.

⁴⁴ Ana Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa do Anos 50*, 2ª edição (Porto: FAUP, 1997), 101-2.

Nas opções formais da igreja de Águas, reflete-se a influência do *Inquérito à Arquitetura Popular em Portugal* que decorria à vista dos aderentes jovens arquitetos do MRAR⁴⁵. De acordo com o que se foi apurando, fixando na mente do grupo, em resposta a um novo modelo de edificação religioso: «uma arte integralmente portuguesa e simples, inteiramente atual, intimamente cristã»⁴⁶.

Os jovens arquitetos do MRAR lutavam criativamente por adequar e «integrar» o projeto arquitetónico moderno à comunidade cultural e local a quem respondiam:

O caráter da região, a comunidade bem definida a que a obra se dirigia, a responsabilidade que já então se fazia sentir de responder com o maior realismo não só às necessidades de um programa, mas ao ambiente e à cultura preexistente, permitiram um critério de composição com resultados notáveis para a fase atual da nossa arquitetura⁴⁷.

Neste âmbito realçam-se as transformações operadas a renovação da liturgia na Igreja. Havendo, por isso, necessidade de envolver os artistas nos conhecimentos litúrgicos e eclesiais, para melhor responderem às comunidades locais para as quais a igreja se destinava.

Este período temporal coincide com a aprovação do projeto de arquitetura da igreja de Águas. Neste sentido, estamos certos que houve, por parte do arquiteto, esta sensibilidade litúrgica de adequação; assim como, posteriormente, a necessidade de fazer caminho para cumprir os objetivos eclesiais do Vat. II: a renovação do espaço do edifício que conduza à melhor participação eclesial do povo no mistério de Cristo.

A qualificação do local edificado favorece o desempenho da liturgia da comunidade. De forma especial, quando a comunidade integra na sua cultura e vivência cristã a simbólica do espaço celebrativo, como experiência de vida de fé e oração. Com destaque para a participação na eucaristia levada a cabo pelo padre da comunidade.

⁴⁵ Cf. Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. (2015), 222.

⁴⁶ Nuno Portas, «O Drama da Arte Sacra Portuguesa», *Encontro*, Ano 1, nº 4 (abril 1956): 2- 8. Em Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. (2015), 222.

⁴⁷ Nuno Portas, «Dois novos edifícios litúrgicos em Portugal», *Arquitetura*, nº 60 (out. 57) p. 28. Em Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX* (2015), 222.

«Sobretudo quando celebra a eucaristia, não só atua *in persona Christi*, como se poderia dizer que é a pessoa de Cristo. [...] A única mediação sacerdotal que a Igreja vive e professa é a de Cristo Senhor»⁴⁸.

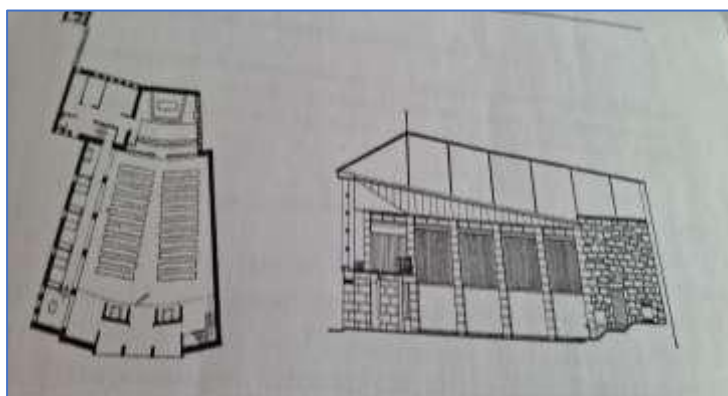


Fig. 8 - Planta e corte longitudinal da igreja de Águas (Nuno Portas - 1957, 29)⁴⁹

Quando se reúne em assembleia para participar na celebração da Santa Missa, a comunidade partilha dos dons salvíficos oferecidos por Cristo, verdadeiro Sacerdote e único mediador: «Conservemos a graça e, por meio dela, prestemos um culto agradável a Deus com respeito e reverência» (Heb. 12, 28b). Quando a comunidade de fé se reúne, em nome de Deus, presta o culto mais agradável e gratificante.

Na reforma e incremento da sagrada Liturgia, deve dar-se a maior atenção a esta plena e ativa participação de todo o povo porque ela é a primeira e necessária fonte onde os fiéis hão de beber o espírito genuinamente cristão (SC 14).

A liturgia como fonte e alimento da ativação da vida cristã autêntica é anúncio da mensagem evangélica e prática da caridade fraterna.

⁴⁸ João Norton SJ, «Reforma Litúrgica e Igrejas Pombalinas», 302-314, em *Brotéria*, Vol. 197-4 (out. 2023): 306.

⁴⁹ Ana Luísa Sanches Silva, *Arquitetura religiosa em Portugal: o caso do Atelier de Nuno Teotónio Pereira*, 160. <http://hdl.handle.net/11067/5395>.

2. O MRAR e a moderna arquitetura religiosa suíça, alemã e francesa

Com o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), impunha-se, sobretudo, a restauração e edificação de novos edifícios. As igrejas fazem parte dessa preocupação, seja reconstrução seja construção de raiz. O trágico acontecimento espoletou uma transformação antropológica a que era preciso responder, a saber, afirmar positivamente a esperança religiosa, oração de fé e esperança num Deus justo e compassivo pela humanidade.

Mesmo na tragédia, Deus continua presente na história a interpelar o ser humano, criado para a liberdade a continuar o espírito da criação⁵⁰.

A arquitetura moderna, neste contexto, conjuga-se como resposta de imaginação criadora do ser humano à beleza de Deus, que se revelou na pessoa de Cristo. Uma estética teológica em tensão com a compreensão do ser humano:

O Outro diz-se verdadeiramente no fragmento mundano da sua auto comunicação, mas não se diz nunca de forma exaustiva, de modo que o advento divino não se entrega à medida do mundo, senão umbral que se abre, janela que consente o transito até às insondáveis profundidades do Eterno. A beleza – em sentido teológico – é o acontecimento da doação absolutamente gratuita e imprevisível do Todo divino no fragmento, que realmente o veicula sem por isso resolvê-lo em si⁵¹.

Há uma tensão do artista para concretizar a beleza de Cristo, sobretudo aquela que Lhe convém e que não desvirtua da Sua Glória, inversa à humana. Mas é da beleza que brilha do Crucificado que a criatura é tocada, mas num jogo de assimetria. Por isso, arquitetar um lugar teológico constitui-se como um *fieri* em permanente busca, para Deus sempre o melhor.

A renovação de igrejas dá-se, numa primeira fase, na Suíça alemã, Alemanha, França, Itália, Escandinávia e, posteriormente, além da Europa: os Estados Unidos e América do Sul.

As novas edificações e restauros arquitetónicos deveriam inserir-se e responder ao novo contexto existencial do pós-guerra. A modernidade construtiva, na expressão da arquitetura, libertava-se do academismo e fixação da engenharia eclética ou monumental, para novas linhas de

⁵⁰ Interpretada, em modo cristão, como celebrou Teilhard de Chardin, em plena Segunda Guerra, a «Missa, no grande altar do mundo». Em, Chardin, *Hino do Universo*. Trad. de Miguel Serras Pereira (Lisboa: Editorial Notícias, 1997), 17.

⁵¹ Bruno Forte, *La Porta della Bellezza*, 1ª edição, trad. para o espanhol por Adolfo Barrachina Carbonell (Valencia: Edicep, 2004), cap. 5 La gloria de la belleza. Von Balthasar (71-84). 81.

uma arquitetura funcional. A nova arquitetura conjugava técnicas com aceitação de novos materiais ao serviço de uma nova vida. Ou seja, novas formas de habitar a vida, sobretudo pela construção de novas igrejas, abertas à esperança imanente e ao sobrenatural. Para responder à nova época que se vive e espera, que formas de igrejas a construir?

Nuno Teotónio Pereira criou, então duas naves, uma pequena lateral e outra grande central, onde se situava como principal elemento o altar, ponto de convergência das linhas estruturais do edifício e que quis perfeitamente destacado para se impor como futuro da composição. Para reforçar esta intenção, a planta adotou uma pouco habitual forma trapezoidal, que geometricamente acentuava a centralidade do altar, mas também favorecia as condições de visibilidade e audição⁵².

Esta forma e opção arquitetónica orientava-se no sentido de uma melhor participação da comunidade na liturgia, sobretudo na celebração da missa.

A nova conceção de vivência cristã inseria-se num novo contexto cultural e histórico.

Lembramos o contexto europeu do pós-guerra, a filosofia existencialista, como matriz e procura de explicação para a tragédia europeia e seus reflexos na nova antropologia adveniente: A emergência de um novo modo de pensar a existência humana, com a abertura ao transcendente, existencialismo cristão; ou o humano voltado apenas para si mesmo, ancorado na sua liberdade e total confiança numa relação imanente e, portanto, sem Deus.

Viver é escolher, nos limites de uma relação existencial com o mundo e sem qualquer causa de ordem essencialista. É sobretudo do lado do transcendente, em sede de uma nova vida de antropologia teológica assente na pessoa de Cristo, que se impõe o novo planeamento das cidades destruídas.

Um tempo oportuno e fértil para inovar e criar uma nova arquitetura; com dispositivos legais abertos à criatividade dos artistas, arquitetura civil, mas sobretudo a arquitetura religiosa de novas igrejas. É neste terreno que se vai fazendo o percurso de *combate* e criação do MRAR:

«Um grupo de combate contra uma causa específica, nascera e vivera com esse espírito militante e com um sentido de pertença a uma Igreja muito clericalizada e hierarquizada»⁵³.

A preocupação do MRAR era criar um espaço de arquitetura qualificado que favorecesse a participação litúrgica da comunidade, com o impulso das indicações do Vat. II.

⁵² Alves da Cunha, O MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX. (2014), 106.

⁵³ Alves da Cunha, O MRAR – Movimento de Renovação de Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX, (2015), 235.

Este objetivo inserir-se-ia no espírito da reforma do «novo rosto da Igreja» (LG 1) uma comunidade de serviço, assente na fé no próprio Cristo, o Rei que serve, convite à unidade, que é a comunidade reunida *in nomine Christi*, na celebração eucarística. A Igreja é um povo unido pela unidade do Pai, Filho e Espírito Santo (LG 4).

Era um dos objetivos do MRAR definir as características de uma edificação religiosa, onde se pudesse prestar um culto em verdade e autenticidade, próprio do crente da sua época.

As edificações modernas religiosas, para serem atuais, não poderiam fazer remissão mimética a modelos arquitetónicos do passado. Vivia-se em produção industrial, a máquina, com reflexos e transformações na vida do ser humano. Impunha-se um novo modo de pensar a estética urbana, sobretudo por uma nova arquitetura de habitar a cidade. E, simultaneamente, como construir uma igreja, que fosse espaço de culto litúrgico verdadeiro?

Por isso não pode conceber-se uma igreja moderna que não favoreça a boa participação no Sacrifício da Missa. E, como esta participação deve ser comunitária e hierárquica [...] é preciso que o faça artisticamente. Exige-o a dignidade da casa de Deus; exige-o a própria natureza humana que precisa, nos atos de culto, de um ambiente de elevação espiritual que só a beleza e a poesia podem trazer; exige-o também o apostolado⁵⁴.

Neste aspeto, a nova arquitetura teve necessidade de seguir as recomendações para uma nova pastoral litúrgica. Sobretudo da celebração da missa, que respondesse à verdade da comunidade reunida à volta do altar, presença do sacrifício de Cristo, «a ser sentida como sinal e garantia da união do Corpo Místico, desta comunidade cristã que novamente toma consciência de si mesma»⁵⁵.

A valorização da comunhão fraterna identifica-se na comunidade como corpo místico em união à cabeça, que é Cristo, verdadeiro paradigma de vida exemplar. Apela-se a um novo espírito da liturgia, verdadeiro culto que conduz à esperança cristã.

Esta é a ênfase dada pelos pontificados de Pio XI e Pio XII, com a publicação de encíclicas, onde realçam a presença de Cristo, não só na eucaristia, mas também nos sacramentos e nas solenidades litúrgicas⁵⁶.

⁵⁴ Avelino Rodrigues, «A construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero», julho 1958. *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº 154, 226-237. Em ebook, Alves da Cunha (Coord.), *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, 210.

⁵⁵ Rodrigues, «A construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero», julho 1958. *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº 154. Em Alves da Cunha (Coord.), *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, 212.

⁵⁶ Cf. *Mediator Dei* (1947) nº 20 «Em toda a ação litúrgica, portanto, juntamente com a Igreja, está presente o seu divino Fundador. Cristo está presente no augusto Sacramento do altar, na pessoa do ministro, sobretudo nas espécies

O que implicava uma nova configuração do espaço da celebração da missa e dos sacramentos, isto é, uma nova organização do espaço onde decorria a função litúrgica da missa.

A arquitetura das novas igrejas é «a arte do espaço da assembleia [...] o sagrado dessa habitação eclesial reclama a hospitalidade»⁵⁷. Lembramos, neste contexto, as «diretivas do episcopado Alemão na construção de igrejas»⁵⁸: Um edifício que seja atraente e que não defraude a sua função pastoral. Há a necessidade de harmonizar a forma moderna da edificação com a necessidade de adequar à função litúrgica, em que ambas se reforcem e se compreendam.

Esta necessidade foi implementada pelo MRAR, com o Curso de Arquitetura organizado em 1958, em Lisboa, com convite a estudantes, onde se destaca a necessidade de uma correta adequação da forma de construir para o novo culto que se deve prestar a Deus.

Efetivamente, no campo Pastoral e da Liturgia a Igreja está empenhada num esforço de renovação e redescobrimto talvez sem precedentes: tudo se vai ordenando de novo em função do essencial, altos valores adulterados ou esquecidos vão sendo repostos nos seus lugares, de acordo com as exigências do nosso tempo. [...] E a arquitetura tem de inserir-se nesse movimento, tem de conhecê-lo e acompanhá-lo, para poder satisfazer essas exigências e traduzir o seu sentido e as suas esperanças⁵⁹.

A projeção e o restauro das novas igrejas, em Portugal, foi um objetivo prioritário do MRAR. Os membros do movimento, quando se reuniam para refletir e tomar decisões sobre aprovação de

eucarísticas [...] nos sacramentos [...] nos louvores e nas súplicas dirigidas a Deus.). MD 138 e 150 – presença de Cristo no ano litúrgico».

Encíclica Mystici Corporis Christi (1943); *Divino afflante Spiritu* (1943) sobre os estudos bíblicos, a valorização da Palavra, o falar de Deus.

⁵⁷ José Maya Santos, «Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado». *Ora et Labora*, Ano XII, nº3, (1965): 245-285. Em Alves da Cunha (Coord.), *Movimento de Renovação da arte religiosa*, 373.

⁵⁸ Rodrigues, «Construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero». Em Alves da Cunha (Coord.) *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, 216. Diretivas do Episcopado Alemão na Construção de Igrejas: «Seria errado adaptar de tal maneira a construção exterior da Casa de Deus – nas suas proporções e linhas, na sua estrutura de decoração – às construções profanas do tempo e do ambiente que desse a impressão de um edifício profano. Mas seria igualmente erro recorrer a uma gritante linguagem de formas a fim de atrair a atenção dos transeuntes para igreja que encontram no caminho».

⁵⁹ Nuno Teotónio Pereira. [Abertura do Curso de Arquitetura Sacra], Lisboa (2. jan, 1958): 3-4. Em Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*, (2015), 223-4.

anteprojetos e projetos de arquitetura, iniciavam pela prática de oração comum e partilhada, como católicos convictos. A prática cristã era condição da identidade dos associados,

pois tratava-se de executar uma ação séria e empenhada na transformação do espaço do culto das comunidades cristãs locais.

2.1. *Le Corbusier e o MRAR na moderna igreja de Águas*

Propomo-nos apresentar uma reflexão sobre um autor moderno, Le Corbusier, que teve influência no MRAR e, portanto, na igreja de Águas, objeto do nosso estudo. Le Corbusier

introduz uma clara e irreversível revisão formal na arquitetura dos anos 50, exprimindo no interior a essencialidade da arquitetura contida na Ideia de Lugar, entendida como espaço cultural definido pela luz, pelas formas, pelos valores simbólicos e pela qualidade dos materiais⁶⁰.

Com imaginação criadora, Le Corbusier tornou-se responsável pelo emergir de uma nova forma de viver nas cidades e, também, de sentir uma adequada emoção sensível no espaço a elevar-se à relação com o Criador. Ao debruçar-se sobre a arquitetura moderna das igrejas, são dignas de rara beleza e pleno alcance dos objetivos previamente programados. A cidade, como o melhor modo de “habitar”, expressão tão cara ao arquiteto suíço, Le Corbusier, porém, foi em França quem levou a cabo muitos dos grandes projetos de renovação do «novo espírito» da arte religiosa: Capela de Notre-Dame-du-Haut (1951-1955), em Ronchamp, França, e Mosteiro de La Tourette (1953-1960), Éveux-sur-l’Arbresle, França.

Pela inovação e criatividade arquitetónica da modernidade, analisamos o contributo dado por Le Corbusier. O objetivo é a inauguração de uma nova conceção racional de organizar o espaço, modo de habitar o ser humano. Numa primeira fase, focado na organização geométrica e racional do espaço interior, relação imanente no espaço observado, crendo nele descobrir uma plena relação de fruição dos sentidos, ou seja, a humanização do espaço.

A proposta criativa consiste em edificar um lugar para o ser humano habitar, no sentido de fruir, dando plena realização criativa às diferentes necessidades, sem precisar de sair para o exterior.

Nesta orientação estética, considera-se um arquiteto pioneiro da renovação da arte moderna europeia, e com influência em outros quadrantes geográficos. Neste ímpeto procura dar uma resposta inovadora à renovação e edificação do novo espaço urbano de habitar uma igreja: «àqueles que, absortos agora no problema da “máquina para habitar”, declaravam que “a arquitetura é servir”, nós respondemos: “a arquitetura é emocionar”. E fomos rotulados de “poeta”, com desdém»⁶¹. Para o mestre suíço, a arquitetura consistia na arte de criar um lugar de bem-estar físico e psicológico.

⁶⁰ Josep Luis Montaner, *Después del Movimiento Moderno* (Barcelona: Ed. Gustavo Gili, 1993), 47. Em Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 99.

⁶¹ Le Corbusier, *Para uma Arquitetura*, trad. Manuel de Freitas (Lisboa: Universidade de Lisboa, 2022), 20-21.

Assim, pretendia uma ideia nova de arquitetura para a cidade que tivesse efeito catártico e mobilizador das energias imanentes e espirituais na nova vida social. Nesta linha, como entender o significado de «moderno» em Le Corbusier?

É um moderno, porque conflitua dentro de si, na procura de uma ideia que concretize uma forma em permanente devir moral e espiritual: «baseia-se numa curiosidade inesgotável em relação à cidade e às suas transformações, em relação à história da arquitetura e em relação ao vernacular, das abóbadas mediterrânicas às tendas nómadas»⁶². Um modo de se desafiar e realizar uma forma «perfeita» que brota dentro de si, corporizando a ideia numa forma dinâmica e abrangente, a modulação arquitetónica a cumprir cabalmente a função almejada.

Das suas viagens, recolhe variadas influências de formas de habitar, que assimila e trabalha dentro de si, para produzir uma nova expressão original. Da absorção compósita, inventa novas expressões arquitetónicas de elevar a dignidade humana, quer na expressão imanente quer transcendente. A sua obra constitui-se como revolução do Movimento Moderno das novas formas da arquitetura:

Provocou maior surpresa e polémica, e que irá sintonizar o sentido de um novo brutalismo. Embora em Portugal, à primeira vista as influências mais nítidas surjam pela via suíça (João de Almeida) ou através da contribuição realista e populista italiana, a mensagem corbusiana entendida igualmente no quadro dos temas do neo-empirismo nórdico⁶³.

Atendendo ao modo versátil de inovar e introduzir novas expressões para a arquitetura, Le Corbusier constituiu-se um mestre e uma referência incontornável para o futuro da arquitetura. Uma linguagem integral capaz de abrir novas formas de habitar o mundo, seja nas respostas ao mundo civil seja religioso.

Ao jeito do lirismo modernista de Baudelaire, que pugna «por fazer uma poesia integral, feita de experiência e de linguagem, tanto mais exata e fecunda quanto mais operada sob o signo da lucidez espiritual e da perfeição formal»⁶⁴.

Desafiando a imaginação, inova e sai de si, isto é, aventura-se na viagem da liberdade criativa, lançando no mundo moderno a nova arquitetura. Este modo a que Kant cognomina «artista

⁶² Jean-Louis Cohen, *Le Corbusier 1887-1965 (Lirismo da Arquitetura da Era da Máquina)*, trad. Francisco Paiva Boléo, (Lisboa: Edição exclusiva para o Jornal Público, 2006), 7.

⁶³ Nuno Portas, «Sobre a situação da arquitetura religiosa no mundo», *Arquitetura*, Lisboa, 3ª série, nº 60, outubro de 1957. Em Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa do anos 50*, 99.

⁶⁴ Henri Lemaître, *Intodution* (pp.7-15). Em *Charles Baudelaire, Les Fleurs du Mal et autres Poèmes* (Paris: Garnier-Flammarion, 1964), 11.

de génio»⁶⁵ a marca da sua liberdade de criação, como princípio da arte que «abre caminho à imaginação, “a rainha das faculdades”, cara a Baudelaire. A mensagem do artista, a sua visão do mundo, irrompe na obra de arte»⁶⁶.

Através do termo *dominova* (domus+inovatio), introduz um lirismo no seu método de construir espaços habitáveis «máquina de habitar»⁶⁷. Um espaço habitável é o encontro do humano à forma ajustável, a saber, acordando o modo latente que há para sentir e se elevar acima de si, criando uma emoção, a partir de si para o além, *espiritualizar-se*.

Não pode ser uma arquitetura de expressão estetizante, apenas para ser vista, mas expressão aberta a ser vivida. «A atenção concreta dada ao espaço, como lugar da receção do corpo»⁶⁸. Significa que o objetivo do arquiteto tem como função estabelecer uma relação entre a forma de expressão e a realidade do público a que ela se destina. Estabelecer pontes de compreensão para qualificar a vida de quem ocupa o espaço, em que a arquitetura se configura.

A cada nível do Edifício Residencial em *Porte Molitor* (1931-34), unidade entre exterior, jardim e o interior em entradas verticais de luz – brise-soleil verticais; a *Unité d’habitation*, batizada pelo povo de Marselha, «Maison du Fada» (Manicómio) concebida como uma «cidade-jardim» vertical, em oposição à construção tipo pavilhão⁶⁹.



Fig. 9 - Capela da peregrinação de Ronchamp (1950-1955) Le Corbusier⁷⁰

⁶⁵ Cf. Daniel Pinson, *Arquitetura e modernidade*, trad. Filipe Duarte (Paris, Lisboa: Flammarion, Instituto Piaget, 1996), 82.

⁶⁶ Pinson, *Arquitetura e modernidade*, 82.

⁶⁷ Cohen. *Le Corbusier*, 35

⁶⁸ Pinson, *Arquitetura e modernidade*, 117.

⁶⁹ Cf. Cohen. *Le Corbusier*, 49-59.

⁷⁰ Acedido a 8 de Janero de 2025. Em <https://www.archdaily.com.br/br/01-16931/classicos-da-arquitetura-capela-de-ronchamp-le-corbusier/02-luke-stearns>

Le Corbusier, através da inspiração de Ronchamp, encontra-se com a arquitetura sacra, «o pretexto para uma meditação sobre o espaço habitado pelo homem entre o solo e o céu.»⁷¹ A pedido de alguns presbíteros que lhe solicitam a construção, que decorrerá entre 1951-1955, da Capela de Notre-Dame-du-Haut, na colina de Bourlémont, nos *Vosges*, a 500 metros de altitude. Um projeto adaptado ao local, informando-se sobre o histórico local, para responder aos horizontes que observava. Nesta ordem, Le Corbusier faz apelo às suas viagens e experiências paisagistas:

A ideia central em Long Island, de uma carapaça de caranguejo vazia, semelhante às que estão pintadas nas suas telas dos anos de 1930. Colocada sobre quatro paredes espessas, a carapaça será o modelo para a cobertura da capela [...] realizada como a asa de um avião com duas armações justapostas e um envelope; independentes e separadas da carapaça por uma estreita fenda, as paredes são um conjunto de placas e pilares de betão armado, estrutura sobre a qual os revestimentos interior e exterior são fixados [...] as lajes e o altar são de pedra. A planta da capela, cada vez mais dissimétrica [...] é regulada, tanto por fora como por dentro, pela posição dos altares. Uma estátua policroma da virgem do século 17⁷².

Das viagens pelo Oriente observa-se a sua influência: «Os pincéis de luz que caem nas capelas secundárias, o surpreendente “quebra-luz” na parede sul, com nichos que projetam uma claridade modulada pela claridade [...] a luz e a sombra tornam-se instrumentos para esculpir o espaço»⁷³.

Com esta sensibilidade materializada numa arquitetura inovadora, Le Corbusier iria revolucionar novos códigos da arquitetura e abrir frestas a futuros seguidores. Nesta ordem, aceita também realizar a arquitetura da construção do Mosteiro de Tourette, que decorreu entre 1953-1960, perto de Lyon a pedido do padre Couturier, dominicano. Para isso, estuda o local, toma contacto com a vida dos monges, que se dedicavam à oração e pregação, visita o mosteiro cisterciense de Le Thoronet, que muito o impressionou. Tenta inovar e não seguir o modelo visitado em Val'd'Ema. O claustro e o ambulatório situam-se ao centro, separando as áreas restantes do mosteiro em forma de cruz, formando quatro pátios. O edifício acompanha a elevação do terreno, fecha com uma cobertura horizontal integrando todos os volumes, e toca o solo por uma rede de betão.

⁷¹ Cohen. *Le Corbusier*, 65.

⁷² Cohen. *Le Corbusier*, 65.

⁷³ Cohen. *Le Corbusier*, 67.

Edifício em U contém as células os monges, que assumem as formas mais extremas de espaços a baixo custo desenhados nos anos de 1920, e modelados nos compartimentos-cama dos comboios e cabinas de navios. Os apartamentos, repetitivos como nas unités d’habitation, são reduzidos à sua forma mais simples, tendo os seus *brise-soleil* sido literalmente reciclados da Unité em Nantes-Rezé, pois são reutilizáveis. As células contêm um lavatório e mobiliário espartano. O acesso a elas faz-se por corredores iluminados por longas e estreitas janelas que dão para o pátio central. A parte em U, voltada a sul, liga o refeitório à bibliotecal [...]. A igreja, em forma de paralelepípedo, uma unidade autónoma, separada por uma pequena lâmina de ar das células, ilustra um novo conceito desenvolvido por Le Corbusier - conceito de “caixa dos milagres”, uma vasta sala onde se pode realizar todo o tipo de espetáculos⁷⁴.

Há a preocupação para se adequar ao espaço paisagístico, à identidade dos seus usufrutuários: são frades dominicanos, que ele passou a conhecer e a admirar. Era para servir os seus ideais que adequava a construção. «Numa cripta adjacente ao volume principal, os sete altares para as celebrações simultâneas dos dominicanos, envolvidos por uma parede ondulada e iluminados por “canhões de luz” que banham as superfícies coloridas da cripta de luz»⁷⁵.

Le Corbusier identifica-a como uma «obra de amor», mesmo sendo de «rude betão»⁷⁶. Como combinar sobriedade, funcionalidade e desejo de transcendência, objetivo dos frades: pobreza, obediência e castidade? Como executar a forma criativa para elevar a ação humana do imanente ao modo do transcendente?

Nesta sequência, no esforço e desafio criativo, o arquiteto-artista dá à matéria inerte a vida interior que nele se vai plasmando e se vai abrindo para dar espaço ao florescer da obra de arte, fruto do seu talento e da «autenticidade» da sua fé e amor, para a modulação de uma forma perfeita, que cresça da planta planeada para o alto, que a eleva.

Ousar da imaginação criadora para abrir a luz ao espaço do sagrado, ou seja, à verdadeira experiência da beleza que, ao espiritualizar-se, cria uma obra edificada digna de prestar um culto sobrenatural.

Nesta obra convergem modelos arquitetónicos de outros edifícios da sua autoria Villa Savoye, uma «sanduiche», e que o mosteiro «é menos uma igreja acompanhada de instalações do que um teatro doméstico para virtuosos do ascetismo, como um ginásio para treino de atletas espirituais»⁷⁷. A obra projetada tem de manifestar a ação que ali se pretende realizar, espaço da

⁷⁴ Cohen. *Le Corbusier*, 81.

⁷⁵ Cohen. *Le Corbusier*, 82.

⁷⁶ Cf. Cohen. *Le Corbusier*, 82.

⁷⁷ Cohen. *Le Corbusier*, 82.

genuína humildade do humano, reunido em assembleia de fé, e se constitui em corpo místico pela ligação à cabeça, Cristo, único e verdadeiro sacerdote, em união ao Pai.

Como construir o espaço sagrado, onde não se degrade o humano e se exprima o desejo e emoção de louvar e prestar culto ao único e verdadeiro Santo? Não tem o mesmo significado de uma construção particular de culto devocional tradicional, aqui, referimo-nos à construção de uma igreja que responda às necessidades de culto litúrgico de uma comunidade cristã: rural, urbana, ou comunidade religiosa sob uma regra, como é o caso presente.

A edificação de uma igreja implica uma organização planeada, a organização urbana preexistente, enquadramento da paisagem física e natural, identidade e memória da vida social e económica da comunidade para quem se dirige.

Le Corbusier é uma fonte inspiradora para o MRAR que, como associação católica, pretende constituir-se como movimento renovador do melhor que se faz na arte moderna religiosa, e trazer para o país aquilo que melhor frutificava de arte religiosa no centro da Europa.

É neste ideário pedagógico que se insere a iniciativa da exposição sobre as «Novas Igrejas da Alemanha». Tratava-se de tomar contacto com um novo modo de construir uma igreja, que fosse espaço do verdadeiro culto pastoral a Deus. E tratou-se de um momento elevado de confiança do MRAR para se abalançar nas lutas futuras.

É um facto que o grupo reconhecia uma diferença de inteligibilidade litúrgica noutros países europeus. A Alemanha dispunha de destacados liturgistas, como por exemplo, Romano Guardini que, com o seu contributo, elevava a inteligibilidade litúrgica à sua melhor participação. Porém, a exposição das «Novas Igrejas da Alemanha» teve o mérito de colocar a ação litúrgica, a eclesiologia, com o sentido de comunidade, assembleia reunida, na reflexão do dia em Portugal. Havia a questão de Portugal ser um país meridional, como diria Nuno Portas, mas havia a anotar a experiência daquela arquitetura inovadora a motivar a transformação das nossas igrejas.

A iniciativa tinha o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do MRAR e inseria-se no seu vasto programa de iniciativas para promover a arquitetura religiosa em Portugal: formação litúrgica, oração comunitária dos associados, disponibilidade para a análise e debate dos anteprojetos das novas igrejas a edificar, antes de serem aprovadas.

E, neste âmbito, esclarecer e compreender a verdadeira compreensão da nobre e responsável função do arquiteto na intervenção do espaço sagrado, «necessidade de desfazer o equívoco, ao

lembrar que um aprofundamento da essência do sagrado liberta potencialidades criadoras, nunca podendo coartar o poder da obra de arte»⁷⁸.

A exposição foi vista em Lisboa e no Porto, tendo a comunicação social acompanhado, sobretudo no BIP (*Boletim Informativo Pastoral*), as várias reações por parte de liturgistas, arquitetos, artistas de arte sacra, clérigos e comissões paroquiais. O *Boletim*, órgão comunicacional do MRAR, também se pronunciou, reconheceu mérito artístico na arquitetura das igrejas, realçando as novas técnicas de engenharia encontradas e novos materiais utilizados.

Perante a necessidade de construir novas igrejas em Portugal, estas deveriam ser adequadas aos novos tempos e à realidade portuguesa. A opinião do Cardeal Julius Dopfner, apresentada no catálogo, parecia ter sentido.

A moderna construção de igrejas não se propõe como primeiro objetivo a criação de estilos novos, mas antes o cuidado de exprimir em termos de arquitetura as ideias eclesiológicas redescobertas na nossa época, depois de longo esquecimento, especialmente no que se refere à celebração eucarística⁷⁹.

No contexto da exposição, a síntese argumentativa apresentada por Alfredo Margarido foi bem acolhida por muitos participantes, pois adequava-se à realidade portuguesa e tentava definir em que consistia a modernidade de uma igreja. E referia:

O que ressalta destas igrejas, bem como dos objetos do culto expostos, é o aparecimento de uma compreensão dos fenómenos estéticos do nosso tempo, enquadrados por sua vez numa compreensão francamente mais aberta da problemática religiosa [...] a novidade das formas resulta necessariamente duma nova, e mais profunda, inteligência da função da igreja, é por aqui que se inicia uma arquitetura religiosa de características modernas [...] enquanto se não conseguir uma nova inteligência da igreja, não será possível dispormos de uma arquitetura religiosa mais coadunada com os elementos do nosso tempo, com os materiais do nosso tempo, com a arte do nosso tempo. E rematava apelando para a necessidade de uma maior inteligência da função da igreja, condição essencial para uma renovação da arquitetura adequada à nossa realidade, com materiais do nosso tempo, com arte do nosso tempo⁸⁰.

⁷⁸ José Maia dos Santos, «Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado». 1965. *Ora et Labora*, Ano XI, nº 4 (1965): 245-285. Em Alves da Cunha (Coord.), *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, 376.

⁷⁹ Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. (2015), 176.

⁸⁰ Alfredo Margarido, «Das Artes Plásticas – Novas Igrejas na Alemanha, *Jornal Artes e Letras*» (29 abr. 1964). Em Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. (2015), 175-6.

No BIP afirmava-se que «o mérito dos alemães foi reformularem integralmente a problemática da construção de igrejas, investigando à luz da Teologia, da Liturgia, da Pastoral e da Arte o que é uma igreja, para que serve, como deve ser.»⁸¹ Nestas intervenções, o arquiteto Nuno Portas considerou a exposição um bom caminho e publicou na *Brotéria* uma reflexão destacando duas orientações fundamentais para a renovação da arte religiosa em Portugal, apelo ao fontismo da origem da igreja e a concretização da encarnação crística nas estruturas da Igreja:

A procura da mensagem cristã no seu sentido original, evangélico e comunitário, ligada aos estudos bíblicos [...] a redescoberta de valores de pobreza, da justiça, da paz que se traduz em formas despojadas de faustos [...] num segundo ponto, a procura da encarnação da mensagem nos tempos modernos, recusando continuar a identificar a civilização cristã com determinadas estruturas [...] imperiais ou integristas⁸².

Neste sentido, há um regresso às fontes, ao início do cristianismo, à valorização da vida na comunidade cristã, na qual se vivia a recente memória de Cristo. No entanto, a realidade portuguesa estava aquém. Repetiam-se as edificações do passado, portanto, inadequadas ao serviço do catolicismo atual.

Nesta orientação, o MRAR justifica todo o seu esforço de inverter o *status quo*: promover uma formação litúrgica e pastoral atualizada, segundo as normas da SC (Sacrosanctum Concilium) e a abertura do Magistério à intervenção dos responsáveis mais diretos, a Igreja particular diocesana. E, nesse fundamento, adequar a nova edificação: ao serviço da comunidade reunida, para experimentar os sagrados mistérios de Cristo, e transformar-se em comunidade de autêntica vida cristã.

Com recurso à exposição das «Novas Igrejas Alemãs», o MRAR pretende pôr em jogo as virtualidades positivas das igrejas alemãs: linhas simples de arquitetura, utilização de materiais e tecnologia inovadoras (já defendidas pelo arquiteto Walter Gropius)⁸³ e económicas, recurso à luz natural e radial, espaço de circulação interna e convergência da comunidade com o altar.

⁸¹ «A propósito da Exposição das Novas Igrejas na Alemanha», Boletim de Informação Pastoral, Ano VI, nº30 (1964), p.15. Em Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. (2015), 176.

⁸² Nuno Portas, «Novas Igrejas – considerações a propósito de uma exposição», *Brotéria*, vol. 79, nº 1 (jul.1964), pp. 18-27. Em Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. (2015), 178-9.

⁸³ Walter Gropius (1883-1969), que dirigiu a *Bauhaus*, no seu *manifesto* «formulou a promoção da colaboração entre os artistas e os artífices como exigência essencial. Ao fazê-lo, começou a adotar a ideia de síntese já no início do seu

Só uma edificação depurada e verdadeira responde litúrgica e pastoralmente ao novo ser da Igreja: despojada, funcional, humilde, pura e verdadeira, ou seja, moderna. Neste âmbito, e não desvalorizando o trabalho dos artistas, a primazia cabe à liturgia e à pastoral⁸⁴; a criatividade e a inovação como dom ao serviço da verdade evangélica.

O MRAR assumia com determinação a condição da construção de igrejas modernas, por serem as que melhor respondiam às exigência e orientações pastorais da verdadeira comunidade cristã. «Defendia a modernidade de qualquer igreja construída naquele tempo, sob pena de num quadro de fingimento impossibilitar uma liturgia verdadeiramente vivida»⁸⁵.

período Werbund». Em *Magdalena Droste, A Bauhaus 1919-1933. Reforma e Vanguarda*, trad. João Bernardo Boléo (Koln, Lisboa: Taschen, Ed. Jornal Público), 2007, s/data, 10.

⁸⁴ CF. Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*, (2015) 237.

⁸⁵ Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*, (2015), 187.

2.2. *Modernidade e inovação na arquitetura da igreja de Águas*



Fig. 10 - Distinção dos traços de modernidade da fachada da igreja moderna, diante do peso e "rusticidade" da antiga. Fotografia de João Lopes Cardoso

A igreja de Águas apresenta-se como a primeira mostra de uma edificação religiosa de características modernas, em Portugal. Nuno Teotónio Pereira, arquiteto desta igreja, como protagonista do MRAR, tinha como objetivo mobilizar esforços, para renovar e edificar igrejas modernas, que fossem do seu tempo e que não comprometessem o Evangelho da mensagem cristã:

À margem de qualquer organização, quando ainda estudante, [desenvolia desde 1943] um assinalável papel na reflexão e divulgação da arquitetura moderna, publicando pioneiramente textos de Le Corbusier sobre “Cité Radieuse” e a primeira resenha da “Carta de Atenas”⁸⁶.

Assim, Nuno Teotónio Pereira reagia, com desconforto, ao modo como se construíam as mais recentes igrejas nacionais. Calar-se seria concordar e, nesse procedimento, «atraíçoa» a sua identidade de arquiteto e de católico: «Guardar silêncio seria atraíçoa a sua vocação de arquiteto e católico»⁸⁷. Deste modo, a arquitetura, para ser autêntica, deveria refletir as exigências da vivência integrada do Evangelho do cristão da época. Cedo se sensibilizou para a renovação da arquitetura religiosa; se numa primeira fase, em silêncio e reflexão, fermentava nele o dealbar da associação do MRAR, que apareceria com estatutos aprovados em 1953.

⁸⁶ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 32.

⁸⁷ «Arquitetura Religiosa Contemporânea», Catálogo da Exposição, Lisboa, Galeria de São Nicolau, Abri-Maio de 1953. Em Ana Tostões, «Obra aberta, entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola», 20-41. Em Tostões (Coord.), *Arquitetura e Cidadania. Atelier Nuno Teotónio Pereira*, (Lisboa: Quimera, 2004), 30.

Depois, mais interventivo, implementaria uma programação ativa para mobilizar a nova reflexão, responsável por um novo entendimento do pensamento da arquitetura moderna: uma visita às igrejas suíças⁸⁸, que marcaram maior influência em Portugal.

Destaque para a construção das igrejas de S. Carlos de Lucerna, de São Gall, de Oberuzwill, do arquiteto Fritz Metzger caracterizadas por uma arquitetura formal de linhas simples, e sendo esta opção o critério arquitetónico das outras construções regionais ali implantadas: «identificação com a fisionomia arquitetónica das regiões que eram construídas»⁸⁹.

O exemplo também vinha dos modelos regionais de igrejas italianas, publicadas na revista Casabella de 1935, assim como a exposição de arquitetura rural italiana de Milão, de 1936⁹⁰. Nuno Teotónio Pereira, através da publicação da revista suíça *Werk*, em 1949, toma conhecimento dos modelos de arquitetura das referidas igrejas regionais⁹¹.

A arquitetura rural da igreja de Águas apresenta-se como expressão de uma integração rural, a exemplo das igrejas suíças e italianas que eram construídas nas regiões rurais. Uma arquitetura integrada no ambiente regional da época. Tratava-se de integrar a arquitetura no espírito do tempo, isto é, assumir a tradição naquilo que tinha de genuíno e verdadeiro, não hostilizando a modernidade, quando reflete modos de sentir universal.

A arquitetura portuguesa vivia um tempo de reflexão e ensaio, abria-se a novas experiências e modelos de construção. As realidades culturais da Alemanha, França, Suíça e Itália eram diferentes, mas esse facto não impedia a sua inculturação e respetiva integração na realidade construtiva das igrejas nacionais. Os modelos e as técnicas construtivas eram já conhecidas, através de exposições e visitas, a que já nos referimos. Agora, era preciso fazer, experimentar, da reflexão e planeamento à execução: «arriscar soluções, métodos, sistemas construtivos, matérias e

⁸⁸ Cf. A experiência de João Medeiros de Almeida que, «em 1949, vai para a Suíça alemã trabalhar como padre-arquiteto num Seminário, e, daí, divulga os mais modernos trabalhos religiosos que se realizavam na Europa». Em Tostões, «Obra aberta, entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola», 20-41. Em Tostões Coord. *Arquitetura e Cidadania Atelier Nuno Teotónio Pereira*, 30.

⁸⁹ Luiz Cunha, *Arquitetura Religiosa Moderna* (Porto: Imprensa Portuguesa, 1957), 55. Em Ana Luísa Sanches Silva, «Arquitetura religiosa moderna em Portugal: o caso do atelier Nuno Teotónio Pereira». Revista *Arquitetura Lusíada*. N.º 8 (2.º Semestre de 2015), 155.

⁹⁰ Cf. Ana Luísa Sanches Silva, «Arquitetura religiosa moderna em Portugal: o caso do atelier Nuno Teotónio Pereira». Revista *Arquitetura Lusíada*. N.º 8 (2.º Semestre de 2015), 156. <http://hdl.handle.net/11067/5395>, _acedido em 25 de novembro de 2023.

⁹¹ Cf. Alves da Silva, «Arquitetura religiosa moderna em Portugal: o caso do atelier Nuno Teotónio Pereira», 156.

programas»⁹². A França, através da revista dominicana *L'Art Sacré*, encorajava-se a não voltar as costas à modernidade. Integrar era o verbo mobilizador e, sobretudo, dar espaço de criação aos artistas, sobretudo nas artes decorativas: Rouault, Matisse, Léger, Manessier, Bazaine, Estève, Germaine Richier⁹³.

Nuno Teotónio Pereira, desde estudante finalista de arquitetura, mantinha uma intensa atividade reflexiva e aberta ao que se produzia de moderno e inovador internacionalmente: Europa, Brasil, Cuba, acolhendo informação publicada e mantendo ligações a artistas de nomeada, Niemeyer, Vilanova Artigas, Joaquim Guedes⁹⁴.

2.3. *Arquitetura moderna experimental na igreja de Águas*

Trata-se, agora, de nos debruçarmos sobre o fenómeno da arquitetura moderna, que é a igreja de Águas: os traços inovadores que a caracterizam, como moderna e portuguesa.



Fig. 11 - A leveza do traçado geométrico da linha do teto do coro ao altar, o efeito de cor, luz e sombra a qualificar o espaço interior da assembleia e altar. Fotografia de João Lopes Cardoso

⁹² Tostões, «Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola», (20-41). Em Tostões (Coord.), *Arquitetura e Cidadania Atelier Nuno Teotónio Pereira*, 21.

⁹³ Cf. Nuno Portas, «Arquitetura religiosa Moderna em Portugal», *Arquitetura*, lisboa, 3ª série, nº60, outubro, (1957): 20-30. Em Cunha (Coord.), *Movimento de Renovação de Arte Religiosa*, 144.

⁹⁴ Cf. Nuno Teotónio Pereira, *Lisboa – Temas e Polémicas*, (Lisboa: Ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2011), 90.

Será que o recurso a Le Corbusier nos permite uma chave de leitura (não esquecendo a admiração e a possível inspiração que Nuno Teotónio Pereira nele recolheu), para compreendermos a modernidade na igreja de Águas? Será justo fazer uma aproximação semântica da definição de «casa máquina de habitar» aplicável a morada para uma igreja? Desejamos e cremos que a igreja é um lugar para uma relação de acolhimento, encontro comunitário com o próprio Deus, seja na oração eucarística, vivida em comunidade, seja de modo particular, em oração devocional.

Esta aldeia da Beira Baixa não era a Europa industrial nem vivera a experiência traumatizante da guerra, onde a modernidade construtiva das novas igrejas se impunha como resposta: com a inovação técnica⁹⁵, economia de recursos, funcionalidade, verdade de materiais, racionalidade de linhas, despojamento e sábia articulação de materiais que propiciem a elegância, como o vidro e a combinação com o ferro. «A arquitetura só podia ser contemporânea reflexo do mundo novo em gestão»⁹⁶, linhas sóbrias, recursos aos materiais locais, afirmação livre de um estilo que se integrasse nos valores da cultura do povo e respeito pela paisagem local.



Fig. 12 - Identidade e abertura da igreja ao adro, com a cruz de pedra e bancos de jardim. Fotografia de João Lopes Cardoso

⁹⁵ Cf. Madalena Droste, *A Bauhaus. 1919-1933 Reforma e Vanguarda*, trad. João Bernardo Boléo (Kóln, Lisboa: Taschen, jornal público, 2007, s/d), 15. (O manifesto e contributo profissional da Bauhaus, inovação de Mies van der Rohe (1886-1969) e W. Gropius (1883-1969) a união de arte e tecnologia, um edifício deveria refletir o espírito do seu tempo (Zeitgeist).

⁹⁶ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos Anos 50*, 37.

Uma igreja revestia-se de uma maior responsabilidade e gravidade «por ter especialíssimas exigências de verdade, harmonia e dignidade»⁹⁷, condição necessária para satisfazer os objetivos de uma arquitetura de igreja moderna que respeitasse o espírito de pureza, clareza e simplicidade de soluções projetivas.

Como foi possível executar uma arquitetura moderna, numa freguesia rural no interior do país, sem a preparação e inculturação da arquitetura moderna da povoação?

Porém, em Águas, há um mecenas disposto a patrocinar a construção de uma igreja moderna, que prescinde do contributo económico do povo da aldeia, portanto com liberdade para propiciar uma obra inovadora. E há, também, a vontade livre de um arquiteto que, dispondo de condições favoráveis (época, povo «dócil» e seus artistas, cultura local, materiais da região e paisagem ambiental), mobiliza o seu talento eivado de profunda convicção religiosa católica, para criar obra arrojada.

Nuno Teotónio Pereira dialoga e assimila os modelos de modernidade europeia, as igrejas de uma nova época e, ao mesmo tempo, valoriza a tradição socorrendo-se das técnicas de construções locais. Deste modo, executa o projeto de uma igreja moderna, inserida numa nova consciência de mudança e inovação e que reativaria, futuramente, a emergência do MRAR.

O isolamento da obra, situada na Beira Interior, e o facto de se tratar de uma encomenda privada permitiram ao arquiteto uma liberdade de linguagem que um templo em Lisboa ainda não possibilitava [...] ao contrário da polémica mais generalizada suscitada aquando da construção da igreja de Moscavide⁹⁸.

A este tempo, verifica-se uma preocupação dos arquitetos portugueses: identificar as raízes de uma arquitetura portuguesa, as formas vernáculas mais próximas que a caracterizam. Assim, «O Congresso de Arquitetura de 1948» apresenta-se como um evento chave para compreendermos o evoluir do entendimento do pensamento da arquitetura moderna em Portugal.

A convergência de pontos de vistas, saneamento de ideias que não respondiam à nova realidade histórica da modernidade construtiva: «documento chave para ajudar a formar um método e um “olhar” modernos sobre a arquitetura, que finalmente erradicou a teia do “Português Suave”

⁹⁷ Pereira, «A arquitetura Cristã Contemporânea (1947)». *Ala*, 67 (1947): 2-4. Em Alves da Cunha, (Coord.). *Movimento de Renovação da Arte Religiosa*, (21-27), 25.

⁹⁸ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 101.

do Portugal de então»⁹⁹, de notação ideológica do regime vigente, para introduzir os traços de uma liberdade construtiva moderna, integrada na cultura e tradição local, presente na aldeia de Águas.

Obra modesta nos materiais, que não na dimensão, constitui uma autêntica proclamação da possibilidade e qualidade da arquitetura moderna religiosa em Portugal (cruzada com a atenção aos valores da arquitetura vernácula, como se patenteia na bela torre-sineira-estrutural¹⁰⁰.

A igreja de Águas é moderna na pureza e verdade construtiva pelo recurso às técnicas da construção da casa beirã. Há nela uma inculturação da arquitetura moderna internacional: a planta livre, a modulação da luz coada do exterior para o interior do edifício, a funcionalidade proporcionada pela combinação do vidro, ferro e pedra, assim, como a madeira e as grelhas de pedra no alçado frontal, e na parede sudeste do presbitério. Porém, não deixa de integrar as técnicas artesanais da tradição local: pedreiros, carpinteiros, serralheiros e vidraceiros. Um processo de unir a tradição em diálogo com a modernidade, processo composto de integração de modelos, a abrir uma fresta a uma expressão livre e original.

Do esforço conjugado de materiais tradicionais e imaginação moderna e aberta, renasce um novo entendimento, um pensamento depurado de modular espaços de liberdade criativa, que gradativamente recriam uma espacialidade habitável à espiritualidade litúrgica.



Fig. 13 - A luminosidade do presbitério e interior da nave central vista do coro alto. Uma espacialidade habitável à espiritualidade litúrgica. Fotografia de João Lopes Cardoso

⁹⁹ José Manuel Fernandes, *Arquitetos do Século XX – Da Tradição à Modernidade*. (Casal de Cambra: Caleidoscópio Edição, 2006), 108.

¹⁰⁰ Fernandes, *Arquitetos do Século XX – Da Tradição à Modernidade*, 144.

Constitui muito certamente o paradigma da renovação da arquitetura religiosa em Portugal, na medida em que ultrapassa a questão do momento em termos de dicotomia “tradicional-moderno”, apontando uma terceira via, aberta à “descoberta de caminhos fecundos a partir das conquistas fundamentais do espírito moderno”¹⁰¹.

Na igreja de Águas, Nuno Teotónio Pereira alcança uma original modulação da espacialidade religiosa, superando a dicotomia entre uma igreja tradicional, «historicista» ou «revivalista»¹⁰² e uma igreja moderna, não de pura leitura vanguardista, mas uma igreja com influência de modernidade, entrecruzada com a tradição, a dita «terceira via» que não deixa de ser moderna e portuguesa.

Resistente a qualquer aceitação dos dogmas do “movimento moderno”, procurou na autêntica cultura portuguesa a inspiração para a humanização da arquitetura, assinalando uma tomada de consciência da urgência da reconciliação com a história e com o lugar, numa perspectiva dialética entre tradição e futuro, entre modernidade e história, espaço e tempo¹⁰³.

Assim, ganhava um novo sentido e evolução a ideia de moderno para o MRAR que, com o tempo, passou a fazer uma maior integração e entendimento do moderno que fosse ao encontro do sentir religioso das gentes do sul da Europa.

Fazer moderno era, na realidade, respeitar a tradição e a história que sempre viu sucederem-se formas artísticas modernas em relação ao seu tempo. Ser verdadeiro com o Evangelho e também com a história da arquitetura obrigava, portanto, a construir num estilo novo¹⁰⁴.

Cumpria-se na igreja de Águas um projeto de construção moderno e inovador para a época, em Portugal. Fruto de investigação, viagens, reflexão e amadurecimento no tempo.

¹⁰¹ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 99.

¹⁰² João Alves da Cunha, «Arquitetura religiosa em Portugal: Séculos XX e XXI» (2019): 117-139. Em João Henrique Silva et al., (Coord.), *MASF Journal* Nº 2 (Funchal: Museu de Arte Sacra do Funchal, 2019), 123.

¹⁰³ Tostões, «*Obra aberta: entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola*». Em Tostões (Coord.) *Arquitetura e Cidadania - Atelier Nuno Teotónio Pereira*, 23.

¹⁰⁴ Alves da Cunha, *Arquitetura religiosa em Portugal Séculos XX e XXI*, 128.

2.3.1. *Assimilação da tradição cultural na igreja de Águas*



Fig. 14 - Integração e enquadramento urbano da igreja moderna na aldeia de Águas. Fotografia de João Lopes Cardoso

A igreja de Águas, sendo moderna pelos elementos arquitetónicos nela integrados, não deixa de ser uma construção adaptada àquela comunidade sociológica local. Houve preocupação, por parte da família Megre e do arquiteto, em dotar a freguesia de Águas de uma igreja de formas modernas: uma planta livre, de escala humana, integrada na paisagem local rural; despojada e com recurso às técnicas e aos artesãos da povoação. Tratava-se de inovar integrando a nova edificação no contexto das outras edificações da aldeia, mas realçando traços e modulações inovadoras.

A planta trapezoidal, a entrada da luz natural no interior, a fachada nobre de materiais da região, a racionalidade do planeamento, a funcionalidade da organização do espaço, os alinhamentos sóbrios, o interior despojado e acolhedor. A qualificação de um espaço religioso de expressão moderna e integrado na região.

Verifica-se uma preocupação por identificar, com recurso à tipologia das formas arquitetónicas religiosas: a torre sineira destacada do corpo da igreja¹⁰⁵, em materiais de pedra,

separada do corpo da igreja, concretiza a relação entre a horizontalidade da massa e do peso da construção da igreja, na relação da terra com o céu. A subtil liberdade da organização, escala humana nas proporções do interior e do exterior, na expressividade dos materiais e das técnicas e

¹⁰⁵ No projeto inicial, a torre sineira situava-se na fachada poente, à direita, com comunicação pelo coro-alto.

o caráter da construção revelam espacial e construtivamente a coerência de uma obra moderna “que abdica de preconceitos formais de importação”¹⁰⁶.

O adro com o enquadramento junto da igreja, integrado no espaço de ajardinamento local e com recurso a bancos. A calceta é destacada por guias de pedra, constituindo indicações de vias de percurso em direção ao nártex, que se abre em três arcos de pedra aparelhada, com portas de ferro a separar o exterior do interior, em cota térrea, endereçando o convite a entrar na nave da igreja.



Fig. 15 - A cota térrea do adro com guias de pedra endereça o convite a entrar na igreja de amplo nártex.

Fotografia de João Lopes Cardoso

O processo construtivo não está separado do estilo da casa beirã, com a qual partilha os materiais da região e o saber dos seus artesãos. Sobretudo «a fachada lateral que corresponde à nave de circulação, é intencionalmente modesta, correspondendo à importância que contém, e casa com o casario vizinho»¹⁰⁷ A pedra é aparelhada ao modo tradicional, com o recurso aos instrumentos artesanais e suas modulações de encaixe, por artesãos experimentados na sua preparação. No alçado poente, a existência de uma grelha de frestas em pedra e vidro, que introduz uma luz coada para a nave central, espaço da assembleia reunida e cuja luz se abre em roço para o altar conjugada em reflexo do seguimento do teto em “omnilite” pintado de azul claro. Procura-se, com os materiais e técnicas experimentais, o efeito inovador da sua aplicação a ganhar uma nova configuração espacial.

¹⁰⁶ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 102-3.

¹⁰⁷ Alves da Cunha, *O MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*, (2014), 107.

A formalização exterior, de grande austeridade, revela a mestria de renovação da imagem formal conjugada com a aplicação inteligentemente repensada das técnicas de construção com os materiais tradicionais e locais¹⁰⁸.

Não é uma construção tradicional, mas também não é um decalque moderno das formas internacionais, os materiais e as técnicas modernas são contextualizadas e integradas no local e na comunidade pré-existente. A obra

denuncia a confiança numa possibilidade de encontrar a ponte que liga a expressão dos novos valores à herança válida do passado que o povo a que a obra se destina encarna... o tratamento dado ao pórtico de entrada, às balaustradas em tubo dobrado e madeira, ao confortável forro em pinho das paredes, à cor quente da tijoleira que cobre o fundo, ao movimento das águas dos telhados dos anexos e, no aspeto global, ao peso com que a construção se enterra no terreno¹⁰⁹.

Não se abdica da modernidade, mas há integração na região e cultura pré-existente. Existe um movimento de inteligência a modular uma nova forma de instaurar um espaço de visibilidade expressivo ao serviço da oração e da fé.

Da experiência socialmente integrada, levedada nas tradições e comportamentos partilhados, permite à comunidade eclesial ativar a oração e a fé numa mistagogia litúrgica eficaz: harmonia com a criação, servir a caridade e a missão.

¹⁰⁸ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 102.

¹⁰⁹ Portas, «Arquitetura religiosa Moderna em Portugal», *Arquitetura*, lisboa, 3ª série, nº60, outubro, (1957): 20-30. Em Alves da Cunha (Coord.), *Movimento de Renovação de Arte Religiosa*, 152.

2.3.2. Reintegração de materiais e técnicas locais na edificação



Fig. 16 - Momentos de construção. Fonte: Repositório da Câmara de Penamacor¹¹⁰

A nova igreja de Águas vai emergir como uma construção arquitetónica moderna, mas integrada e inspirada nos modelos de construção que a contornam. Conforme refere Nuno Teotónio Pereira, em depoimento à memória de João Cartola, mestre de obras da igreja de Águas,

tratava-se de edificar nos confins da Beira Baixa, uma igreja moderna, que rompesse com os velhos e degenerados modelos do barroco tardio, que ainda vigoravam na região quando se tratava de arquitetura das igrejas. Foi por tudo isto também uma aposta. [...] procurou-se no projeto, entregue a um jovem arquiteto, que a nova igreja casasse bem com o sítio e que não significasse uma rutura violenta com a arquitetura envolvente, integrando-se na paisagem beirã e utilizando os materiais tradicionais como granito e castanho¹¹¹.

Ela destaca-se como uma arquitetura de expressão moderna: recurso a uma planta livre, implantada no lote ancorado na extrema da propriedade da família Megre¹¹². Utilização do betão armado na elevação da estrutura edificada; os pilares em cantaria a separar as capelas adjacentes da nave central; laje de suporte dos vários corpos de telhado, placa do coro-alto e do assento do altar.

¹¹⁰ https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://andarilho.pt/tag/nuno-teotonio-pereira/&ved=2ahUKEwj-kNrC9rOKAxWaK_sDHZNzABoQFnoECBQQAQ&usg=AOvVaw0RgTPdmB-v6tTCbQvGgtrC. Acedido em 19 de dez. 2025

¹¹¹ «Jornal Raiano», Nº 330 de 11 de setembro de 2003. Citado por António Silveira Catana, *Artistas da Nossa Terra II* (Idanha-A-Nova: Ed. Câmara Municipal de Idanha-A-Nova, 2003), 41.

¹¹² Cf. Catana, *Artistas da Nossa Terra II*, 39-40: «José Lourenço Gameiro, de 72 dois anos de idade e, curiosamente, fora feitor da Casa Megre, na altura da construção [...] referiu-nos que a igreja ficava dentro da Casa, mas quando terminada a obra, o muro foi destruído e surgiu aquele bonito largo».

A igreja de Águas combina modernidade com os materiais e técnicas artesanais de construção da região. O recurso à pedra arrancada na região, aparada e aparelhada pelos artesãos da localidade.

Tratava-se, pois de uma obra diferente do que era habitual, de uma dimensão invulgar para a região, e muito exigente quanto às técnicas de construção. Para a erguer era preciso um Mestre que dominasse os processos tradicionais e também as modernas técnicas do betão armado e que estivesse disposto a correr riscos de uma aventura. Esse Mestre foi João Cartola¹¹³.

A igreja apresenta diversos usos da pedra, com inspiração na construção da casa da Beira Baixa. No exterior, no alçado poente, a pedra aparelhada serve de cunhal, disposta em malhete de travação, em contraste, com o prolongamento dos panos brancos de maior extensão pintados a branco.

A pedra constitui as grelhas dispostas, verticalmente, para a entrada da luz poente, iluminando com luz coada o coro-alto e a nave central, presença da assembleia dos fiéis; a grelha de moldura em pedra, a este, com dez frestas em pedra e vidro a iluminar, de modo não incisivo, o altar e o presbitério.

A presença da aplicação da pedra aparente, à vista, predomina no presbitério nos panos da ala esquerda e da direita, debaixo da grelha, no rodapé da parede cega da nave central, que alterna com o pano de pintura em cor pérola.

A madeira de castanho está presente no lambril a fechar a ala esquerda da nave central, nas molduras de algumas peças: púlpito, corrimão do coro-alto, na balaustrada de separação da nave central do presbitério, confessionário e nas portas de passagem do nártex para a nave central. Assim, os materiais tradicionais assumem uma nova interpretação, racionalização combinada, agora, aplicados em novos contextos e arranjos inovadores.

A grelha moderna de betão dá lugar a uma “grelha” executada em granito maciço e espesso denunciando também em termos estruturais, e não só formais, a preocupação de tornar possível a integração da modernidade na tradição, de aplicar um “sistema desconhecido” a um material conhecido, anunciando um sentido novo que não é mais o sentido original, nem da grelha moderna, nem da tradicional aplicação de granito ancestral e local¹¹⁴.

A pedra sujeito material e metáfora pelos efeitos formais a que dá origem: ação vida. O resultado não se pauta apenas por uma execução pragmática, mas releva o significado,

¹¹³ Catana, *Artistas da Nossa Terra II*, 41.

¹¹⁴ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 144.

metamorfoseia a imanência, rasga gestos de liberdade, personifica e amplia os sentidos, expressa sentimentos. Porém, a beleza brota da fonte original que, como um cristal emerge da espera na simplicidade, na voz do silêncio, na semente da eterna flor.

Como pode nascer o altar do mundo, que desvenda o segredo do esplendor da verdade? Pode acontecer em qualquer lugar e de uma forma livre? «Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos. - Dizia o príncipezinho ao aviador»¹¹⁵. Assim, a cabana pode ser lugar para um altar, não precisa de uma casa e, menos na forma de um palácio.

Cabana como raiz axial de habitar. Ela é a planta mais simples, aquela que não precisa de ramificações para subsistir. [...] a cabana do eremita é o antítipo do mosteiro. Em torno dessa solidão centrada irradia um universo que medita e ora, um universo fora do universo. A cabana não pode receber a menor riqueza “deste mundo”. Tem uma feliz intensidade de pobreza. A cabana do eremita é uma glória da pobreza. De despojamento em despojamento, ela nos dá acesso ao absoluto do refúgio¹¹⁶.

Uma cabana onde está alojado um altar, o anúncio de verdade, uma arquitetura do interior e do silêncio. Um lugar de brilho que se deixa ver. «Quanto mais estreito é o fio de luz, mais penetrante é a vigilância»¹¹⁷.



Fig. 17 - Acesso ao altar por uma escada em leque e a cadeira da presidência à esquerda. Fotografia de João Lopes Cardoso

¹¹⁵ Cf. Antoine de Saint-Exupéry, *O Príncipezinho*, trad. Joana Morais Varela, 39^a edição, (Lisboa: Ed. Presença, 2015), 74.

¹¹⁶ Gaston Bachelard, *A Poética do Espaço*, trad. Antonio Pádua Danesi (S. Paulo: Martins Fontes, 1996), 48-9.

¹¹⁷ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 50.

Ao altar retangular de pedra, acede-se através de uma escada em leque, desenvolvida em dois níveis de lanços de escada, cada um a terminar em patamar, o último para exercício dos diferentes ministérios que ajudam a presidência na ação litúrgica da celebração comunitária.

A cobertura edificada é feita com telha de barro que cobre as lajes. O telhado da nave central desenvolve-se em duas águas e cortado em triângulo para poente a cair em beiral, «aplicando o sistema de tacaniça (água revessa) para marcar com maior pureza a fachada da igreja de Águas»¹¹⁸.

Acoplados à construção base, do corpo central da igreja, desenvolvem-se os telhados anexos: o de cobertura das capelas adjacentes à nave central e pia batismal e a cobertura da dependência da sacristia e sanitário, termina em meia empena, de pendente oposta à nave adjacente.

De execução granítica, apresenta-se a Torre sineira¹¹⁹. Obra expressiva, pela flexibilidade e modulação que assume a interpretação da pedra ascendente, entremeada em cada lanço, por estrutura de aro livre.

¹¹⁸ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 142.

¹¹⁹ No projeto inicial, a torre apresentava-se na ala direita da fachada principal (poente) e comunicava com o interior da igreja através do coro-alto.

CAPÍTULO 2: A IGREJA DE ÁGUAS, UM LUGAR TEOLÓGICO



Fig. 18 - O efeito cruzado da luz matinal no interior da igreja. Fotografia de João Lopes Cardoso

Neste segundo capítulo temos como objetivo identificar a igreja de Águas como um lugar¹²⁰ teológico. Compreender de que modo o crente e o não crente podem ser convocados para um encontro com o divino. Um Outro diferente de mim, que me abarca e me fundamenta. Não é nosso objetivo apresentar qualquer argumento de prova da existência de Deus. Mas acolher o Deus de Jesus Cristo que, pelo mistério da Encarnação, o Filho de Deus, único e verdadeiro mediador do Pai, rasgou os céus e uniu-os à terra, abrindo a todo o ser humano a porta da Salvação: «eu estarei convosco até ao fim dos tempos» (Mt 27, 51.28, 20b).

É da condição da natureza humana a deslocação no espaço¹²¹, sobretudo, sentir necessidade de sair de casa, de si, para ir ao encontro dos outros, «sair do quarto»¹²². Em Pascal, o ser humano não é razão de si, mas de Outro. Não somos causa necessária de nós mesmos. No entanto, o ser humano experimenta um *pathos* que o inquieta e o move para fora de si. Experimenta a condição de ser religioso, de se ligar a um ser transcendente a quem dirige as suas preces.

¹²⁰ Não no sentido de fonte de teologia, mas lugar de reunião da comunidade para o culto litúrgico de fé e oração.

¹²¹ O significado bíblico de Êxodo, a saída do povo de Israel, para ir ao encontro de Deus. A saída e caminhada pelo deserto, como o esvaziamento de si, sentir a fome e a sede para estar preparado para escutar a voz de Deus.

¹²² Blaise Pascal, *Pensées* (Texte établi par Louis Lafuma), 1ª ed., (Paris: Éditions du Seuil, 1962), fragment 136/139 (Divertissement), «J'ai dit souvent que tout le malheur des hommes vient d'une seule chose, qui est de ne savoir pas demeurer en repos dans une chambre». (Tradução: tenho dito muitas vezes que todo o infortúnio dos homens provém de uma única coisa, que é não saber permanecer em repouso num quarto), 76-7.

Com a experiência revelada no Génesis, o Criador introduz o ser humano na história da salvação, o tempo favorável, a Encarnação do Filho de Deus, a pessoa de Jesus Cristo. A partir deste acontecimento, o fiel pode dirigir-se a um Deus próximo e encetar com Ele um caminho de fé e oração. Orando podemos estabelecer uma relação com este Deus, que entra na história da vida do crente.

Se já temos uma relação: um eu e um Tu -, onde poderemos orar e adorar o Deus em quem confiamos? É neste contexto que o ‘onde’ do espaço pode ser questionado. Que significado representa a igreja, lugar de oração para o crente? Uma estação de encontro, uma morada habitada, um rochedo de proteção, onde se possa saciar a fome e a sede na fonte de água viva?

De facto, o ser humano não é razão e origem de si mesmo, corpo frágil de existência finita. Assim, em quem pode ancorar-se?

De que modo uma igreja e, singularmente, a igreja de Águas é um lugar teológico, um espaço de fé e oração? De que modo a distribuição e configuração arquitetónica dos diversos espaços da igreja favorecem o culto, onde o fiel sinta a interpelação de um Deus próximo e amigo? O apelo de Jesus à confiança na vida cristã da comunidade: «Pois, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18, 20).

A oração feita em comunidade responde à vontade do Pai, que com o Filho e na unidade do Espírito Santo forma a comunidade paradigmática. A Sua presença manifesta-se, sobretudo, na oração comunitária, quando a comunidade escuta a Palavra, canta em uníssono o louvor e a grandeza do Deus de toda a criação. E, de forma especial na celebração eucarística, onde o crente participa e louva, em comunidade, o amor da Trindade divina.

O cântico novo há de ser entoado, em primeiro lugar, no nosso coração. De outro modo não é possível cantá-lo. O coração canta porque está cheio da presença de Cristo. Daí que, na Igreja, o canto seja um ato espiritual¹²³.

Pela oração comunitária ou devocional, o crente expressa a sua fé e, pelo seu exemplo de vida fraterna na comunidade, torna-se anúncio do Evangelho.

Para melhor compreensão do conteúdo do presente capítulo, a categoria *comunidade cristã*, que procuraremos explicitar, constitui-se como o sentido explicativo de fé e oração do crente na experiência do acontecimento crístico.

¹²³ Dietrich Bonhoeffer, *Vida en comunidade*, 3ª ed. (Salamanca: Ed. Sígueme, 2019), 58-9.

O que acontece na liturgia, acontece através do Mediador entre Deus e o Homem, Jesus Cristo, acontece num encontro pessoal. Ele não está simplesmente diante da assembleia reunida, mas está presente no seu meio como aquele que realiza o agir litúrgico. [...] Por este motivo, o Novo Testamento evita expressões cultuais e fala simplesmente da comunidade que nas suas reuniões era assídua “ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2,42)¹²⁴.

Ancorada no mistério da Trindade, é Deus que se comunica como realidade comunitária e paradigma fundacional da vida cristã. Assim, a pessoa de Jesus Cristo, imagem do Pai, é a referência do sentido e função da comunidade de fé e oração. Sobretudo, quando assistida pela ação do Espírito Santo que anima e inspira todo aquele que peregrina em busca de se recobrar: «Se alguém tem sede, venha a mim [...] hão de correr do seu coração rios de água viva» (Jo 7, 37-38).

Com fé na ressurreição de Jesus abre-se o caminho de esperança do crente, no «já e ainda não», vive a confiança e a esperança da Sua vinda. Quando ora na comunidade, ao invocar o Espírito Santo, experimenta já a graça transformadora no testemunho do anúncio, nas obras de caridade e louvor da Sua Glória.

A atitude doxológica é, ela própria, dom do Espírito, que nos une ao Filho, na glorificação do Pai. O Espírito transforma escatologicamente o mundo, tornando-nos partícipes da vida trinitária, que é a constante glorificação das diferenças pessoais, do Deus-trino¹²⁵.

Deste modo, aqui, enunciamos um sentido de entender o espaço da igreja: lugar de experimentar a vida e o louvor a Deus na comunidade de fé em oração.

¹²⁴ Klemens Richter, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*, trad. Vítor Coutinho (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005), 46.

¹²⁵ João Duque, *O Excesso do Dom – Sobre a identidade do cristianismo* (Lisboa: Ed. Alcala), 171.

1.1. *A igreja de Águas orientada para a fé e beleza de Deus*



Fig. 19 - A qualificação do espaço pela conjugação de luz e cor dos diferentes materiais. Fotografia de João Lopes Cardoso

«A minha casa será chamada casa de oração» (Mt 21, 12-13)

«Na presença dos Anjos eu Vos louvarei, Senhor» Sl 137 (138)

Entramos na porta principal até à nave central. E, com o olhar fixo na testeira do presbitério, vemos a cruz de bronze escurecida, com a sobreposição da figura de Cristo. O espaço da nave e o presbitério são invadidos por uma luz coada que convoca o crente para o altar e para a cruz de Cristo.

Pressente-se que estamos numa igreja com um espaço que propicia a oração e a escuta da Palavra. Ao entrar pelo corredor central da nave, o crente é envolvido por uma sensação de querer ficar, sentar-se num banco e fazer parte da assembleia de uma celebração eucarística.

De qualquer posição da nave, o fiel focaliza o ponto de gravidade na direção e convergência do altar. A luz indireta ajuda a perceber a plena visibilidade da disposição das diferentes peças que contornam o altar, espaço da celebração eucarística, sede da presidência e assento dos acólitos, a credência e o ambão do Evangelho à direita e o lugar da «epístola», à esquerda, pois atualmente ninguém entende esta direção.

O significado de comunidade ganha corpo com o Concílio Vat. II, ao interpretar a Igreja como povo de Deus (LG 9, 10) e a liturgia como celebração da comunidade (LG 12,13), onde a configuração e a organização do espaço de uma igreja desempenham um papel no modo de promover a fé. «Mais do que através do estudo dos conceitos científicos da liturgia, a fé é marcada e plasmada através de sinais, ou seja, no âmbito afetivo»¹²⁶.

¹²⁶ Richter, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 13.

A igreja de Águas, como construção pré-conciliar, obedece ao desenho de uma orientação axial longitudinal, com a assembleia em convergência para o altar.

Verificamos que a igreja dispõe de uma boa acústica, que se explica pela combinação dos materiais adequados que propiciam um ambiente de concentração e convergência de som. Para este efeito, conjugam-se a aplicação de fibra de madeira prensada no teto da nave central e presbitério, o tom matizado de azul e cinza, o creme da parede cega a sudeste. E, do lado oposto, a aplicação do lambril de madeira encimado que prolonga as colunas de pedra, da nave acoplada, a fechar com a luz indireta de noroeste.

Toda esta conjugação de materiais e cores suaves, a própria configuração da nave central e mobiliário, ajudam a criar uma acústica e uma visibilidade favorável à oração. Nesta linha, também a iluminação coada de noroeste convida à concentração introspetiva, a espera da fé, o acolhimento do silêncio que dá lugar à escuta da palavra bíblica.

A orientação axial longitudinal da arquitetura dá destaque ao altar, à presidência e ao ambão, pois a planta em leque converge para o presbitério, que se estreita em relação à nave central. Deste modo, a configuração da arquitetura desta igreja está mais dependente daquilo que acontece no altar, seguindo as diretivas da presidência em detrimento da confrontação da assembleia que continua virada de costa. Porém, «aquilo que congrega não é o lugar sagrado, mas o acontecimento do qual ela se sente devedora e que se realiza na celebração da liturgia, no meio da comunidade»¹²⁷.

Por meio da catequese, do ofício e participação nos mistérios celebrados, o fiel pode fruir dos mistérios da sagrada eucaristia e da palavra da Sagrada Escritura. Quando se escuta o Evangelho pela voz dos ministros ordenados: Bispo, presbítero e diácono, é Cristo que fala, na sua voz, único Mediador entre Deus e o humano, propiciando o encontro pessoal.

Do nascer ao entardecer do sol, toda a criação é sentida pelo salmista como um hino de louvor à sua glória e beleza. E todos os seres, conforme a sua natureza, respondem ao ritmo para o qual foram criados, porque o Senhor é digno de ser louvado para sempre, «porque é eterno o seu amor» (Sl 106[107]. Assim entoia o salmista a beleza sinfônica de toda a criação e que o fiel expressa na oração da liturgia das horas.

Porém, se Deus é a glória e a fonte de toda a beleza criada, como pode o humano construir uma casa que lhe possa agradar? Pois, de certo modo, todos os lugares são rumores da Sua presença e onde se pode louvar a Sua glória. Ao situarmo-nos no plano de fé bíblica, perscrutamos o sentido da Sua presença no mundo.

¹²⁷ Richter, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 46.

Através da pedagogia narrativa dos textos do AT, Deus vai-nos preparando para o plano de *Salvação*, o tempo favorável que é a Encarnação do Filho de Deus. Neste sentido, Ele é o próprio lugar, que se abre para que O possamos habitar. Sempre que nos reunimos para orar em Seu nome, criamos o lugar da Sua presença:

Um lugar ou um espaço podem ser considerados sagrados apenas na medida em que proporcionam o encontro com o Deus santo. Desde as palavras de Jesus segundo as quais chegou a hora em que Deus não é adorado nem no monte Garizim nem em Jerusalém, mas em espírito e verdade (Jo 4,21-23), e desde a confirmação de Cristo ressuscitado “Eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos” (Mt 28, 20)¹²⁸.

E a Sua casa é o seu próprio corpo que, desde o início da criação, quis conformar-nos para Ele. De início, a dificuldade prendeu-se com a sua nomeação, que é a sua presença, que implica respeito e reverência por parte do humano. Aquele que diz de Si:

“Eu sou o que sou”, em hebreu o ser não é uma realidade estática senão dinâmica, [...] revela-se como o que está-aí, [...] O nome é a presença histórica, eficaz, misteriosa de Deus na vida do povo e de cada uma das pessoas que o invocam. [...] Esta praxis encontra-se, todavia na nossa oração cristã, sobretudo na oração litúrgica¹²⁹.

A Sua presença e revelação ao humano manifesta-se como realidade de amor. Deus como uma raiz que nos segura e alimenta como uma árvore que passamos a ser, caso o recebamos e façamos d’Ele a nossa vida.

Ele vem na sua hora. Nós temos o poder de consentir em acolhê-lo ou recusá-lo [...] Se consentirmos, Deus colocará em nós um pequeno grão e irá embora. A partir desse momento, Deus não tem mais nada a fazer e nós tampouco, senão esperar. Devemos apenas não lamentar o consentimento que demos, o sim nupcial¹³⁰.

É Deus que vem ao encontro do humano para o salvar. Porque é um Deus, cuja epifania, é amor. É nesta metáfora de ser que a matéria se adensa no humano, que abarca e o convoca para um

¹²⁸ Richter, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja*, 45.

¹²⁹ Walter Kasper, *Padre Nuestro – La revolución de Jesús*, trad. Melecio Agúndez Agúndez, SJ (Salamanca: Ed. Sal Terrae, 2019), 41-43.

¹³⁰ Simone Weil, *Espera de Deus: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942*, trad. Karin Andrea de Guise, (Petrópolis: Editora Vozes, 2019), 97.

movimento adentro de si, mais dentro que o próprio ser humano, mas que só n'Ele se reencontra. É um processo relacional, cuja iniciativa parte de Deus, mas que só a fé pode ajudar a reconstruir.

Como realidade finita, que o humano é, no denodo de sentir o Seu rasto, defronta-se com o limiar do seu finito para poder acolher o infinito, Aquele que vem ao encontro da fragilidade humana.

Na peregrinação pelo deserto do povo da aliança, na experiência do Êxodo, Deus impõe a Moisés condições para entrar no espaço sagrado: «não te aproximes daqui; tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é uma terra santa» (Ex. 3, 4b). No Monte Moriá (Gn 22, 4)¹³¹ lugar da teofania de Deus ao humano; lugar da prova de fé, porém, em lugar do filho é sacrificado um carneiro¹³². A fé de Abraão como relação de confiança diante do pedido de Deus, que toma a iniciativa, porque dom originário.

A experiência elementar de fé como confiança desenha-se, antes de mais, como *passividade afetiva* (podemos chamar-lhe estética) diante de uma alteridade originária que antecede e possibilita qualquer configuração do humano, ainda antes de qualquer iniciativa que se prenda com a compreensão e o juízo, a aceitação ou a recusa¹³³.

A fé que cresce em compreensão no exercício de uma peregrinação do povo da aliança, até ao cumprimento da promessa realizada por Cristo. E que nos permite, com fé, cantar hinos de louvor: «que a palavra de Cristo habite em vós com toda a sua riqueza» (Col 3, 16).

De facto, Deus impõe uma exigência ao profeta ao pisar o espaço sagrado. Implica uma atitude de harmonia e humildade para com o Senhor da criação. Que o Senhor é o único e verdadeiro criador de toda a beleza a quem o ser humano deve responder. Na história da salvação, tempo *kairológico*, é Deus que chega ao humano e o cuida como um menino, o liberta da opressão e, com ele, contrai uma aliança de amizade: compromisso mútuo entre Deus e Israel (Dt 27, 1- 15.16-19).

Essa vontade divina cumpre-se definitivamente, com o advento do Filho de Deus. Na Encarnação do Filho, manifesta-se toda a Glória e beleza de Deus. O que se anunciava como figura

¹³¹ Lugar onde Abraão se dispunha a sacrificar o seu filho Isaac. A prova de fé de Abraão: confiar no Senhor. Também, onde aparece a David, que preparou um lugar que, futuramente, Salomão construiria o Templo do Senhor. Entendido como o lugar da revelação do Senhor, a morada do culto.

¹³² Este carneiro imolado prefigura o sacrifício de Cristo, a verdadeira vítima, que viverá para a Glória. Significa que Deus é o Senhor da vida e não da morte. Cristo, o Filho de Deus, ressuscitará e será a prova da vida verdadeira.

¹³³ José Frazão Correia, «A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana», (12- 57). Em José Frazão Correia et al., *A Fé da Igreja* (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 19-20.

velada, agora, com a Sua presença, o Filho de Deus abria todas as portas, rasgavam-se todos os véus. E emergia no Seu *splendor veritatis* de uma vez e para sempre.

Em que consiste a beleza de Deus? *Noli me tangere* (Jo 20, 17)¹³⁴.

A Sua morte na cruz é percecionada como paradoxal: trespassado por uma lança, donde saiu sangue e água (Jo 19, 34); no estertor da máxima dor responde com o silêncio, que preenche todo o vazio do sentido; a vítima inocente a interceder pelos seus autores: «Perdoa-lhes, Pai, pois não sabem o que fazem» (Lc 23,34); é a beleza da figura do *Ecce homo*: amor e verdade; *caritas et splendor veritatis*. Esta é a imagem da beleza de Cristo: assunção do amor em defesa da finitude humana.

«A arte, por meio das suas figuras, pode ser um bom preâmbulo da fé, no sentido de “demonstrar as realidades que não se veem” na linha da Carta aos Hebreus (11, 1)»¹³⁵.

Esta é a beleza contemplada de Deus que estimula a verdadeira oração da comunidade crente: ajuda a desvelar o mistério, que é o Seu amor, fonte de fraternidade da comunidade cristã. Porém, a fé na comunidade não se pauta por um consolo, mas por assumir a memória da experiência vivida por Jesus Cristo.

A fé cristã deve ter presente a história libertadora que Deus desencadeou no acontecimento da cruz e da ressurreição de Jesus. Trata-se de uma história com a qual ele próprio, por meio deste acontecimento, certamente se comprometeu. Tem de se encará-la numa perspectiva escatológica¹³⁶.

Através da metáfora, da pintura ou da música, enquanto poética, pode ser um método favorável para desvelar a beleza divina, o mistério, que a abre à explicitação da reflexão teologal.

Quem tem imaginação não se endurece, tem o senso do humorismo, goza sempre da doçura da misericórdia e da liberdade interior. É capaz de abrir visões amplas até em espaços restritos, observava, por sua vez, o Papa Francisco, em 2017, à *Civiltà Cattolica*¹³⁷.

¹³⁴ Após a Ressurreição, o toque deixa de ser físico, mas espiritual, para ser um apelo ao caminho da fé; ou a necessidade do toque de Tomé nas feridas de Cristo, seria preferível crer sem ver (Jo 20, 29). A pintura de Correggio: Jesus e Maria Madalena. A beleza de Cristo ressuscitado.

¹³⁵ Adelino Ascenso, *A Mística do Arado – busca de um Deus possível* (Lisboa: Paulinas Editora, 2021), 39.

¹³⁶ Domingos Terra, «A fé como resposta de liberdade», (130-180). Em *A fé da Igreja*, José Frazão Correia et al. (Lisboa: Paulus Editora, 2014), 177.

¹³⁷ Audiência do Papa Francisco à comunidade da revista *La Civiltà Cattolica*, em 9 de fevereiro 2017, sala do Consistório do Palácio Apostólico Vaticano. Acedido em 5 de janeiro de 2025.

<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/564924-discurso-do-papa-a-civiltà-cattolica-a-audacia-e-a-inquietacao-como-bencao-artigo-de-andrea-grillo>.

Esta realidade, para a qual o mistério da encarnação aponta, tem a sua maior expressão e realização quando a comunidade eclesial se reúne, em celebração litúrgica a celebrar a eucaristia do Senhor, cuja memória é a expressão eclesial do mistério de fé ali realizado.

Assim, pode acontecer num espaço acolhedor, como é a igreja de Águas, onde tudo se conjuga para o acolhimento da verdade cristológica e, em comunidade de fé, crescer na conversão e na direção do testemunho.

Nas pegadas do nosso deserto, confrontamo-nos com o silêncio de Deus, donde resplandece a Sua beleza. Diferente das nossas categorias humanas quer da metáfora mais perfeita, da pintura mais elevada ou da escultura mais inovadora. Todo o esforço de tocar a beleza de Deus se pauta por um aquém, que se reduz à pobre sugestão poética, ao traço minimalista na tela ou ao esmerilar da nobre peça do artesão ou do escultor. Mas «a arte exprime-se em figuras e pode ser o preâmbulo da fé»¹³⁸ como forma de romper a membrana que separa o humano do mistério de Deus.

Como construir uma igreja, cuja imaginação criadora do humano não possa rebaixar a beleza divina? Sobretudo a criação de um espaço que «convenha» à abertura do humano imanente ao transcendente: a interpelação do divino, a densidade do silêncio, o rumor de uns passos libertadores¹³⁹. Que casa para Deus, que não O deforme ontologicamente?

Interpretar o desígnio de Deus, quando Deus se manifesta na nuvem do peregrinar do povo no deserto, ou à porta da tenda de Abraão, ou junto ao terebinto constrói o altar, para honrar e hospedar os peregrinos? (Gn 18, 4). Não é David que constrói o templo, mas o filho Salomão, apesar de ter sido escolhido por Deus para governar Israel. A teofania divina vem na brisa da tarde, no lume do fogo purificador, cujo único e verdadeiro sacrifício é a entrega do seu corpo, verdadeira metáfora do templo vivo.

«A trindade divina se reclina debaixo da sua sombra, que quebra os ardores da luz zenital. É um Deus que aceita a hospitalidade de Abraão e Sara, a quem, prescindindo do sorriso envelhecido, curou a esterilidade»¹⁴⁰.

O que é uma igreja para Deus? Que lugar Lhe é apazível? Verdadeiramente, só o próprio Deus o poderia construir, pois implicaria a assunção de uma arte total, um símile à medida do artífice divino. Porém, se feito pelo humano, não poderá ser a expressão do seu orgulho, mas lugar da Sua

¹³⁸ Ascenso, *A Mística do Arado*, 44.

¹³⁹ Cf. João Duque com o binómio «Transcendência e Imanência». O modo relacional como o crente pode experimentar Deus na sua vida, através da oração em comunidade.

¹⁴⁰ Joaquim Félix de Carvalho, «Terebinto, Tienda, Templo, Cuerpo. Anamnesis mayéutica acerca de la poética en la arquitectura religiosa contemporánea». Em *Actas de Arquitectura Religiosa Contemporánea* 6: 230-247. 233. Acedido a 1 de janeiro de 2025. [Htt://doi.org/10.17979/aarc.2019.6.0.6245](http://doi.org/10.17979/aarc.2019.6.0.6245).

presença, invocação, espera. De outro modo, não Lhe seria agradável e provocaria a Sua «ira», como anunciaram alguns dos profetas que viam no templo um sinal de contradição divina.

Mas uma casa aberta à oração e ao acolhimento de todos os povos e grupos sociais: pobres, doentes, estrangeiros. A beleza da casa de Deus são os cristãos, como refere Sto. Agostinho:

Assim como a nossa vista corporal se deleita com os edifícios feitos pelo homem, quando eles são construídos com elegância e magnificência, assim também, quando, quando pedras vivas [1Pd 2,59], os corações dos fiéis se unem pelo vínculo da caridade, é bela a casa de Deus e o lugar do tabernáculo da sua glória¹⁴¹.

Isto é, um lugar de oração onde se adorasse o verdadeiro Deus e cujo nome não sofresse qualquer desvio ou perversão idolátrica. Porque a chave do verdadeiro templo é o corpo de Cristo, morto e ressuscitado.

Jesus rompe a cultura da pedra – que é uma doença – para fazer do seu corpo de carne, morto e ressuscitado, o centro do culto em “espírito e verdade”, como diz a samaritana (Jo 4,21-24). O Verbo fez-se carne (Jo 1,1.14): o corpo é o templo espiritual donde mana a fonte de água viva (Jo 7, 37-39; 19,34). E daí a sua promessa: se alguém tem sede, venha a mim e beba ... A liturgia do novo templo é o exercício do sacerdócio de Cristo. Neste sentido, Pedro, na sua primeira carta, convida a entrar no verdadeiro templo, Jesus Cristo, como pedras vivas de um edifício espiritual, dedicado ao sacerdócio santo¹⁴².

Um lugar onde o ser humano se «assombre» perante a revelação da verdade de Cristo. Sobretudo, na condição da escuta da sua Palavra, o próprio método narrativo abre frestas no coração frágil de quem escuta: «Robustece-se quando é um discurso sobre o Deus possível naquela tenda onde à volta daquela fogueira, em elaboração de uma história, mais do que por meio de afirmações dogmáticas»¹⁴³.

A palavra bíblica ganha quando assume a forma do relato vivo, convocando à participação do ouvinte, à emoção, à liberdade de escolha, ao seguimento de Cristo, como afirma Jacques Dupont acerca do texto de Emaús (Lc 24, 13-359):

¹⁴¹ Santo Agostinho, *Sermões, I – Antigo Testamento (Sermões 1 – 50)*. Trad. José António Gonçalves (Fátima: Secretaria Nacional de Liturgia), 2022. Sermão 15,1, 266.

¹⁴² Félix de Carvalho, «Terebinto, Tienda, Templo, Cuerpo. Anamnesis mayéutica acerca da la poética en la arquitectura religiosa contemporánea». *Http://doi.org/10.17979/aarc.2019.6.0.6245*. 240.

¹⁴³ Ascenso, *A Mística do Arado*, 31.

Lucas não quer somente instruir, procura também comover. O episódio dos peregrinos de Emaús testemunha um talento literário consumado. O relato está cheio de vida, de subtileza psicológica. Os efeitos são habilmente dirigidos. Na simplicidade despojada, a redação atinge, deste modo um grau de emoção contida ou perturba o leitor. É com uma grande sensibilidade que o evangelista introduz a mensagem pascal nos corações. Vive-se ao mesmo tempo que se aprende¹⁴⁴.

A Palavra impacta, pronunciada do púlpito e na celebração do mistério da Páscoa, na celebração da memória da morte e ressurreição de Cristo. Quando celebrada na Santa Missa, o crente acolhe, pela fé, a Páscoa do Senhor. E projeta já, na verdade da celebração, a esperança escatológica. Esta experiência da beleza de Cristo apresenta-se, de forma originária e originante. Quando vivida na comunidade cristã de fé, na relação estabelecida com o outro, que interpela a responder no testemunho verdadeiro do Outro, que se manifesta com brilho e atrai.

O reconhecimento do fundamento último da fé dá-se, “para glória de Deus” e não para nossa consolação, segurança [...] A “última palavra” é de Deus e não nossa, [...] mas acolher a última Palavra que Deus diz [...] de Jesus Cristo. Palavra que não é dita propriamente contra as nossas palavras, mas a testemunhar nas nossas¹⁴⁵.

Quando a palavra de Cristo aparece no testemunho, isto é, acolhida, performativa e a operar na comunidade. Não tem fundamento na comunidade, mas é na comunidade que ela é «reconhecida, como atitude *doxológico*»¹⁴⁶.

Segundo K. Barth, ao assumir a condescendência (DV n. 12)¹⁴⁷ pelo ser humano, sobretudo na encarnação, Deus manifesta a sua glória, que é afirmar a sua dignidade e dar-se a conhecer como ele é: Deus amor. Que «suscita agrado», é «desejável e cheio de gozo»¹⁴⁸.

¹⁴⁴ Jacques Dupont, “Les pèlerins d’Emmaús (Luc XXIV, 13-35)”, em *Miscellanea Bíblica B*, Ubach, ed. Romualdo Maria Diaz Carbonell (Montserrat: Verlag, 1953), 371. Em João Alberto Correia, «Os relatos bíblicos: comunicação da fé construção da identidade cristã», (2021): 77-96. Em Luís M. Figueiredo Rodrigues (Org.) *A Edificação do tecido eclesial – Formação de agentes* (lisboa: Universidade Católica, 2021), 94.

¹⁴⁵ João Duque, *Homo Credens: para uma teologia da fé*, 2ª ed. (Lisboa: Universidade Católica, 2004), 255.

¹⁴⁶ Cf. Duque, *Homo Credens*, 255.

¹⁴⁷ Cf. Termo da autoridade dos padres gregos: *sunkatábasis*): “Tendo, portanto, Deus falado na Sagrada Escritura por meio dos homens e à maneira humana”. Em Sto. Agostinho, *De Civ Dei*, XVII, 6,2: PL 41, 537: CSEL XL, 2, 228.

¹⁴⁸ Josef Wohmuth, «Beleza/Glória», (2005):51-55. Em *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, Peter Eicher (Dir.) 2ª ed., trad. João Rezende Costa, George Ignacio Maissiat (S. Paulo: Paulus, 2005), 54.

Dá-se a conhecer como beleza no ser divino do mistério da Trindade. A beleza de Deus, o brilho, manifesta-se num homem da periferia: Jesus de Nazaré. Quando Jesus se entrega para cumprir a vontade do Pai, ao rebaixar-se, «é que recebe o seu próprio peso soteriológico»¹⁴⁹.

Do acontecimento da cruz, sobre a sua face, irradia a beleza de Cristo, que é a Sua Glória.

Quando o fiel participa na celebração litúrgica, em comunhão eclesial, toca e experimenta a beleza de Cristo que irradia da sua luz, inclinando-se para o peso divino em gestos, ações de caridade e testemunho missionário. Da pessoa de Jesus irradia a luz da Sua palavra ao assumir a expressão da carne, que é a sua comunicação próxima do humano. Deste modo, a realidade crística desafia o artista. Porque a sensibilidade do artista não pode opor-se à figura da beleza de Cristo:

Deverá apoiar-se, através de todas as ilustrações, na percepção da força de irradiação de Jesus de Nazaré e a partir dele – não importa em que mediação – decifrar os abismos do homem com os abismos de Deus (e vice-versa). No sentido que a arte é expressão do homem e do seu mundo [...] mas deverá deixar-se medir pelo homem de Deus Jesus de Nazaré¹⁵⁰.

É neste contexto de estética teológica que o artista se deve posicionar para responder ao desafio: edificar uma igreja, onde o ser humano possa experimentar, através da oração comunitária ou devocional, a experiência da divina Glória. Ao ser condescendente, Deus ergue o humano à condição da sua exaltação, abrindo-lhe a porta à verdadeira liberdade capaz de gestos de caridade recíproca.

¹⁴⁹ Wohmuth, «Beleza/Glória», 54.

¹⁵⁰ Wohmuth, «Beleza/Glória», 54-5.

Atinge-se o cerne da fé cristã, na medida que assenta na confissão de que, num “rosto” concreto da história, se torna presente e atuante o absoluto, assumindo nele todos os rostos concretos da história, sobretudo aqueles que, no *Ecce homo* desfigurado, se identificam com a manifestação *kenótica* do absoluto¹⁵¹.

1.2. *Uma casa para a Glória de Cristo.*

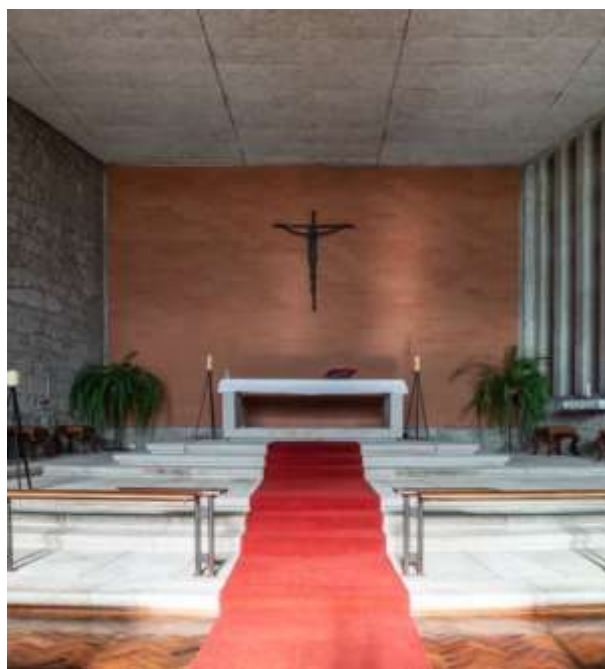


Fig. 20 - O altar em granito claro e paralelepipedal. O Crucificado na testeira do presbitério, representação sóbria, em fundo cerâmico. Fotografia de João Lopes Cardoso

«A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se pedra angular» Sl 118 [22]

A obra projetada da igreja de Águas implica, por parte do arquiteto e seus colaboradores, uma interpretação hermenêutica do texto da Sagrada Escritura, sobretudo a representação crística, na sua expressão teológica mais fidedigna: a transfiguração do Senhor na exaltação da manhã de Páscoa.

No prólogo do Evangelho de S. João, o Filho de Deus apresenta-se como o Logos da plena revelação de Deus Pai. Ao habitar entre nós, comunicou-nos todo o mistério que antes estava velado. «Deus é absolutamente a fonte original de todo o ser; mas este princípio criador de todas as coisas

¹⁵¹ Duque, *Homo Credens*, 252. Em citação de J. Werbick, *Den Glauben*, esp. 206s argumenta, no mesmo sentido e na esteira de J. B. Metz, recorrendo ao *a priori* do outro sofredor, como manifestação concreta do incondicionado e, por isso, como indício (pelo menos) de uma fundamentação última.

– o Logos, a razão primordial – é, ao mesmo tempo, um amante com toda a paixão de um verdadeiro amor»¹⁵². Constitui a fonte, a razão universal de toda a energia verdadeira comunicada ao humano. A revelação do Filho de Deus apresenta-se como a pedagogia de toda a ação purificada e oblativa para constituir a verdadeira fraternidade. «Deste modo, o *eros* é enobrecido ao máximo, mas simultaneamente tão purificado que se funde com o *agape*»¹⁵³.

Sendo a revelação do Altíssimo, como podemos edificar um lugar para adorá-Lo?

A casa significa a possibilidade de o humano ser livre para poder aderir ao verdadeiro Espírito de Deus. Acorarmos-nos no paradigma da experiência do exílio do povo de Israel, o reencontro com a verdade da História de Salvação: isto é, o regresso à liberdade oferecida como dom de Deus. «Se não for o senhor a edificar a casa...» (Sl 126,1) e, no sentido do apóstolo: «Foi assim que ele nos escolheu em Cristo antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis na sua presença, no amor» (Ef 1, 4).

Significa que só no movimento do amor, encontro antropológico em Deus, o ser humano edifica a verdadeira casa, como «o dom de Cristo vitorioso é o regresso à pátria e, possibilitada por isso, a edificação da casa, mas a casa chama-se “Igreja” [...] os dons individuais do Espírito, os carismas, podem ser assumidos no conceito de construção»¹⁵⁴.

Neste sentido, participar na construção da Igreja consiste em responder ao convite de Cristo para se sentar com Ele à mesma mesa. Ao escutar a Palavra que, ao ser pronunciada do ambão se faça palavra de vida. Esse é o itinerário que eleva o humano para Deus: a vida de fé que transforma quem dela partilha.

Como está representada, na igreja de Águas, a figura de Cristo? Que símbolos o manifestam? Há elementos estéticos que convocam e elevam o fiel a sentir a presença crística?

Foi afincada a preocupação do arquiteto Nuno Teotónio Pereira ser fiel ao Evangelho, a pedra de toque para orientar o trabalho de arquitetura da igreja. Sobretudo que não defraudasse a figura de Cristo, a presença da Sua glória na relação com os humanos. Ele pretendia criar um espaço que suscitasse agrado e gozo para erguer uma obra para glória de Deus.

¹⁵² Bento XVI, Carta Encíclica «Deus caritas est» (Deus é Amor), 2ª edição (Braga: Editorial A.O. Secretariado Geral do Episcopado, 2013), 22.

¹⁵³ Bento XVI, Carta Encíclica «Deus caritas est», 22.

¹⁵⁴ Joseph Ratzinger, *Caminhar Juntos Na Fé: A Igreja como «Comunhão»*, trad. Manuel Losa, S.J. (Braga: Editorial A. O.), 57.

Uma das representações é a figuração da cruz¹⁵⁵, símbolo da morte de Cristo para expiação do pecado da humanidade. Cristo está, especialmente, representado no altar, sempre que a comunidade se reúne para recordar a Páscoa do Senhor. Por isso, a igreja expressa neste símbolo os traços indelévels do paradigma cristológico.

No arco triunfal, do lado do evangelho, encontramos a imagem do Sagrado Coração de Jesus, símbolo da doação crística: *Deus caritas est*.

A igreja teria de ser moderna e ao serviço da atualização da liturgia da comunidade do seu tempo. A nova arquitetura não poderia ser o decalque dos modelos e estilos do passado, prática com a qual Nuno Teotónio Pereira se insurgira, diante das igrejas recentemente erguidas¹⁵⁶.

Tratava-se de construir uma igreja para a comunidade do povo de Águas e para a sua época, com pleno respeito pelas suas características: geografia física, relações económicas e sociais, atividades culturais nos tempos livres e nas festas, a sua música e folclore. A igreja destinava-se a uma comunidade concreta e, também, sinal de acolhimento para quem chegava, porque era católica. E, premonitoriamente, anunciava o programa do Manifesto do MRAR, que só emergiria em 1953.

Também não lhe era estranha a afluência de gente de outras povoações, à procura dos benefícios curativos da qualidade das suas águas termais¹⁵⁷.

O arquiteto Nuno Teotónio Pereira tomou contacto com a realidade cultural da povoação, condição essencial para quem desejava imprimir um cunho inovador e moderno à edificação e que tivesse impacto naquela comunidade local. Pretendia dotar aquela freguesia de um espaço de culto apropriado à época, cuja planta ocupasse uma adequada integração na paisagem geográfica local: orografia do terreno, arvoredo e casario urbano. Projetar uma igreja integrada e moderna para a povoação concreta da freguesia de Águas¹⁵⁸.

¹⁵⁵ Quatro exemplares: uma de pedra, no cruzeiro do adro; uma em ferro no cume do telhado do alçado este; uma em ferro no cume da junção das duas com a terceira água do telhado, a poente. E, no interior, a cruz de bronze na testeira do presbitério, visível a todos durante as celebrações litúrgicas. Para o fiel não esquecer a simbólica cristã: a doação do Deus-amor em favor da humanidade.

¹⁵⁶ Cf. Na. Sra. de Fátima, Lisboa, 1938, Pardal Monteiro; Na. Sra. de Fátima (Porto - 1936), projetada pelo grupo ARS (Cunha Leão, Fortunato Cabral, Morais Soares); Na. Sra. Da Conceição, Porto, de Dom Paulo Balot e, depois a igreja de Sto. António das Antas (Porto - 1944), da autoria de Fernando Tudela.

¹⁵⁷ Da importância das termas, lhe virá, necessariamente, o topónimo de *Águas*. Pelo reconhecimento dos efeitos terapêuticos das suas águas termais e, posteriormente, os recursos económicos daí provenientes pela troca de serviços prestados pelas gentes locais àqueles que ali afluíam à procura de cura e bem-estar.

¹⁵⁸ Destaque para os elementos que assinalassem a existência de um espaço de culto: torre sineira, adro e fachada.

Um novo estilo de construção, mas que, ao mesmo tempo, integrasse os elementos da casa beirã, onde o piedoso se sentisse familiarizado ao entrar na igreja¹⁵⁹. Sentindo-se parte do mesmo corpo e convocado para a vivência do sentimento religioso, abarcante e compreensivo. Todo o que entrasse na igreja de Águas, se sentisse acolhido e integrado na comunidade eclesial de fé, como um lugar de continuidade da sua própria casa.

1.3. A luz na arquitetura da igreja, símbolo de Cristo



*Fig. 21 - O impacto da luz natural a qualificar a espacialidade interior. Fotografia vista do coro-alto.
Fotografia de João Lopes Cardoso*

Eu sou o caminho, a verdade e a vida, diz o Senhor. Ninguém vai ao Pai senão por mim. (Jo 14,6)

¹⁵⁹ Cf. *Cronologia DGPC: DGEMN: DSID, Arquivo de Nuno Teotónio Pereira*: As deslocações à freguesia fazem parte do trabalho de campo de Nuno Teotónio Pereira, conforme correspondência trocada com o Mecenaz Domingos Megre. Este facto prova a necessidade e preocupação, por parte do arquiteto NTP, para fazer uma edificação integrada na cultura local das suas gentes. *PT NTP -TXT 00124 (1/2)* http://www.monumentos.gov.pt/_Pages/Users>SIPA. Acedido em 18/12/23. Mas no decurso dos trabalhos houve adesão “(...) dando uma viragem na opinião pública a favor (...) da igreja” *PT NTP -TXT 00124 (1/2)*.

A presença da luz natural, no interior da igreja de Águas, assume uma função de sinal e representação simbólica da presença de Cristo. Logo na escolha do assento, a luz define e aponta para o essencial da caracterização da edificação: na aceitação da cota da orografia do lote e sua integração física na paisagem envolvente, ganhando altura em relação ao entorno das outras construções urbanas. Destaque em altura para a planta da nave central, coro-alto e presbitério; os dois corpos anexos a norte, que lhe são acoplados, não se elevam das outras casas, criando também proximidade e ligação à casa tipo da freguesia. Porém, é no interior que a luz se define como fonte de matizes e torsões a confirmar a criação de uma ambiência densa de espacialidade espiritual. A entrada da luz transforma as formas geométricas da arquitetura, dialogando com os diferentes espaços e posição dos objetos, sobretudo através do efeito luz e sombra.

Ao longo do dia, a luz percorre o espaço interior e configura-o com diferentes modulações, responsável pela presença de uma atmosfera de vida e apelo às energias positivas.

Na travessia, o peregrino não experimenta apenas as agruras físicas provocadas pelas dificuldades de simples caminhante até chegar ao espaço sagrado. É condição ver e sentir o caminho, para poder avançar e descobrir o almejado horizonte. Assim, também a luz é um elemento essencial para criar um ambiente de concentração das faculdades psicológicas que propiciam e facultam a emergência da espiritualidade. A orientação da luz para o interior do edifício é recolhida de forma indireta e de efeito cruzado.

Na igreja de Águas, há duas entradas predominantes de luz que caracterizam o espaço interior: a entrada da luz do lado este, por meio de dez frestas retangulares, que iluminam, de forma indireta, o altar-mor. Que permite a leitura e a concentração do fiel. Depois, a entrada da luz da fachada principal, a poente/noroeste, feita por meio de uma grelha de verga reta em pedra, que perfaz e emoldura o vidro, permite a iluminação do coro-alto e interior de toda a nave central, atravessando o arco triunfal e altar-mor.

Esta luz poente cruza-se no presbitério com a luz coada recolhida de leste, criando, no altar-mor, uma atmosfera de tranquilidade adequada à espiritualidade e a qualificar a ação celebrativa dos santos mistérios crísticos. A receção da luz, no interior da edificação, desempenha um efeito simbólico convocando a concentração, energia e envolvimento do fiel à adesão e partilha na ação religiosa ali vivida. Durante a liturgia, quer a luz da manhã a entrar do lado nascente¹⁶⁰ quer a luz

¹⁶⁰ Com uma simbologia ligada ao sentido da vida, ao despertar de todas as forças da natureza, ligado à criação, aos ritos de crescimento. O Sol que tudo ilumina e aquece. «Se lhes envias o teu espírito, voltam à vida. E assim renovas a face da terra». Sl 104 ([130]).

da tarde do poente, são responsáveis pela criação de um ambiente que impacta o fiel ao acolhimento do mistério religioso e seu desvelamento.

Deste modo, somos convocados a entrar no portal do sagrado, solicitados pelo efeito de calor interior; a luz ocasiona a convocação da estética teológica materializada no apelo e despertar da fé e transcendência do *homo credens*.

Neste âmbito, a organização do espaço é essencial, para poder configurar a identidade do sagrado: a implantação integrada na paisagem física e os critérios simbólicos de orientação que presidem à edificação de uma igreja de nordeste-noroeste, para que a igreja possa receber a luz dos primeiros raios de sol da manhã e se despedir até ao entardecer. Quando a porta principal se abre, a luz cresce para o interior e ganha corpo com a comunidade reunida, eleva-se em canto uníssono de louvor e graças por toda a criação.

Rememoramos a importância desempenhada pela luz na construção das catedrais do século XII. A valorização do estudo da teologia, com recurso ao método racional, para interpretar a Escritura. Pois, a valorização *do ratio* nas escolas das catedrais, com a integração da cultura clássica e a dialética ali praticada, abria-se como uma nova chave de interpretação da verdade velada da Escritura. O *ratio* permitia ao ser humano ver em Cristo a verdade velada e já figurada no AT. Mas, agora, a verdade descoberta, a verdadeira vida que brota do amor de Deus «o Verbo era a luz verdadeira que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina» (Jo 1,9).

Apesar da teologia da época se apoiar na razão, entendida como iluminação, não deixava de se confiar ao amor de Deus, como a fonte, segundo a qual as catedrais passaram a ser melhor construídas.

A luz do sol material não é em nós o fruto do nosso esforço de apreensão, mas por si mesma se espalha sobre nós para que a gozemos. Do mesmo modo nos aproximamos de Deus na medida exata em que ele próprio se aproxima de nós, dando-nos a sua luz e o calor do seu amor¹⁶¹.

Sobretudo, o sentido simbólico atribuído por S. João evangelista à luz, como representação simbólica de Cristo, o Verbo, a verdadeira comunicação de Deus. E testemunha com o «eu sou», um valor de essência da revelação, o «caminho», a «verdade» e a «vida» (Jo14,6). Porém, a interpretação da simbólica da luz sofre uma evolução desde a programação das primeiras catedrais do românico (Saint-Denis, em Paris), definida pela ostentação e brilho propiciado pela utilização de materiais nobres: ouro e pedras preciosas, depois, para uma valorização assente na própria materialidade da sua construção de natureza mensurável, geométrica e matematizável.

¹⁶¹ Georges Duby, *O Tempo das Catedrais - A Arte e a Sociedade, 980-1420*, trad. José Saramago (Lisboa: Editorial Estampa, 1979), 120.

O universo deixa de ser um conjunto de sinais onde o imaginário se perde, reveste-se duma figura lógica que a catedral tem por missão reconstruir situando no seu lugar todas as criaturas visíveis. Passa a competir ao geómetra, pela ciência dedutiva das matemáticas, transpor para o concreto, encarnar na pedra o fantástico aéreo da Jerusalém celeste, que os vitrais de Saint-Denis continuam a evocar nas suas irradiações luminosas¹⁶².

A catedral passava a ser compreendida como uma construção técnico-científica exigente, porque submetida à mensurabilidade, à regra de ouro¹⁶³, possibilitando uma melhor percepção sensorial e racional de o humano tocar a esfera do transcendente.

1.4. *Arquitetura da igreja de Águas em diálogo com as outras artes*



Fig. 22 - Arquitetura preside à orientação das outras artes convocadas. O efeito da luz poente e as cores no interior. Vista do lado esquerdo do coro-alto. Fotografia de João Lopes Cardoso

Da modernidade internacional se importa uma nova liberdade de combinação de materiais e sua exploração. Pela combinação da escultura, pintura e arquitetura procura-se, numa interação combinada, a consecução dum objetivo comum: criar um espaço de elevada qualidade espiritual, denso, vibrante. Onde a arquitetura preside à orientação das outras artes convocadas.

¹⁶² Duby, *O Tempo das Catedrais - A Arte e a Sociedade, 980-1420*, 121.

¹⁶³ Cf. Presente nas catedrais góticas de Notre-Dame de Paris e de Chartres (França)

O objetivo é edificar um ambiente de acolhimento interior, lugar de silêncio fértil, densidade psicológica, que desperte o sentimento religioso do encontro pessoal e comunitário com o divino.

É neste contexto de motivação que situamos a execução da nova igreja da freguesia de Águas. A utilização da cor, com diferentes tons, sobretudo o tom creme aplicado na parede cega da nave central combinada com o rodapé de pedra silhada à altura de metro e meio e, ainda, a sobreposição das figuras da via sacra em tons de ocre, contribui, na justa combinação do jogo de tom claro-escuro e matizes quentes, para recriar um lugar de contenção sensorial, recolhimento e silêncio fecundo.

Entre o arquiteto e os outros artistas convocados: escultor e pintor, houve uma combinação e qualidade por produzir um lugar teológico na igreja de Águas.

Foi desejo de Domingos Megre, pessoa viajada, culta e de sensibilidade artística, a iniciativa de construir uma igreja moderna, onde o fiel pudesse despertar e crescer na fé cristã.



Fig. 23 - Conservação da antiga igreja e a localização da igreja moderna de Águas. Fotografia de João Lopes Cardoso

Inicialmente, pensou-se construir a nova igreja no assento da antiga, porém, a população opôs-se com grande resistência. Assim, decidiu-se, em harmonia com as partes envolvidas, optar por conservar a antiga¹⁶⁴. E edificar uma igreja nova e moderna, em terreno cedido pela família Megre, em lote no extremo da propriedade, à distância de cinquenta metros da antiga.

¹⁶⁴ Cf. PT NTP -TXT 00124 (1/2) http://www.monumentos.gov.pt/_Pages/Users>SIPA. Acedido em 18/12/23. Atualmente, a antiga igreja desempenha a função de capela mortuária.

Diante da hipótese da demolição do antigo templo, a comunidade local manifestou desconforto e reagiu à mudança¹⁶⁵. Este facto manifesta o relevo que o templo representa para a comunidade dos crentes. Pois é um lugar sagrado, qualificado em relação à homogeneidade dos outros espaços. A descoberta¹⁶⁶ de

um espaço sagrado assegura para o futuro a perseverança desta sacralidade. [...] O lugar transforma-se, deste modo, numa fonte inesgotável de forças e de sacralidade que permite, [ao humano], na condição que ele ali penetre, tomar parte nessa força e comungar nessa sacralidade¹⁶⁷.

A sua edificação representa um desafio do trabalho humano, porque instala um paradoxo: centrado em Deus, mas edificado pelo humano. «Para o homem religioso, o espaço não é homogéneo; apresenta ruturas, frestas, há porções de espaço qualitativamente diferentes dos outros»¹⁶⁸. Ao predispor-se a construir uma casa para Deus, o humano sente sobre si o enorme peso de responsabilidade. As descrições bíblicas não nos deixam dúvida, Deus propiciava a construção do templo de forma que se adequasse à sua divindade.

Na expressão do arquiteto Ludwig van der Rohe: «Deus está nos detalhes»¹⁶⁹. Só uma atitude de diálogo humilde é digna do humano diante desta tarefa. «Não vim para ser servido, mas servir» (Mt 20, 28). Um templo que não desfigure o próprio Deus, mas que o honre e lhe faça justiça. Esta preocupação, de acolher Deus, sentiu David diante do profeta Natã: «Eis que habito num palácio de cedro, e a Arca da aliança do Senhor está debaixo de uma tenda.[...] Nunca habitei em casa fixa, desde o dia em que tirei Israel do Egito até hoje, mas tenho andado de tenda em tenda, de morada em morada» (1 Cron 17, 1-6)¹⁷⁰.

O que preexiste à construção do templo é a ideia de cosmos contra o caos, fixar um ponto que eleve o humano à relação com o transcendente. E, a partir deste ponto fixo, «*axis mundi*»

¹⁶⁵ Cf. PT NTP -TXT 00124 (1/2) http://www.monumentos.gov.pt/_Pages/Users/SIPA. Acedido em 18/12/23. Mas no decurso dos trabalhos houve adesão “(...) dando uma viragem na opinião pública a favor (...) da igreja” PT NTP -TXT 00124 (1/2).

¹⁶⁶ «O lugar nunca é escolhido [pelo humano], ele é simplesmente, “descoberto” por ele” [...] O espaço sagrado *revela-se-lhe* por uma outra forma». Em Van der Leeuw, *Phänomenologie der Religion*, 375. Citado por Mircea Eliade, *Tratado de História das Religiões*, trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes, 1ª edição (Lisboa: Edições Asa, 1992), 458.

¹⁶⁷ Eliade, *Tratado de História das Religiões*, 456-7.

¹⁶⁸ Mircea Eliade, *Le sacré et le profane* (Paris: Éditions Gallimard, 1965), 21.

¹⁶⁹ Citado por Félix de Carvalho, «Terebinto, Tienda, Templo, Cuerpo. Anamnesis mayéutica acerca da la poética en la arquitectura religiosa contemporánea», 236.

¹⁷⁰ Porém, não foi David que construiu o templo para o Senhor, mas Salomão.

permitir «fundar o mundo para nele viver realmente»¹⁷¹. Assim se explica o trabalho de exigência e participação do arquiteto, tratava-se de edificar uma morada onde Deus pudesse habitar. E o humano pudesse nela participar dos dons que Ele oferece.

«O Senhor é a minha luz e salvação
de quem terei medo? Sl 27(26), 1».

Na arquitetura da igreja de Águas, desde o anteprojeto, ao projeto e sua efetiva execução, houve um elevado nível de exigência na procura das melhores soluções: combinar forma com o conteúdo religioso, sobretudo os símbolos cristãos. A construção física deve projetar a luz verdadeira de Deus «a que ilumina todo o homem» (Jo 1, 9).

O objetivo era produzir uma obra autêntica que respondesse e elevasse a religiosidade do crente, sobretudo plasmada nos documentos produzidos pela Igreja Católica da época¹⁷². Para a liturgia romana, a arquitetura religiosa do MRAR seguia de perto as diretivas do episcopado alemão¹⁷³.

A edificação da igreja de Águas constitui-se como um marco de mudança, inspiração e alento do futuro MRAR. Dotada de um novo estilo.

A continuidade de um estilo nunca se processa sem lacunas; de facto, é interrompido por cada novo progresso, embora se não possa dizer ter-se perdido enquanto qualquer das realizações desse estilo específico persistir¹⁷⁴.

A inspiração surgiu nos modelos das igrejas modernas europeias, sobretudo de Le Corbusier e do brasileiro Oscar Niemeyer. Essa adesão à arquitetura moderna, como uma vanguarda necessária, era reforçada por Nuno Teotónio Pereira. «Tínhamos muita informação, porque assinávamos revistas de arquitetura religiosa, e porque fizemos viagens a vários países para ver igrejas que se tinham construído recentemente, como em Itália»¹⁷⁵.

¹⁷¹ Cf. Eliade, *Le sacré et le profane*, 21.

¹⁷² Cf. O movimento litúrgico desempenhou um relevante papel, que implicava uma nova configuração do espaço da liturgia para uma Igreja solidária e serva. A liturgia assente na celebração da comunidade, na presença de Cristo, sobretudo, na oferta das boas ações na consagração, em união ao sacrifício de Cristo na cruz.

¹⁷³ Cf. Comissão de Liturgia da Conferência Episcopal Alemã. *Linhas orientadoras para a construção e organização de espaços litúrgicos*, trad. Vítor Coutinho. (Coimbra: Gráfica de Coimbra, s.d.).

¹⁷⁴ Arnold Hauser, *Teorias da arte*, 2ª ed., trad. F.E.G. Quintanilha (Lisboa: Ed. Presença, 1978), 178.

¹⁷⁵ Cf. Nuno Grande, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, 23

O financiamento da edificação coube ao seu mecenas¹⁷⁶. De facto, sobre o projeto da construção da igreja, a povoação da freguesia de Águas não foi consultada e, consequentemente, a sua intervenção e ajuda económica na edificação foi residual.

E conforme depoimento da antiga governante da Casa Megre, Isabel Maria Próspero e, em jeito de conclusão, é com visível tristeza que salienta a postura do povo face à obra: para além de não contribuírem com nada, a população menos instruída ainda criticava, pensando que se tratava de um café ou restaurante, havendo apenas uma parte mais instruída que acharam a obra uma arquitetura revolucionária, acrescentando que ainda hoje há quem critique a igreja¹⁷⁷.

Deste depoimento concluímos a quem atribuímos os méritos da edificação desta igreja. Também somos informados do modo como o comum da população se posicionou face à nova forma arquitetónica: depreciando e, pela forma inovadora e revolucionária como emergia, a catalogou com epítetos mais adequados a modelos de arquitetura profana: um «café», um «restaurante», um «cinema».

No entanto, como já nos referimos, anteriormente, o arquiteto soube integrar, na nova igreja de Águas, elementos de agregação: os materiais (pedra, telha, madeira, vidro e ferro, em uso na casa da Beira Baixa) e os saberes técnicos dos operários locais (pedreiros, serralheiros, carpinteiros e vidraceiros).

O recurso a estes fatores contribuiu para desbloquear a resistência da povoação. Pois, em curto espaço de tempo, houve a sua aceitação. E, com o suceder dos anos, a nova arquitetura da igreja foi assimilada e ganhou novo corpo na freguesia de Águas e nas congéneres vizinhas¹⁷⁸. Atualmente, os habitantes locais orgulham-se da sua nova igreja¹⁷⁹, *ex-libris* da arquitetura religiosa local e nacional.

Neste contexto de controvérsia, relevamos a capacidade de diálogo, o modo exímio como o arquiteto Nuno Teotónio Pereira racionalmente levou a obra a bom porto. Na troca de

¹⁷⁶ Cf. Catana, *Artistas da Nossa Terra II*, 40. Conforme informou o Feitor da Casa Megre: «Ficámos a saber que a construção da igreja foi custeada, quase na totalidade, pela Casa Megre. O povo de Águas contribuiu apenas com algumas jeiras a transportar as cantarias da pedreira para a obra».

¹⁷⁷ Canoso (Coord.), *Igreja de Águas*, 12.

¹⁷⁸ Compreendemos a razão da defesa da antiga igreja, vencer o risco de uma rutura com a tradição religiosa dos antepassados. Reconhecia-se a presença de uma *gravitas memoriae*, assente no testemunho simbólico de uma fé vivida e celebrada.

¹⁷⁹ Em diálogo local com o povo, referem, com orgulho e saudade, o facto de ali terem sido batizados, participado na comunhão solene ou contraído o sacramento do matrimónio (fonte do Facebook).

correspondência com Domingos Megre, face a reparos ou sugestões diferentes, soube manter um diálogo de cariz pedagógico. Sobretudo, defendendo e protegendo a qualidade da arquitetura: inovadora, integrada e fiel aos princípios de época moderna. Criar um estilo de igreja que fosse «autêntica» e não com preocupação de «monumentalidade»¹⁸⁰.

Um espaço convidativo que convocasse todo o ser humano ao encontro de Cristo. Tratava-se de acolher a pessoa comum daquela localidade, a igreja seria, no estilo, uma continuação e transformação da casa do comum dos habitantes. Espaço onde se sentissem familiarizados e com vontade de permanecer no seu interior.

2. Caracterização da arquitetura do exterior



Fig. - 24 Integração da torre sineira, fachada principal e cruz de ferro a identificar a igreja. Fotografia de João Lopes Cardoso

A igreja de Águas situa-se no ponto nordeste da freguesia, encimada ao agregado urbano, do qual se destaca a torre sineira a nordeste. Segundo o arquiteto, houve a preocupação por constituir uma edificação com certa nobreza e dignidade, porém, fora da monumentalidade¹⁸¹.

¹⁸⁰ Cf. PT NTP -TXT 00124 (1/2) http://www.monumentos.gov.pt/_Pages/Users/SIPA. Acedido em 18/12/23.

¹⁸¹ Cf. Nuno Teotónio Pereira, Nova Igreja de Águas Anteprojeto: Memória (Documento Datilografado). (S.I.: s.n.) pp.1-9. Acessível no Arquivo do SIPA (Sistema de Informação do Património Arquitetónico). Sacavém, Portugal. Citado por Ana Luísa Sanches Silva, «Arquitetura religiosa moderna em Portugal: o caso do atelier Nuno Teotónio

Da leitura dos primeiros desenhos, há o propósito de evitar qualquer estilo que imitasse o passado e, sobretudo, uma arquitetura que respondesse às exigências religiosas e litúrgicas do cristão da sua época. O propósito era seguir um novo modelo que refletisse o novo código linguístico universal da modernidade, que fosse capaz de convocar o fiel para uma vivência autêntica do Evangelho. Ao observarmos a arquitetura da igreja de Águas, podemos confirmar os traços nítidos de modernidade em várias peças: a fachada principal nas suas linhas sóbrias e bem definidas conferem-lhe singularidade e alguma nobreza.

Na fachada optou-se pela escolha de uma simetria equilibrada dos três panos que a constituem: o pano principal em empena truncada, encimado em linha pelo destaque do beiral em pedra e telha sobreposta, sem caleira. Depois a inclinação lateral, em simetria em relação ao eixo central da nave, os laterais cegos e pintados em cor branca e, depois a terminar em pedra, em alheta nos cunhais.

A inovação do alçado do pano principal resulta da configuração do nártex: com três vãos rasgados e cujo lintel se caracteriza por verga abatida, onde se fixam os três portões de grelha em ferro forjado de cor verde escuro. Destaque para a originalidade da grelha quadrangular em cantaria, que se ergue acima do nártex, não configurando a forma de rosácea¹⁸², própria das catedrais assume uma aérea leveza, constituída por longilíneas aberturas verticais de entrada de luz para o coro alto e interior da nave central.

A fachada lateral esquerda/norte constitui-se como um corpo acoplado à nave central, mais baixa e, internamente, executa e integra a nave adjacente, mais sóbria e a imitar o casario da povoação. De forma a receber a luz, para o interior, o vão do telhado é rebaixado para dar lugar aos doze vãos, que permitem a recolha da luz natural que, embora fraca, permite um efeito de luz coada, cruzado para a nave central.

O anexo acoplado corresponde, interiormente, ao batistério, em meia empena e disposta de forma oposta à nave adjacente. E abre a noroeste uma porta de verga reta e dois vãos para janelas quadrangulares. A fachada direita/sudeste tem a nave cega e, na zona da capela-mor, contém dez vãos verticais rasgados por cantaria, que formam frestas de entrada de luz. A fachada posterior limita em empena e no topo tem uma cruz latina em pedra.

Pereira». Revista Arquitetura Lusíada. Nº8 (2º Semestre de 2015), 157. Em <http://hdl.handle.net/11067/5395>, acedido em 25 de novembro de 2023.

¹⁸² As igrejas das freguesias vizinhas, assim como a igreja de Na. Sra. da Póvoa, apresentam, na fachada, uma rosácea elaborada pelo mesmo Mestre de obras, João Cartola.

2.1. A torre sineira



Fig. 25 - A separação da torre sineira através do muro contíguo a ligar à igreja. Fotografia de João Lopes Cardoso

A torre sineira, pela sua elevação e destaque, está associada ao significado de poder e de proteção que, por necessidade à sua guarda, alguém se acolhe. Também, na igreja, a torre manifesta um sentido simbólico e religioso. Na Bíblia, o significado de segurança e proteção está associada ao poder manifestado por Deus a favor do seu povo eleito. E está presente sobretudo nos salmos de louvor:

«Eu te amo, ó Senhor, minha força.
O Senhor é minha rocha, fortaleza e proteção;
meu Deus é o abrigo em que me refugio,
o meu escudo, o meu baluarte de defesa» (Sl 18, 2-3).

«Senhor, Tu és o meu refúgio,
a minha cidadela, o meu Deus, em quem confio!» (Sl 91 [90], 2).

No panorama da geografia local, a igreja ocupa um lugar destacado a nordeste, numa colina a culminar a freguesia.

Ao deslocarmo-nos à igreja de Águas para a fotografar e, sobretudo, contemplarmos um espaço de celebração litúrgico, seguimos pela estrada nacional de Penamacor - Castelo Branco.

A sete quilómetros, à esquerda, uma placa sinalizava a freguesia de Águas e, à vista, numa colina, em aglomerado *habitat*, somos surpreendidos por uma torre sineira, que fazia a identificação da igreja. Somos convocados para um seguimento, projetar o corpo «o caminho que conduz à casa é frequentemente uma subida. [...] há sempre elementos cinestésicos»¹⁸³.

Fizemos a travessia da ribeira das Taliscas pela ponte e, a uns cento e vinte metros, uma placa sinalizava as termas, à direita, a cerca de trezentos metros.

A torre sineira anunciara-se à esquerda. Embrenhados no casario contíguo da freguesia, via nordeste da freguesia depois de passarmos a igreja velha, à esquerda, do lado oposto a Casa Megre, eis-nos junto ao adro da igreja.

O arquiteto informa a situação geográfica da torre: «A cinco metros do cunhal da sacristia e no alinhamento da parede desta, conforme esquema que junto. Mas propriamente junto ao portão da quinta e entrada para o lagar há duas hipóteses (...)»¹⁸⁴.

A torre sineira está desligada à distância de sete metros da igreja, a nordeste, na continuação frontal com o muro da quinta da propriedade dos Megre. «Concretiza a relação entre a horizontalidade da massa e do peso da construção da igreja, na relação da terra com o céu»¹⁸⁵.

Assim, a torre funciona como um contraste e uma variante em relação à igreja, daí resultando a valorização de ambos os motivos que ajudam a contextualizar e a definir a igreja como um corpo arquitetónico expressivo e funcional. Obter para o conjunto uma silhueta mais nítida, afirmando-se ela própria com maior vigor, sem ter uma altura muito grande, e deixando intacto o volume da igreja¹⁸⁶.

A casa que se edifica, levanta-se do chão para se definir «vai da terra para o céu. Tem a verticalidade da torre, elevando-se das mais terrestres e aquáticas profundezas até a morada de uma alma que acredita no céu»¹⁸⁷.

Apresenta uma planta retangular, com elegância e destaque. A parede central tem pintura a branco. Tem quatro lanços de escada, que se apresentam abertos, tipo portais e moldurados em

¹⁸³ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 85.

¹⁸⁴ Cf. (PT- NTP – TXT 00124(1/2) a 26 de março o arquiteto informa a localização da torre. <http://hdl.handle.net/11067/5395>, acedido em 25 de novembro de 2023.

¹⁸⁵ Tostões. *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*, 103.

¹⁸⁶ Nuno Teotónio Pereira, *Nova igreja de Águas*, 9. Em Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*, (2014), 107.

¹⁸⁷ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 42.

cantaria e com guarda de ferro. No cimo e virado a noroeste apresenta uma sacada, com proteção completa, que integra a caixa de relógio.

2.2. *O adro e seu contexto arquitetónico*



Fig. 26 - Enquadramento da igreja na paisagem local, no extremo da propriedade cedida pela família Megre. Fotografia de João Lopes Cardoso

A leste da torre e a escassos metros desta, paralela à estrada, defrontamo-nos com a igreja de Águas, à nossa direita. Na mesma cota da estrada, entramos no adro, com um arranjo em calceta inserida em guias de pedra de forma longitudinal que nos orientam para a igreja. O adro constitui um recanto, limitado por um muro da Casa Megre, espaço de transição do social para o espaço do ‘dedicado’. No adro apresenta-se um cruzeiro em pedra de cantaria, e, na base de pedra, incrusta-se uma cruz latina, de braços quadrangulares. Contém, ainda, bancos de descanso junto ao muro e três árvores de adorno de pequeno porte.

Esta forma de apresentar o adro, como uma eira, respondia à forma do reconhecimento da identidade rural da população de Águas e permitia a interação coloquial antes das cerimónias religiosas. Assim, o compasso de espera no adro prepara e antecipa o desejo de viver existencialmente os mistérios celebrados no interior da igreja. No movimento de fora para o interior do templo, já se vive o sentido de uma peregrinação interior, prelúdio da experiência religiosa que se espera experimentar.

2.3. O Nártex

É uma peça arquitetónica que faz parte da fachada principal e dá acesso ao espaço interno da igreja. Apresenta-se com paredes em cantaria e o pavimento feito de lajes em pedra. Fechada por meio de portões em ferro forjado em cor verde escuro. É um espaço de transição, com sentido de resguardo. O nártex insere-se no rito de passagem do profano para o '*dedicado*'. Se por um lado separa, pois tem portas em forma de grelha, por outro permite a continuidade iniciada no adro. A transição do nártex para o interior da igreja processa-se, habitualmente, através de duas portas laterais e, em casos especiais, por necessidades de cerimónias litúrgicas, abre-se a porta central, no eixo do altar, que é mais larga. As portas de acesso do nártex à nave central são em madeira de castanho, e os fechos e maçanetas em ferro muito bem desenhados e permitem o acesso direto para a nave central.

A passagem do profano para o sagrado. Entre o fora e o dentro, há o rito de passagem feito pelo nártex¹⁸⁸.

O limiar que separa os dois espaços indica ao mesmo tempo a distância entre os dois modos de ser, o profano e o religioso. O limiar é por sua vez o limite, a fronteira que distingue e opõe dois mundos, e o lugar paradoxal onde estes mundos se comunicam, onde se pode efetuar a passagem do mundo profano ao mundo sagrado¹⁸⁹.

O limiar indica um ponto de chegada, mas também uma viragem. «O homem é um ser entreaberto [...] a porta é todo um cosmos do entreaberto. [...] o umbral é uma coisa sagrada»¹⁹⁰

O viajante é desafiado a experimentar uma nova realidade. Porém, ao transpor-se no espaço «a porta mostra de uma maneira imediata e concreta a solução de continuidade do espaço; daí a sua grande importância religiosa, porque se trata de um símbolo e, ao mesmo tempo, de um veículo de passagem»¹⁹¹.

Deslocar-se no espaço, sair de um ponto para outro, viajar, é uma ação inerente ao ser humano. A errância é a utopia da descoberta. Mesmo parados, o olhar, o olfato, o desejo liberta-nos da fixidez do corpo. Ao deslocarmo-nos no espaço, também saímos de nós: objeto e sujeito de uma

¹⁸⁸ Os diferentes nomes convocam um enriquecimento semântico desta peça arquitetónica: pronau, vestibulo, átrio, galilé, paraíso, antecâmara.

¹⁸⁹ Eliade, *Le sacré et le profane*, 24.

¹⁹⁰ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 225.

¹⁹¹ Eliade, *Le sacré et le profane*, 24.

metamorfose. A necessidade de não sermos apenas nós, mas o desejo de ir ao encontro de uma alteridade que seja o oásis da travessia do deserto.

Da relação social operada no adro da igreja, nasce uma atmosfera de calor humano, embora imanente, mas que antecede uma relação de passagem para o transcendente. O compasso de espera no adro prepara e antecipa o desejo de viver existencialmente os mistérios celebrados no interior da igreja. Há no verbo peregrinar uma densidade religiosa. O esforço físico sofrido no percurso lança o peregrino para a frente, na procura de saciar a fome, a sede, para ancorar-se num porto de abrigo.

2.4. *Telhado e alçados*

Atendendo ao seu modo de articulação e volumetria, o telhado apresenta-se num desenho panorâmico diferenciado: de duas águas na capela-mor, de três águas na nave principal, com uma água na nave adjacente e anexo. Este de meia empena, em oposição à nave adjacente, com porta de umbreira reta a noroeste e rasgada por duas janelas quadrangulares. As duas naves da igreja são rematadas em beiral simples. Na cumeeira de três águas da nave central, ergue-se, num plano recuado à fachada poente, uma cruz latina em ferro.

O alçado voltado a noroeste, alçado principal, é constituído por três panos, os dois laterais rebaixados em relação ao plano que ocupa a cornija, pintados em branco e terminados em pedra e alhetas nos cunhais, em plena simetria ao eixo central. O pano central apresenta-se em esquadria ou empena reta, com a cornija avançada, linha reta e sem caleiro. Ao nível da entrada, apresenta três vãos, de verga abatida, que constituem a abertura do nártex e, por cima, abre-se uma estrutura seccionada com vãos verticais em pedra, que é preenchida por vidros para a entrada da luz natural no interior do coro-alto e na nave central.

A fachada lateral esquerda tem a nave principal rasgada, superiormente, por janelas jacentes, em grupos de três, separadas por prumos de cantaria, e continua com a nave adjacente com o batistério rasgado por três vãos retangulares e, cada uma das capelas laterais, por janela quadrangular. A fachada lateral direita tem a nave cega e a capela-mor rasgada, quase de alto a baixo, por dez lumes estreitos e longilíneos, separados por prumos de cantaria. A fachada posterior termina em empena e é encimada por cruz latina de cantaria.

3. Arquitetura interior convoca os símbolos cristãos



Fig. 27 - Orientação e disposição convergente do espaço interior da nave para o altar a convocar a assembleia. Fotografia de João Lopes Cardoso

«É preciso apenas saber que o amor é uma orientação, e não um estado de alma. Se ignorarmos isso, cairemos no desespero ao primeiro ataque da infelicidade»¹⁹².

Depois de solicitarmos a chave, entramos pela porta da sacristia, situada a noroeste, e acedemos ao espaço interior, com uma iluminação coada de luz natural. Descemos a nave central e dirigimo-nos para a porta da entrada principal. Depois orientamos o olhar para o presbitério, com a luz natural indireta procedente de leste, que ilumina a mesa do altar, sobrelevada, em cantaria. Na testeira da capela-mor, forrada a cerâmica avermelhada, emerge sobreposta a imagem do Crucificado.

Do lado do Evangelho, à direita, destaca-se o lugar do ambão, tipo púlpito, inserido num painel frontal para a nave em madeira e, em cantaria, com guarda completa também em pedra e ferro. Da porta principal percecionamos as duas naves, a central e a adjacente, a noroeste. Separadas por pilares de cantaria, lugar de circulação entre ambas. A nave central é ampla, em forma de leque em direção ao altar, pavimento em taco de madeira e a distribuição dos bancos de madeira em tola.

¹⁹² Weil, *Espera de Deus: Cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942*, 99.

A nave adjacente, situada do lado Evangelho, mais baixa e estreita, inicia com o batistério rebaixado, pavimento em cantaria, que continua com as três capelas laterais¹⁹³.

Por cima do nártex, e a toda a largura da nave central, situa-se o coro-alto, acedido pelo lado direito em escada em pedra, com guarda em ferro no segundo lanço. Do coro-alto, o crente beneficia de uma focalização completa do espaço interior da igreja. Por um processo de conjugação harmonizado à escala humana, contextualiza-se a nave central em harmonia e alinhamento oferecido pelo teto de textura uniformizada em plena convergência com o altar. E fixamos o olhar na curvatura do Crucificado, uma cruz sóbria de bronze escurecida.

Porém, a luz não nos deixa distrair, todos os elementos arquitetónicos se orientam para um espaço de eleição e brilho: o altar. O lugar da convergência da simbólica cristã, a assunção da fé da comunidade em celebração eucarística, a experiência da memória crística. Um desenho despojado, de linhas simples e nuas, ao serviço da simbólica crística.

Esta reconfortante moderação está completamente ao serviço de uma conceção que vê “no altar uma imagem de Cristo” – assim o descreve a “Dedicação do altar” – de tal forma que nada desvie do seu verdadeiro significado¹⁹⁴.

Atendendo à conjugação dos diferentes elementos arquitetónicos e seu destaque simbólico, sentimo-nos em presença de um lugar qualificado que nos move e nos orienta para o sagrado. Com recurso à distribuição e organização das diferentes peças arquitetónicas, há a preocupação por inovar e harmonizar. O mesmo se verifica em relação às diferentes opções decorativas, escultura e pintura.

A cor é entendida como elemento determinante da expressão plástica, quer aplicada diretamente quer resultante da profusão de materiais utilizados nas suas tonalidades próprias. É o resultado da desejada integração das três artes, com que todas, tanto a arquitetura como a escultura ou a pintura contribuíam na sua especificidade para a formalização da obra total. [...] Frederico George estuda as cores da igreja de Águas pintando o teto de cortiça em azul¹⁹⁵.

As peças individuais, com a aplicação da cor aos diferentes panos, ganham expressividade e integração. Que, em conjugação com o efeito da luz, emerge uma espacialidade sensível aos sentidos capaz de despertar emoção e dar lugar ao sentimento religioso do crente e do não crente.

¹⁹³ Segundo Isabel Maria Próspero, ao projeto inicial refere que não constava a construção das três capelas, porém, a família Megre fez questão de as acrescentar. Em Canoso (Coord.), *Igreja de Águas*, 12.

¹⁹⁴ Richter, *Espaços de igrejas e imagens de Igrejas*, 94.

¹⁹⁵ Tostões, *Os Verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 148.

As imagens devocionais de Na. Sra. de Fátima do lado direito e a imagem do Sagrado Coração de Jesus do lado do Evangelho encontram-se na confluência da nave central com o estreitamento da entrada no presbitério, precedendo o «arco triunfal». «As imagens estão sobrepostas numa frontaria de pedra aparente»¹⁹⁶. Estão colocadas lateralmente, em atitude de discrição, reforçam e preludiam a importância que assume o altar, peça arquitetónica essencial para o qual toda a configuração da igreja aponta, como objetivo teleológico, um desiderato expresso e repetido pelo arquiteto Nuno Teotónio Pereira¹⁹⁷.



Fig. 28 - Focalização do interior: a grade do batistério, altares laterais e espaços de circulação na confluência do presbitério e imagens devocionais. Fonte¹⁹⁸.

Numa perceção geral, o interior da igreja apresenta-se sóbrio, despojado. Com esta opção, Nuno Teotónio Pereira pretende criar uma morada para o próprio Cristo, que O não descaraterize teologicamente: humilde, pobre e libertador. Aquele que se oferece na eucaristia a todo o que se aproxima com fome e sede para saciar-se no banquete do cordeiro imolado.

Toda a arquitetura do interior se orienta e converge para o altar. A qualidade do interior sob o efeito da entrada da luz: feixes de luz de trás para frente e de cima para baixo, efeito cruzado da luz leste no presbitério e a luz que entra de noroeste, esboça uma configuração espacial responsável pela existência de um ambiente de acolhimento e envolvimento espiritual densa e qualificada.

O interior da igreja é simples, funcional, a conjugação de diferentes tons e recurso a diferentes materiais: a madeira, a pedra, a cerâmica. A qualidade da estatuária, tons vermelhos e

¹⁹⁶ Estas imagens, não estando alocadas em altar ou na forma de nicho, ajudam a piedade popular.

¹⁹⁷ As imagens não têm altar, apenas estão suportadas por uma peanha no painel da parede. Assim, depreende-se que não faria parte do projeto inicial, solução encontrada no decurso da execução dos trabalhos de conclusão.

¹⁹⁸ https://www.nauticalportugal.com/estacoes-nauticas/centro-de-portugal/estacao-nautica-de-penamacor/pontos-de-interesse/patrimonio/geo_artigo/igreja-de-aguaso. Acedido em 14 de dezembro de 2024.

castanhos, em contraste com tons claros, ganha corpo no contexto harmonizado da opção das cores claras (creme) das paredes do espaço interior. Com a qualidade expressiva propiciada pela cor, a espacialidade interior potencia uma atmosfera espiritual e ativa a qualidade das ações litúrgicas celebradas.

«O pintor é um produtor de luzes. Ele sabe de que foco parte a iluminação. Vive o sentido da paixão do vermelho [...] o fauvismo está no interior»¹⁹⁹ a limitar os contornos e aprofundar o sentido. As imagens da via sacra *pregadas* sobressaem do lado da parede sudeste, no pano cego da nave central. Da autoria de

António Luís Paiva composta por pequenos quadros de terracota aplicados na parede branca sobre um lambril de grandes pedras de granito aparelhado, revela uma coerência moderna voluntariamente exposta ao confronto da história e um sinal de maturidade da criação arquitetónica portuguesa moderna²⁰⁰.

As estatuetas da via sacra, em tons *fauve*²⁰¹ ganham vigor e expressividade, sobretudo através da entrada de rojos radiais luminosos que entram da grelha de frestas aberta a noroeste.

O arco triunfal delineado de modo suave e suportado em pés direitos com silhares a fechar nos cunhais em perpiano, sem fechar no teto, permite uniformizar e definir, relevar o espaço do presbitério e a integração com a nave central, lugar da assembleia. Assim, destacam-se hierarquicamente estes dois espaços: o presbitério e a nave central. Dois polos diferenciados atendendo à importância das diferentes especificações, sem comprometer a unidade de todos os que partilham da celebração, com plena focalização no altar, em sinal de unidade do povo de Deus.

Ao presbitério corresponde o espaço de organização para os que intervêm nas ações da celebração: padre, diácono, leitor, acólito. No caso da igreja de Águas, o presbitério apresenta-se com uma organização espacial bem dimensionada, permitindo a movimentação ajustada dos intervenientes necessários na celebração. Embora a igreja corresponda a um período antes do Vaticano II (1962-1965), o altar, atualmente, já se encontra *versus populum*²⁰². Verificamos, entre o

¹⁹⁹ Bachelard, *A Poética do Espaço*, 5.

²⁰⁰ Tostões, Tostões, *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa dos Anos 50*, 103.

²⁰¹ Manifestação da pintura expressionista (1905), uso da cor para definir o limite e a profundidade do objeto; liberdade de combinar cores criando contraste de tons, para despertar o sentimento. Henri Matisse, por exemplo, recorre à cor para exprimir o real, fluido e original. A pintura escultórica, cores austeras, do branco ao negro passando pelo cinza, por um ocre apagado ou castanho suave.

²⁰² Na edificação original do altar apresentava-se separado da parede frontal da cabeceira, segundo informações recolhidas em testemunho local, mas não permitia a celebração do presbítero *versus populum*. Depois do Vaticano II, o

altar e a testeira do presbitério, a existência de um corredor estreito, não permitindo a colocação da sede da presidência. Esta situa-se, à esquerda, abaixo do eixo do altar, à vista de toda a assembleia.

Assim, o fiel, atendendo à elevação do presbitério, com acesso por degraus em leque, observa uma justa distribuição das peças geométricas, que se harmonizam a partir do lugar da nave central e culminam para o altar, onde beneficia de uma perceção visual completa do altar, presidência e ambão. Com esta configuração arquitetónica, todos os elementos simbólicos presentes do presbitério estão plenamente salvaguardados para o pleno exercício das ações litúrgicas ali desenvolvidas. E, mesmo, as capelas da nave adjacente não interferem na concentração do fiel durante os ofícios praticados no altar, pois beneficiam de ajustada e plena visibilidade do altar-mor²⁰³.

Depois do nártex, ao entrar pela porta à esquerda, no alinhamento das três capelas laterais da nave adjacente, com altares e imagens²⁰⁴, fica o batistério. Situa-se numa cota inferior às duas naves, à qual se acede através de três degraus, em perpianho, descendentes. Em forma quadrangular, com piso em pedra, a pia batismal ocupa o centro, constituída por uma rocha irregular, extraída do rio local, Alpreada que, pela ação erosiva das águas, contém duas cavidades alisadas, a mais pequena é fechada por uma tampa em bronze, a outra para recolher a água de ablução sobre o candidato.

A parede poente do batistério é revestida a placas de cerâmica, intercalada a tesselas²⁰⁵ com motivos cristológicos e armário encastrado, para guarda dos santos óleos. A parede noroeste apresenta, a dois terços da sua altura, três janelas rasgadas, em retângulo vertical. que projetam, para o interior, uma luz natural coada, criando um «ambiente mais intimista do batistério e o espaço mais aberto da nave central, iluminada a partir do coro-alto através de uma espessa grelha granítica»²⁰⁶. A técnica da combinação de materiais tradicionais e modernos dá lugar à espacialidade espiritual e litúrgica que se espera para a receção do batismo.

A sacristia, a norte, acoplado ao presbitério, com *toilete*, lavatório em pedra, cómoda e roupeiro para guarda da paramentaria. Tem porta rasgada de verga reta, com acesso ao primeiro patamar do presbitério.

altar foi deslocado para a frente, «a permitir andar em volta dele e celebrar a missa de frente para o povo», conforme determina o *IGMR*, n. 299.

²⁰³ Cf. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 299: «Há de ser o centro de convergência, para o qual espontaneamente se dirijam as atenções de toda a assembleia dos fiéis».

²⁰⁴ O primeiro altar é alusivo a S. Domingos, em honra do Mecenaz da igreja, Domingos Megre, o segundo, à Imaculada Conceição e o terceiro com o Tabernáculo do Santíssimo, a reserva eucarística.

²⁰⁵ Da autoria de António Lino (1914-1996)

²⁰⁶ Tostões, *Os verdes anos na arquitetura portuguesa dos anos 50*, 102.

4. Caraterização teológica dos três elementos simbólicos do presbitério

A edificação da igreja de Águas foi concluída em 1957, período do pré-concílio Vaticano II. Vivia-se a influência do movimento litúrgico: valorização da liturgia como ação eficaz e consciente. Promovia-se a formação pastoral de padres e fiéis. Pensava-se o sentido do rito litúrgico que não podia reduzir-se a rúbricas repetidas sem eficácia real na vida da fé. «Festugière mostrava eficazmente que a liturgia era fonte de vida e não apenas uma instituição cerimonial e rubricista»²⁰⁷.

Valoriza-se a comunidade reunida na ação litúrgica, focada no presbitério com destaque para a liturgia do altar. Este modo de estar no espaço da igreja favorecia a participação individual e elevava a consciência comunitária na ação litúrgica. Diferente do passado, que favorecia o rubricismo ritualista, a devoção particular em detrimento da comunitária.

À forma de organização da arquitetura do espaço interno está associada um determinado modo de celebrar e participar nas ações litúrgicas. Isto é, a disposição dos fiéis no espaço da celebração, define e expressa uma forma de Igreja.

Assim, a igreja de Águas não deixava de ser uma «igreja-corredor», predomínio da planta longitudinal e que o arquiteto Rudolf Schwartz reconheceu como problemática:

Aqui falta a perspetiva dos olhos nos olhos, aqui ninguém vê o outro à sua frente, todos olham para a frente. Aqui falta o intercâmbio quente das mãos, a entrega do homem ao homem, a circulação de uma ligação cordial, já que aqui cada um está solitário no contexto. Ombro a ombro e passo atrás de passo simplesmente adicionados ao todo e alinhados linearmente segundo uma cruz axial, cada um acorrentado ao seu vizinho... A forma longitudinal deixa cada um sozinho no todo, o coração permanece em solidão. As pessoas não podem sentir-se cordialmente próximas, já que este esquema não tem um coração²⁰⁸.

É no presbitério que se desenvolvem os atos litúrgicos mais simbólicos da teologia cristã. Por isso, goza de um especial cuidado no respeitante à organização do espaço de modo a propiciar o movimento dos intervenientes que participam nas ações sagradas dos três «lugares» eminentes: o altar, o ambão e a sede da presidência²⁰⁹.

²⁰⁷ Bernardino Ferreira da Costa, *Movimento Litúrgico em Portugal*, 1ª edição (Fátima: Secretaria Nacional de Liturgia, 3018), 172.

²⁰⁸ Richter, *Espaços de igrejas e imagens de Igreja: O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*, 65.

²⁰⁹ Cf. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 295: «é o lugar onde sobressai o altar, donde se proclama a palavra de Deus e onde o sacerdote, o diácono e os outros ministros exercem as suas funções».

Na igreja de Águas, atualmente, entre a nave central e o presbitério, junto do arco triunfal, ainda se apresenta uma balaustrada separadora, com uma porta ao centro de duas folhas que recolhem para dentro. Habitualmente, permanece aberta e não obstrui a circulação entre a nave e o presbitério, onde se posiciona o celebrante durante a distribuição da comunhão eucarística aos fiéis.

Atendendo à função hierárquica e da celebração dos atos sagrados, o presbitério identifica-se como um espaço elevado da nave central, no entanto, não pode desvalorizar-se a unidade do povo reunido²¹⁰. Assim, todo o edifício, em especial na sua organização interior, deve estar ao serviço das ações litúrgicas da comunidade reunida.

Depois de atravessarmos o nártex, entramos no umbral do espaço '*dedicado*' ao sagrado. E, caso entremos pela porta central de duas folhas, que recolhe para o interior, seguimos pelo corredor da nave central, com a distribuição dos bancos em madeira de tola e em duas alas. O corredor, entre as duas alas de bancos, orienta-nos na convergência do presbitério, que se estreita, lugar da preeminência das ações litúrgicas. Sobretudo a celebração da missa da comunidade reunida, focada no altar, com a cadeira da presidência e a estante das leituras à esquerda do altar.

²¹⁰ Cf. *Instrução Geral do Missal Romano*, n. 294: «deve também formar uma unidade íntima e orgânica que manifeste de modo mais claro a unidade de todo o povo santo».

4.1. *O lugar do ambão: a teologia da Palavra*

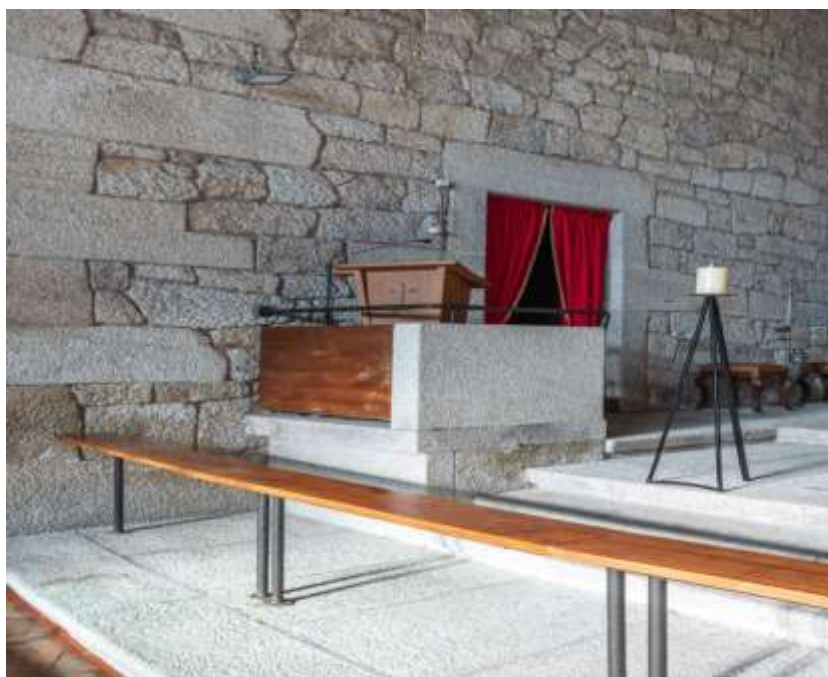


Fig. 29 - Destaque do ambão (encastrado no púlpito) sobrelevado em plataforma de cantaria e resguardo frontal de madeira. Junto encontra-se o círio. Fotografia de João Lopes Cardoso

É no sinal da receção da Palavra de Deus, na sua escuta pelo povo reunido em assembleia eucarística, que o ambão instala o símbolo e convoca à sua significação, abrindo o sinal do mistério, a eminência do Santo (Is 6,3). Como diz a Israel: «Se escutardes bem a minha voz e guardardes a minha aliança, sereis para mim uma propriedade particular entre todos os povos». (Ex 19, 5).

Deste modo, a valorização da Palavra exige a condição da arquitetura nobre e destacada do ambão, porque nele se proclama o anúncio da morte e ressurreição de Cristo. Do ambão, os crentes escutam a Palavra para melhor compreenderem a fé e viverem a Páscoa do Senhor.

Como para o altar, também para o ambão os documentos da CEI preveem indicações gerais, mas convincentes. A sua colocação deve ser pensada na proximidade da assembleia, embora não necessariamente no interior do presbitério. É comum e importante que a disposição espacial dos polos litúrgicos seja tal que permita a procissão com o evangeliário e a proclamação pascal da palavra; nesta ótica, ao lado do ambão, ou integrado nele, pode estar colocado o grande candelabro para o círio pascal²¹¹.

²¹¹ Christiano Sacha Fornaciari, *Disegnare il Sacro – Architettura e liturgia*, prima edizione (Torino: Lindau, 2020), 68.

O ambão posiciona-se no primeiro patamar e do lado direito, no corte da nave central para o interior do presbitério e, ao lado, à distância de um metro, posiciona-se o círio pascal. A sua posição geométrica, à frente do altar e perto do arco triunfal, em lugar elevado²¹², permite a visibilidade e a escuta de toda a comunidade reunida na celebração.

O destaque do ambão resulta da dignidade que assume a Palavra de Deus, quando é proclamada para o povo de Deus, para que permita a atenção da escuta e a inteligência do anúncio. Lembra a proclamação da Palavra por Cristo a partir da montanha ou, quando rezava ao Pai, no ermo do Jardim das Oliveiras. Desempenha um lugar sacramental, porque é do ambão que Deus se faz sinal de uma realidade espiritual e transformada em palavra performativa na ação litúrgica do anúncio na assembleia celebrativa.

O ambão, conforme a fotografia, fica acostado a um metro do arco triunfal, para o interior do presbitério com a nave central, lugar da assembleia. Da nave central, acede-se ao ambão por meio de um primeiro patamar de pedra, acima do soalho, em forma de leque, depois sobem-se três degraus e, num segundo patamar, chega-se ao lugar do ambão.

Para quem está no altar, terceiro patamar, desce-se um degrau e acede-se diretamente ao ambão. Este, em madeira, em forma de prisma de base menor, que alarga em linhas que divergem para o topo, na forma adequada a receber o livro que se abre. É iluminado por um candeeiro de pé que se inclina na direção do livro. «É o lugar do qual se proclama a leitura e o salmo responsorial, se pronuncia o precónio pascal e, eventualmente, a homilia e a oração universal»²¹³.

Ambão e altar estão unidos na liturgia eucarística, com dignidade e nobreza, daí a necessidade do seu enquadramento arquitetónico, sempre em lugar fixo, favorecendo a perceção da sua mensagem iconográfica. «As leituras da missa com participação do povo, devem proclamar-se sempre do ambão» (POLM 16). A mesa da palavra e a mesa da eucaristia estiveram sempre unidas:

A Igreja venerou sempre as divinas Escrituras como venera o Corpo do Senhor, não deixando jamais, sobretudo na sagrada liturgia, de tornar e distribuir aos fiéis o pão da vida, quer da mesa da palavra quer da do Corpo de Cristo (DV 21).

A palavra proclamada implica *dispositio interior*, preparar-se para a viagem, esvaziar o olhar e desafiar a sombra. Escutar é estar de saída para acolher o dom que, gratuitamente, nos chega de um Outro a quem abrimos a porta para entrar e reparar as feridas da viagem. É romper a membrana

²¹² Da origem de ambão está o verbo grego *anabainô* - subir, elevar-se que possibilita estar num patamar superior para que a palavra chegue ao fiel nas melhores condições de audição.

²¹³ Fornaciari, *Disegnare il Sacro – Architettura e liturgia*, 67.

ao influxo de um Outro olhar que preenche a fresta rasgada do vazio inquieto, que só Ele pode sanar ao desvelar-Se diante da nossa indiferença:

A liberdade, oferecida por Deus como dom, tem como consequência exigente: a responsabilidade no agir e o compromisso de servir o Senhor Deus, compromisso que tem de ser vivido na dimensão do amor. Texto central do Dt 6, 4-5: “escuta, Israel! O Senhor é nosso Deus; o Senhor é único! Amarás o Senhor teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças”²¹⁴.

A importância que o ambão assume nos elementos da celebração da liturgia da Palavra com o destaque nos *Praenotanda* (preliminares) do *Ordenamento das leituras da missa*, no n. 35 onde se menciona a importância dos “livros” (lecionários), e relevando com palavras elogiosas: «na ação litúrgica sinais e símbolos das realidades, sejam realmente dignos, adornados e belos». «Assim, a “estante” tem apenas um caráter funcional, enquanto a identidade do ambão provém da sua “estrutura-lugar”, do qual é proclamado o anúncio da salvação e da sua realização em Cristo²¹⁵. O n. 32 POLM apela à dignificação e atribuição da sua nobreza, «que corresponda à dignidade da palavra de Deus», e também, no que diz respeito ao adorno, se diz que não deve ser ostensiva. Releva-se a disposição e destaque do ambão, para que «os ministros ordenados e os leitores possam facilmente ser vistos e ouvidos pelos fiéis», n. 309 da IGMR.

No n. 33 POLM se refere que «seja adornado com sobriedade, de acordo com a sua estrutura, de modo permanente ou ocasional, ao menos nos dias mais solenes». Porque é do ambão que se pronuncia a palavra de Deus que, pela sua relevância, convém que da “estrutura-lugar” se apresente nas condições mais favoráveis: iluminação adequada para a leitura dos textos e boas condições técnicas de audição, como prevê o n.34.

Ao ambão corresponde uma reserva de funções específicas que convém salvaguardar, com risco de desprestigiar ou banalizar a sua nobre função: símbolo da proclamação da ressurreição do Senhor²¹⁶. Por isso, atendendo à relevância das ações litúrgicas que nele são praticadas deve assumir

²¹⁴ Nicolletta Crosti, *À procura das raízes hebraicas da fé cristã* (Lisboa: Paulinas, 2010), 47-8.

²¹⁵ Bernardino Ferreira da Costa (Abade de Singeverga), *O Espaço celebrativo* (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 42. PNMR 309: «Este lugar deve ser um ambão estável e não uma estante móvel»; POLM 16: «As leituras, na celebração da missa com a participação do povo, devem proclamar-se sempre do ambão».

²¹⁶ POLM 33: «O ambão é o lugar de onde os ministros anunciam a palavra de Deus, deve reservar-se por sua própria natureza às leituras, ao salmo responsorial e ao precónio pascal. No entanto, a homilia e a oração dos fiéis podem proferir-se do ambão, dada a íntima conexão destes elementos com toda a liturgia da palavra. Não é conveniente que outros subam ao ambão, por exemplo, o comentador, o cantor ou aquele que dirige os cânticos».

«um elemento dotado de qualidade arquitetónica e artística de tal modo que constitua uma *presença eloquente*, capaz de fazer eco a Palavra no edifício sacro mesmo quando não haja ninguém a proclamá-la»²¹⁷.

É da escuta da palavra de Deus, sobretudo, pronunciada do ambão que o fiel desperta para a relação com o Outro. O lugar da abertura ao espaço do diálogo, da catequese e da experiência existencial da fé, essência da teologia. Do lugar do ambão se acede à luz da palavra escutada em silêncio, no canto do salmo, na explicação da palavra feita na homilia.

A estruturação do espaço litúrgico e as mútuas relações arquitetónicas e figurativas constituem uma concreta catequese, na qual o monumento da palavra representa uma teologia visível e uma linguagem unitária a respeito do rito²¹⁸.

Como motivar o fiel a aderir à fé cristã? Dependerá apenas de uma orientação e promoção ao nível do intelecto? Qual o papel da vontade no desejo de uma resposta do querer aderir a uma verdade de âmbito antropológico? A necessidade de tocar ao sentimento para alguém se abrir ao ato de acreditar. Todas estas vertentes, razão, vontade e sentimento/coração partilham e exigem, por parte do fiel, uma ação concertada no modo de aderir à fé.

É da experiência quotidiana a necessidade e desejo de o humano aspirar à felicidade, já neste mundo. Esta é a prova da incompletude de quem não tem em si a plena razão do seu ser. Pois, move-se sempre no desejo de encontrar uma âncora onde se segure e ampare. Daqui a necessidade permanente do ser humano, no seu percurso histórico, se religar ao transcendente, fonte e contexto para a completa compreensão do mundo criado.

A fé católica orienta-se para uma pessoa, Jesus Cristo. Em virtude e na sequência da promessa feita por Deus a Israel, para se integrar na história da salvação. Apresentado em Isaías como um “apoio seguro” que só Javé cumpre, superior a qualquer instância humana ou cósmica, porque “quem crê não vacilará” (Is 8, 16).

Consiste na atitude de aceitação teológica universal: aceitação da norma superior que chega da parte de Deus, porque só Ele é onnipotente e concede a segurança necessária para sobreviver ao perigo, «a única atitude válida dos indivíduos e dos estados, na conceção isaiana do mundo, é o reconhecimento da infinita excelência e do domínio de Deus e, portanto, a submissão à sua vontade»²¹⁹.

²¹⁷ Fornaciari, *Disegnare il Sacro – Architettura e liturgia*, 69. Cf. Nota pastorale *La progettazione* cit., parte I, B 9.

²¹⁸ Fornaciari, *Disegnare il Sacro – Architettura e liturgia*, 69.

²¹⁹ João Duque, *Homo Credens: para uma teologia da fé*, 2ª edição (Lisboa: Universidade Católica, 2004), 70.

A verdadeira segurança está em Deus, acima dos compromissos políticos ou cósmicos, porque Ele é o Criador e o Senhor da história.

A resposta à promessa de fidelidade a Deus, por parte de Abraão, justifica o seu mérito (Cf. Gn 15, 6). Ao confiar em Deus, terá descendência e originará um povo de crentes.

Assim, a existência (na descendência) de Abraão implica a do povo. E o fundamento dessa existência só surge na promessa de Javé, não a partir do próprio Abraão. A sua atitude de fé é uma atitude de aceitação desse fundamento, que o transcende e simultaneamente o interpela. Nessa atitude se encontra a “justiça” – isto é, a salvação, enquanto possibilidade de futuro²²⁰.

Nesta orientação de se procurar como ser crente, a teologia apresenta-se como a chave explicativa, na «verdade da salvação» que, segundo Joseph Ratzinger,

quando o coração entra em contacto com o Logos de Deus, com a Palavra incarnada, este ponto mais íntimo da sua existência é tocado por ela. Então, ele não se limita a sentir, sabe a partir de dentro: aí está, é mesmo Ele, era disso que eu estava à espera. É uma espécie de reconhecimento. É que é para Deus, para o Logos, que fomos criados, e o nosso coração permanece inquieto²²¹.

A escuta da palavra de Deus implica uma resposta por parte do humano, que não é apenas cognitiva, mas, segundo S. Tomás, assentir com a vontade. Há uma correlação entre pensamento, vontade na adesão à fé, na Pessoa de Jesus Cristo.

Para a fé, é mesmo característico que o pensamento desemboque no assentimento. Quem segue o seu movimento, acaba por dizer: “sim, é assim mesmo”. Também a fé implica o assentimento. Ela não é abstenção, mas sim decisão, determinação. A fé é “hipostasis”, diz a Carta aos Hebreus (11,1): um estar e subsistir no que se espera, um estar persuadido²²².

Sobretudo, aderir com o coração à nova criação oferecida pelo Filho do «*Abbá-Deus*», Jesus Cristo, de Nazaré. Porque centro e figura da vida original, «gerado e não criado» que se constitui a verdadeira profissão cristã implementada na vida sacramental da Igreja.

²²⁰ Duque, *Homo Credens: para uma teologia da fé*, 71.

²²¹ Joseph Ratzinger, *Caminhar Juntos na fé (A Igreja como “Comunhão”)* trad. Manuel Losa, S.J. (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração 2005), 23.

²²² Ratzinger, *Caminhar Juntos na fé*, 20.

Deste modo, por meio do dom da graça oferecido ao humano, Deus abre universalmente o caminho de salvação a quem aceita, pela cognição e assentimento da vontade, responder com fé ao Evangelho.

Como evoluir no caminho da fé? É através da integração na comunidade eclesial e na participação nas ações litúrgicas. A Igreja, fundada pela palavra de Cristo, mediante a ação do Espírito Santo, apresenta-se como lugar teológico de caminho do crente, neste mundo, ao preparar-se para ir ao encontro do Senhor da história. Esta peregrinação na Igreja inicia-se pela receção

da graça do batismo que salva (e) vem sempre da amorosa iniciativa de Deus que se antecipa a todo o movimento do coração e da vontade [...] como exemplos casos tão evidentes de “fé tão admirável” certamente obra da mesma graça “não natural”, o bom ladrão a quem foi prometido o reino (Lc 23, 43), o centurião Cornélio ao qual foi ouvido o anjo (At 10, 3) Zaqueu que consegue receber Jesus na sua casa (Lc 19, 6) [...] o amor de Deus que se mostra como antecipador e operante²²³.

A iniciativa de salvação parte sempre de Deus, porém, é preciso que o humano se deixe tocar pelo coração, quando escuta a palavra de Deus pronunciada do ambão. Para que possa ouvir, meditar e acolher, de acordo com o pedido expresso do Sl 48,9: «Assim ouvimos, assim vivemos». A receção ativa da palavra que, através do esforço do pensamento, possam os crentes acolher a mensagem de Cristo, sem descanso:

Nas suas tentativas constantemente novas, pode, assim, reconhecer a beleza e o fascínio daquela aventura a que damos o nome de Teologia. Verá principalmente que a palavra de Deus nos precede sempre a nós e ao nosso pensamento [...] Não é a “dúvida”, mas o “sim”, a abrir o pensamento [...] colocado naquela inquietude que é fecunda²²⁴.

Da inquietude antropológica, «o homem que é retirado de si mesmo, que vagueia, no vazio, sem pátria, - exatamente nesta aparência de liberdade ele é o exilado, o prisioneiro, o entregue»²²⁵, faz Sto. Agostinho o método da procura psicológica de si próprio que, apenas se reconforta e aquieta na peregrinação para Deus – *o mestre do homem interior*²²⁶. Que sintetiza a conversão de Agostinho: libertar-se da vontade má e seguir a vontade boa, aquela que o eleva para Deus.

²²³ Pierangelo Sequeri, *A Ideia da Fé (Tratado de teologia fundamental)*, trad. Artur Morão (Braga: Frente e Verso, 2013), 45.

²²⁴ Ratzinger, *Caminhar Juntos na fé*, 24-5.

²²⁵ Ratzinger, *Caminhar Juntos na fé*, 56.

²²⁶ Cf. Agostinho de Hipona, *Confissões*, trad. Lúcio Craveiro da Silva, S. J. e Elias Couto. (Oeiras: Ad Astra Et Ultra, SA, 2010), VIII, 5, 12-12, 30 e 7,16.

Enquanto viveu confiado em si, orgulhoso da sua liberdade, descobre-se como exilado e sem destino. Quando se procurou apenas dentro de si, deparou-se com o vazio e a tristeza. A saída residia na abertura para a história da salvação, assente no significado que nele assume o Espírito Santo como dom, que permite a ideia de edificar, do permanecer, da unidade, do amor. A relação de Deus com o Espírito Santo é a *communio*. É o amor relação que concretiza o sentido do amor.

O que é ser cristão, na perspectiva de Sto. Agostinho? É aceitar na sua vida o dom do Espírito Santo, que é a *communio* da sua vida com todo o que crê e faz a Sua vontade, isto é, responder a Deus ao amor que dele recebe. Por isso, o Espírito Santo é relação de doação nunca a expressão da glória e do amor próprio, mas a expressão do amor de Deus:

Do ser cristão faz parte precisamente a aceitação da comunidade inteira dos crentes, a humildade (*humilitas*) do amor, “o suportar-se uns aos outros” – pois, caso contrário, falta exatamente o Espírito Santo, que é quem unifica²²⁷.

Deste modo, o cristão é aquele que permanece no amor do Espírito Santo, que permite a unidade eclesial e o progresso do caminhar na fé. Quando o cristão acolhe o amor e permanece nele, faz prova efetiva da caridade fraterna e concretiza a comunhão eclesial.

De facto, não se pode falar de fé sem permanecer na relação com a unidade da Trindade, paradigma da *communio*, alimentada na *caritas*. A realização do amor, na ação concreta da vida do cristão, é sinal e correlato da verdade, pois aponta para o sentido escatológico da vida do cristão.

Para Sto. Agostinho, «a essência do Espírito Santo é dom de Deus, Deus que se dá, Deus como auto-partilha, como dom»²²⁸. E a oração cristã mais adequada é aquela que se dirige em louvor para o próprio Deus, e não a oração de petição ou súplica.

«E aplica ao Espírito Santo o pedido do Pai-Nosso “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”»: Ele é o “nosso pão”, nosso enquanto não nosso, enquanto é totalmente doado. O “nosso” Espírito

²²⁷ Ratzinger, *Caminhar Juntos na fé*, 51.

²²⁸ Agostinho de Hipona, *De Trinitate* V, 15, 16. Citado por Ratzinger, *Caminhar Juntos na fé*, 48.

não é o nosso Espírito»²²⁹. Porque se realiza na relação de concórdia, e não há relação de subordinação, mas de comunhão, em plenitude e integração.

4.2. *O altar: o locus theologicus da eucaristia*

Se na forma arquitetônica da igreja se privilegia a organização da parte interna, o altar representa o foco central da assembleia reunida, para onde converge e se desenvolve toda a ação litúrgica de ritos que envolvem a participação dos fiéis no mistério de Cristo. Assim, todo o espaço interno deve ser configurado na direção do altar situado no presbitério, lugar mais elevado do espaço interno da igreja²³⁰. Favorecendo a comunhão do povo que, desde a entrada na igreja, toda a disposição do espaço se organiza e orienta na direção do altar. Porque é nele que tem lugar o grande acontecimento, que é a celebração da missa, assim como os outros sacramentos e, eventualmente, alguns sacramentais.

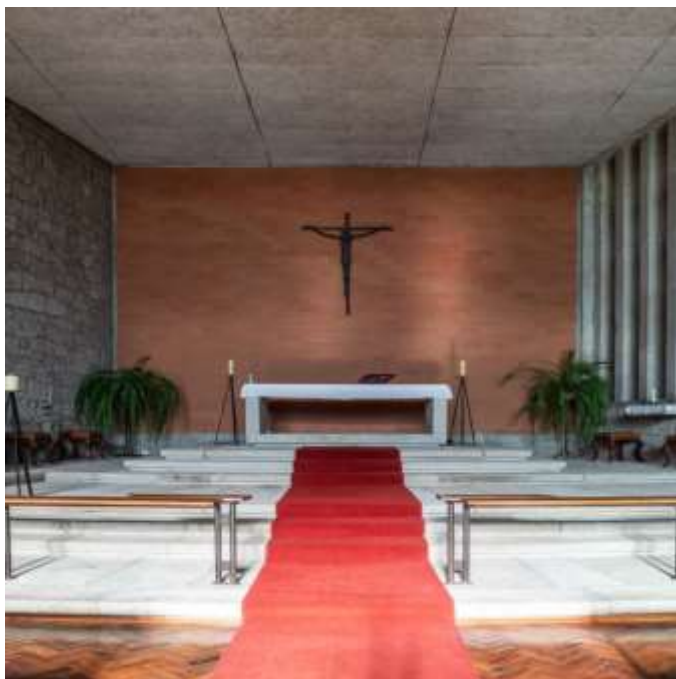


Fig. 30 - Ascende-se ao altar por dois lances de três degraus em granito. Fotografia de João Lopes Cardoso

²²⁹ Agostinho de Hipona, *De Veritate* V, 14, 15. Citado por Ratzinger, *Caminhar Juntos na Fé*, 49.

²³⁰ Cf. IGMR 295: «Deve distinguir-se oportunamente da nave da igreja, ou por uma certa elevação, ou pela estrutura e ornamento especial».

O altar deve ocupar um lugar fixo²³¹, para favorecer a circulação interna, a disposição espacial dos bancos na assembleia, assim como a sede da presidência, pela iniciativa e desenvolvimento das ações litúrgicas; coro, órgão e imagens²³². Pela importância simbólica, o altar, na projeção de uma nova igreja, simboliza o próprio Cristo, no seu mistério de morte na cruz e ressurreição, em domingo de Páscoa. Decorrendo daí todo o significado e cuidado na sua conceção arquitetónica²³³ pois é no altar que se realiza a ação litúrgica mais bela: é Cristo a aproximar-se do fiel e a exercer sobre ele a verdadeira ação de santificação.

Na Igreja deve haver um só altar, à volta do qual o povo se reúne²³⁴. Sinal de unidade à pessoa de Cristo, único e verdadeiro sacerdote (Heb 5, 1-10), pela entrega solidária a favor da condição humana.

À arte compete uma tarefa imprescindível para dar expressão à beleza do máximo acontecimento que é a eucaristia, quando celebrada pela assembleia reunida *in nomine Christi*. Trata-se de preparar o espaço sagrado para acolher o próprio Deus, que se torna presente no Seu mistério salvífico. Assim, convém apelar à criatividade humana e preparar o acontecimento da eucaristia: «o acolhimento do mistério em vista à transformação e conversão, ato para o qual somos convocados na celebração litúrgica»²³⁵.

O objetivo não consiste em preparar o espaço de uma auto celebração, assente na nossa autorreferencialidade, mas dispor espaço para que tenha lugar em nós o mistério salvífico de Deus. Trata-se de receber o totalmente Outro, habitar na vida de Deus, para produzir os frutos da eucaristia:

Dom da caridade e mistério da vida, encontra aqui a sua íntima interligação, ou seja, o mandato litúrgico, o mandato missionário e o mandato da caridade completam-se harmonicamente [...] reconhecer a centralidade do Senhor quando parte e reparte o pão e o convite para juntos fazermos o mesmo²³⁶.

²³¹ Cf. IGMR 298: «Construído sobre o pavimento e de tal modo unido a ele que não se pode remover[...] que significa mais clara e permanentemente Cristo, Pedra viva (1 Ped 2, 4, cf. Ef 2, 20)».

²³² Cf. Nota pastorale La progettazione di nuove chiese, CEI, Commissione Episcopale per la Liturgia, 18 febbraio 1993. Em Fornaciari, *Disegnare il Sacro – Architettura e liturgia*, Appendice, B IL progetto degli spazi interni, nr. 7, 101.

²³³ Cf. IGMR 301: «Quando fixo, em pedra natural [...] permitida a utilização de outros materiais, contanto que sejam dignos, sólidos e artisticamente trabalhados. O suporte ou base em que assenta a mesa [...] pode ser de material diferente, contanto que seja digno e sólido».

²³⁴ Cf. IGMR 303: «Que significa na assembleia dos fiéis que há um só Cristo e que a Eucaristia da Igreja é só uma».

²³⁵ Guido Marini, *La Liturgie - Gloire de Dieu, sanctification de l'homme* (Perpignan: Éditions Artège, 2013), 61.

²³⁶ D. José Manuel Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística – Eterno hodie*, 1ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2024), 32-3.

O altar desempenha uma função densa de simbologia na liturgia cristã. Se é o espaço da celebração eucarística, Cristo desce sobre os fiéis e transforma-se em vida de ação verdadeira e presença salvífica para nós no mundo. Na oração eucarística, pronunciada pelo presbítero, que age *in persona Christi*, na assembleia eclesial reunida em Seu nome, realiza-se o mistério da transubstanciação do pão e do vinho, em corpo e sangue do Senhor. Mas, antes, mediada e experimentada através da relação feliz do rosto de uns com os outros.

Porque o pede a natureza da liturgia, é no plano simbólico que ela dá a ver e ouvir este mistério. Resta, em seguida, vivê-la no normal das nossas vidas, começando pela relação com o doente, com o faminto, com o prisioneiro, que, na ética do quotidiano, são o “sacramento” do encontro com Cristo (cf. Mt 25)²³⁷.

E, ao partilharmos do pão e vinho, comungamos da verdadeira vida do Senhor, transformando-nos em filhos do mesmo Pai, por meio do Filho Jesus Cristo, único mediador, rei, profeta e sacerdote que, com o Espírito Santo, partilhamos da Sua unidade santa:

«O nosso Salvador instituiu na última ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiado à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura» (SC 47).

Sempre que celebramos a memória de Cristo na eucaristia, experimentamos o Seu mistério salvífico a realizar-se em nós. Deste modo, o altar simboliza Cristo e a eucaristia é o Seu alimento que nos torna viventes do seu mistério, para irmos ao Seu encontro. E, quando testemunhamos a Sua presença, podemos afirmar: - «Ámen! Vem Senhor Jesus» (Ap 22, 20b).

Significa que na celebração eucarística operada no altar, conforme refere João Paulo II:

A sua disciplina depende unicamente da autoridade hierárquica da Igreja (SC 22 e 26). A liturgia pertence ao corpo inteiro da Igreja (SC 26). É por esta razão que não é permitido a nenhuma pessoa,

²³⁷ Louis-Marie Chauvet, *A arte de presidir à liturgia*, trad. Artur Morão (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2020), 19.

nem a um padre, nem a um qualquer grupo, acrescentar, retirar ou mudar qualquer coisa ao seu próprio arbítrio (SC 22)²³⁸.

É condição essencial da liturgia, sobretudo na oração eucarística, respeitar o cânone, a norma que preside à sua plena ação celebrativa. Só a Igreja hierarquicamente representada nos seus ministros, na invocação e ação do Espírito Santo, pode instituir e variar a norma. Ao ministro e ao fiel compete «fazer tudo e só o que é da sua competência, segundo a natureza do rito e as leis litúrgicas» (SC 28) para que todos os atos litúrgicos convirjam para a harmonia, que é a beleza e perfeição da ação litúrgica em que Deus é o único e verdadeiro liturgo.

É por isso que a Igreja procura solícita e cuidadosa, que os cristãos não entrem neste mistério de fé como estranhos ou espetadores mudos, mas participem na ação sagrada, consciente e ativa e piedosamente, por meio de uma boa compreensão dos ritos e orações; sejam instruídos pela palavra de Deus; alimentem-se à mesa do corpo do Senhor; deem graças a Deus; aprendam a oferecer-se a si mesmos, a oferecer juntamente com o sacerdote, que não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada; que, dia após dia, por Cristo mediador, progridem na unidade com Deus e entre si, para que finalmente Deus seja tudo em todos (SC 48).

Na liturgia da eucaristia, quando a comunidade convocada se une à invocação do Espírito feita pelo sacerdote sobre os dons, toda a humanidade da assembleia se transforma por *actio* divina.

O termo *actio* referido à liturgia, reenvia-nos para as fontes do cânone eucarístico. A verdadeira ação litúrgica, é a *oratio*... Esta *oratio* – a prece eucarística solene, o “*canon*” – é muito mais que um discurso, é uma *actio* o sentido mais elevado do termo. De facto, é através dela que se produz a *actio* humana... que passa a segundo plano e dá lugar à ação divina, à ação de Deus²³⁹.

²³⁸ Carta apostólica *Vincemus quintus annus*, 25. Em Guido Marini, *La Liturgie - Gloire de Dieu, sanctification de l'homme*, 62-3.

²³⁹ Joseph Ratzinger, *L'esprit de la Liturgie*, 167-8. Em Marini, *La Liturgie - Gloire de Dieu, sanctification de l'homme*, 66.

Através de sinais visíveis da vida dos fiéis, na eucaristia, pela apresentação dos dons do pão e vinho, se realiza a ação litúrgica do mistério de Cristo. Sempre que a liturgia celebra a eucaristia da morte e ressurreição do Senhor, por meio da *lex orandi et lex credendi*, torna-se mistério de fé, sacramento de salvação. Por isso, como fiéis, respondemos: «anunciamos a tua morte e confiamos na tua ressurreição até que venhas»²⁴⁰. Em cada liturgia celebrada da eucaristia, a comunidade reunida em nome do Senhor, expressa a fé e anuncia já a esperança escatológica.

4.3. *A presidência do celebrante: a representação de Cristo*

Não será demais reforçarmos o princípio pedagógico de diálogo entre arquiteto, teólogo e, sobretudo, o liturgista. Pois, arquitetar uma igreja implica uma adequada organização do espaço, tendo em conta objetivos e funções teológico-litúrgicas a que corresponde a programação do lugar para a realização da respetiva função litúrgica.



Fig. 31 - Apresentação, à esquerda do altar, da presidência e assentos dos outros ministros. A presença da luz coada no altar a propiciar a leitura e a concentração na ação litúrgica. Fonte²⁴¹

²⁴⁰ Cf. *Ordo Missae*, - *Apêndice ao Missal Romano* – E. 3, 1ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022).

13. «Mortem tuam annuntiamus, Domine, et tuam resurrectionem confitemur, donec venias».

²⁴¹ https://www.nauticalportugal.com/estacoes-nauticas/centro-de-portugal/estacao-nautica-de-penamacor/pontos-de-interesse/patrimonio/geo_artigo/igreja-de-aguaso. Acedido em 17 de dezembro de 2024.

A presidência liga-se com a organização arquitetónica do espaço na igreja, no qual se configuram dois espaços hierarquicamente definidos: a zona do presbitério, onde têm lugar o presbítero, diáconos e restantes ministros, e a nave, lugar da assembleia. Esta distinção não significa separação, pois o planeamento espacial deve servir a unidade de todo o povo reunido na celebração. Se no passado basilical, a cátedra episcopal representava a união do bispo aos fiéis, com ligação e significado teológico à herança do apóstolo Pedro, em representação de Cristo na Igreja. Desse facto, decorre a importância atribuída à iconografia da cátedra, sede do bispo, em forma de trono.

Para ilustrar iconograficamente esta verdade, na parte superior da abside, em cima da própria cátedra, era representado o *Pantocrator* ou a *Maiestas Domini*. Nestas imagens, Cristo sentado sobre uma sede, com o livro na mão esquerda, exprime com a mão direita um gesto locucional²⁴².

Porém, com o crescimento do número de paróquias a que o bispo não podia presidir religiosamente, a presidência e, por emanção do bispo, passou a ser, comumente, representada pelo presbítero ou diácono, o guia da comunidade na celebração litúrgica, em especial, da missa:

Através do conceito de presidência, aparece mais como uma “emanção” ou participação do assento episcopal. De facto, trata-se sempre do “lugar da presidência”, e o presbítero ocupa-o *in persona Christi capitis*, por encargo do bispo, pastor e sinal de unidade de toda a igreja diocesana, da qual faz parte também aquela porção que é a comunidade paroquial²⁴³.

Com o desenvolvimento do presbitério, a presidência ganha um novo significado, diante da decoração da arquitetura da abside, o desenho e geometria mais austera torna o presbitério mais próximo da nave, que permite uma articulação e visão de todo o povo reunido em assembleia.

Trata-se de tentar uma proximidade de toda a assembleia reunida, «o sacerdócio comum dos fiéis e o ministerial ou hierárquico [...] pois um e outro participam a seu modo, do único sacerdócio de Cristo» (LG 10). Não se subestima a presidência, com a proximidade aos fiéis significa valorizar – «a função dialogal e reforçando o carácter didático daquele que se apresenta como guia da oração [...] deve estar colocada de modo harmonioso com o altar e o ambão»²⁴⁴.

²⁴² Costa, *Espaço Celebrativo*, 2ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 80.

²⁴³ Costa, *Espaço Celebrativo*, 82.

²⁴⁴ Costa, *Espaço Celebrativo*, 87.



Fig. 32 - A relevância do efeito da luz cruzada e radial no presbitério, lugar da presidência e da assembleia.

Fotografia de João Lopes Cardoso

Na igreja de Águas, presbitério e nave conjugam-se num desenho contíguo de abertura pelo recurso a soluções criativas: a quase ausência de «arco triunfal», incompleto na parte superior, em junção com todo o corpo e textura uniforme do teto.

O presbitério apresenta-se sobrelevado da nave que, depois da passagem da grade de guarda aberta, se ascende em dois lanços de escada de três degraus a terminar em patamar. A acrescer à simbólica do número três ou sete dos degraus, no presbitério, um lugar hierarquicamente elevado. Nesta configuração aberta, a arquitetura não compromete a unidade da participação de todo o povo reunido.

No entanto, pelo facto de entre o altar e a testeira do presbitério haver apenas um corredor estreito, impossibilita, aí, a sede da presidência. O presbítero guia os ritos iniciais da celebração a partir do altar. De seguida, desce para um patamar, à esquerda do altar e perto da nave, onde está a cadeira da presidência e bancos para diácono e outros ministros que exerçam funções litúrgicas. Aí escutam, em descanso, a epístola, o canto do salmo e o evangelho com plena focalização de toda a assembleia reunida na celebração. «Com a reforma litúrgica o ato de se sentar está, para todos, em função da escuta da Palavra, da homilia e para favorecer as pausas da oração pessoal»²⁴⁵.

Atendendo a esta configuração arquitetónica, a sede da presidência não fica diminuída na sua função simbólica, quer exercendo a ação litúrgica de pé a partir do altar e voltado para o povo,

²⁴⁵ Costa, *Espaço celebrativo*, 83. De acordo com os n. 42, 43 e 45 do IGMR, que estabelece as atitudes e gestos do corpo, assim como o silêncio, durante os atos litúrgicos.

quer ocupando a cadeira para escutar a epístola, ouvir cantar o salmo, e permanecer sentado em escuta e silêncio.

«A cadeira do sacerdote celebrante deve significar a sua função de presidente da assembleia e guia de oração» e a sua colocação será «voltada para o povo» em lugar que seja possível²⁴⁶ «a comunicação entre sacerdote e assembleia» (IGMR 310).

É condição essencial a participação ativa do fiel na liturgia eucarística «um direito e um dever para todos os fiéis que se reúnem na assembleia litúrgica, qual sujeito integral da ação eucarística»²⁴⁷ e, nenhum elemento arquitetónico deve obstaculizar a plena realização dessa ação litúrgica, porque «a própria natureza da liturgia exige e que é, por força do Batismo, um direito e um dever do povo cristão, «raça escolhida, sacerdócio real, nação santa, povo adquirido (1 Pe. 2,9; Cf. 2,43-5)» SC 14).

O papel da presidência, na ação litúrgica, tem como fundamento teológico o estatuto do ministro ordenado, que na celebração age como presença de Cristo. Não preside de forma autoritária, mas consciente dos riscos.

Presidir uma assembleia viva não é uma tarefa fácil. O presidente é membro do grupo e ao mesmo tempo está ao serviço da simbólica celebrativa. Antes da reunião deve saber acolher e entrar em contacto com as pessoas, assimilar o conteúdo e ritmo da celebração, eleger e preparar as suas próprias intervenções. Durante a celebração há de possibilitar a comunicação e a participação em todo o seu desenvolvimento²⁴⁸.

Por isso, a presidência na ação litúrgica, implica dignidade e solenidade no seu exercício, para que não comprometa a eficácia teológica e sacramental. Porque o presidente age em nome de Cristo, para benefício do povo de Deus ali convocado e reunido.

Também o presbítero, que na Igreja, em virtude do poder sagrado da Ordem, tem o poder de oferecer o sacrifício na pessoa de Cristo, preside ao povo fiel aqui e agora reunido, dirige a sua oração, anuncia-lhes a boa nova da salvação, associa a si o povo na oblação do sacrifício a Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo, distribui aos irmãos o pão da vida eterna e com eles participa do mesmo pão. Por isso, ao celebrar a Eucaristia, deve servir a Deus e ao povo com dignidade e

²⁴⁶ Na igreja de Águas, a cadeira não está colocada ao «fundo do presbitério», a melhor sugestão do n. 310 da IGMR. Por obstrução visual do altar, o arquiteto optou pela colocação do lado esquerdo, com visão e maior proximidade de toda a assembleia reunida.

²⁴⁷ Cordeiro, *A sacramentalidade da celebração eucarística – Eterno hodie*, 27.

²⁴⁸ Cf. Dionísio Borobio (dir.), *La Celebración en la Iglesia - I. Liturgia y sacramentología fundamental*, 2ª edição (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2023), 578.

humildade e, tanto no modo de se comportar como no de proferir as palavras divinas, procurará sugerir aos fiéis a presença viva de Cristo (SC 93).

Quando o presbítero preside, nas ações litúrgicas, sobretudo, na eucaristia, Cristo está presente e, em união com o Pai, ele age em nome da Igreja, que em comunhão com a assembleia a representa e ajuda a edificar.

As orações dirigidas a Deus pelo sacerdote que preside, em representação de Cristo, à assembleia, são ditas por todo o Povo santo e de todos os que estão presentes. Os próprios sinais visíveis que a sagrada Liturgia utiliza para simbolizar as realidades invisíveis foram escolhidas por Cristo ou pela Igreja (SC 33).

Porque o sacerdote, como membro da assembleia, faz parte da mesma ação litúrgica comunitária e, quando atua

como ministro da Igreja, atualiza o mistério da salvação, seja, a Liturgia entendida em sentido de epifania (R. Guardini), em sentido escatológico ou, também, entendida simultaneamente como evangelho e esperança de salvação²⁴⁹.

E, enquanto sacerdote, também age *in nomine ecclesiae* porque sinal de sua Cabeça, Cristo. Porque ao oferecer-se na cruz, em obediência incondicional ao Pai, constitui-se paradigma do verdadeiro e perfeito culto litúrgico. E, quando as comunidades dos fiéis se reúnem para celebrar a eucaristia, associam-se

ao sofrimento da morte de Jesus, para que a sua vida se revele na nossa carne mortal (2 Cor 4, 10-11). É essa a razão por que no Sacrifício da Missa pedimos ao Senhor que, tendo aceite a oblação da vítima espiritual, faça de nós uma “oblação eterna”²⁵⁰ a si consagrada (SC 12).

Deste modo, a cristologia constitui-se o verdadeiro sentido fundacional do culto litúrgico, partindo do corpo de Cristo, verdadeiro templo do culto litúrgico. Pois na liturgia

encontramo-nos com a ação fundadora e fundamentadora de Cristo, quem por mediação sacramental atua constantemente no mundo, salvando a humanidade. Por isso, quando alguém batiza é Cristo quem batiza; a potestade é de Cristo, e o ministério da Igreja. Aqui se apoia a doutrina do ministro atuando *in persona Christi*²⁵¹.

²⁴⁹ Cf. Borobio (dir.), *La Celebración en la Iglesia, I, Liturgia y sacramentología fundamental*, 325.

²⁵⁰ *Missal Romano*, oração sobre as oblatas dos sábados das semanas II, IV, e VI da Páscoa. (pp. 368; 362; 397).

²⁵¹ Borobio (dir.), *La Celebración en la Iglesia. - I, Liturgia y sacramentología fundamental*, 323.

5. Arquitetura dos símbolos cristãos na igreja de Águas ao serviço da liturgia

Depois de analisarmos, com detalhe, a arquitetura do exterior e, sobretudo, do interior, impõe-se saber, agora, como é experimentar a celebração da missa, na igreja de Águas.

Se a visão do exterior nos impactou, apesar de sóbria e austera, objetivo programático de Nuno Teotónio Pereira, a sensação estética cresce no interior, no movimento da nave para o presbitério. Sobretudo na presença dos símbolos cristãos e do efeito da luz.

A presença de Cristo curvado numa cruz de bronze escurecida, na testeira do presbitério, o altar de pedra em granito claro, a forma paralelepipedal e rasgada interiormente, coberto por uma toalha branca; o ambão com a visão plena de todo o fiel, o círio pascal, a cadeira presidencial, o batistério, à entrada, o confessionário, o tabernáculo e a iconografia devocional nas capelas laterais e nos panos laterais do arco triunfal: Na. Sra. de Fátima de coração aberto e o Sagrado Coração de Jesus. Todos estes elementos icónicos nos convocam a participar do mistério do Filho de Deus encarnado.

5.1. *A simbólica na igreja de Águas ao serviço da fé e oração*



Fig. 33 - O batistério, à entrada, do lado do evangelho. Lembra ao cristão a sua entrada na Igreja.

Fotografia de João Lopes Cardoso

Ao entrarmos pela porta principal, do lado do Evangelho, vemos o batistério lembrar-nos a nossa entrada na Igreja e, portanto, já com o estatuto de fiéis celebrado pela receção do sacramento do batismo.

O batismo na fé da Igreja introduz o fiel na experiência do mistério pascal de Jesus Cristo, que é morte para o pecado e vida para Deus. A imersão simboliza a morte e a emersão simboliza a vida nova do cristão que se compromete a seguir Jesus Cristo na obediência ao Pai pelo poder do Espírito Santo²⁵².

Quando somos fiéis e encetamos um percurso de fé, a beleza do espaço sagrado da igreja ajuda a nossa sensibilidade como humanos sedentos de experimentar o amor de Deus. No espaço interior da igreja de Águas, percebemos um ambiente de acolhimento a orientar-nos para a fé e a oração. Sobretudo, pela presença estética dos símbolos cristológicos que, pela beleza, adensam a vontade do fiel a participar na oração litúrgica.

Neste ponto da nossa reflexão, detemo-nos sobretudo nos símbolos teológicos que nos apelam para a qualidade celebrativa da missa, «centro da vida da Igreja» (CIC, n. 2177). Por isso, houve uma preocupação estética do arquiteto Nuno Teotónio Pereira por criar símbolos belos, sobretudo, para motivar à fé e à qualidade da celebração da missa:

É a oração por excelência mais elevada, a mais sublime e, ao mesmo tempo, a mais “concreta”. Com efeito é o encontro de amor com Deus mediante a sua Palavra e o Corpo e Sangue de Jesus. É o encontro com o Senhor²⁵³.

A missa desenvolve-se em duas partes significativas: a liturgia da Palavra e a liturgia da Eucaristia. Porém, toda ela tende para uma unidade, que é comunicar-nos o Mistério pascal de Cristo. Pela participação na liturgia da missa, o fiel escuta a Palavra de Deus retirada da Escritura, apreende a história da salvação e, ao partilhar o pão da eucaristia, experimenta a Páscoa do Senhor no coração da vida. «Sempre que no altar se celebra o sacrifício da cruz, na qual Cristo, nossa Páscoa, foi imolado, realiza-se também a obra da nossa redenção» (LG 3).

A presença estética da luz na igreja de Águas é uma qualidade aquiescente para ajudar o fiel a aproximar-se de Cristo. Destaquemos a simbólica do Círio (de *Kyrios*, palavra grega, que significa

²⁵² 49º Congresso Eucarístico Internacional Québec – Canadá – 15-22 de Junho de 2008, *A Eucaristia, Dom de Deus para a vida do mundo – documento teológico de base*, (Braga: Editorial A.O.), 40.

²⁵³ Papa Francisco, *A Santa Missa – Catequese do Papa Francisco sobre a celebração da Eucaristia* (Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2018), 11. I.

Senhor) e, conforme o ritual do Precônio Pascal, se acende no exterior da igreja, levado pelo ceroferário, em procissão solene até junto da pia batismal, para o rito da unção.

O Círio coloca-se junto do ambão e do altar e simboliza Cristo Ressuscitado, a verdadeira luz que ilumina toda a criatura que vem a este mundo. O fiel, ao participar na missa, sobretudo ao domingo, dia simbólico da Ressurreição do Senhor, experimenta a Páscoa do Senhor e, com o impulso d'Ele recebido, qualifica o coração da vida quotidiana: responde ao amor de Deus com o amor ao próximo. Vive no quotidiano a experiência da Páscoa: os frutos do amor: «disto todos saberão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros» (Jo 13, 35).

A eucaristia remete-nos para a pessoa de Jesus Cristo, Filho de Deus, que encarnou por obra e graça do Espírito Santo. E Jesus é o novo Adão que, anunciado pelos profetas, em obediência ao Pai, se oferece como vítima inocente para redimir a humanidade que vivia nas trevas.

Jesus apresenta-se como a luz do mundo: «eu sou a luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida» (Jo 8, 12). O evangelista S. João, o discípulo predileto, oferece-nos um retrato de Jesus, como o vivente, isto é, aquele que vive, o pré-existente, que é sentido e âncora para todo o fiel que procura a verdadeira vida, que é, seguir e permanecer no Seu caminho, o *Logos*, a Palavra verdadeira.

A fé no Crucificado, que se mantém vivo por Deus e junto de Deus, realiza assim o inconcebível: aquele que foi vergonhosamente executado acha-se confirmado pela potência de Deus, e este sinal de ignomínia torna-se assim sinal da vitória! [...] A cruz de Jesus, esse selo sangrento apostado numa existência vivida nesta linha, torna-se assim apelo a renunciar a uma vida marcada pelo egoísmo, apelo a uma visão não pretensiosa, uma vida para os outros²⁵⁴.

²⁵⁴ Hans Küng, *O Cristianismo – Essência e História*, trad. (do francês): Gemeniano Cascais Franco (Lisboa: Círculo de Leitores, 2012), 56.

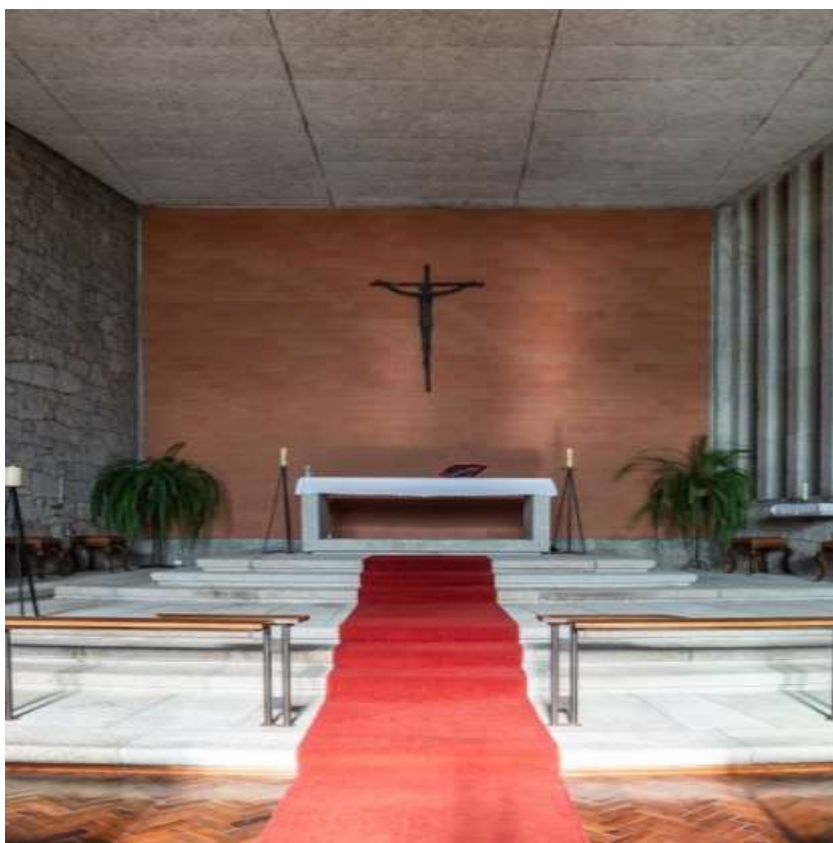


Fig. 34 - A elevação do Crucificado sob o altar, símbolo do cordeiro imolado. A luz nascente a iluminar o altar. Fotografia de Lopes Cardoso

Ao fixar os olhos no Crucificado da igreja de Águas, o fiel, pelo dinamismo simbólico da cruz, é convidado a contemplar o Mistério de Cristo. O recorte volumétrico da figuração esguia, um corpo contorcido e mãos esguias pregadas ao madeiro. A morte na cruz, no tempo de Jesus, era o máximo castigo aplicado a quem cometia homicídio ou desordem pública.

Porém, Jesus era inocente de qualquer crime e sofreu o castigo da cruz, não por masoquismo, mas por ser portador de uma mensagem de salvação. Deus condescendente desce à condição humana, não para a humilhar, mas para a divinizar. «É precisamente porque Ele mesmo sofreu e foi posto à prova, que pode socorrer os que são postos à prova» (Heb 2, 18).

Jesus de Nazaré, o Filho de Deus, ao encarnar, por obra e graça do Espírito, no seio da Virgem Maria, tem por missão cumprir a vontade do Pai: redimir a humanidade do pecado e, com a sua obediência, glorificar o Pai. A cruz simboliza o caminho de Jesus para redimir a humanidade. Jesus Cristo, o cordeiro imolado, chave da salvação, vence a morte: «estava de pé, mas parecia ter sido imolado» (Ap 5, 6a).

A cruz de Cristo só se compreende, porque Deus é amor. «Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele» (1Jo 4, 16). Assim, responder ao amor de Deus, para S.

João, é crer na sua entrega na cruz, a pedido do Pai. Mas, este Deus, que é Pai, vem na sequência e ligação do povo de Israel: «Escuta, ó Israel! O senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás ao Senhor, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças» (Dt 6, 4-5). Diante do Crucificado, a interpelação do fiel é corresponder ao dom de amor de Deus, converter-se em gestos de amor recíproco a Deus e ao próximo.

O destaque no presbitério vai para o altar, coberto por uma toalha branca, esplêndido e intenso, o convite de Cristo para a ceia: *splendor veritatis*. Mas o altar e o ambão não se separam no sentido da iluminação pascal: ambos comunicam a história da salvação; a vitória alcançada por Cristo sobre a Cruz ao ressuscitar no domingo de Páscoa. O Círio que ilumina o ambão significa a vitória sobre a morte. Ele é o Senhor da vida tal como se anunciara aos seus discípulos.

O altar convoca os fiéis para o banquete, acontecimento de comunhão (*Koinonia*), palavra de origem grega, unidade da comunidade reunida em memória de Cristo, Aquele que nos convoca e nos recebe para partilhar os seus dons, que é o Espírito de Deus.

Referido à pessoa do Crucificado ressuscitado, isto significa: Jesus Cristo introduzido junto de Deus, exaltado por ele, vive também agora segundo o modo e o agir de Deus. Por isso mesmo, Paulo pode muito logicamente chamar ao Cristo ressuscitado o “Espírito que vivifica” (Rm16, 7) [...] O que significa concretamente que, pelo Espírito, no Espírito e com o Espírito, Jesus pode estar próximo da sua comunidade para ajudar, a fazer avançar, a consolar, a julgar – quer seja no serviço divino ou no serviço do próximo, na comunidade ou no coração do indivíduo²⁵⁵.

É na confiança e permanência no Espírito vivo de Deus que o fiel O invoca e espera a sua ação transformadora: os dons benéficos do consolo, do advogar, do julgar, do bem fazer.

Participar no banquete implica estar preparado, não negligenciar a união com Cristo e com a comunidade, isto é, permanecer fiel ao convite do Senhor para o banquete da Eucaristia, comungar do alimento da salvação

Para melhor participar na eucaristia, o *Ordo Missae*, depois dos ritos iniciais de saudação e invocação da presença do Espírito de Deus na comunidade, o sacerdote convida os fiéis a reconciliarem-se para partilharem dignamente dos dons e unirem-se no sacramento eucarístico.

A celebração da Eucaristia desperta responsabilidade dos discípulos de Cristo face à própria e permanente necessidade de se reconciliarem e de serem artífices de reconciliação. Expressam-no pelo recurso ao sacramento da reconciliação que purifica o seu coração pela comunhão eucarística e na decisão que tomam de se acolherem nas suas diferenças culturais e opções de vida. Expressam-

²⁵⁵ Kung, *O Cristianismo – Essência e História*, 56.

se também na sua procura de perdão na oração de intercessão por todos na oração do Senhor, na troca do abraço da paz, na partilha de um só pão e dum só cálice, no cuidado de levar a comunhão aos doentes ou no tornarem-se solidários dos pobres e dos marginais²⁵⁶.

Ao transpor a porta principal da igreja de Águas, encontram-se dois confessionários, e há um outro, na nave adjacente, junto da comunicação da nave com a sacristia, para simbolizar a necessidade de preparar o coração e poder participar digna e plenamente na eucaristia da comunidade eclesial.

Sob a realidade de banquete, o Evangelho apresenta-nos uma teologia rica. O banquete sempre com sentido escatológico, a apontar para o verdadeiro encontro com Deus. A relação sponsal de Deus com a Igreja, presente na tradição nupcial do profeta Oseias (Os 6,6).

Nas bodas de Caná, Jesus manifesta a sua glória e os discípulos creram n'Ele (Jo 2, 11). Em Lucas, Jesus confronta os discípulos de Emaús com os últimos acontecimentos relativos à sua morte, em Jerusalém.

O ambiente era de desolação e pouca esperança sobre a ressurreição, pois já tinham passado três dias. No entanto, Jesus narra-lhes as Escrituras e ativa-lhes a memória de que Cristo teria de sofrer para entrar na Sua glória. Assim, ao ser convidado para a ceia, Jesus inverte completamente o estado de alma dos discípulos. De convidado passa a presidir à hospitalidade e reassume o papel de verdadeiro pedagogo.

É na ceia que os discípulos reconhecem Jesus e, que o Jesus pré-pascal não era diferente do pós-pascal, mas a sua continuação.

Jesus é reconhecido nos gestos à mesa – gestos de comunhão – e isto não pode ser substituído mesmo pelas Escrituras. O lugar da fração do pão, de facto, torna-se o lugar da compreensão das Escrituras²⁵⁷.

Na refeição preparada na casa de Marta e Maria, Jesus entra como convidado, porém, no evoluir gradual das ações, constitui-se como chefe de mesa, confirmado na atitude de Maria, pois Jesus qualifica a sua atuação como a melhor parte, porque «escutava a sua fala» (Lc 10, 39). E escutar a palavra consiste em querer seguir Jesus.

²⁵⁶ 49º Congresso Eucarístico Internacional Québec – Canadá – 15-22 de Junho de 2008, *A Eucaristia, Dom de Deus para a vida do mundo – documento teológico de base*, 35.

²⁵⁷ Enrico Mazza, *O Novo Testamento e a Ceia do Senhor*, 1ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018), 234.

Nesta ceia Jesus manifesta a vontade de Deus e o empenho de Maria torna-se a própria imagem do discipulado [...] clima de casa e a natureza da refeição são o ambiente melhor para a escuta de Jesus e para crer n'Ele. É o ambiente que conta, não a refeição enquanto tal²⁵⁸.

O banquete de Jesus tem um valor escatológico, da refeição convivial feita, agora, com os seus discípulos, prepara-nos para a participação futura, no alimento perene, que é com o Pai: «desejei ardentemente comer esta Páscoa convosco, antes da minha paixão, porque Eu vos digo: não a comerei mais, até que ela se cumpra no reino de Deus» (Lc 22, 14-16). Assim, agora, sempre que celebramos a Eucaristia, e nos alimentamos do seu corpo, ao exprimirmos o Mistério da fé: «Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus»²⁵⁹.

A comunidade convocada para a Igreja, reúne-se para celebrar a missa, conjunto de ações litúrgicas organizadas e que expressam na Palavra e na Eucaristia, o Mistério encarnado de Jesus Cristo:

«A Igreja recebeu a Eucaristia de Cristo seu Senhor [...] como o dom por excelência, porque ele é o dom de Si mesmo, da sua pessoa na sua santa humildade, e da sua obra de salvação»²⁶⁰. Ao aproximar-se e participar da comunhão eucarística, o fiel reforça-se do alimento da Páscoa do Senhor, assume a humildade da Cruz e vive já a antecipação da esperança eterna em Deus. A união na eucaristia permite integrar-se na comunhão de vida da comunidade celebrativa, contribuir com os carismas particulares e integrar-se no corpo místico de Cristo, que é a Igreja, comunidade eclesial e católica, isto é, unida a todo o tecido eclesial universal.

Na missa, os cristãos reunidos em Seu nome, renovam a fé na Sua pessoa, quer compreendendo a palavra retirada das Escrituras, quer o Mistério da Sua paixão, morte e ressurreição.

Na missa, a comunidade experimenta a Páscoa do Senhor, que é um banquete sagrado, o verdadeiro *agape*. Explicado, sobretudo, no lava-pés aos discípulos: quem quiser seguir o Mestre deve dispor-se para o serviço. Tal como Ele faz com o seu corpo e sangue, ao morrer na cruz, em obediência ao Pai, também os discípulos tomam, agora, o seu corpo e sangue, sob as espécies do

²⁵⁸ Mazza, *O Novo Testamento e a Ceia do Senhor*, 221-2.

²⁵⁹ Resposta à Oração Eucarística IV. Em *Missal Romano*, Libreria Editrice Vaticana – Dicastero per la Comunicazione, tradução portuguesa (Conferência Episcopal Portuguesa). Terceira edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022), 684.

²⁶⁰ João Paulo II, Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, nº 11.

pão e do vinho e o partilham para memória futura: o mandato sacerdotal de celebrar a eucaristia, que é *agape*, oblação, anúncio e serviço (Jo 13, 1-13).

5.2. *A participação na missa da igreja de Águas*



Fig. 35 - Na celebração da eucaristia, a comunidade experimenta a fonte e alimento da vida cristã.

Fotografia de Ismael Malhadas Vigário

Sendo o trabalho de investigação de âmbito teológico-litúrgico da arquitetura da igreja de Águas, tomámos a iniciativa de participar na missa dominical. A paróquia de Águas está integrada numa unidade pastoral, com mais nove congéneres, de Penamacor, Diocese da Guarda. O serviço pastoral é assegurado por um presbítero ou, alternativamente, por um diácono. Aconteceu no dia 14 de abril de 2023 e a liturgia da missa era relativa ao Terceiro Domingo depois da Páscoa, ano B, celebrada pelo presbítero Rui.

Integramo-nos na comunidade, onde já havíamos participado no ano anterior. Sentimo-nos bem acolhidos pelo presbítero e toda a comunidade ali presente, uma pequena assembleia de fiéis de diferentes fases etárias, incluindo jovens em idade escolar. Uma comunidade de vizinhos e de

relação humana muito próxima de uns com os outros, portanto, com uma boa pertença e consciência comunitária. «Porque a igreja se realiza num lugar»²⁶¹.

Este “lugar” entende-se e divisa-se, no concílio, sobretudo a partir da diocese (LG 23, SC 41).

Mas, analogicamente, ele é ou pode compreender-se a partir da paróquia, em especial na sua realização “figural” exemplar que é a assembleia dominical. “É, de facto, nestas comunidades, muitas vezes pequenas e pobres, ou dispersas, que Cristo está presente, em virtude do qual se constitui a Igreja una, santa, católica e apostólica” (LG 26)²⁶².

A igreja estava decorada com flores brancas, sentia-se um perfume agradável, recordava-nos os aromas e frutos da terra. Tempo do equinócio, a luz filtrada e branca a aquiescer o tempo pascal. A toalha branca do altar e do ambão: sinais visíveis que nos introduziam na realidade sacramental da arte de celebrar a alegria da ressurreição do Senhor.

Depois do acolhimento, deu-se início à celebração da missa, com o canto de entrada, no rito de procissão do presbítero, sem acólito, subindo os degraus em leque para o altar. Os fiéis ocupavam a nave central, com o grupo coral do lado direito a animar o canto da celebração.

Ao rito inicial de saudação do presbítero: “O Senhor esteja convosco”, a assembleia respondeu com “o Senhor está no meio de nós”. E toda a assembleia se sentiu em comunhão eclesial em memória do Senhor ressuscitado. Depois do rito inicial do *Ordo Missae*, antífona de entrada introduz o tema da alegria da ressurreição do Senhor. Na sequência, é o ato penitencial, momento interior para pedir perdão e recebermos a misericórdia, com a invocação do *Kyrie eléison* para entrarmos dignamente na celebração sacramental. O celebrante convida toda a assembleia a unir-se à oração, dizendo «oremos». Na oração *coleta*, os fiéis unem a sua oração ao sacerdote que as eleva ao Senhor.

Depois vem o Glória, oração de louvor ao Senhor pelas maravilhas operadas na comunidade ali reunida, sobretudo, pelas maravilhas alcançadas por Cristo no mistério pascal, agora celebrado e vivido como a nossa Páscoa.

A primeira leitura retirada de Atos dos Apóstolos (3,13-15.17-19). Pedro dá testemunho de fé da ressurreição de Jesus e convida todos os ouvintes a converterem-se à fé. Confirmava-se o que estava anunciado nas Escrituras que, depois de sofrer e morrer, por amor, ao ressuscitar, preparava uma nova casa para quem acreditasse. Seguidamente, a solista canta o Sl 4,2.4.7.9 (R. 7a) e toda a

²⁶¹ Cf. O contributo, muito conhecido, de H.M. LEGRAND, «La réalisation de l'Église en un lieu», in *initiation à la pratique de la théologie* III/2, Cerf (1983): 143-385. Citado por Chauvet, *A arte de presidir à liturgia*, 19.

²⁶² Chauvet, *A arte de presidir à liturgia*, 19.

comunidade, em uníssono, participa no canto do refrão: «Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz do vosso rosto».

A segunda leitura é retirada da Primeira Carta de S. João (1Jo 2, 1-5a) e proclama-se a identidade do Ressuscitado, um Deus de amor que, ao oferecer-se como vítima na cruz, propiciou a plena redenção de toda a humanidade.

Depois a comunidade canta o *Alleluia* de pé e prepara-se para escutar o Evangelho de Lc (14, 35-48), proclamado do ambão pelo presbítero.

Sendo tempo pós-pascal, a leitura refere-se à vida de Jesus Cristo ressuscitado, o diálogo e reencontro com os peregrinos de Emaús. Na sequência, a comunidade escuta a homilia do presbítero que, num modo vivo e dialogante, explica a síntese do conteúdo do Evangelho. Que o Jesus ressuscitado não era um qualquer «fantasma», mas uma pessoa, pois «mostrou-lhes os pés e as mãos», estava vivo e coincidia com a pessoa do Crucificado.

A prova estava, de facto, em sentir fome e manifestar vontade em comer com os discípulos. Jesus apresentava-se de pé, à vista dos discípulos, para que testemunhassem a Sua ressurreição dos mortos e que tudo se cumpria como se anunciara «na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos».

Mas, agora, é o próprio Jesus que prepara o banquete para os discípulos, porque é o Ressuscitado: «vinde comer [...] Jesus aproximou-se, tomou o pão e deu-lho. E fez o mesmo com o peixe» (Jo 21, 12-13). Foi nos gestos do partir do pão que os discípulos reconheceram Jesus, o que quer dizer que as refeições posteriores vêm na sequência da Última Ceia que Jesus tomou com os discípulos, espécie de sinal de identificação.

Como forma de reconhecimento, na celebração, o modo habitual como Jesus celebrava a ceia com os discípulos: a utilização dos verbos que exprimem e sequenciam as ações e gestos de Jesus na fração do pão:

“Tomar” o pão; “dar graças”; “partir o pão”; “distribuir”[...] que esta sequência é o que se impõe [...]. Se aquela sequência de gestos é tão característica da refeição com Jesus, a ponto de a distinguir de qualquer outra, segue-se daí que aquela sequência é o elemento constitutivo da Ceia do Senhor e que, portanto, é a “forma” da celebração que Jesus transmitiu. E daquele pão e daquele cálice se dirá que são o seu corpo e o seu sangue²⁶³.

Daqui depreendemos que estes gestos e estas ações vão na continuidade das refeições de Jesus com os discípulos e, por isso, apresentam as características para que, assim, possam ser reconhecidas como a eucaristia. Alimentando-nos, agora, no nosso quotidiano, possamos vivê-la como anúncio escatológico, junto do Pai.

²⁶³ Mazza, *O Novo Testamento e a Ceia do Senhor*, 251-2.

Assim compreendemos com o significado proposto pelo Evangelho de Lucas: «E Eu preparo para vós um reino, como o meu Pai o preparou para Mim, para que comais e bebais à minha mesa no meu reino. E sentar-vos-eis em trono a julgar as doze tribos de Israel» (Lc 22, 29-30).

Depois seguem-se os ritos da liturgia eucarística. E entramos na anamnese do sacrifício incruento de Cristo, mas, agora, renovado e experimentado pela assembleia reunida a transformar a vida de fé.

Ao participarmos no sacrifício de Cristo, façamo-lo, em culto espiritual, como exorta S. Paulo: «que ofereçais os vossos corpos como sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. Seja este o vosso verdadeiro culto, o espiritual» (Rm. 12, 1). Ou seja, a eucaristia sacramentalmente celebrada deve transformar a nossa vida e projetá-la na ação concreta: «é continuar depois da oblação celebrada, essa oferta celebrada no dia a dia, na relação com os outros, na vida comunitária, no trabalho, na família, em tudo»²⁶⁴. Ao vivermos a eucaristia em comunhão pascal, a nossa vida é a nossa *Páscoa*.

5.3. *A iconografia e o culto devocional*

No espaço interior de uma igreja é comum encontrarmos lugares votados ao culto devocional, a convocar diferentes hagiografias, conforme a tradição e a devoção local. É habitual na igreja estarem imagens alocadas em altares laterais ou elevadas em peanhas sobrepostas nos panos laterais e frontais do interior da igreja.

O culto devocional encontra grande acolhimento por parte do magistério da Igreja, quer na análise e aprofundamento de casos da piedade popular, quer na publicação de documentação crítica e objetiva, que responda à solicitação e orientação da fé e oração dos fiéis.

Na base do culto devocional está a aspiração e o desejo do sagrado, expressão muito arreigada na piedade «popular», sobretudo, na prática da peregrinação a santuários, com destaque para o santuário de Fátima, «altar do mundo», entre outros.

O verbo peregrinar convoca ao aprofundamento do sentimento religioso, encetado no movimento antropológico de sair de si, fazer caminho, a inquietude a aspirar o reencontro com Deus, ao ensejo agostiniano, o único e verdadeiro repouso. Mas, também, participação numa romaria de apelo cristão em honra de um santo ou de Nossa Senhora, na procura de uma necessidade de paz e espiritualidade interior. O recurso à contemplação e procura de uma experiência única, «a unidade

²⁶⁴ Luís Manuel Pereira da Silva, *Nascemos da Páscoa – O memorial do mistério pascal*, 1ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021), 287.

interior alcança-se através do amor puro e gratuito, amando a Deus por ser quem é, porque é o nosso todo, e sem buscar outra recompensa senão ele mesmo»²⁶⁵.

A procura de uma realidade num lugar, que pode estar à nossa frente, diferente de nós, mas que nos convoca para um encontro que nos eleva. Esse lugar de encontro pode estar dentro do espaço de uma igreja, por meio da contemplação de uma imagem de devoção.



Fig. 36 - Em peanha, à direita, está a imagem de Na. Sra. de Fátima. Do lado do evangelho encontra-se o Sagrado Coração de Jesus. Fotografia de João Lopes Cardoso

Na igreja de Águas, junto ao arco triunfal da nave com o presbitério, contemplamos, à direita, uma imagem de Na. Sra. de Fátima²⁶⁶ e, à esquerda, a imagem do Sagrado Coração de Jesus. E associamos a união destas duas imagens ao fenómeno das aparições de Fátima. A imagem de Na. Sra. de Fátima é apresentada de coração aberto, tal como o Sagrado Coração de Jesus. Ambas as imagens convocam o devoto à oração e aprofundamento da fé ao amor a Jesus Cristo. Identificar o amor com o coração é uma recorrência bíblica, nele se convoca o sentido e convergência da unidade do sentir mais profundo da pessoa.

Deus relaciona-se com o seu Povo e com toda a criação porque ama. Logo, a mais perfeita definição de Deus será pela sua capacidade de amar – pelo coração. O coração de Deus é o próprio Deus, na medida em que se orienta, por amor gratuito para a sua criatura. O seu amor é, assim, o seu centro – um centro que o desconcentra de si²⁶⁷.

²⁶⁵ Thomas Merton, *Curso de Mística Cristiana – em treze lecciones* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2018), 120.

²⁶⁶ Lembramos que a igreja de Águas tem o nome e a dedicação a Na. Sra. de Fátima.

²⁶⁷ João Manuel Duque, *No Corpo do Tempo – Teologia Breve I*, 1ª ed. (Braga: Livraria Apostolado da Oração, 2021), 39.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus põe o fiel em presença e motivação para com a identidade mais perfeita que Deus dá de Si: Deus é amor. Jesus Cristo, ao doar a sua vida na Cruz por amor do outro, simboliza o amor máximo: morrer por amor. O devoto, diante desta simbólica, sente-se afetado e, pela empatia do Seu exemplo, é impactado a converter-se à fé e a entregar-se à caridade a favor do outro que sofre. A piedade do devoto consiste em

acolher no nosso coração o coração de Deus, para que habite o coração do mundo, é a permanente atitude do cristão, a sua devoção, a sua piedade permanente. E acolher o coração no coração mais não é do que amar, à medida desmedida desse coração que se nos dá²⁶⁸.

O apelo à conversão ao Sagrado Coração de Jesus que, segundo a mensagem do Anjo de Fátima, continua a sofrer e a apelar à conversão de toda a humanidade. As duas realidades estão unidas num mesmo sentimento: o coração imaculado de Na. Sra. de Fátima a pedir ao fiel que cumpra o desejo do Sagrado Coração de Jesus, que sofreu na cruz como símbolo do amor pela humanidade.

A devoção a Na. Sra. de Fátima tem impacto no culto mariano em Portugal, sobretudo pela motivação do Santuário de Fátima, em que Maria motiva como santuário, isto é, lugar sagrado e de acolhimento do fiel. Peregrinar até ao santuário insere-se num projeto de conversão, em que o próprio sofrimento do caminho, ajuda a interiorizar o sentido de uma conversão à fé cristã.

A caminhada a pé joga-se em plena liberdade e nela se joga a liberdade mais autêntica de todo o ser humano. Por isso é que o caminho da vida, a percorrer a pé para lhe sentir todos os passos e todos os momentos, é um constante caminho de conversão do ser humano contra si mesmo, em nome de si mesmo e da sua verdade. Essa, a plena verdade de si, é a meta que nos anima, porque só ela nos libertará²⁶⁹.

O devoto, ao aceitar o caminho até Maria, em peregrinação até ao santuário, ou olhando a sua imagem no espaço de uma igreja, dispõe-se na direção de Deus. Maria, mãe de Jesus, pelo seu *Sim* a Deus, na Encarnação, constituiu-se como caminho de vida de fé para chegar a Jesus.

²⁶⁸ Duque, *No Corpo do Tempo – Teologia Breve I*, 40.

²⁶⁹ João Manuel Duque, *Fátima Uma Aproximação*, 1ª ed. (Prior Velho: Paulinas Editora, 2017), 47.



Fig. 37 - Os três altares laterais em homenagem à família Megre. E o corredor de circulação entre as duas naves. Fotografia de João Lopes Cardoso

Os três altares laterais da nave adjacente à nave central apresentam três imagens, na sequência da pia batismal. No primeiro altar, com a imagem de S. Domingos, capela de S. Domingos, em homenagem ao Dr. Domingues Megre; a capela de Na. Sra. de Lourdes, com uma auréola a identificar a Imaculada Conceição²⁷⁰, em honra da Sra. Lourdes Megre; e a capela de S. José (também com o Tabernáculo), em memória ao pai dos três irmãos Megre²⁷¹.

A existência destas capelas e a escolha pela família destes santos, põe-nos na posse da chave para aceitarmos, pacificamente, que a justificação reside no facto de ser uma igreja construída por iniciativa privada, como já tivemos oportunidade de referenciar.

Que significado e enquadramento teológico representa o culto devocional na Igreja e, especificamente, na igreja de Águas? Está a arquitetura da igreja de Águas salvaguardada do adequado enquadramento do culto devocional, que não impeça o predomínio do culto do altar?

²⁷⁰ Na. Sra. em Lourdes apresenta-se na aparição sob o símbolo de Imaculada Conceição. A primeira aparição em 11 de fev. de 1858., na gruta de Soubirous, com o pedido de oração e penitência. E na aparição, em 25 de março, de 1958, identifica-se: «eu sou a Imaculada Conceição».

²⁷¹ Cf. Canoso, *Igreja de Águas*, 12.

Debrucemo-nos sobre a segunda questão, para depois nos determos na primeira, à qual daremos maior desenvolvimento. O projeto de arquitetura, inicialmente, pretendia responder aos objetivos de uma igreja moderna, centrada em Cristo, no Evangelho.

A simbólica da presença da luz coada «que esplende»²⁷² e impacta a existência crente e congrega o afeto a permanecer envolto, no olhar terno de Na. Sra. de Fátima, à direita, e o Sagrado Coração de Jesus, à esquerda, que nos encaminham para o altar²⁷³.

Assim, se na história de salvação, Na. Sra. foi «predestinada» (LG 56), por obra e graça do Espírito Santo para ser a Mãe de Cristo, o Sagrado Coração de Jesus simboliza Cristo, a epifania do amor do Pai. Entendemos que as duas imagens orientam e convocam os fiéis para o altar-mor, centro da presença de Cristo.

O projeto de arquitetura cumpre o seu objetivo, não desfigurar o próprio Cristo. E acrescenta-se, conforme informação que as capelas adjacentes não estavam contempladas no projeto inicial²⁷⁴.

As imagens devocionais foram integradas de forma a não colidirem com a orientação do foco central e não impedirem a atenção dos fiéis do altar-mor.

²⁷² Joaquim Félix de Carvalho, *Pentateuco das Passagens*, (Porto: Officium Lectionis, 2024), 80 (haiku nº 206).

²⁷³ Cf. Canoso, Igreja de Águas, 48. «Estas peças de estatúria ornamental da autoria de Euclides Vaz (1916-1991). [...] Integra-se numa estética modernista de busca de essencialidade plástica pela simplificação geométrica de formas e volumes, interpretando os ideais de uma espiritualidade alicerçada na magnanimidade de um Deus bondoso».

²⁷⁴ No estudo programático do projeto dizia-se: «na nave central não deverão ser colocadas, como é corrente, imagens ou quadros em quantidade, cujo estilo ou imagem briguem com os do edifício. Somente uma ou outra imagem poderá caber em local especialmente recatado». Em http://hdl.handle.net/11067/5395_PT_NTP-TXT_00123) (de Paula Noé-2018), acedido em 25 de novembro de 2023.



Fig. 38 - O crucifixo em bronze na testeira do presbitério: simplicidade e despojamento. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário

Há ainda o crucifixo²⁷⁵ na testeira do altar-mor e as estatuetas da via-sacra, no pano sul da nave central, que concluem o conjunto integrado do culto devocional, sobretudo, no período quaresmal. Uma representação expressiva das figuras bem delineadas a criarem o ambiente propício à meditação e oração sob a memória da paixão de Cristo, nos passos da cruz.

Convoquemos e identifiquemos marcas que justificam a teologia do culto mariano. Num primeiro movimento de análise e, fazendo *jus* ao nome da igreja de Águas, apresentamos uma análise teológica do culto devocional acerca de Nossa Senhora, não nos detendo, particularmente, no atributo de Fátima, mas sob o denominador essencial da identidade mariana: Maria, Mãe de Jesus de Nazaré.

Na nossa reflexão sobre o culto devocional a Maria, contemplamos as duas imagens da igreja: Na. Sra. da Imaculada Conceição e Na. Sra. de Fátima, que constitui o nome da igreja, em análise: «igreja de Na. Sra. de Fátima de Águas». Talvez, pelo facto de o nome de Na. Sra. de Fátima gozar de alto realce, em Portugal e no mundo e, também, o Santuário de Fátima ser apelidado de «altar do mundo». Embora não tenhamos apurado a razão da atribuição deste nome à igreja de Águas, tudo indica que será pela presença dominante da devoção mariana ali e, ainda, ser um atributo dado a tantas devoções marianas, em Portugal dessa época, parece-nos que poderá ser este

²⁷⁵ Autoria de Jorge Vieira (1922-1998), uma escultura expressiva, bela, a destacar-se do tom quente e avermelhado da tijoleira, provocando impacto no fiel pela energia sensível de traços e volumes adensados. Uma transfiguração abstratizante e tridimensional, capaz de provocar a emergência das potências positivas no fiel.

o caso. O facto de existirem na igreja duas imagens relativas a Maria: Fátima e Lourdes, podermos concluir que a família benemérita era uma fiel devota do culto mariano²⁷⁶.

Nossa Senhora foi predestinada a ser a mãe do Salvador, anunciado pelos profetas (Is 7,14; Miq 5, 2-3) e NT, como o Emanuel (o Deus connosco) (Mt 1, 22-23). Ela seria a nova Eva e propiciaria o nascimento do novo Adão, Jesus Cristo. Esta enunciação constitui o protoevangelho: a missão de Maria na economia da história da salvação. O Filho de Deus nasceria de uma mulher, abençoada por Deus. Maria gozaria de uma graça especial,

remida dum modo mais sublime, em atenção aos méritos do seu Filho, e unida a Ele por um vínculo estreito e indissolúvel, foi enriquecida com a excelsa missão e dignidade de Mãe de Deus Filho; é, por isso, filha predileta do Pai e templo do Espírito Santo, e, por este insigne dom da graça, leva vantagem a todas as demais criaturas do céu e da terra (LG 53).

Deste modo, e atendendo aos méritos alcançados junto de Cristo, ganhou um novo estatuto, elevada aos olhos de Deus, mas também, porque da nossa carne, mais próxima, para interceder por nós junto de Deus.

Da narrativa evangélica, depreendemos um modelo existencial de resposta aos desígnios misteriosos de Deus, acolhendo em silêncio meditativo a Palavra de Deus, para responder à paixão e morte do Filho, que aceita ser trespassada pela espada (Lc 1,35).

Maria expressa a mulher imagem do mistério, pronunciado no hino do *Magnificat* (Lc 1,46-55), a humildade, a disponibilidade para com a sua prima Isabel (Lc 1,39s), a atenção e cuidado em Caná (Jo 2,12). Assim, afirmamos que Maria é

ícone porque nela se realiza a revelação do escondido, o apocalipse dos últimos tempos, a presença do Eterno na história; e ao mesmo tempo porque nela se oferece aos olhos do coração crente a janela do mistério, o poente entre o visível e o invisível²⁷⁷.

O ícone põe-nos no caminho de Maria, numa carne concreta, como a nossa, nela se realiza o todo de Deus, que é o mistério da Trindade.

Enquanto arca da aliança nupcial entre o céu e a terra, Esposa na qual o Eterno une consigo a história e a cobre com a novidade surpreendente de seu dom, Maria refere-se à comunhão entre o

²⁷⁶ Cf. Sobre a família benemérita, a antiga governanta, Isabel Maria Próspero Lourenço, invoca a devoção dos irmãos, muito religiosos. Em Canoso, *Igreja de Águas*, 12.

²⁷⁷ Bruno Forte, *Maria, la mujer icono del Mistério: Ensayo de Mariologia simbólico-narrativa*, trad. Alfonso Ortiz García (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015), 168.

Pai e o Filho, e entre eles e o mundo, e oferece-se, portanto, como ícone do Espírito Santo, que é nupcialidade eterna, vínculo de caridade infinita e abertura permanente do mistério de Deus à história dos homens²⁷⁸.

Da contemplação da sua imagem, chega-nos a força de um reflexo de luz que ativa e eleva a nossa carne frágil, porque concreta e existencial. Esta é a beleza que resplandece da imagem de Maria, estímulo para o crente entrar na dinâmica da fé do ressuscitado: *mysterium pietatis*.

Ao contemplar o ícone, o fiel é afetado pela *claritas* e abre-se ao mistério. «Se o visível do ícone é perceptível para todos, o invisível oferece-se a quem se aproxima dele com coração humilde e com docilidade interior»²⁷⁹.

Deste modo, o fiel ao olhar a sua imagem, é atraído para o seu significado teológico nele refletido: a escuta da palavra de Deus, a obediência e humildade no serviço, a atenção e cuidado votado ao Filho.

Através da devoção a Maria, nossa catequese, pedagoga, nossa Mãe, nos encaminha para experimentar, pela oração e caridade eclesial, o amor de Deus.

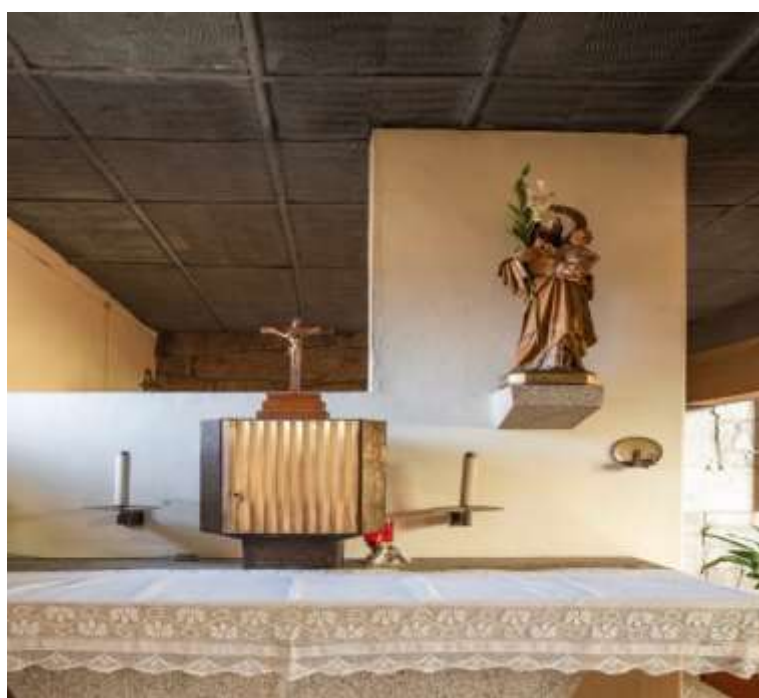


Fig. 39 - O altar do Tabernáculo na nave adjacente, capela de S. José. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Próximo do presbitério, na capela de S. José, na nave adjacente, encontra-se o Tabernáculo da reserva eucarística, que é a presença sacramental de Jesus Cristo naquele lugar consagrado.

²⁷⁸ Forte, *Maria, la mujer icono del Mistério: Ensayo de Mariologia simbólico-narrativa*, 171.

²⁷⁹ Forte, *Maria, la mujer icono del Mistério: Ensayo de Mariologia simbólico-narrativa*, 169.

A habitação do Santíssimo Sacramento no Tabernáculo possibilita o culto devocional dos fiéis durante todo o tempo, quer na oração de adoração particular, quer a comunidade eclesial convocada e sob o rito e presença do presbítero. Sobretudo, na exposição do Santíssimo Sacramento em adoração eclesial, ora e medita no mistério da Encarnação de Jesus Cristo. Modelo de humildade e de amor que continua a oferecer-se para nos redimir.

Na meditação do SI 41, Sto. Agostinho destaca o valor da misericórdia divina na adoração comunitário ao Santíssimo. Sobretudo, através do desejo de elevação, o *ascenso*, da união, o *anelo*, com quem se aprende a humildade e se robustece o coração na fonte divina:

É a orientação comunitária do desejo de união mística, a sua ênfase no amor, a sua sede em Deus, a qual é partilhada e, por isso, aumenta, ajudando a todos no caminho de um disfrute que é muito maior por ser compartilhado²⁸⁰.

Em comunidade eclesial, diante do Senhor exposto, o fiel ativa as potências positivas e dispõe o coração a experimentar e a saborear o amor divino:

“Não há nada que faça tanta pressão sobre o coração do homem como o amor”, e o ponto culminante de tal pressão é ver que “Jesus Cristo morreu por nós, deu-nos a sua vida com a sua morte. Vivemos apenas porque Ele morreu e morreu por nós, para nosso benefício e em nós”²⁸¹.

No rito do canto de louvor, na escuta da Palavra, no silêncio meditativo, o fiel contempla a verdade iluminada e abre-se à vida espiritual, que é acolher o amor de Deus vivo e ativo, que é a sã Caridade. A contemplação como espaço de discernimento para agir com sabedoria no quotidiano:

A verdade do êxtase da vida e da ação não é genérica, mas deriva da forma da caridade de Cristo, que culmina na cruz. Este amor não anula a existência, mas fá-la brilhar com uma qualidade extraordinária.

Por isso, São Francisco de Sales, com uma imagem muito bela, descreve o Calvário como “o monte dos enamorados”²⁸².

²⁸⁰ Merton, *Curso de mística cristiana em treze lecciones*, 123.

²⁸¹ São Francisco de Sales, tratado do Amor de Deus, VII, 8: editado por Ravier-Devos, Paris 1969, 687-8. Em Papa Francisco, Carta Apostólica - *Totum amoris est*. No IV centenário da morte de São Francisco de Sales, 1ª edição (S. Paulo: Paulus Editora, 2022), 34.

²⁸² Papa Francisco, Carta Apostólica - *Totum amoris est*. No IV centenário da morte de São Francisco de Sales. 35.

O culto devocional eucarístico entende-se como frutificação da caridade levada ao cotidiano da existência concreta da vida do fiel.

Culto e *ethos* compenetraram-se mutuamente como uma única realidade que se configura no encontro com o *agape* de Deus. [...] Uma eucaristia que não se traduza em amor concretamente vivido, é em si mesma fragmentária²⁸³.

O mandato de Deus do amor cumpre-se na nossa resposta ao amor concreto que se opera na nossa vida.

²⁸³ Bento XVI, Carta Encíclica *Deus Caritas est*, nº 14, p. 27.

CAPÍTULO 3: ARQUITETURA E IMAGEM AO SERVIÇO DA PASTORAL DA BELEZA LITÚRGICA

Encetámos um caminho teológico, no segundo capítulo, para pensarmos o espaço de uma igreja, como *locus theologicus*, questionando a sua pertinência e possibilidade. Será possível construir uma casa para Deus? E concluíamos que Ele é a casa. O seu corpo iluminado pelas Escrituras é o seu verdadeiro templo; não poderá ser propriamente um lugar, mas um modo de ser, quando o fiel se identifica com o *corpo de luz*²⁸⁴, que é o próprio Deus, morto e ressuscitado, o Espírito de Deus, quando percecionado e vivido pelos fiéis na comunidade eclesial.

Neste sentido, a nossa dificuldade em separar na teologia a *lex credendi da lex orandi* que, só por metodologia de passos balbuciados de claro-escuro, nos distanciamos para nos aproximarmos, porque tecidos pelo mesmo Espírito que nos impulsiona para Ele. Porque a epifania de Deus se reconhece no «partir do pão», isto é, só saboreando este Deus, comendo o seu corpo, se ilumina a vida do fiel e nos pode reenviar para a Palavra, quando antes a não podíamos compreender.

Este terceiro capítulo, *locus lithurgicus*, é um espaço temático de confluência da fé e da oração ou da oração de e na fé, sem separação, nem diferença: viver no seio do próprio Deus, que é «consenti-Lo» a fermentar a nossa vida de crentes. Ele está à porta, é dom que se oferece, precede-nos em tudo, desde toda a criação, de criaturas por Ele formadas. A encarnação de Deus é a chave que abre a saída à solidão histórica e cósmica dos que peregrinam ao Seu encontro.

Como um fogo incandescente, a sua luz manifesta-se e rompe toda a dureza que oculta e impede de O ver e sentir. Deixar-se tocar por um raio de centelha que rompa a nossa pele frágil, corpo mortal, para esperar acolher a vida abundante que nos atinge e nos pode levar para o Seu lado.

Em que consiste o lado da vida com Deus? Como viver a espera de Deus? Em que consiste a fé, senão alimentar-se da vida, que é o dom de Deus, em nós? Que não é a vida apagada sobre si mesma, autorreferenciada e mergulhada sobre si mesma. Mas em oração na Sua presença, sobretudo na celebração da beleza do culto litúrgico, em comunhão com a Trindade divina.

Neste capítulo, mais que pensar Deus e convocar a teologia, é nosso objetivo refletir sobre a experiência do culto litúrgico, sobretudo a vivência cristã dos sacramentos no espaço concreto de uma igreja.

²⁸⁴ Cf. Michel Hubaut, *Do corpo mortal ao corpo de luz: fundamentos e significado da ressurreição* (Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lda. 2011), 195.

A igreja de Águas será o espaço da experiência sacramental. Está organizado e desenhado o espaço para a prática sacramental? Que constrangimentos e limitações? Que experiência positiva podemos apresentar da prática litúrgico-sacramental?

A entrada na igreja, o desenho da pia batismal e a liturgia do batismo. A necessidade da cura para respirar o élan purificado e oferecido por Deus, na pessoa do presbítero; a unção da bênção, como união a Deus; a Palavra do ambão, sacramento a iluminar o caminho da fé; a eucaristia a alimentar a fome e a sede da verdadeira vida, que é alimentar-se do Deus vivente, no pão partido e compartilhado na comunidade eclesial. O modo explícito é experimentar o dom de Deus na liturgia trinitária:

Consumada a obra que o Pai confiou ao Filho para ele cumprir na terra (cf. Jo 17,4) foi enviado o Espírito Santo no dia do Pentecostes, para que santificasse continuamente a Igreja e deste modo os fiéis tivessem acesso ao Pai, por Cristo, num só Espírito (cf. Ef 2,18) (LG 4).

Tal como uma casa, o espaço de uma igreja é um «espaço habitável»²⁸⁵. Diferente de outros espaços desenhados, o objetivo funcional da igreja é estabelecer uma relação de culto com Deus, o culto público, sobretudo na liturgia: «As ações litúrgicas não são ações privadas, mas celebrações da Igreja, que é “sacramento de unidade”, isto é, Povo santo reunido e ordenado sob a direção dos Bispos» (SC 26).

Se o sujeito da liturgia é a assembleia reunida, a geometria espacial deve responder às necessidades funcionais: vontade expressa do crente a dar corpo ao espaço funcional de querer «sagrar» o próprio Deus à pele humana. Espaço onde se possa «captar»²⁸⁶ o sentido da ação litúrgica, como forma de intuir e experimentar a vontade de louvar o próprio Deus, para que alguém se sinta atraído e transformado.

Neste sentido, há necessidade de identificar liturgia como ato de celebrar, que implica o lugar do corpo do crente, como entidade ativa e participativa. Damos ao corpo a oportuna relevância de sentir o ato litúrgico, não o restringir à faculdade da cognição.

Para aclararmos esta nota, acolhemos o contributo do liturgista De Clerk, quando nos remete para a dualidade linguística distintiva de enunciado e enunciação, o primeiro registado no modo de

²⁸⁵ Cf. Cohen, *Le Corbusier*, 67.

²⁸⁶ Paul de Clerk, *A inteligência da liturgia*, trad. Artur Morão, 1ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022), 14. (“captar” em vez de compreender, pois expressa a inteligência da liturgia, como intuição, a convocar o coração, a empatia, enquanto compreender a realçar mais a cognição intelectual).

escrita, texto, o segundo indica a operacionalização efetiva, a modulação da voz do texto, a música a ressoar concretamente²⁸⁷.

Deste modo, a importância significativa que tem a inteligência da liturgia, como uma ação humana que convoca todo o corpo a participar, e dependendo dessa expressão estética, a forma mais autêntica de a celebrar. Trata-se de uma ação profundamente humana, pois convoca e ativa todos os sentidos externos, para espoletar o sentido invisível ou transcendente, isto é, convocar o transcendente no modo de ativar o imanente.

Como experimentar a vivência do sentido religioso, na ação da celebração litúrgica? Entrar numa igreja e participar numa celebração litúrgica implica uma significação da existência, sobretudo por parte dos crentes. Quem participa numa celebração, movimenta-se num tecido de inculturação e mistagogia religiosa, condição necessária para acolher e fruir os dons ali celebrados. Entramos num ambiente de movimento simbólico que exige uma participação ativa por parte dos crentes, para fruir o evento festivo.

É no contexto da celebração que os gestos sensíveis ganham significado: exprimem afeto, gozo, agradecimento. A ação litúrgica ganha densidade e tensão ascensional quando ao sinal material da água, óleo, unção, crisma, imposição das mãos, se atribui significado, a palavra expressa o que se diz. Por meio da participação do crente na ação litúrgica simbólico-sacramental, a realidade invisível e espiritual é experimentada pelo fiel.

No espaço religioso e sagrado os elementos sensíveis e materiais, ao serem convocados na ação de uma celebração, ganham valor simbólico: sacramentos e sacramentais. No grau superior de qualificação e sentido de realização simbólica temos os sacramentos; os elementos que coadjuvam e complementam o cortejo dos sacramentos constituem os sacramentais: círios, velas, flores.

É através do símbolo que o crente se coloca no caminho de experimentar a eficácia do sentido do mistério, do inefável, ascendendo das marcas sensíveis da criação:

Mas o mistério deixou a sua marca nas realidades sensíveis da criação. Estas encontram-se habitadas por ele. A criação participa da sua força e sua beleza, daí que cada realidade criada, com certa densidade, seja uma marca (logos spermatikós dizem os padres) que nos remete a esse mistério e no-lo torna presente. Essa é a função simbólica e o acontecimento simbólico: fazer perceber, perceber no sensível e através de uma experiência sensível o impacto, a evocação do inefável próximo e distante por sua vez²⁸⁸.

²⁸⁷ Cf. De Clerk, *A inteligência da liturgia*, 16.

²⁸⁸ Borobio (dir.), *La Celebración en la Iglesia. - I, Liturgia y sacramentología fundamental*, 277.

O símbolo é a mediação que permite o acesso à vivência religiosa. Remete para uma realidade distinta de si, transitar dos sinais sensíveis ao símbolo, que nos abre e convoca para a vivência de realidades invisíveis, os sacramentos. Por isso, tem sentido convocar os símbolos primordiais da criação numa celebração litúrgica, porque remetem o crente para o criador, com quem têm uma ligação de proximidade.

É ainda a Escritura que nos oferece a abundância da palavra poética, palavra aberta e fértil que sobrevive à ruína e desgaste do tempo. Sobretudo, com recurso à exegese e hermenêutica textual se abre diáfano a fruição da espera do mistério oculto, que se manifesta na pessoa de Jesus Cristo.

O acesso ao sagrado não nos chega apenas dos elementos da natureza, mas também do trabalho humano, através da sua ação transformadora. Aqui situamos todo o intento de criatividade e imaginação que o humano realiza para se aproximar do umbral do divino. Por exemplo, as obras de arte: a arquitetura, a pintura, a escultura, a decoração, as alfaías litúrgicas, todos estes belos artefactos podem constituir modos expressivos de mediação simbólica para tornar próximo o mistério do Deus encarnado. Sobretudo, quando a obra produzida impacta o crente e dá lugar ao estádio diáfano do sentir religioso.

A relevância da arquitetura e *design* do interior da igreja, sobretudo, desempenha um notório papel na celebração da liturgia: a organização espacial, a alocação adequada das imagens, distinção e relevância das diferentes peças arquitetónicas ajustadamente inseridas, o tratamento e jogo de luz, o contraste de claro e escuro, a adequação e relevância da cor, espaços de circulação, arejamento, acústica, pé direito. Todos estes elementos de espaço e beleza organizada são convocados para interpelar a assembleia reunida, como corpo total, na ação litúrgica celebrada. Ou seja, o objetivo é aproximar o corpo do fiel da realidade divina, para sentir e tocar a beleza de Deus, a sua glória.

A oração de eleição a Deus é o louvor, a glória: «cantai ao Senhor, porque é eterno o seu amor» Sl 106 (107). Trata-se de sairmos do descenso e pela ativação dos sentidos (do olhar, escutar, tocar, cheirar, saborear) entrarmos no ambiente de *ascenso*, subir pela escada de Jacob, passar para o umbral de uma outra realidade, de uma qualidade maior que nos abarca e compreende. A entrada do divino no humano, sobretudo, no momento da morte, como ninho ou abraço que acolhe:

«Na mão de Deus, na sua mão
Direita,
Descansou afinal meu coração»²⁸⁹.

²⁸⁹ Cf. Antero de Quental, «Na mão de Deus», em Sonetos, org. pref. e anot. por António Sérgio (Lisboa: Ed. Sá da Costa, 1976).

1.1. A beleza da Encarnação de Cristo na dinâmica da fé

Ao cumprir a vontade do Pai, o Filho realiza a imagem da beleza teológica. Que consiste no total abandono de si, em plena entrega e obediência à vontade do Pai. Em Cristo transparece a verdade e o esplendor de Deus: *splendor veritatis*. O todo no fragmento, a manifestação do fundamento no particular.²⁹⁰ Ao concretizar a vontade de amor do Pai, o Filho expressa a imagem da beleza que atrai, porque responde não à sua vontade, mas à de quem o envia. Esta beleza desinteressada é que atrai. Ao assumir a cruz, caminho de êxodo de si, Cristo é a epifania do amor do Pai e atrai à salvação toda a criação. Esta forma de beleza constitui-se paradigma para a elevação do ser humano para Deus. Assim, a beleza do cristianismo não é uma apatia, ao modo dos estoicos, mas uma empatia, que desestabiliza e nos põe numa dinâmica de doação e entrega. Ao contemplar o Crucificado, o humano sente-se atraído pela sua imagem, que é a sua beleza, e por quem o humano

sente o seu peso como dinamismo de transformação. A fé que salva é também a experiência mais elevada possível no mundo da beleza, que vence a dor e a morte. Na resposta crente reflete-se a primeira e última glória que veio assentar a sua tenda entre os homens para sua salvação²⁹¹.

Através da encarnação, o Filho ao realizar a obra de amor do Pai, realiza a máxima beleza, o brilho refulge da Sua entrega total, a *kenose*.

Reflexo, não da própria glória, ou melhor, resposta glorificante, e neste sentido incluída na gloriosa resposta da qual é resposta e na luz do amor sem a qual não poderia brilhar. O que ela reverbera na noite é a luz da esperança para o mundo²⁹².

²⁹⁰ Cf. H. U. von Balthasar. *Il tutto nell' frammento* (Milano, Jaca Book 1972), 223-226. Em Bruno Forte, *La porta della Bellezza* (Brescia, Editrice Morcelliana), 2004. Trad. Adolfo Barrachina Carbonell (Valencia: fotocomposição EDICEP), 71-84.

Metáforas de estética teológica do teólogo suíço: Hans Urs von Balthasar. Que categorizam o Pai como o Todo, o Universal, o Filho, o Singular/Concreto. Cristo é a metáfora de Deus Pessoa para o humano.

²⁹¹ Bruno Forte, *La Porta Della Bellezza*, tad. Adolfo Barrachina Carbonell (Valencia: Edicep C. B., 2004), 84.

²⁹² H.U.von Balthasar., 7. *Nuovo Patto*, jaca Book, Milano 1977, 485, em Bruno Forte, *La Porta Della Bellezza*, tad. Adolfo Barrachina Carbonell (Valencia: Edicep C. B., 2004), 84.

A exemplaridade de resposta do Filho ao Pai, o seu sim constitui-se argumento da verdade que brilha, não para si, mas glória do Pai, em cumprimento de uma missão a *caritas* – amor que se dá pela abundância da sua essência, que é a máxima generosidade de se dar, *agape*.

O evento da Última Ceia é uma antecipação da morte, a transformação da morte num ato de amor. Só neste contexto se pode compreender o que quer dizer João quando chama à morte de Jesus glorificação de Deus e glorificação do Filho (Jo 12, 28; 17, 21). A morte, que, pela sua natureza, é o fim, a destruição de qualquer relação, é por Ele transformada num ato de comunicação de si; e nisto está a salvação dos homens, na medida em que significa que o amor vence a morte²⁹³.

A morte de Cristo só alcança significado no sinal da Última Ceia, chave de comunicação, que expressa a explicação do sentido da morte, ação de amor infinito para realizar a remissão da humanidade. Há uma interligação comunicacional entre a Cruz e a Ceia, sem uma não se compreende a outra, ambas incidem no ato da total doação de amor de Cristo.

Esta é a sua beleza, da qual brilha o seu exemplo, *claritas*, o seu amor, a sua manifestação de palavra cumprida, *caritas*, completada no modo de amor oblato, *agape*. Em movimento de fé, a ação da morte de Cristo cumpre o anúncio profético do Antigo Testamento do servo sofredor (Is 52,13-53,12), ao qual somos chamados a unirmo-nos, participando e dando continuidade ao significado do único e último «sacrifício» de Cristo. Ao convertermo-nos, completamos na «carne o que falta às tribulações de Cristo» (Cl 1,24).

Na comunhão dos sofrimentos concretiza-se a comunhão sacramental, entramos nas riquezas da misericórdia do Senhor e desta com-paixão brota de novo a capacidade para sermos misericordiosos²⁹⁴.

A entrega de Cristo na Cruz, expressão da sua misericórdia pela humanidade caída, o humano é convocado a afetar-se positivamente e a responder, dispondo-se a seguir o caminho por Ele inaugurado. Sente-se atraído e responde, converte-se à beleza de Cristo: cumpre o programa das bem-aventuranças, a oração concreta do Pai Nosso, isto é, o seguimento de Cristo.

Assim, o crente ao afetar-se pela imagem da beleza de Cristo, é atraído para o seu louvor, a sua glória: a resposta ao culto litúrgico.

²⁹³ Joseph Ratzinger, *O Caminho Pascal*, trad. António Maia da Rocha, 2ª edição (Cascais: Princípia Editora Lda., 2019), 108-9.

²⁹⁴ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 111.

1.2. *A beleza da liturgia como resposta à beleza de Cristo*

A motivação simbólica da beleza do fragmento, impele o crente à oração, por analogia da relação que o Filho de Deus estabelecia com o Pai. Pois, em silêncio e solidão, subia ao monte para orar profundamente e a quem tratava com familiaridade por Abbà. Este modo de relação do Filho de Deus põe o crente no caminho de Deus, isto é, convida-o à oração. Aprendermos como crianças, libertarmo-nos do nosso orgulho, inclinarmo-nos para o peso que brilha de Deus, que é o seu amor, o seu poder, a sua glória. Sobretudo,

orar em nome do Filho não é uma mera fórmula, não se trata apenas de palavras; para nos impregnarmos deste nome, requer-se uma caminhada de identificação, uma caminhada de conversão e de purificação, a caminhada em que nos tornamos Filho, isto é, a realização do batismo na penitência permanente. Assim, respondemos ao convite do Senhor: «E Eu, quando for erguido da terra, atrairei todos a mim» (Jo 12, 32. Quando pronunciamos a fórmula litúrgica «*Per Christum Dominum Nostrum*», está presente toda a teologia; dia após dia, estas palavras convidam-nos para a caminhada de identificação com Jesus, o Filho, para a caminhada do batismo, isto é, da conversão e da penitência²⁹⁵.

Pode, de facto, o ser humano louvar e cantar a beleza de Deus?

Na relação de Deus com o humano, a precedência é divina. Deus revelou-se na história de salvação ao povo de Israel. Manifestou a Sua glória à vista do povo: alimentou-o, recobrou-lhe a sede no deserto e conduziu-o à terra da promessa. Estabeleceu um diálogo com os patriarcas e selou uma aliança com o povo eleito. Assentou a sua tenda no meio do povo. E comunicou-se, primeiro, de forma velada, por sinais: o servo sofredor anunciado na voz do profeta, a manifestação da palavra de sabedoria a Israel, o advento de um messias salvador e redentor do mal.

Orar é criar relação com Deus. É desejar aproximar-se d'Ele. Querer tocá-Lo, para poder saboreá-Lo. Referimo-nos a exemplos de belíssimos hinos oracionais que emergiram da relação de fé em Deus. A oração dos salmos que, de inspiração divina, são epifanias do humano com Deus, ou apenas do protagonismo pedagógico divino, para nos conduzir como um menino (Cf. Os 11, 1).

Porém, os salmos podem iluminar e responder à nossa existência precária de fé no presente, sobretudo ao desejo da espera. A oração como a bem-aventurança²⁹⁶ da fé, isto é, sentir sede e fome

²⁹⁵ Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 43.

²⁹⁶ Cf. Luigino Bruni, *A alma e a cítara – o que os salmos dizem de nós*, 1ª ed., trad. P. António Antão e P. António Bacelar (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021), 95.

é o desejo de querer encontrar Deus. Há o exemplo da conversão de Santo Agostinho, que se persuade a abrir e ler as Escrituras: «“Toma e lê. Toma e lê”[...] persuadi-me que Deus só me mandava uma coisa: abrir o “códice”»²⁹⁷.

O exemplo que nos advém, também, à memória é o livro de Job. Em que momento Job orou verdadeiramente a Deus, antes ou depois de ter sofrido amargamente? Seria possível a Job compreender a verdadeira justiça divina? Como interpretar o silêncio divino, diante do sofrimento injusto de Job? O desafio de Job é tentar compreender a diferença entre ele próprio e Deus. Assim, acaba por compreender que a fé emerge com gratuidade e que, apesar de ser submetido à prova, termina por se assombrar com o mistério de Deus, vendo-O como diferente e a Quem deve reverenciar²⁹⁸.

Da relação de fé do humano com Deus, impõe-se, agora, analisar o corpo humano na relação dialógica com a configuração do corpo-imagem, que é o espaço físico da igreja.

Se Deus é a beleza, o criador do universo e o humano a sua imagem mais próxima, como articular o corpo humano para uma justa resposta, num espaço celebrativo de uma igreja?

A beleza da configuração do espaço da igreja torna-se significativa, ativa os sentidos exteriores e desperta o sentimento religioso, induz-nos ao desejo da espera e convoca-nos para o mistério.

Porque «na liturgia o homem concentra o olhar, não em si, mas em Deus»²⁹⁹, sem um fim útil, mas na espera de acolher Deus na vida, sentir o mistério da Sua presença. Deste modo, a beleza e decoração do espaço da igreja, pode aproximar-nos do culto verdadeiro a Deus: a justa combinação de formas atraentes do espaço, a sobriedade e verdade dos gestos, a justeza das alfaias, o adorno natural a ativar positivamente os sentidos. A necessidade de criação de uma atmosfera de confiança e simplicidade contagiante na comunidade; a partilha e elevação de júbilo a convergir para o altar.

Toda esta experiência de fé se pode viver no espaço celebrativo da igreja de Águas, como temos vindo a justificar. O fiel sente a vibração dos sentidos motivada na forma edificada: a textura e painéis das paredes claras afetam o olhar, a presença da luminosidade coada, a pedra de granito

²⁹⁷ Agostinho de Hipona, *Confissões*, trad. e coord. Lúcio Craveiro da Silva, S.J. e Elias Couto, (Oeiras: Ad Astra Et Ultra, SA, 2010). Liv. VIII, 12, 205. O *códice* refere-se ao livro das epístolas de S. Paulo, como explica depois.

²⁹⁸ Cf. A imanência de Job diante da transcendência de Deus. Job persegue um caminho de sabedoria, resiste ao silêncio amargo de Deus, atravessa o deserto transformacional, conclui na aceitação da fé no Deus invisível: «os meus ouvidos tinham ouvido falar de ti, mas agora veem-te os meus próprios olhos. Por isso retrato-me e faço penitência, cobrindo-me de pó e de cinza» (Job 42, 5-6). Diante do infortúnio, Job aceita ser desconsiderado pelos amigos, opta pela espera e confiança em Deus.

²⁹⁹ Romano Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 2ª ed. (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017), 72.

clara, o matiz da madeira aconchegante, a ajustada disposição do mobiliário a harmonizar-se na convergência do altar. A própria beleza da paramentaria e a luz nela a refletir ativa e impacta a densidade espiritual do fiel.

Na peugada de Romano Guardini, a liturgia encontra na arte o sentido da autêntica vida, quando o fiel, como num jogo, acolhe a gratuidade divina na vida, sentir-se filho criado pela centelha do fogo divino, «splendor veritatis». O estar diante de Deus, sem perguntar pela demora, à espera que o silêncio se entranhe e dê lugar à voz do Outro. Na ação litúrgica o fiel acolhe a vida como Graça, em confiança de criança: «tornar-se uma obra de arte viva diante de Deus, sem outro fim que estar e viver na presença de Deus»³⁰⁰. A resposta litúrgica é acolher a voz do Espírito, obra, gesto, uma nova vida a deixar-se moldar artisticamente pela mão de Deus³⁰¹. A arte sempre pautada pela verdade, não descarnada, com pena de se desviar do sentido da liturgia, que é epifania de Deus a tocar as maravilhas na nossa carne frágil.

Pelo cumprimento da obra da salvação, Cristo constitui-se o paradigma do verdadeiro liturgo. A oferta da sua palavra, que é a sua pessoa, oferecida como oblação pura, com amor total, para remissão do mal da humanidade. Jesus Cristo faz a liturgia com a sua carne, que é a sua humanidade doado em nosso favor, para nos tornar participantes do seu verdadeiro mistério. Quando a comunidade participa com fé na eucaristia, a beleza crística resplandece na vida dos fiéis. Porque, com a ressurreição do Filho, realiza-se o amor performativo do Pai em nós.

A ressurreição desvenda aquele que é o artigo decisivo da nossa fé: “E fez-Se homem”. Daqui sabemos que é para sempre verdade que Ele é homem. E sê-lo-á para sempre. Através dele, a humanidade foi introduzida na própria natureza de Deus – é este o fruto da sua morte. Nós estamos, nós somos em Deus. Deus é inteiramente outro e, ao mesmo tempo, o não-outro. [...] ama-nos, e Deus ama-nos a tal ponto que o seu amor se fez carne e permanece carne³⁰².

³⁰⁰ Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 78.

³⁰¹ Cf. Guardini, *O Espírito da Liturgia*, 79.

³⁰² Ratzinger, *O Caminho Pascal*, 113.

Ao celebrarmos a beleza litúrgica da eucaristia, recebemos o dom da graça ganho por Cristo a nosso favor, ao qual respondemos com alegria e entusiasmo, quando partilharmos do seu corpo, que é a Sua carne a transformar-se em nós vida verdadeira de esperança e caridade.

2. A iconografia no batistério da igreja de Águas

Depois de ultrapassarmos o nártex, pela porta lateral esquerda, entramos na nave principal da igreja de Águas. E, ao fundo, na nave adjacente noroeste, através de uma grade em ferro, avistamos a parte superior do batistério. Avancamos pela zona de circulação lateral entre as duas naves, e, eis-nos defronte ao batistério, do lado do Evangelho. Atravessa-se a porta gradeada de ferro, ao descerem-se três degraus em perpianho, acede-se ao piso rebaixado em pedra aparelhada, ao centro, a pia batismal.



Fig. 40 - O desenho do batistério: a parede poente com a presença de símbolos cristológicos e a pia batismal de pedra retirada do rio local. Fotografia de João Lopes Cardoso

O batistério alocado à esquerda da entrada, do lado do evangelho, tem visibilidade da parte superior do interior da nave central, sobretudo no ângulo da parede norte e noroeste. A parede norte, rasgada por três vãos retangulares a permitir a entrada da luz coada, que refusta na segunda parede,

noroeste, com um armário embutido ao centro para guardar os óleos da unção, revestida a mosaico cerâmico em tesselas, com motivos cristológicos integrados na forma de peixe, âncora, pomba, concha e vários monogramas.

O batistério constitui um todo arquitetónico integrado, num jogo de combinação de artefactos decorativos modernos e materiais naturais. Com realce para a pedra, matéria nobre e simbólica na tradição cristã, a apontar para a segurança do Senhor do tempo, o *eterno hoje*.

O painel cerâmico da autoria de António Lino, aplicado na parede noroeste a relevar a heroicidade e testemunho do cristianismo primitivo.

Aqui se apresentam os iniciados para receberem a purificação do batismo pela água e os óleos sagrados. O vermelho cerâmico acolhe e envolve o catecúmeno, recordando-lhe, a ele e às testemunhas, os santos Martírios que livram do fogo do inferno, bem como as origens secretas do cristianismo patente nas tesselas romanas e na simbologia do culto perseguido³⁰³.

Destaque para a iconografia dos símbolos cristológicos do cristianismo primitivo presentes nas tesselas: o nome peixe em grego, *Ichthus*, usado como senha entre os cristãos, em tempo de perseguição e martírio e, também, como acrónimo, as letras dispostas na vertical a simbolizar: *Iesous Christos Theou Uios Soter*: Jesus Cristo, Filho de Deus Salvador. Outros símbolos: o monograma XP (as duas primeiras letras do nome de Cristo em grego - χ (qui) e o P (ró), também comum na paramentaria litúrgica; o tautograma (combinação da letra T (tau) e do P (ró), para simbolizar a palavra cruz em grego e Cristo; as letras Alfa e Ómega, primeira e última letra do alfabeto grego, que informam que Cristo é o início e o fim de todas as coisas, o Princípio e o Fim de toda a Criação (Ap 22,13); o monograma com o I (iota) e o H (eta), as duas primeiras letras do nome grego de «Jesus»; a âncora, alusiva à profissão dos primeiros discípulos de Jesus, pescadores, mas para significar segurança e salvação para quem segue e confia em Cristo, que chega ao porto da eternidade. A «pomba» lembra o batismo de Jesus no rio Jordão e a descida sobre Ele do Espírito Santo, mas também, símbolo da paz de Cristo, alusão à arca de Noé, Deus salva os justos. A «concha», que derrama três gotas, a simbolizar a invocação e unidade de Deus Trinitário: forma batismal.

O painel, assim ilustrado, constitui uma autêntica catequese batismal, pois ilumina com imagens o catecúmeno ou o infante, através do acompanhamento que é feito pelos pais e padrinhos.

³⁰³ Canoso, *Igreja de Águas*, 42.

Um espaço a apelar ao valor dos símbolos, à contemplação de um espaço de qualificação espiritual e convite à fé em Cristo de todo o corpo eclesial que envolve a participação no batismo.

Destaque para a pia batismal, pedra arrancada da ribeira de Apreada, da freguesia de Águas. Apresenta duas concavidades naturais feitas pela ação escultórica da água ao longo do tempo: a concavidade maior ao serviço do banho de aspersão, a mais pequena a fechar em tampa polifacetada em bronze, para guardar os santos óleos. A rocha apresenta-se quase ao natural, conforme ela emergiu do local onde foi arrancada, apenas com intervenção humana na saída da água de aspersão e cortes na base para a sua adequada fixação. Com a escolha do rochedo do rio, irregular e rugoso, um elemento criativo do arquiteto Nuno Teotónio Pereira a manifestar a preocupação em harmonizar modernidade com a associação de materiais verdadeiros de construção de integração local.

A pedra, assim selecionada para servir de pia batismal, reconfigura a vontade da sua metamorfose em objeto qualificado: a reabilitação de objeto *profano* em sagrado. A pedra do batistério como procura de um centro, «a construção como um centro simbólico que estabelece uma rutura de nível entre o Céu e a Terra»³⁰⁴, não deixa de realçar o batistério como procura de um centro gerador e alimento de sentido para uma «vida nova». Pois, remete-nos para a simbólica do batismo cristão, a escolha de um material durável, que suporte e sobreviva à adversidade do tempo, desafio a que o neófito vai ser sujeito a viver a sua existência cristã para estar unido a toda a comunidade crente, que é, também, a sua âncora, como espaço firme para o futuro, a apontar para a esperança escatológica. Mas, frequentemente, ambígua, ao refugiar-se na inautenticidade nostálgica de um paraíso perdido. Eis a ambivalência do símbolo.

O desejo experimentado pelo homem de se achar sempre e sem esforço no coração do mundo, da realidade e da sacralidade e, em sensação de superar de maneira natural a condição humana e recobrar a condição divina ou, como diria um cristão, a condição anterior à queda³⁰⁵.

Porém, o itinerário cristão apresenta-se como desafio e caminho de metamorfose: ser outro e, positivamente, diferente. Há a necessidade do recurso aos símbolos para compreendermos o mistério de Deus. A fim de podermos entrar no âmbito do tempo sagrado, aquele que o dom de Deus amor abre ao possibilitar-nos a sua participação. Possível pelo seu mérito, não nosso.

O tempo de Deus como o eterno hoje, em relação progressiva a apontar para o tempo escatológico, e, portanto, a chave interpretativa para a liturgia, porta de entrada nos mistérios de

³⁰⁴ Eliade, *Tratado de História das Religiões*, 463.

³⁰⁵ Eliade, *Tratado de História das Religiões*, 474.

Deus. As catequéticas das celebrações rituais dos sacramentos, mediante explicações, sob o método mistagógico, em ambiente de fé e oração, animam o percurso dos fiéis.

O batismo pode ser visto ao mesmo tempo como nascimento e como morte, porque mediante o sacramento nós entramos no mistério de Cristo, rompe-se o tempo linear, cronológico, histórico, e entramos noutra dimensão donde tudo se toca, se penetra³⁰⁶.

Pela Encarnação, Cristo introduz-nos na qualificação do sentido do tempo, entramos no tempo salvífico. No batistério, a simbologia numérica da descida pelos três degraus³⁰⁷, movimento de *descenso*, êxodo de si, travessia das águas abismais, naufragosas, cheias de monstros e males a vencer, para inverter em movimento de *ascenso*, elevar-se acima de si. Porém, não pelas próprias forças, mas ser digno para receber o dom da fé e confiar-se à Igreja, em nome da Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, alcançar a autêntica libertação.

O sentido da imersão ou da aspersão da água sobre o candidato, insere-se no ritual da purificação, desnudar-se das forças do mal que o impedem de entrar no seio divino, a necessidade de receber o apoio da comunidade cristã para superar o desafio do mal. «Simboliza o desaparecimento de uma “forma envelhecida” a fim de fazer aparecer “uma forma nova”»³⁰⁸.

Na nova identidade de vida, o neófito passa a fazer parte do corpo eclesial, a precisar do seu apoio para caminhar na fé.

Há o sentido primordial da água, fonte de vida de toda a criação, mas, também, jorro de água limpa e purificadora responsável pela renovação do ritmo de tanta beleza emergente em todos os interstícios da natureza. «Que seria da ideia de pureza sem a imagem de uma água límpida e cristalina, sem esse pleonasma que nos fala de uma *água pura*? A água acolhe todas as imagens da pureza»³⁰⁹. Mas, em sentido batismal, a garantia vem da ação e força do Espírito, que a purifica e a qualifica como salvadora. Não é o poder da água que santifica, mas o Espírito presente nela por meio da bênção da unção.

³⁰⁶ Maria Campatelli, *El Bautismo – Cada día en las fuentes de la vida nueva*, trad. Pablo Cervera Barranco (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2016), 21.

³⁰⁷ Cf. A significar uma catequese mistagógica (S. Cirilo) que expressa três realidades significativas: morte, sepultura, ressurreição. O *descenso* exprime o sentido do movimento, ir ao encontro do Outro diferente que acolhe e eleva, o movimento de *ascenso*, que não está ao alcance do fiel, mas do dom e da graça de quem é amor e dádiva para o fiel ser cristão.

³⁰⁸ Eliade, *Tratado de História das Religiões*, 554.

³⁰⁹ Gaston Bachelard, *A Água e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*, trad. António de Padua Danesi, 1ª ed. (São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989), 15.

Assim, não é estranho ao humano o valor simbólico e impactante que a realidade água convoca, ao ponto de ter sido associada à simbólica do batismo cristão. A presença da pia batismal, espaço de convocação de tanta densidade simbólica na preparação e entrada na Igreja, isto é, integrar-se e ser fiel seguidor de Cristo. Deste modo, a água torna-se significativa, quando benzida, para que «o batismo se realize na água e no Espírito» (Jo 3,5). Porque a água fecundada pelo Espírito ganha novas potencialidades, gera a vida vivente do ser cristão. Ao enxertar-se na morte e ressurreição de Cristo, o neófito produz os verdadeiros frutos da graça, que é dar-se à caridade, à semelhança do Deus de amor.

2.1. O batismo: acontecimento salvífico eclesial

Na celebração do batismo, o Deus invisível vem ao encontro do humano, para o resgatar da tristeza antropológica e elevá-lo à dignidade da vida nova, regenerada em Cristo, no mistério pascal (como rei, sacerdote e profeta). Uma vida renascida do Espírito da água e do fogo inextinguível a iluminar a face da terra. A fonte batismal procede da Páscoa de Cristo, cruz, morte e ressurreição. O batismo é o sacramento da nossa Páscoa, porque somos enxertados na água purificada pelo sangue e Espírito de Cristo. Assim, entender o mistério pascal é entender o nosso batismo, como uma relação espiritual com a nova vida procedente do Deus vivente, que nos resgata para a alegria da manhã da Páscoa.

Correr à fonte batismal implica um movimento, uma tomada de decisão e opção de vida: ser cristão. O rito constitui-se como um conjunto de ações organizadas e solenes em vista de um fim, que se pretende ser qualificado. Trata-se do humano pretender aceder ao mistério de Deus, apenas possível através de sinais qualificados, passar de sinais sensíveis da realidade visível para apontar realidades invisíveis que só a analogia e o símbolo abrem, a possibilidade de aceder à realidade sacramental.

O ritual batismal variou ao longo do tempo, tomando formas diversas na igreja oriental e na igreja latina, embora conservando elementos comuns.

De rara beleza são os hinos batismais de S. Efrém, para traduzir a verdade do mistério salvífico de Jesus Cristo, a abrir a porta da Igreja aos que creem no divino Salvador. Pois a primeira condição é a conversão, aderir à fé em Jesus Cristo. Daqui a necessidade da catequese, e as explicações mistagógicas para ilustrar o caminho da fé. O recurso à compreensão da leitura tipológica da Sagrada Escritura, proposta dos Padres da Igreja, que aponta para Cristo, o Salvador. Ele é o novo Adão e Maria é a nova Eva a ocasionarem a epifania do Espírito de Deus, na realização de grandes obras.

Desde o momento da Criação, o Espírito de Deus agiu sobre todas as águas a que imprimiu a sua força purificadora. A Páscoa do povo de Israel, libertando-o do mal: a passagem do mar vermelho, a transição do rio Jordão, o maná, alimento no deserto, a travessia do deserto e a oferta da verdadeira água do rochedo, a água do poço de Jacó. São imagens que ilustram a epifania salvífica do Espírito de Deus.

O amor de Deus a doar-se na relação com o humano, fogo inextinguível a romper a dura membrana da nossa incompreensão ou a imprescindível mistagogia do ritual batismal a iluminar o caminho da nova vida. «O Espírito de Deus a agitar a água e a permitir o poder salvífico, alusão à piscina de Besaide (cf. Jo 5, 2ss) em que a água que se agita tem poder de curar, porque cheia do Espírito Santo»³¹⁰.

E, como relata também este hino batismal sobre a qualificação da água por ação do Espírito de Deus:

Dado que o paralítico não podia obter vida da lei, a misericórdia teve compaixão dele, e o seu próprio nascimento mudou: entrou no seio húmido da piscina e saiu limpo, num segundo nascimento espiritual. O Filho de Deus desceu e agitou a água da piscina para que possa dar um santo nascimento a todo o tipo de formosas criaturas cada dia, uma nova criação começou, saída de nosso Senhor, um mundo novo que não se corrompe como fez o primeiro (Santiago de Sarug, ed Bedjan IV, 702)³¹¹.

Com a Redenção, a própria matéria é reabilitada, a nova criação operada pelo Espírito de Deus purifica a matéria cósmica, através do *descenso* aos abismos, processa-se a luta com a morte, assim se passa com o batismo, como um descer aos infernos, para alcançar a libertação. Neste sentido,

se justifica a necessidade de invocar orações de consagração da água para expulsar todas as potências negativas e ultrapassar os desafios da morte. Assim como a justificação do aparecimento dos rituais do exorcismo: o soprar sobre a água, marcar o sinal da cruz, plantar nela a cruz e o círio pascal³¹².

Para a realização do sacramento, o sentido da água como matéria purificada, agora, a água batismal,

igual como a matéria em todos os sacramentos, tem uma intensidade que apenas a criação sabia expressar e, depois do pecado, só pode fazê-lo o seu uso litúrgico, enquanto antecipação para a nova criação. É o dom do mundo como comunhão com Deus, vida, salvação e divinização. No

³¹⁰ Campatelli, *El Bautismo*, 86.

³¹¹ Cf. Campatelli, *El Bautismo*, 86-7.

³¹² Campatelli, *El Bautismo*, 99.

espaço e no tempo da Igreja, a matéria consagrada converte-se em templo da presença do Criador, sinal da aliança e da comunhão reencontrada³¹³.

Entra-se na Igreja por meio da celebração do batismo. O candidato, se adulto, catecúmeno, é conduzido à Igreja para receber a instrução necessária para acolher, conscientemente, o sacramento do batismo. Por meio do método mistagógico-simbólico, o candidato vai tomando consciência da matéria e da forma do sacramento, conjunto de aspetos que o caracterizam e permitem a sua receção consciente. Neste âmbito, o candidato é convidado a inserir-se num processo dinâmico da celebração batismal: explicação dos ritos e mistérios, a catequese da palavra da Escritura, a condição da nova vida, o apoio e acompanhamento da comunidade eclesial.

Caso seja criança, deve ser apresentado pelos pais e padrinhos, batizados e conscientes, que se responsabilizam em acompanhar o neófito no caminho da fé eclesial. O verdadeiro autor do sacramento é Deus, pois dele depende o seu pleno cumprimento: «encontro decisivo da fé e a resposta divina a ela, o cumprimento de uma pela outra. A fé ao ser desejo, torna possível o sacramento”»³¹⁴.

Deus ao criar o ser humano dotou-o de liberdade de escolha, isto é, criou-o como pessoa e, portanto, capaz de aceitar e responder a Deus (*capax Dei*), isto é, poder acreditar e desejar o plano salvífico de Deus: «morrer com Cristo, ressuscitar com ele. Só pela graça livre e soberana de Deus sabemos, como diz S. Gregório de Nissa, que «esta água é para nós verdadeira tumba e mãe»³¹⁵. Deste modo, podemos compreender a adesão à fé batismal de um adulto consciente, não subtraindo nunca o dom de Deus, fé em Cristo, como identifica S. Paulo: «Cristo possa habitar em nossos corações [...] para que, alicerçados e fortalecidos no amor possamos compreender com todos os santos qual a largura, a longitude, a profundidade e a altura» (Ef 3, 17-18).

A insistência do convite ao catecúmeno para não adiar o batismo:

Apressai-vos todos para o batistério. Despoja-te do homem velho como de um fato manchado. Recebe a veste da imortalidade, que Cristo desdobra e te estende; não rejeites o dom, para não ofenderes quem dá. Cristo enriquece a fonte cuja nascente inunda a terra inteira ³¹⁶.

³¹³ Campatelli, *El Bautismo*, 100.

³¹⁴ Alexandre Schmemmann, *El Bautismo. Ensaio de teología litúrgica sobre el sacramento del agua y del Espíritu*, trad. José Antonio Goñi Beásain (Salamanca: Ediciones Sígueme S.A.U., 2024), 81.

³¹⁵ Cit. por Schmemmann, *El Bautismo. Ensaio de teología litúrgica sobre el sacramento del agua y del Espíritu*, 82.

³¹⁶ Gregório de Nissa, «Homilia sobre os que Adiam o Batismo», 1985. Em *Antologia Litúrgica – Textos litúrgicos e patrísticos do Primeiro Milénio*, 2ª edição (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia), 2015. 594.

Porém, o batismo das crianças apresenta uma outra configuração, não se justifica pela relação da fé pessoal, mas ancora-se na presença da fé de Cristo na Igreja: «a que torna possível e real o batismo como nossa participação na morte de Cristo, como nossa participação em sua ressurreição»³¹⁷. A prova está no rito do acolhimento que a Igreja faz às crianças não batizadas de pais cristãos, mas não aplicável aos pais que não forem cristãos. Entende-se que pais e padrinhos respondem pelo crescimento na fé, que assumem as responsabilidades confiadas no momento do batismo na Igreja.

Ao ser imerso três vezes na pia batismal, o servo de Deus realiza em Cristo a sua morte e ressurreição, sobretudo, ao responder com o Amém, recebe o selo, a marca indelével de Cristo, de quem participará já nesta hora da esperança do encontro definitivo e eterno, porque absolvido da culpa em virtude da misericórdia divina.

³¹⁷ Schmemmann, *El Bautismo*, 84.

2.2. O sacramento do batismo faz a Igreja e a Igreja faz o batismo



Fig. 41 - O início de uma vida nova, um renascimento luminoso. Fotografia de João Lopes Cardoso

O batistério integra-se no volume da nave adjacente que, ao entrar à esquerda, se vê pelo gradeamento, em cota rebaixada a pia batismal. Sinaliza a importância do lugar, condição fundadora para participar na vida nova que a Igreja oferece, serve e peregrina ao serviço da missão de Cristo. Porque não há Igreja sem cristãos e não há cristãos sem Igreja, são duas realidades interligadas. Porque

o batismo não é um fim em si, senão o começo de um processo no qual toda a comunidade, sobretudo o presbítero, desempenha um papel decisivo. É o processo de “criar a imagem de Cristo” no recém-batizado, edificá-lo sobre o fundamento dos apóstolos e profetas³¹⁸.

Porque o processo é aprender a morrer como Cristo, ancorar-se e responder à vida na fé de Cristo, a «regra de fé» como diz S. Paulo: «pois para mim viver é Cristo, e morrer é lucro» (Fil 1 21,1a).

Pode a qualidade do batismo renovar a identidade cristã? Que sinal dos batizados para transformar a vida de uma sociedade alheia à espiritualidade cristã? A resposta situa-se na necessidade de regressar às fontes de uma espiritualidade pascal, sobretudo ao significado da «vida nova» trazida por Cristo,

³¹⁸ Schmemmann, *El Bautismo*, 55.

do qual procede a Igreja, que se fundamenta na morte de Cristo do homem velho, na ressurreição em Cristo da vida nova, no dom do Espírito Santo que nos faz “reis, sacerdotes e profetas”, na participação na vida oculta, mas do oitavo dia, o dia sem ocaso do reino³¹⁹.

Trata-se de recuperar o sentido do batismo, como verdadeira fonte e identidade litúrgica da Igreja. Sobretudo, recuperar a beleza, a alegria capaz de converter este mundo à fé em Cristo, à manhã do dia de Páscoa. Assim, a valorização dos ritos de iniciação: o acolhimento, a oração do prefácio (oração de ação de graças para nos conduzir à fonte, ao paraíso).

Quando toda a comunidade, presente no rito de entrada da celebração do batismo, participa festiva e ativamente na oração da *anamnese* (consciencialização da história da salvação, a ação de Cristo na restauração e epifania de uma nova criação), a *epiclese*, a invocação do Espírito Santo (que realiza o símbolo, a manifestação da graça transformadora e libertadora). E, depois, a culminar na ação da *consagração*, onde toda a criação é restaurada a nosso favor, à qual nos unimos em comunhão, mediante os méritos alcançados por Jesus Cristo no mistério pascal.

O batismo como um processo ritual e de iniciação de uma nova vida, que se deseja integrar. Pois, inicia-se à volta da pia batismal, bênção da água, imersão, unção do óleo, veste branca, vela acesa (Círio), ir em procissão até ao ambão, escutar a palavra e culminar com a participação da comunhão da eucaristia de toda a comunidade. O ato batismal não pode ser um ato particular, mas de festa e responsabilidade de todo o corpo eclesial associado.

Como melhorar a compreensão da celebração do sacramento do batismo? Sobretudo, evitar a forma ritual litúrgica batismal, em cerimónia restrita, quer antes, quer depois da eucaristia. A celebração litúrgica do batismo deve envolver e responsabilizar a comunidade eclesial, com recurso à mistagogia-simbólica do ritual batismal, como festa de alegria por um novo cristão. Crescer em comunidade eclesial participativa, mediante a invocação e confiança do Espírito Santo.

Porque é quem converte a vida em vida, a alegria em alegria, o amor em amor e a beleza em beleza; é ele quem, portanto, é a vida da vida, a alegria da alegria, o amor do amor, a beleza da beleza; é quem estando em cima e mais além de tudo, faz da criação inteira o símbolo, o sacramento, a experiência da sua presença: o encontro do homem com Deus e a comunicação com ele³²⁰.

³¹⁹ Schmemmann, *El Bautismo*, 182.

³²⁰ Schmemmann, *El Bautismo*, 127.

Quando a comunidade eclesial se converte à fé de Cristo, ela faz prova de obras: acolhe no seu seio um novo membro, pratica a caridade, partilha os bens, louva o Senhor, segue Cristo, como a comunidade dos primeiros apóstolos (At 2, 42-47).

É este modo de ser comunidade eclesial, alicerçado no Espírito de Cristo, que entende o «nascer de novo», o viver da Páscoa, ser Páscoa, sinal e convite à conversão do homem velho, autorreferencial. O convite a ser missão que atrai e a quem podem perguntar, como a Jesus: «Mestre, onde moras? Vinde e vede!» (Jo 1,35-42. Trata-se de o cristão fazer prova de vida, a vida vivente, que é a vida enxertada em Cristo.

3. Os confessionários da igreja de Águas e o sacramento do perdão/ reconciliação



Fig. 42 - O confessionário é o lugar do reencontro e ativação de uma espiritualidade de confiança em Cristo.

Fotografia de João Lopes Cardoso

Ao transpor a porta principal de duas folhas da igreja de Águas, encontramos acoplados, de um e outro lado, dois confessionários de madeira acastanhados. Um outro confessionário de igual forma e cor encontra-se na nave adjacente, junto do lugar do órgão e da porta de acesso à sacristia.

A colocação dos dois confessionários à entrada da porta principal, e não longe do batistério, apresenta um significado simbólico: preparar-se para receber o perdão de Deus, articular-se, espiritualmente, na fé batismal, para unir-se e prestar o culto digno de louvor com toda a comunidade eclesial reunida. O pecador, ao aproximar-se do sacramento da *Cura*, renasce da graça batismal ferida pelo pecado. «É uma nova possibilidade de se converter e encontrar a graça da justificação» (CIC 1446).

Quando entra na Igreja através do batismo, o cristão envolve-se numa exigência permanente: integrar-se e crescer na comunidade eclesial. É pela participação nas ações litúrgicas que o fiel experimenta e saboreia os dons do Espírito que o Pai realizou na pessoa do Filho. Ele é a verdadeira palavra, o Evangelho, no qual se insere a existência da vida da fé na relação com a comunidade, com o diferente, o estrangeiro, o pobre, o indefeso. E por quem o cristão tem de responder.

Deste modo, é neste contexto que se introduz a necessidade do perdão, ou da reconciliação, a forma de encontrar a justificação do pecado humano: individual ou coletivo. O cristão é desafiado a responder ao próximo, ser epifania do Outro.

Ouvir a sua miséria que clama justiça não consiste em representar-se uma imagem, mas em colocar-se como responsável, ao mesmo tempo como mais e como menos do que o ser que se apresenta no rosto. Menos, porque o rosto me chama às minhas obrigações e me julga³²¹.

Não só respondo pelas ofensas, mas pelas vezes que me subtraí a promovê-lo, a elevá-lo da sua condição de necessidade material e moral. Deste modo, a reconciliação conduz o crente que se converte à prática da caridade, à esmola, ao jejum para «se revestir de Cristo» (Gal 3, 27).

Neste sentido, pode a confissão, a reconciliação, ajudar a crescer no caminho do Evangelho de Cristo? Qual a forma mais ajustada da prática da reconciliação atual, que melhor responda à justificação do pecado, para viver o Evangelho? No caso dos «abusos» na Igreja, Tomás Halík reforça a necessidade da reconciliação, quer para a vítima quer para o agressor, um papel de terapia e reabilitação espiritual. O confessor como mediador e sanador de um conflito complexo, em que o apoio espiritual pode alavancar e dar sentido a uma vida de sofrimento de vítimas e agressores³²². A integração dos divorciados na igreja. O papel importante da eucaristia como *panis viatorum*, pão para o caminho do amadurecimento – alimento remédio para os fracos e falhos³²³.

É nesta linha, que vamos entender a importância da reconciliação, como condição de progressão no caminho de fé e união ao Espírito de Deus, que aspira pela harmonia de toda a criação para a qual tudo converge. Como diz S. João: «felizes os que lavam as suas vestes, para terem direito à árvore da Vida³²⁴ e poderem entrar nas portas da cidade» (Ap 22,14).

³²¹ Emmanuel Levinas, *Totalidade e Infinito*, trad. José Pinto Ribeiro (Lisboa: Edições 70, 1988), 193

³²² Cf. Halík, *A tarde do cristianismo*, 287-9.

³²³ Papa Francisco, *Evangelii gaudium*, n. 47, em Tomás Halík, *A Tarde do cristianismo*, 289.

³²⁴ Cf. Michel Henri, *Encarnación – una filosofía de la carne*, 2ª ed. (Salamanca: Ediciones Sígueme, 2018), 325.

Com o termo “Vida”, «o humano foi devolvido, graças à Encarnação, à sua dignidade de filho de Deus»

3.1. *O perdão como abertura ao dom de Deus*



Fig. 43 - Espaço de acolhimento. A interajuda do presbítero para uma orientação espiritual do fiel. Foto de João Lopes Cardoso

Por iniciativa divina, o humano é chamado a fazer parte do projeto de amor de Deus, participar na vida divina, entrar no tempo *kariológico*, que é a história de salvação.

Deus apresenta-se como criador e potenciador de uma nova vida de esperança para todo o ser humano: o projeto de salvação da humanidade. É o início de uma relação de amizade, a aliança de Deus com o povo de Israel, uma revelação histórica firmada na confiança e oferta da salvação, que se estenderia a toda a humanidade. Por um lado, a natureza complexa do humano imanente e finita, por outro, a natureza transcendente e infinita de Deus. Desta diferença de natureza resulta uma relação de comunicação difícil. Como abrir a fresta de «diálogo» entre o humano e o divino? Para os limites da compreensão humana, a aproximação a Deus só é possível através da fé e confiança na palavra de Deus.

Através da oração, sobretudo do salmista, de intercessão e louvor, atitude humilde do humano que se confia à palavra de Deus, porque sempre maior, como refere santo Anselmo de Cantuária para quem Deus é «aquilo maior do que o qual nada pode ser pensado»³²⁵, na esperança d'Aquele que se eleva para lá das nuvens e de tudo o que envolve toda a criação, pois é para Ele que

³²⁵ Anselmo de Cantuária, *Proslogion*. PL 158, 223-242, 228.

Para quem Deus é entendido como a realidade maior e, para além d'Ele nada maior se pode pensar. Assim, o humano só se entende ancorando-se em Deus, fonte ontológica de todo o ser.

toda a ação humana caminha, verdadeira âncora que suporta e guia toda a criação, a quem o fiel tem o dever de responder: «pois até a criação se encontra na expectativa ansiosa, aguardando a revelação dos filhos de Deus [...] na esperança de que também ela será libertada da escravidão da corrupção para alcançar a liberdade na glória dos filhos de Deus» (Rom 8, 19-21). Assim, a verdadeira atitude humilde do fiel é confiar-se a Deus: «Ele é, acima de tudo, o Deus daqueles que podem ter esperança onde não há esperança³²⁶ e pautar a sua vida depositando toda a atividade na esperança em Deus e não nos nossos próprios méritos.

Sobretudo quando o humano se subtrai ao diálogo com Deus e se fecha na autorreferencialidade e Deus reage com o silêncio, afasta o seu rosto. E o fiel sofre «a prova mais dura, o seu afastamento desapegado como soberano impassível e indiferente ao sofrimento das suas criaturas. [...] os gritos dilacerantes de Job, como no célebre início da citação do Salmo 22, proferido por Jesus na cruz: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste”?»³²⁷

Como entender o silêncio de Deus, que afasta o seu rosto e permite a prova dura do fiel? A resposta só está no regresso à confiança de Deus, a única realidade que potencia o regresso ao seio do Seu convívio. O sofrimento só acaba com o reencontro, confirmado na confiança em Deus: «Tu és o meu Deus. Não te afastes de mim, porque estou atribulado e não há quem me ajude» (Sl 22,12).

Através do poder da oração, o humano deseja concertar-se com a vontade de Deus, reverenciar o seu mistério, recolher um pouco da sua luz. Só possível na humildade e pobreza vivida de uma intenção simples, diante do *mysterium tremendum et fascinans* de Deus, como orava Jesus, o Filho encarnado, para fazer a vontade do Pai.

Orar é seguir Jesus, converter-se ao Espírito do Pai, fazer da nossa a Sua vontade. Mas orar é difícil e implica a nossa conversão permanente, libertarmo-nos do nosso egoísmo, da nossa presunção e falsa modéstia. Tomarmos consciência da nossa frágil carne e reconhecermos que não somos justos nem para nós, nem para Deus. Porque só na Sua verdadeira vontade reside a nossa. E, assim, estamos mais próximos do desejo puro, da vontade pura, aquela que se liberta dos entraves que nos oprimem e impedem que Deus entre, para que aja em nós.

A oração pura só se apodera de vez dos nossos corações quando já não desejamos qualquer luz, graça ou consolo especial para nós mesmos e rezamos sem pensar na nossa própria satisfação...

³²⁶ Thomas Merton, *Nenhum homem é uma ilha*, trad. Jorge Nunes, 1ª ed. (Alfragide: Editora Lua de Papel, 2023), 39

³²⁷ Gianfranco Ravasi, *Orar com os Salmos*, trad. Maria do Rosário de Castro Pernas, Prefácio do Papa Francisco (Prior Velho: Paulinas Editora, 2024), 58.

Pois o caminho é deixado aberto somente a Deus. É como a porta de Ezequiel, que permanecerá fechada porque o Rei está entronizado no seu interior³²⁸.

Se o silêncio de Deus perturba o humano que dele se afasta, por indiferença, autorreferencialidade ou presunção, mais perturba o pecado, pois rompe a relação com toda a dádiva da criação a que o humano está moralmente vinculado.

Para retomar a relação com Deus, o humano deve arrepender-se e converter-se numa nova criatura, consciencializar-se do mal e desejar abraçar toda a humanidade. Retomando o caminho da oração, como são exemplos os Salmos 51 (*Miserere*) e 130 (*De profundis*).

Só a confissão e o repúdio deste inimigo que se insinuou no interior do próprio homem floresce de novo o diálogo mediante a conversão, a reconciliação e o perdão de Deus, que é mais forte do que a ofensa do pecador [...] uma síntese admirável, que descreve a retoma do diálogo, interrompido pela rebelião humana, encontra-se no Salmo 103: “Como o céu que se eleva sobre a terra, assim a misericórdia de Deus é poderosa para aqueles que o temem; como o oriente dista do ocidente, assim Ele afasta de nós as nossas culpas” (Sl 103, 11-12)³²⁹.

A conversão consiste em seguir o caminho de Cristo, que respondeu ao dom de toda a criação a que foi chamado a obedecer.

Do mesmo modo se desafia o humano a responder à vontade pura de Deus: quebrar o silêncio de Deus e transformar-se, pela oração, em *Evangelho* performativo. É diante do pecado humano que Deus vive a maior dor.

Para retomar a relação de diálogo com Deus, o humano dispõe-se a transformar-se interiormente, reconhecer o mal, a desobediência e, através da confissão, reconciliar-se com o projeto de salvação, dando continuidade à obra de Deus.

Como refere a oração de S. Francisco de Assis, ser e fazer-se vontade de Deus: «Senhor fazei-me instrumento da tua paz[...]». A superação do drama humano, que é o pecado, só é possível mediante a aproximação à identidade de Deus, que é dom de amor para o humano. E, desde o início da criação, jamais o humano é abandonado à sua sorte e seu livre arbítrio. Criado para a liberdade e à imagem de Deus, Ele retoma a iniciativa de vir sempre ao encontro da humanidade caída para a elevar.

³²⁸ Merton, *Nenhum homem é uma ilha*, 65.

³²⁹ Ravasi, *Orar com os Salmos*, 59-60.

Porque Deus apresenta-se como o Santo, que é pleno de misericórdia, capaz de se comunicar na história e na comunidade humana com a qual interage. Comunica-se através da Palavra da Bíblia, diálogo de Deus com o seu povo, a quem convida à salvação.

Deus experimenta-se no humano pela oração dos Salmos: no louvor pelas obras da criação, na oração de súplica e intercessão nas horas de angústia e aflição, nos hinos pela graça e esperança alcançada diante da adversidade experimentada. A oração do salmo constitui a verdadeira âncora para o humano que crê e põe toda a sua confiança no Senhor³³⁰.

Nos Salmos espelha-se uma odisséia de história de salvação, movimento entre a felicidade e a desgraça do humano. Porque é que o humano sofre no mundo e se confronta com tanto infortúnio, apesar da presença generosa de tantos bens que a natureza criada o presenteia? Por que motivo o humano não vive a harmonia preestabelecida na proposta do paraíso? Conforme descreve Génesis 2,16-7, a quem apenas se impõe a necessidade de um limite – Não podes comer desta árvore – [...] para que possas fruir da harmonia e paz com o Criador?

A necessidade de o humano se relacionar de modo harmonioso com o outro ser humano, segundo o modelo da proposta do amor de Deus: «Tudo o que queres que os homens vos façam fazei-o vós também» (Lc 6,31).

Quando o ser humano não corresponde e satisfaz o amor de Deus, então falha na sua resposta ao amor do Criador.

No livro do Êxodo, cap. 34, expressa-se o desejo de reconciliação de Deus para com o seu povo: a renovação da aliança, oferta do decálogo, conduta para louvar a glória de Deus, que «resplandecia do rosto de Moisés», no Monte Sinai (Ex 24,8).

Eis o convite à reconciliação e misericórdia divina: na firmeza da fé no único Deus reside a reconciliação do ser humano. Mesmo pecando, sobretudo o pecado da idolatria, Deus não abandona seu povo à sua desgraça, por quem manifesta uma relação de preferência. «A vontade de reconciliação de Deus é eterna fonte de esperança»³³¹. Desde o início da criação, jamais Deus deixou de manifestar o seu amor e misericórdia a favor do povo eleito. «Trata-se do texto mais longo sobre a misericórdia e perdão de Deus e também o mais autorizado, sendo uma auto comunicação do próprio Deus»³³².

³³⁰ Cf. Os Salmos são hinos de louvor, alegria e súplica ao Senhor. Manifestam a relação de fé do humano para com Deus: uma pedagogia de encontro e intimidade com o Deus da Criação. Espelham a oração como expressão da verdadeira vida (do termo grego: *ζωή*, vida plena, diferente do sentido de *βίος*).

³³¹ D. Nuno Almeida, *A cura pela reconciliação*, 2ª ed. revista e aumentada (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2024), 83.

³³² Almeida, *A cura pela reconciliação*, 83

Os textos proféticos apresentam o diagnóstico da culpa e do perdão de Deus, como o único elo que pode reconduzir o ser humano à graça e misericórdia divina. A imagem poética de Deus-médico (cf. Is 4,4) o garante da verdadeira cura, aquela que purifica e redime o humano da culpa e do perdão.

Com o Novo Testamento, Jesus Cristo, o único mediador, abre caminho ao crente para o encontro com o Pai: «E o verbo fez-se carne e habitou entre nós» (Jo 1, 14). Com efeito, «Deus é o Vivo, capaz de vencer qualquer morte, como o atesta a própria criação, nascida da vitória sobre o caos, pela qual a luz surge das trevas, enquanto a terra se desprende das águas que a submergem»³³³.

Ao criar o ser humano livre, este é convidado a participar no Reino de Deus que consiste em reconciliar tudo em Deus, conforme o oráculo de Isaías (61, 1-2). Porque Ele é um Deus de misericórdia e libertação, capaz de reconciliar todo o coração humano.

Através da Cruz, Cristo exemplificou o modo verdadeiro do humano se libertar: aderindo ao amor fraterno perdoando aos inimigos e entregando-se livremente à caridade fraterna. A questão do perdão implica uma autêntica conversão, que não é um caminho natural, pois implica mudança e transformação interior.

Não se justifica apenas a consciência individual com recurso à confissão individual, pois exige-se uma conversão social, responder pelo todo no qual o cristão é convocado a participar com responsabilidade. Esta argumentação leva o teólogo Christian Duquoc a mostrar o desajuste e descrédito da confissão individual:

A crítica da penitência privada, parte de uma simples intuição: as omissões coletivas geram crimes. Os cristãos participam, frequentemente, de consciência tranquila, nas exigências desencadeadas pelos poderosos meios técnicos e científicos. Em comparação com essa proliferação do mal, os sacramentos parecem insignificantes³³⁴.

³³³ Bernard Rey, *O sacramento do perdão – pastoral e celebração da reconciliação*, trad. Margarida Maria Osório Gonçalves (Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000), 23.

³³⁴ Christian Duquoc, nº 61, 1971, p. 33. Em Bernard Rey, *O Sacramento do perdão – pastoral e celebração da reconciliação*, 22-3.

3.2. *Reconciliação sacramental ministrada pela Igreja*

Por meio do sacramento da Penitência, abre-se ao pecador «nova possibilidade de se converter e reencontrar a graça da justificação» (CIC, n. 1446). Ao oferecer-se como vítima inocente na cruz, Jesus Cristo justifica o pecado humano e abre a porta para o reencontro com o amor do Pai. Quando o crente consciente e livre, comete uma falta grave exclui-se do apelo da santidade a que é convidado. Porém, Deus como Pai misericordioso está sempre à espera do regresso do seu filho transviado, para o acolher de novo.

Com a Ascensão de Cristo ao Céu, os discípulos sentiram-se tristes e abandonados. Mas, na manhã do Pentecostes, com a vinda do Espírito Santo, operou-se neles uma transformação: sentiram-se cheios de fé e passaram a fazer a proclamação do anúncio do Evangelho. E muitos ao escutarem aderem e convertem-se à fé de Jesus Cristo ressuscitado. É o tempo do nascimento da Igreja de Cristo que, sob a autoridade e fé dos primeiros discípulos, recebem e manifestam o poder efetivo de anunciar em nome de Deus, de abençoar e perdoar em seu nome (cf. Mt 16, 19; Jo 20, 23).

A Igreja constitui-se no mundo «a presença viva do amor de Deus que se inclina sobre toda a fraqueza humana para a acolher no abraço da sua misericórdia. É precisamente através do ministério da sua Igreja que Deus espalha no mundo a sua misericórdia»³³⁵.

O sacramento da Penitência recebeu um novo impulso no pós-Vaticano II (1962-65). Com o contributo positivo das ciências humanas, renasce uma nova compreensão do ser humano. Havia que reconhecer os limites da análise oferecida pela introspeção da nova antropologia. Não substituíam a escuta da força do Evangelho que, em ambiente de oração comunitária, suscitava maior abrangência na tomada de consciência do pecado e encetava o caminho da conversão interior.

No entanto, nesta transformação psicológica e social, a Igreja passa a ter uma nova visão da pastoral penitencial. Promovem-se as celebrações comunitárias, com recurso à escuta da Palavra, em vista à abertura do coração à autêntica conversão e encontro do caminho de santidade. Que se concluía com o recurso à confissão individual ministrada por um presbítero.

Porém, neste contexto, a confissão restringia-se a uma declaração de faltas, não disponibilizando os recursos necessários para um encaminhamento e descoberta da espiritualidade

³³⁵ João Paulo II, *Jubileu da Encarnação – Bula incarnationis mysterium* do sumo pontífice João Paulo II a todos os que caminham para o terceiro milénio, (org.) Fernando Leite, S.J. do Ano Santo 2000. N. 9, 2ª edição (Braga: Editorial A.O, 1999), 24.

pessoal. Significa que o percurso da confissão devia prolongar-se para lá da pastoral da celebração comunitária, acercar-se do amor de Deus e confiar-lhe as fragilidades pessoais:

Confessar o próprio pecado, é sempre compreender um rosto, um rosto que é amor, no pecado em que estamos submersos, na morte que nos invade [...]. Há alguém que está presente, que nos espera e que nos chama. Por isso irrompe o grito da confissão que exprime a miséria em que nos encontramos, com a certeza da esperança e da libertação³³⁶.

As celebrações penitenciais comunitárias, como um processo de descoberta e consciência da separação do rosto de Deus, devem conduzir à autêntica confissão pessoal, que é o encontro com Deus.

Na opinião de Chauvet as celebrações comunitárias, com tempo programado, impedem a autêntica confissão pessoal. Admite as celebrações não sacramentais, como processo e preparação, como constam nos Rituais penitenciais, mas, como espaços de esclarecimento e aprofundamento da vida quotidiana e relação com a palavra do Evangelho.

Para que a reconciliação possa ser completa, implica o encontro com o confessor, a quem se faz a declaração pessoal dos pecados, e se promete, em contrição e firme arrependimento, para acolher a graça de Deus Pai misericordioso.

A dinâmica comunitária com efeito, é quebrada pela inevitável demora do processo pessoal de acusação ao padre. Quanto à última, é vivida, contraditoriamente, por muitos penitentes como devendo implicá-los tão fortemente como a confissão tradicional, embora feita muito rapidamente por causa do grande número de pessoas a atender num tempo restrito. Sendo assim, os benefícios que a maioria reconhece, de bom grado, a este género de celebração [...] parecem largamente neutralizados pelo processo individual. O aspeto «comunitário» parece ficar reduzido, em muitos casos, a uma simples função de enquadramento ou mesmo de preparação para a confissão individual³³⁷.

O recurso à confissão pessoal, ministrada pelo presbítero ativa a espiritualidade do crente. Sobretudo, deixa de entregar-se apenas às suas forças e confiar-se à ajuda do confessor,

³³⁶ Y. Cattin, *Court traité de l'existence chrétienne*, 85. Em Bernard Rey, *O sacramento do perdão – pastoral e celebração da reconciliação*, 99.

³³⁷ «Pratique du sacrement de la réconciliation dans une église de centre-ville» *Lumen vitae*, nº 37, 1982, 75-84, p.213. Em Bernard Rey, *O sacramento do perdão – pastoral e celebração da reconciliação*, 106-7.

representante de Deus. Penitente e confessor encetam um caminho de descoberta mútua para que, em confiança, o penitente acolha na sua vida a misericórdia de Deus, que é viver em graça.

O recurso frequente à confissão do presbítero tem um impacto positivo no crescimento e maturidade espiritual do penitente, evita o relaxe e a conduta ritualista da vida cristã. «O sacramento da reconciliação com Deus leva a uma “verdadeira ressurreição espiritual”, a restituição da dignidade e dos bens próprios da vida dos filhos de Deus, o mais precioso dos quais é a amizade do mesmo Deus (cf. Lc 15, 32)» (CIC 1468).

Se o pecado nos afasta dos outros, a conversão aproxima-nos da verdadeira paz e justiça: «não somente cura aquele que é restabelecido na comunhão eclesial, como também exerce um efeito vivificante na vida da Igreja que sofreu com o pecado de um dos seus membros» (CIC n.1469).

É sobretudo através da participação na eucaristia que o fiel pode viver no seu quotidiano a vida cristã, seguindo de perto a cruz de Cristo, interpretando as dores e os sacrifícios à semelhança do Crucificado. Quando o cristão incorpora, na sua vida quotidiana, a efetiva ação cristã, realiza a autêntica e verdadeira espiritualidade eclesial.

«A conversão e a penitência quotidianas têm a sua fonte e alimento na Eucaristia; porque na Eucaristia torna-se presente o sacrifício de Cristo, que nos reconciliou com Deus; pela Eucaristia nutrem-se e fortalecem-se os que vivem a vida de Cristo» (CIC 1436).

É sob a realidade da instituição da Eucaristia que se instala a identidade e o sentido da comunidade cristã. Porque a identidade de Deus é uno e trino, ou seja, uma realidade que se manifesta ao ser humano como Pai, Filho e Espírito Santo. Cada uma das entidades só se compreende e realiza no todo, que é o ser de Deus. Assim, a prática cristã só se realiza na relação do nós, a *koinonia*, que é a vida experimentada e saboreada na comunidade cristã.

Comungar da Eucaristia, na comunidade celebrativa, consiste em viver e alimentar-se da vida da Graça, ser co-herdeiro do sacrifício de Cristo, que nos ganhou para a comunhão perfeita com a Trindade, de que a comunidade participa e é devedora na continuidade de completar a realização do Reino de Deus.

4. Análise teológico-litúrgica do altar, ambão e presidência de outras igrejas visitadas e projetadas por Nuno Teotónio Pereira

Embora o objeto essencial do nosso trabalho seja a igreja de Águas, alargámos o âmbito da análise arquitetónica e litúrgica a outras igrejas do mesmo autor. No entanto, analisaremos apenas as peças do presbitério: altar, ambão e presidência. Mas sem o detalhe e contexto arquitetónico aprofundado e exaustivo das respetivas igrejas.

Não longe da igreja de Águas, no concelho da Covilhã, encontramos duas igrejas projetadas por Nuno Teotónio Pereira: a igreja que integra o centro paroquial de Boidobra (1969-1985) e a igreja do Sagrado Coração de Jesus, da comunidade dos Jesuítas, objeto de uma adaptação arquitetónica, em 1952.

4.1 Igreja do Centro Paroquial de Boidobra (Covilhã)

Depois da travessia do conglomerado urbano, ergue-se, num lote plano e ajardinado com diversas espécies arbóreas, a igreja de Boidobra, freguesia de tradição operária da indústria de lanifícios local. A igreja emerge branca e sóbria, um abrigo para a comunidade dos fiéis que ali se reúnem como uma pequena assembleia³³⁸.

Entra-se no átrio e, antes da missa, o presbítero faz ali o acolhimento: saúda e dialoga individualmente com quem o procura, para um conforto afetivo e espiritual.

A igreja de Boidobra caracteriza-se por uma unidade do espaço arquitetónico que favorece a participação de todo corpo eclesial da comunidade local.

³³⁸ O celebrante, no dia que visitámos a igreja, referiu estarem presentes na missa dominical 179 pessoas.



Fig. 44 - O mobiliário do presbitério foi alterado, agora, o motivo decorativo da cruz predomina no mobiliário da presidência e ambão. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário

Com a opção de uma única cobertura, uma única nave, consegue-se uma maior proximidade de assembleia, altar e presidência. A arquitetura da cobertura caracteriza-se pela simplicidade e despojamento. Uma estrutura em ferro e madeira à vista do interior da nave, que exprime a nudez e a verdade construtiva. Projetar uma arquitetura moderna que não apresente contradição com a verdade da proposta do Evangelho, objetivo programático do MRAR.

A iluminação é recolhida pelo rasgamento de pequenas janelas encimadas, em linha contínua, na junção das paredes com a cobertura. A nave recebe uma luz natural coada que converge e qualifica a espacialidade interior.

O efeito cruzado da luz no interior da nave, permite uma maior comunicação com toda a comunidade, pois há uma maior visibilidade da expressão corporal: «A arquitetura com a sua estruturação de espaços e de volumes, pode tornar-se instrumento de comunhão e facilitar a oração e a celebração»³³⁹.

³³⁹ Nota Pastoral da Comissão Episcopal de Liturgia da Itália, *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 2ª ed. (Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018), 20.



Fig. 45 - Uma única cobertura do presbitério e da nave em anfiteatro. Fonte³⁴⁰.

A disposição dos bancos da assembleia, em anfiteatro, com corredores de circulação, aproxima a assembleia do presbitério e convoca à unidade de todo o corpo eclesial reunido. A qualidade da visibilidade e proximidade corporal de todos reforça a afetividade e ativa a liturgia sacramental, sobretudo na celebração da eucaristia.

O altar apresenta-se como uma mesa de madeira fixa, forma retangular e «afastada da parede para permitir a circulação em volta dele, centro de convergência [...] dos fiéis» (IGMR 262/ 299).

Toda a disposição do espaço da igreja converge na direção do altar, localizado num patamar mais elevado do pavimento e ao qual se acede através de três degraus em madeira, tipo palco³⁴¹, realçando a sua função litúrgica, acolher a celebração da eucaristia.

Esta conformação do espaço, «quase» unificado, convida à participação ativa para a ação litúrgica que ali se desenvolve. Num plano inferior ao altar, zona do pavimento, posiciona-se na lateral direita o coro, visível da assembleia, que ativa o canto e eleva a qualidade da participação da liturgia da comunidade.

Ao coro deve ser dada a possibilidade de uma plena participação na liturgia e, como os outros serviços litúrgicos, deve estar visível da assembleia ou numa zona elevada distante. Também aqui se revela adaptada a disposição em anel aberto³⁴².

³⁴⁰ https://www.google.com/search?q=igreja+boidobra+covilha+imagens&rlz=1C1GCEU_pt-PTPT836PT836&oq=&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgAECMYJxjqAjIJCAAQIxgnGOoCMgkLARAjGCcY6gLyCQgCECMYJxjqAjIPCAMQLhgnGK8BGMcBGOoCMgkIBBAjGCcY6gLyCQgFECMYJxjqAjIJCAYQIxgnGOoCMgkIBxjGCcY6gLSAQ0yNTI3NTg4NzlqMGo3qAIIIsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acedido em 5 de janeiro de 2025.

³⁴¹ O objetivo inicial era que servisse como espaço multifunções. Porém, foi sempre espaço reservado ao serviço litúrgico.

³⁴² Richter, *Espaços de igrejas e imagens e igrejas*, 77.

Em procissão, em direção ao altar, o presbítero, depois de beijar o altar, dirige-se para uma estante, à direita, junto da cruz de madeira, que se eleva do patamar do altar, daí, orienta a assembleia nos ritos de iniciação da celebração eucarística.

Seguem-se as leituras que são proferidas do ambão, posicionado, à esquerda do altar e, a dois metros de distância, encontra-se a pia batismal, em pedra de granito antiga, em forma de cálice.

A configuração do desenho do espaço interno da nave, apenas a plataforma elevada à frente, sem barreiras físicas, reforça o sentido de unidade da comunidade: proximidade afetiva na orientação do altar.

Na parede frontal e sob o altar, destaca-se a representação iconográfica da última Ceia de Cristo, um painel de figuração moderna que ativa a representação memorial da eucaristia, uma mesa, lugar onde se come e se partilha a refeição.



Fig. 46 - O mobiliário do presbitério originário, sem a última modificação. Fonte³⁴³

Destaque para a proclamação da palavra da Sagrada Escritura do *ambão*, o antigo, num desenho de linhas sóbrias e despojadas, armação em ferro, para erguer e sustentar o livro. Agora encontra-se à entrada da nave, como mostra a fotografia, uma representação memorial, a servir a palavra de Deus a quem entra na igreja.

343

https://www.google.com/search?q=igreja+boidobra+covilha+imagens&rlz=1C1GCEU_pt-PTPT836PT836&oq=&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgAECMYJxjqAjIJCAAQIxgnGOoCMgkIARajGCcY6gIyCQgCECMYJxjqAjIPCAMQLhgnGK8BGMcBGOoCMgkIBBAjGCcY6gIyCQgFECMYJxjqAjIJCAYQIxgnGOoCMgkIBxajGCcY6gLSAQ0yNTI3NTg4NzlqMGo3qAIIsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8 . Acedido em 5 de janeiro de 2025.



Fig. 47 - O antigo ambão, com a Bíblia aberta, à entrada da nave. Fotografia de Ismael M. Vigário

O atual ambão apresenta-se em madeira, com o motivo da cruz em primeiro plano. Foi objeto de uma intervenção, em relação à forma original. E posiciona-se no mesmo patamar do altar, com uma deslocação lateral e avançado, à vista de toda a assembleia.



Fig. 48 - O novo ambão transformado e o painel da Última Ceia. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário

À presidência compete orientar a oração da assembleia. Fazer viver na *ars celebrandi* o mistério de Cristo. Ao participar ativamente do batismo sacramental, o presbítero nasce na comunidade de fé e, pela receção do sacramento da ordem, age *in persona Christi*. Assim, o presbítero está imbuído de dupla responsabilidade, teológica e eclesial. Age «segundo uma dupla

relação sacramental: no eixo metafórico, relação com o próprio Cristo que preside; no eixo metonímico, relação com a Igreja inteira»³⁴⁴.

O ministério do sacerdote consiste em articular o símbolo do mistério de fé celebrado e vivido pela assembleia paroquial ali reunida, sobretudo na eucaristia dominical. A ação do sacerdote é ativar a presença de Deus na assembleia, em união com toda a Igreja, no máximo da sua humanidade e que tem consequências concretas na vida da comunidade: levar ao anúncio e à prática da fraternidade cristã.

A cadeira presidencial desempenha também uma função simbólica, lugar de quem preside na assembleia, bispo, presbítero, diácono, em certas circunstâncias, um leigo credenciado. A presidência simboliza Cristo que vem ao encontro, cuja memória ativa a confiança e eleva à Sua verdadeira ação litúrgica.

Quem preside, hoje, à liturgia da Igreja, exerce uma função vicária. Porque, verdadeiramente, quem preside é Cristo: batiza, perdoa, e se entrega à comunidade, por amor, na liturgia da celebração eucarística. Nesta igreja, a cadeira da presidência distingue-se da dos outros ministros, nas espaldas, sem ripas de madeira, mas sem qualquer aparência de trono, conforme prescreve a IGMR 271 [310]: «deve evitar-se toda a espécie de trono». A distinção confere-lhe dignidade, a *gravitas* da função, como convém.

³⁴⁴ Louis-Marie Chauvet, *A arte de presidir à liturgia*, (Fátima: Secretaria Nacional de liturgia, 2020) 27.

4.2 Igreja do Sagrado Coração de Jesus / S. Pedro (Covilhã)

Trata-se de uma igreja que foi objeto de um restauro e adaptação. A igreja continua a conservar o altar encostado à testeira do presbitério, de acordo com o Concílio de Trento (1545-1563), quando o sacerdote celebrava a missa de costas para o povo



Fig- 49 - Adaptação do presbitério: altar, ambão e presidência. Fonte³⁴⁵

Ao olharmos a abside desta igreja identificamos a presença da imagem de Cristo, à imagem do estilo românico e do gótico. Que tinha como significado convocar uma imagem de igreja: «a presença da realidade celeste na terrestre, o esquema de arquétipo-imagem: se Cristo é apresentado na parte superior da abside como o pastor, o mestre, mais tarde como o Senhor do mundo»³⁴⁶.

A igreja adaptada conserva o antigo altar recuado com o tabernáculo³⁴⁷, mas apresenta, agora avançado, o novo altar para a celebração eucarística de frente para o povo. Enquanto o primeiro se eleva ascendendo três degraus da frente e dos lados, o segundo está rebaixado, com um único patamar sobre o pavimento, com diferente material, a madeira.

Este é o único altar da celebração eucarística, em posição avançada da abside e em plena visibilidade para toda a assembleia reunida, como define o n. 311 da IGMR.

³⁴⁵ <https://pontosj.pt/paroquiasaoped...> acedido em 29 de dezembro de 2024

³⁴⁶ Richter, *Espaços de igrejas e imagem de Igreja*, 61-2.

³⁴⁷ Com uma porta em bronze, trabalho de Graziela Albino, que era sócia do MRAR.

Lateralmente, em posição avançada em relação ao altar, à direita, posiciona-se o ambão do evangelho e, do lado oposto, a estante para avisos e admoções «Que não faça eixo com o altar e o assento presidencial, para respeitar a função de cada um destes sinais»³⁴⁸.

Estamos perante uma igreja preexistente e não uma igreja construída de raiz. Assim, implicava uma adaptação que salvaguardasse a qualidade litúrgica da celebração da eucaristia, de acordo com o Concílio do Vaticano II (1962-65).

Nas igrejas já construídas, quando nelas existir um altar antigo situado de tal modo que torne difícil a participação do povo, e que não se possa transferir sem detrimento dos valores artísticos, construa-se com arte outro altar fixo, devidamente dedicado, e realizem-se apenas nele as celebrações sagradas. Para não desviar a atenção dos fiéis do novo altar, não se adorne de modo especial o altar antigo (n.303 IGMR).

A permanência do púlpito sobrelevado, em relação ao ambão, na plataforma de pedra de granito, à direita do altar, tangente com o arco triunfal e assembleia, enquadra-se com as outras peças do presbitério: ambão, altar e presidência.

Se numa igreja de importância histórica existe um ambão ou um púlpito monumental, recomenda-se que seja inserido no projeto de adaptação, de modo a ser utilizado normalmente ou ao menos por ocasião de grandes assembleias ou em momentos solenes, em que valorizam mais amplamente os ministérios ao serviço da palavra³⁴⁹.

Atendendo ao rebaixamento e avanço do novo altar, houve conveniência estética de deslocar o eixo do ambão para a direita e conjugá-lo, em simetria, com a estante, à esquerda.

Devido ao rebaixamento do altar no presbitério, a cadeira da presidência posiciona-se num estrado de madeira, em frente para o povo, visível e audível para todos.

No caso em análise, a presidência está adequada e respeita as recomendações institucionais. «A sede da presidência é única e não tenha forma de trono; quanto possível, não seja colocada nem atrás do altar preexistente nem diante do que está em uso num espaço próprio e adequado»³⁵⁰.

³⁴⁸ Cf. *C.E.I. Lezionario Domenicale e Festivo*. Premesse, nn. 32-34. Em Nota Pastoral da Comissão Episcopal de Liturgia de Itália - *A Adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 29.

³⁴⁹ Nota Pastoral da Comissão Episcopal de Liturgia de Itália - *A Adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 2ª ed. (Fátima: secretariado Nacional de Liturgia, 2018), 29.

³⁵⁰ Nota Pastoral da Comissão Episcopal de Liturgia de Itália - *A Adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 30.

Do conjunto dos lugares, a presidência ocupa o centro a que corresponde um desenho com algum grau de distinção: maior dimensão e com apoio de braços. Porém, não deixa de ser sóbria e despojada, nunca um trono. Pois, a primazia cabe ao altar, a quem a presidência serve em dignidade.



Fig. 50 - Destaque da cadeira da presidência em relação à presença dos ministros e acólitos. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário

Face ao desenho e posição da presidência na relação com as outras peças do presbitério, salvaguarda-se espaço para a concelebração e a boa circulação junto do altar e ambão.

4.3. Igreja Paroquial de Na. Sra. da Assunção, em Almada

Obra arquitetónica de Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas (1963-1967)³⁵¹. Integrada num espaço urbano, mas impondo-se com a distinção de uma arquitetura religiosa moderna. A arquitetura do exterior caracteriza-se por um traçado de linhas simples, geométricas e a procura de entradas de luz para o interior.

Também fixa os elementos distintivos que a definem como edificação religiosa: a presença da cruz no topo do conjunto edificado, o adro e o pórtico de entrada. Embora a igreja se integre no tecido urbano, distingue-se na procura de um lugar de abrigo e silêncio, com um adro e ajardinamento de partilha urbana.

³⁵¹ E os arquitetos: Luís Moreira, João Rebelo, António Reis Cabrita, Pedro Viana Botelho, Duarte Nuno Simões.



Fig. 51 - Do telhado recortado, recolhe-se a luz para o interior da igreja. Fotografia de Ismael M. Vigário

Do movimento do adro para o pórtico, uma travessia para o interior, desejo de recolhimento e abrigo fora do bulício urbano. O interior é definido por uma única nave com transepto onde se ergue um balcão a que se acede por escadas. Percecionamos um espaço qualificado produzido pela utilização do betão aparente com as marcas do trabalho humano: reentrâncias, sinal do prego, a lisura prensada pela secagem da tábua agreste, a crueza material a ser amaciada pela cor de um azul cinza moldado pela luz e tijoleira vermelha.

Resplandecente a entrada da luz zenital a refletir na escultura em alto relevo da Senhora da Assunção, do pintor João Silva Araújo, a convocar à contemplação do fiel.

Num artigo publicado no jornal Público, aquando da intervenção na arquitetura da igreja de Almada, a arquiteta Ana Tostões apelou à responsabilidade na sua intervenção. Destacou a necessidade da manutenção de um diálogo entre a arquitetura existente e a nova intervenção. Se houve concertação no passado entre arquitetos, párocos e fiéis, seria desejável, que essa circunstância não fosse desvalorizada para o futuro. Apelava ao mérito do arquiteto Nuno Teotónio Pereira, autor do projeto. E destacava o valor desta obra:

A importância de dois conceitos inovadores: o de espaço interno e o de obra de arte total. Com a preocupação de organizar um espaço em convergência para o altar, o fulcro da celebração, as opções pela forma de assembleia em leque organizam espaços escalonados a que correspondem diversos planos inclinados de cobertura proporcionando diferentes entradas de luz. A importância

da luz refletida nos materiais orgânicos – como é o caso da madeira – em diálogo com o betão aparente, ou a forma fragmentada da cobertura reforçando a forma de concha em torno do adro³⁵².

Com a ideia de obra total e o conceito de uma arquitetura integrada, a intervenção teria de atender ao verdadeiro valor da obra existente. A intervenção, a ser feita, não poderia sair desta base subsistente em que a arquitetura se afirmou ao longo de cinquenta anos.



Fig. 52 - O mobiliário original em madeira: o altar; o ambão e a presidência. A Cruz na testeira posterior.

*Fonte*³⁵³

Como uma lucerna fonte de luz, que imprime movimento e adensa a presença da energia espiritual: apelo a sair de si, para ir ao encontro de quem nos espera, o desejo de um abraço que se reparte para os outros rostos. É o sentido da comunidade, espaço da oração, da escuta do silêncio fértil, aquele que nos põe no caminho da verdadeira vida: «Pai nosso que estais no céu», aquele desejo que nos liberta de nós mesmos e nos transporta para Ele, «para fora da prisão do eu»³⁵⁴.

³⁵² Ana Tostões, *Jornal Público*, em 12 de dezembro de 2018. Acedido em 3 de janeiro de 2025. <https://o-povo.blogspot.com/2018/12/sobre-igreja-nova-de-almada.html?m=1>.

³⁵³ <https://o-povo.blogspot.com/2018/12/sobre-igreja-nova-de-almada.html?m=1>. Acedido em 4 de janeiro de 2025)

³⁵⁴ Simone Weil, *O Pai Nosso*, trad. Ana Sassetti da Mota (Cascais: Lucerna, 2024), 29.



Figura 53 – Aproximação da textura cinza do betão descofrado, a forma original. Fonte³⁵⁵



Fig. 54 - A arquitetura do presbitério depois da modificação do projeto original de arquitetura: a opção pela pedra branca e retoques clareados dos painéis crus de betão. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário

A forma poligonal do espaço interno conjuga e aproxima o presbitério e a assembleia. A forma da organização das diferentes peças do presbitério a imporem-se à assembleia reunida: a relevância primacial do altar, mais elevado, para onde toda a ação litúrgica e atenção convergem.

O ambão posiciona-se avançado ao eixo do altar e encaixado nos degraus do presbitério, com a mesma cor e material. Porém, verificamos um contraste muito pronunciado com a opção da

³⁵⁵ https://images.app.goo.gl/c3ZaeM2qRXaPYtTy7_ Acedido em 5 de janeiro de 2025

cor clara da pedra, em relação ao tom escurecido e matizado da madeira e do cinza do betão descofrado do projeto original.

O destaque para a escultura no painel frontal do ambão, alusão ao anúncio do anjo S. Gabriel a Na. Senhora, que introduz a assembleia na resposta modelo de escuta e humildade que fez a Deus Pai: ser a mãe de Jesus. Um ícone a convocar o fiel a escutar a Palavra de Deus, quando é proclamada do ambão. A nova arquitetura do ambão perde a forma simples e despojada do original, tal como o conjunto do todo da igreja, no qual se integrava. Porque a forma do ambão deve apresentar-se com uma forma simples, sem adorno, para que o fiel escute a palavra e a acolha em liberdade.

Corriam-se sérios riscos com a intervenção nesta igreja, daí o desejo e preocupação manifestado por Ana Tostões ao apelar para o cuidado e respeito pela qualidade da obra existente:

Consciente da responsabilidade de uma intervenção num espaço tão carismático, acarinhado por todos, acreditamos que novas intervenções constituem uma oportunidade para preservar a essência desta grande estrutura arquitetónica, associando todos os elementos do conjunto da igreja³⁵⁶.

A presença da cruz na parede frontal, um painel sob betão aparente, uma moldura sóbria, austera a apelar à presença do Crucificado junto do altar e do ambão: a presença de Deus-amor (*Deus-caritas est*).

Há distinção de espaços e funções litúrgicas, uma visibilidade expressiva a convocar à participação no mistério eucarístico: «eis o mistério de fé». A assembleia é convidada a experimentar Cristo, que vem ao encontro daquele que o acolhe e o experimenta na assembleia ali reunida.

A figuração da última ceia, no painel frontal do altar, está ali a recordar o misterioso acontecimento, agora vivido na anamnese do pão e do vinho e que, através da epiclese se transforma em realidade vivida *in ecclesia*.

Porém, com esta indicação incrustada no altar, este pode perder o sentido original que nele se concentra: o altar é Cristo, o mistério pascal, sem qualquer informação adicional: uma mesa de refeição. Porque

a assembleia litúrgica é assim a grande figura sacramental que é ofertada aos cristãos para que aprendam a articular (“simbolizar”) Deus e a sua humanidade naquilo que esta tem de mais concretamente histórico. É impossível ir a Deus de modo imediato: a mais elevada comunhão espiritual realiza-se através da humaníssima mediação do rosto do outro³⁵⁷.

³⁵⁶ Ana Tostões, *Jornal Público*, em 12 de dezembro de 2018. Acedido em 3 de janeiro de 2025. <https://o-povo.blogspot.com/2018/12/sobre-igreja-nova-de-almada.html?m=1>.

³⁵⁷ Louis-Marie Chauvet, *A arte de presidir à liturgia*, 18.

A atual arquitetura, sobretudo, as peças do presbitério, em tom branco, contrastam com o tom escurecido do ambiente dos painéis de betão das paredes, agora, retocados pela aplicação do tom cinza claro. Esta opção contrasta com o tom acastanhado da madeira dos bancos da assembleia e dos corrimões.

Se a opção da forma poligonal da assembleia a convergir para o altar se define pela preocupação de uma unidade e todo integrado, o branco do presbitério cria mais uma divisão que uma integração. Quando o essencial seria aproximar da mesa do altar, onde se come e se confraterniza com alegria, pois a eucaristia é Cristo que desce à nossa humanidade e nos quer habitar com o Seu amor.

A presença da Senhora da Assunção, uma escultura a desafiar a elevação para o alto e à vista da assembleia. A expressividade do cinza natural do betão, ao beneficiar da luz zenital, favoreceria a participação das ações litúrgicas no altar. Enquanto o tom luminoso atual, impõe-se com certa fonte de dispersão da atenção dos fiéis, deslocando a atenção do altar e do ambão.

A presidência posiciona-se na testeira do presbitério, entre o altar e o ambão. Por isso, «o lugar mais indicado é ao fundo do presbitério, de frente para o povo» (n. 310 IGMR).

Podemos afirmar que esta solução já responde a uma solução de maturidade. Não se apossa do domínio do altar, que é Cristo, cujo presidente apenas serve para que Ele viva, na sua realidade nos olha e que permite o nosso olhar:

A única coisa que lhe podemos dirigir é o nosso olhar. Não temos de procurá-Lo, basta mudar a direção do olhar. É Ele que nos procura. Temos de ficar felizes por saber que ele está infinitamente fora do nosso alcance³⁵⁸.

Porque tudo procede d'Ele, e é por Ele que tudo chega até nós, sobretudo o seu amor incondicional, contrário a nós, que só por Ele podemos amar-nos uns aos outros.

O atual presbitério não é o original, cujas peças eram em madeira. A forma atual resultou da intervenção do arquiteto Bruno Queimado Rosa que tentou uma intervenção que causou uma grande celeuma à volta da remodelação, sobretudo o altar, o ambão e a presidência.

³⁵⁸ Simone Weil, *O Pai Nosso*, 25.

4.4 Igreja do Sagrado Coração de Jesus de Lisboa



Figura 55 A vista panorâmica do adro e volume da igreja integrada na cidade³⁵⁹

A arquitetura da igreja do Sagrado Coração de Jesus emerge como a obra da maturidade do MRAR. Obra de Nuno Teotónio Pereira em coautoria com Nuno Portas, à qual se associaram outros artistas que partilhavam dos mesmos anseios e valores. O mérito reconhecido a Nuno Teotónio Pereira pela capacidade de escolha de artistas e desenvolver um notável trabalho de equipa. Deste modo se compreende o projeto de arquitetura desta igreja premiada e reconhecida pela crítica: prémio Valmor, 1975 e elevação à categoria de monumento nacional, em 2010.

³⁵⁹ <https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipPmWCoPu02Zheo7uQqiFvUtlJxOG8dMkZXR4elb=s1360-w1360-h1020> . Acedido em 9 de janeiro de 2025.



Fig. 56 - A qualidade espacial do presbitério pelo recurso a materiais naturais e crus. O altar-mor visto a partir da assembleia³⁶⁰

Na igreja do Sagrado Coração de Jesus, o presbitério caracteriza-se pelo impacto de materiais verdadeiros, simples e naturais. A testeira apresenta-se numa composição de blocos de cimento ao natural, material industrial em série e acessível.

A procura da expressão de clareza, arranjo criativo e linear pelo recurso a materiais crus, produzidos pelo trabalho manufaturado dos operários: utilização do betão aparente, com marcas da secagem nas tábuas e as silhuetas dos pregos da cofragem, o impacto da luz natural a irradiar texturas e a qualificar a espacialidade do contexto das peças que organizam o espaço da celebração litúrgica.

A busca da verdade construtiva pelos recursos aos materiais e técnicas verdadeiras: os pilares que suportam o peso construtivo e as acessibilidades das escadas em betão à vista, ou a madeira nos corrimões, confirmam a autenticidade daquele lugar. A expressão construtiva só pode ser uma: a verdade. Habitar um espaço para ser olhado e propício para elevar o coração para Deus, orar, entoar hinos de louvor. Um lugar de recolhimento, de procura de silêncio e escuta da palavra pronunciada do ambão ao serviço da comunidade convocada.

³⁶⁰ <https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipPmWCoPu02Zheo7uQqiFvUtlJxOG8dMkZXR4elb=s1360-w1360-h1020> . Acedido em 9 de janeiro de 2025.

Quando estamos no interior da nave e, ao fixarmos o olhar no presbitério, somos invadidos por uma sensação de acolhimento e serenidade. No entanto, confrontamo-nos com uma amplidão de espaço: pilares que se elevam para o teto, em caixotões de betão pré-fabricado, e suportam os balcões das galerias e a escadaria de acesso.

O recurso brutalista a materiais industriais de betão armado e bloco, não provoca qualquer desconforto ao olhar, mas aconchego e harmonia. Que justificação arquitetónica para esta sensação de concertação e harmonia alcançada?

Ao contraste da escolha de diferentes materiais, há uma justa combinação na sua aplicação e efeito alcançado. O cuidado posto nas soluções estruturais estendeu-se aos materiais de revestimento dos diversos volumes, neles dominando o betão aparente, quase sempre bujardado, ora encofrado *in situ*, ora pré-fabricado. Ainda assim todas as peças seriam moldadas no estaleiro, desde os longos painéis compósitos que perfazem as paredes da igreja, até aos tijolos manufaturados que preenchem o seu interior, também utilizados para obviar questões acústicas³⁶¹.

Ao mérito de escolha dos materiais e técnicas de manufatura dos projetistas, junta-se a ideia da sabedoria do efeito e respetiva aplicação final. Um produto de maturidade, resultado de experiência e arte. A obra define-se pela «coerência» e «frugalidade», uma beleza que aproxima o humano da beleza de Deus, porque orienta para Ele o seu olhar. Sobretudo na liturgia da eucaristia da comunidade reunida. O projeto realiza o espaço qualificado para o encontro da comunidade reunida, evitando a simultaneidade de diferentes modos de oração. «Fizemos as capelas para devoções particulares num espaço anexo»³⁶².

O peso da luz zenital no presbitério sobre os materiais frios adoça a frieza do betão e do bloco de cimento e ganha harmonia com a aplicação da madeira, um material de cor mais quente e macio. Pela combinação de diferentes matérias e técnicas construtivas, confirma-se que existe uma ligação entre a tradição e a modernidade. A arquitetura da igreja, sobretudo o presbitério, insere-se num todo integrado: as partes não são individualidades justapostas, mas integram-se num todo estruturado. A arquitetura da igreja faz parte do tecido urbano da cidade, isto é, está ligada à unidade do corpo, que é a cidade, a quem serve.

Os autores do projeto de arquitetura manifestam maturidade no modo como expressam a modernidade construtiva, pelo conhecimento assimilado, fruto de visitas a igrejas modernas,

³⁶¹ Grande, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, 19.

³⁶² Grande, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, 23.

sobretudo italianas, inglesas e holandesas. A cidade como um edifício interligado, com diferentes sítios, como um *cluster*, um *rizoma*.

Pretendiam possibilitar aos fiéis a criação de um espaço arquitetónico que expressasse a ideia do ecumenismo: uma igreja que estimulasse e acolhesse o crente e o não crente. Que podia ser a importação da ideia de *cluster* dos ingleses «o protagonismo era assim dado ao espaço público de atravessamento, moldado por diferentes patamares»³⁶³. Um espaço de renovação litúrgico que pudesse abarcar todo o cidadão, como espaço de acolhimento e de reflexão.

Este modo de entender a arquitetura, não se desliga da ideia de sagrado que Nuno Teotónio Pereira expressa, como abrangente e desafio à liberdade de apelo do ser humano. Em entrevista, Nuno Teotónio Pereira pronunciou-se sobre o significado de Sagrado.

Eu penso que o sagrado, aqui, traduz-se numa obra não utilitária, ou onde o utilitário não está em primeiro lugar. Há um programa dirigido às pessoas para que as pessoas saiam de si próprias, e abarquem horizontes mais amplos do que aqueles que compõem o seu quotidiano. (...) Agradeço a atenção que tiveram comigo [nesta entrevista], isto foi bom para mim, foi uma espécie de ressurreição³⁶⁴.

O interior apresenta-se acolhedor, apesar da amplidão espacial e do elevado pé direito.

O altar, o ambão e a cadeira da presidência ocupam pontos geométricos no espaço organizado e adequam-se às respetivas funções litúrgicas. Todas as peças são de madeira natural e maciça.

³⁶³ Grande, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, 13.

³⁶⁴ Grande, *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*, 27.



Figura 57 O altar, o ambão e a presidência em madeira³⁶⁵

O altar, uma mesa de refeição em pés de madeira a condizer com o tampo, ocupa o eixo central do presbitério. Situa-se na direção do eixo da porta de entrada da igreja. É uma mesa simples e despojada, coberta por uma toalha branca. Preparada para a oração eucarística da comunidade convocada.

O ambão situa-se sobrelevado e avançado, à direita do altar, à vista de toda a assembleia. Distingue-se da estante, incrustada nos degraus, numa posição mais elevada. Representa um lugar simbólico, porque é dali que se proclamam as leituras da Sagrada Escritura e o lugar da homilia.

O enquadramento da presidência encontra-se à esquerda do altar e à vista de toda a assembleia. A cruz de madeira ocupa a testeira do presbitério, não longe do altar e da presidência. Expressa a verdade cristológica aquando da celebração da eucaristia pela comunidade: Deus é amor.

³⁶⁵<https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipPmWCoPu02Zheo7uQqiFvUtIJxOG8dMkZXR4elb=s1360-w1360-h1020>. Acedido em 9 de janeiro de 2025.

CONCLUSÃO

Se ao visitarmos a igreja de Águas experimentámos, imediatamente, uma percepção positiva e impactante do seu projeto de arquitetura. Depois de a estudarmos, com recurso a leituras e pontos de vista de técnicos especializados, o juízo de avaliação tornou-se mais objetivo e mais compreensivo. De facto, a igreja impõe-se ainda hoje, passados 60 anos, como um lugar teológico e onde a liturgia e a pastoral se realizam com qualidade.

Que razão explicará a vivacidade e prevalência deste projeto de arquitetura da igreja de Águas? É incontornável não o ligarmos ao MRAR e nele percecionarmos a chave do alcance do projeto arquitetónico da igreja de Águas.

Para compreender o projeto de arquitetura da igreja de Águas, é condição necessária sermos iniciados e integrarmo-nos no espírito e identidade do MRAR. Era um grupo de artistas católicos convictos e generosos que queriam intervir na renovação da arte sacra no país. Inconformados com o modo como se construía as igrejas que, no seu ponto de vista, eram inautênticas, fingidas, porque negavam o Evangelho e a qualidade da celebração da liturgia eucarística.

A arquitetura da igreja tinha de ser o lugar da verdade do próprio Cristo. Como fazer isso? Os associados efetivos não se escusavam a esforços: reuniões, formação, debates, exposições, participação em congressos, análise de anteprojetos, registos das reflexões e comunicação frutífera através do *Boletim* do MRAR.

Constituíram-se como uma frente de combate, para que as novas igrejas, alfaías, estatuária, paramentaria refletisse a verdade cristã. A beleza ao serviço da fé e da oração cristã. Com o contributo do Concílio do Vat. II, propicia-se aos católicos um novo entendimento da liturgia e da eclesiologia, focada na pastoral da participação de toda a comunidade.

Nesta conjuntura contextual, o MRAR despertava para a urgência e necessidade de qualificar a arquitetura do espaço da função litúrgica, sobretudo da participação da celebração da eucaristia e dos outros sacramentos.

O espírito de renovação impunha-se como um processo interdisciplinar, envolvendo diferentes áreas: artistas, liturgia, teologia, pastoral, espiritualidade, psicologia, sociologia.

A igreja não era uma edificação qualquer, era o lugar de Cristo para experimentar com Ele a vivência da eucaristia. Com este grau de exigência, só podiam construir-se lugares de beleza. Este era o denominador comum que deveria presidir a qualquer projeto: arquitetura, altar, ambão, cadeira da presidência, alfaías, crucifixo, imagem.

Está o espaço da arquitetura da igreja de Águas qualificado para o serviço da liturgia, sobretudo a celebração da missa da comunidade, como um espaço sacramental ao serviço da fé e da oração cristã?

O projeto apresenta-se em planta longitudinal, o presbitério e a nave central em interação e visibilidade, a apelar à unidade participativa de toda a assembleia reunida. Respondendo desse modo à preocupação de projetar uma igreja que aproximasse a assembleia do altar, símbolo de Cristo, a aspiração de uma arquitetura moderna e integrada no todo da unidade das outras construções.

Inaugurada em 1957, entre a novidade e alguma contestação inicial, acabaria por ser integrada e assimilada pela população. Passado o tempo de experimentação, o projeto de arquitetura foi julgado, pela crítica especializada, como um marco da arquitetura moderna em Portugal. O mérito do projeto de arquitetura coube ao seu autor, arquiteto Nuno Teotónio Pereira, e ao seu mecenas, Domingos Megre. À personalidade do arquiteto acresce a reconhecida qualidade de saber trabalhar em equipa, ao congregar para o projeto bons artistas (escultores, pintores, decoradores), artesãos locais da construção civil, sempre em sintonia e diálogo com as autoridades eclesásticas: teólogos e liturgistas.

O contexto histórico e religioso que originou a edificação desta igreja, seria atualmente diferente, pela insofismável menor procura do serviço religioso e decréscimo demográfico. Nos anos 60 a igreja de Águas servia uma comunidade eclesial numerosa, como mostra o censo da época, 946 habitantes, hoje reduzido para 281-300 habitantes. A crescer à diminuição da frequência do serviço religioso, vivemos no tempo das «igrejas vazias»³⁶⁶ e, por razões de segurança, a maioria fechadas e impedidas de um acesso livre para quem as procura para a oração pessoal. Manter as igrejas abertas seria uma resposta aos «sinais dos tempos», desafio à comunidade crente: ser testemunho de fé e serviço da catolicidade³⁶⁷.

A arquitetura na edificação das novas igrejas, hoje, é desafiada a pensar melhor o espaço e a sua função. Como melhorar a organização das instâncias litúrgicas para tão pouca frequência, no caso da igreja de Águas? A realidade da igreja dos anos 60 conduzia-nos a uma outra leitura,

³⁶⁶ Cf. Tomás Halik, *O Tempo das Igrejas Vazias* (Prior Velho: Paulinas, 2021); do mesmo autor: *A Tarde do Cristianismo* (Prior Velho: Paulinas, 2022). Estas duas obras refletem a problemática da vivência atual do Cristianismo.

³⁶⁷ Para colmatar as igrejas fechadas, apela-se ao serviço e generosidade de cristãos para a sua vigilância, para que as igrejas possam permanecer abertas. Em Espinho, igreja recentemente requalificada, mantém-se aberta, por força da generosidade dos paroquianos. A Igreja de S. Martinho, de Cedofeita, Porto, mantém-se fechada. Algumas estão abertas, sobretudo, as classificadas como monumentos nacionais, mediante o pagamento de bilhete para a sua visita: igreja do Carmo, igreja das Carmelitas, a dos Clérigos, da cidade do Porto, por exemplo.

diferente da de hoje³⁶⁸. A nova realidade atual conduz-nos a uma nova gramática de organização do espaço celebrativo da liturgia na igreja.

Nos anos 60 a necessidade de edificar uma nova igreja na freguesia de Águas impunha-se à comunidade eclesial da época³⁶⁹; a antiga já não respondia às solicitações estéticas e espaciais da povoação³⁷⁰. Porém, hoje, verificam-se outros constrangimentos para uma liturgia participada: muitas cadeiras vazias e dispersão da comunidade pela nave, em relação ao altar.

Ao longo do trabalho debruçamo-nos sobre o património construído da igreja de Águas, o seu projeto de arquitetura, arte sacra e sua inserção no contexto cultural, artístico e religioso que o originou, uma «primavera» que renasceu com o MRAR.

Como se chegou a este projeto de arquitetura religiosa tão qualificado? Confluem nesta questão dois contributos: a emergência da arquitetura moderna na Europa do pós-guerra, e, um pouco, pelos outros continentes, a emergência e empenho do MRAR e, ainda, a nova identidade religiosa procurada, de «rosto humano», pela Igreja Católica do Concílio do Vat. II (1962-65).

A arquitetura moderna³⁷¹ civil, por força da industrialização com novos materiais de produção em série, ganhou tempo e espaço em todos os domínios e, também, na edificação religiosa. O reconhecimento espiritual da autonomia teónoma da arte pela Igreja, com a encomenda de projetos a arquitetos profanos: Le Corbusier, ao pintor Henri Matisse (Capela do Rosário, Dominicanas de Vence, 1948-51); ao pintor e escultor George Braque, (Sacrário da igreja de Assy-1983); etc. São um exemplo de mudança. Convida-se o artista de mérito a intuir obras de autenticidade espiritual, integrando e interpretando a simbólica cristã. Assim se reconhece validade à criatividade do artista, na arte religiosa, a quem se reconhece espiritualidade. «A arte sacra

³⁶⁸ Não discutimos as diretivas das autoridades eclesiásticas, para a definição e distribuição proporcionada dos espaços e funções atribuídas ao exercício da liturgia dos sacramentos e sacramentais; ordenamento e distribuição adequada dos espaços de circulação: procissão de entrada, movimento no presbitério.

Houve especial cuidado, em Portugal, seguir as diretivas do Episcopado alemão, que contemplava as normas de construção de igrejas segundo o espírito da liturgia romana.

³⁶⁹ Nas redes sociais atuais, comunica-se a grata memória da participação religiosa na vida sacramental: matrimónio, a primeira comunhão, receção do crisma, festas do Santo Antão, a capela do Espírito Santo, peregrinações à Na. Sra. da Póvoa, Na. Sra. do Incenso, a 2 km de Penamacor (realiza-se na segunda-feira de Páscoa).

³⁷⁰ A freguesia de Águas, nos anos 60, possuía 1000 pessoas. E acolhia visitantes que acorriam aos benefícios terapêuticos das suas águas termais da Fonte Santa. Esta circunstância também aumentava o número de procura da assistência religiosa.

³⁷¹ A produção industrial de novos materiais em série, com novas técnicas de aplicação: o betão armado, o bloco de cimento, em produção industrial e com menos custos.

enquanto categoria objetiva parece dar lugar à noção de sacramentalidade da arte como expressão da vitalidade espiritual e cultural de comunidades cristãs concretas»³⁷².

Com a publicação de obras de ilustres artistas modernos, a nova pedagogia é assimilada e praticada um pouco por todo o mundo. Assim, se explica a atualização e influência da arquitetura moderna praticada por Nuno Teotónio Pereira na igreja de Águas. O fascínio e marca do génio do arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer³⁷³, um ícone de modulação e integração na paisagem, com elementos materiais e técnicas modernas económicas, «um empenho direto para resistir a um mundo de justiça e solidariedade»³⁷⁴.

A arte como possibilidade de abertura e encontro do humano com Deus e de Deus com o humano, um processo de interpretação do mistério transcendente de Deus, numa *passio* sacramental.

Assim como o processo de criação continua e se cumpre na história humana, na liberdade das vidas humanas, também a obra de arte vive, acontece e se cumpre naqueles que a experimentam, a arte exige a arte da comunicação e, sendo ela própria interpretação, exige interpretação³⁷⁵.

A arte sacra, em contexto de liturgia, não se comporta como objeto independente e abstrato, mas uma realidade integrada, assimilada e inculturada pela comunidade na ação celebrativa. Porque na liturgia as coisas significam, desde o simples lugar físico do fiel e sua relação com os outros, à atmosfera completa que se cria e se ativa na assembleia celebrativa.

Assim, se compreende, hoje, a integração da arte produzida com objetos descartáveis (embora não confundir com arte Kitsch) mesmo na liturgia da Igreja, por ser a expressão da verdade da época, e mostrar a beleza ocultada,

treina o nosso olhar para reconhecer a beleza daquilo que não é visível, mostra-nos que existe um grande fascínio a ser descoberto naquilo que é descartado pelos outros. Trata-se de um exercício que corresponde à atitude das crianças que sempre conseguem ver algo de especial em cada coisa³⁷⁶.

³⁷² João Norton de Matos S.J., «A crise moderna da arte sacra e as mediações do sagrado na arte», Em Coord. Silva, João Henrique Silva et al., MASF JOURNAL, nº 2, (Funchal: Museu de Arte Sacra do Funchal, 2019), 177.

³⁷³ Igreja de S. Francisco da Pampulha, em Belo Horizonte, no Estado de Minas Gerais. Uma possível irmandade arquitetónica, com a igreja de Águas portuguesa.

³⁷⁴ Mario Botta, *Il cielo in terra. Un secolo di chiese e cappelle nell'architettura moderna e contemporanea*, prima edizione, (Milano: 24 ORE Cultura srl, 2023), 27.

³⁷⁵ Tomás Halík, *A Tarde do Cristianismo*, trad. Paulo Ramos, (Prior Velho: Paulinas Editora, 2022), 52.

³⁷⁶ Cf. Gustav Schorghofer SJ, «Devem as Igrejas Acolher a Arte do Nosso Tempo?», *Brotéria*, Vol. 199 -2/3 (Agosto/Setembro 2024): 183.

O sentido pastoral e catequético que pode estar associado à integração deste tipo de arte contemporânea que, aparentemente, desviada dos cânones habituais, revela potencialidades de iluminação. Daqui a necessidade de diálogo da Igreja com os artistas, quando a arte atual ajuda a comunidade litúrgica a descobrir e seguir o caminho de Cristo.

Na igreja da Assunção em Almada, Nuno Teotónio Pereira recorre ao efeito industrial de materiais naturais e uso de técnicas expressivas, para exprimir a verdade construtiva como expressão ética e religiosa. O recurso aos materiais industriais e económicas técnicas de aplicação, conferiam à nova projeção arquitetónica valores de clareza e verdade, apresentados no Evangelho. A maior expressividade era atingida com o recurso aos materiais crus, como saíam da mão dos operários, ou da produção industrial: o betão à vista, o efeito estético da simples aplicação do bloco de cimento, os caixotões côncavos em betão no teto.

A expressão mais clara e madura na obra de maturidade, que é a execução do projeto de arquitetura da igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa³⁷⁷.

As novas ideias de arquitetura circulavam no país, fruto de viagens, visitas feitas por arquitetos portugueses pela Europa, participação em ateliês e congressos, nacionais³⁷⁸ e internacionais. Assim, construir uma igreja moderna, em Portugal, impôs-se como urgência e, ao mesmo tempo, para corresponder à nova imagem de Igreja nascida do Vat. II

Era condição necessária reformular a nova casa para a celebração litúrgica (SC)³⁷⁹, responder e dialogar com o mundo em transformação (GS)³⁸⁰. A verdadeira identidade e caracterização do que é ser cristão (LG)³⁸¹. Assim, ao qualificar-se a arquitetura estava a qualificar-se a celebração litúrgica

³⁷⁷ Prémio Valmor em 1975, classificada como Monumento Nacional em 2010.

³⁷⁸ O Congresso de 1948 juntou arquitetos do Norte e Sul do país e decidiram pela opção da arquitetura moderna.

³⁷⁹ Cf. Aprovada em 1963-12-04. Foi a primeira constituição a ser aprovada e, não foi acidental, mas marcou um ideário de renovação da Igreja, reativar a liturgia como fundamento da vivência do mistério pascal de Cristo na comunidade da celebração litúrgica.

³⁸⁰ Cf. Aprovada em 1965-12-07. A constituição que estabelece as linhas de orientação de diálogo da igreja com o mundo (a sociedade civil, a ciência, a economia, a política internacional, a paz). A quem se apresenta Jesus Cristo como paradigma da verdadeira antropologia de salvação.

³⁸¹ Aprovada em 1964-11-21. A identidade da Igreja: n. 1 Cristo é a luz que ilumina todo humano e a igreja sacramento dessa união, n. 4 - expressão do Espírito Santo, 5- concretização do Reino de Deus, 6 – pedra angular, 7 – corpo místico de Cristo, n. 8 - peregrina n. 10 - o sacerdócio comum dos fiéis; n. 11- exercício do sacerdócio comum nos sacramentos, n. 12 - fê e carisma no Povo santo, n. 13 – todo o Povo é chamado – n. 14 - universalidade e catolicidade do único Povo de Deus, n. 15 - vínculo da Igreja com cristãos e não cristãos.

na Igreja,³⁸² condição para a plena frutificação dos dons que se desejavam alcançar. No entanto, apesar da sua relevância, a função da arquitetura na igreja não se justifica por si mesma, mas como meio ao serviço para qualificar a celebração litúrgica da comunidade concreta ali reunida.

Ao arquiteto incumbe-se uma tarefa criativa, em parceria com outros artistas, preparar a morada cristã que melhor ativasse a fé e a oração na celebração litúrgica da comunidade. Com este propósito se realça o contributo do arquiteto alemão Rudolf Schwarz³⁸³ ao defender a caracterização e geometria de cada espaço em função de cada sacramento, mas sem comprometer a unidade da celebração litúrgica.

A Igreja, de algum modo, projeta, imprime-se a si mesma no edifício do culto e aí encontra traços significativos da sua fé, da sua própria identidade, da sua história e da antecipação do próprio futuro³⁸⁴

A forma criativa e apelativa da arquitetura da igreja ajuda à qualidade da celebração litúrgica da comunidade reunida. A qualificação do desenho, da beleza do lugar interage positivamente com a beleza da arte da celebração litúrgica. Este facto obriga ao esforço da imaginação criativa do ser humano, quer na arte de celebrar quer na constante dinâmica de qualificação do espaço arquitetónico que melhor desafia a experiência autêntica da vida cristã³⁸⁵.

A qualificação da arquitetura da igreja de Águas inicia-se no espaço exterior, desde a sua implantação no conjunto urbano, a procura de um centro de gravidade, a intuição artística que ofereça «a vantagem de uma concretização construtiva e funcional dentro de uma paisagem em contínua transformação»³⁸⁶. Convocam-se os elementos naturais: a luz, a paisagem envolvente, para dispor os elementos de leitura: a torre sineira, a cruz no telhado, a cruz de pedra no adro, que

³⁸² Cf. Nota pastoral da Comissão Episcopal de Liturgia *La progettazione di nuovo chiese*, de 18 de fevereiro de 1993; as orientações da Conferência Episcopal Italiana *I beni culturali della Chiesa in Italia*, de 9 de dezembro de 1992. E a *Instrução Geral do Missal Romano* (IGMR) n. 254. Em Comissão Episcopal de Liturgia da Itália, *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 17-18.

³⁸³ Cf. Rudolf Schwarz, *Vom Bau der Kirche*, (Heidelberg: Verlag Lambert Schneider, 1947). E o trabalho de colaboração com o liturgista Romano Guardini.

³⁸⁴ Conferência Episcopal Italiana, *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*, 19.

³⁸⁵ Cf. Joaquim Félix, «Arquitetura religiosa e esplendor na lentidão», 18ª Jornada Nacional d Pastoral da Cultura, 14.9.2024. Como celebrante, ao partilhar a experiência poética do *Haiku*, na celebração da eucaristia da primeira comunhão das crianças, na igreja de S. Félix e Sta. Régula, em Zurique, Suíça do arquiteto Fritz Metzger. Destaque para o sentido da comunidade vivida na assembleia eucarística, sobretudo na beleza branca da comunhão das crianças: «comendo a flor da farinha/ a sua alegria/ embranquece a assembleia».

³⁸⁶ Mario Botta, *Il cielo in terra – un secolo di chiese e cappelle nell'architettura moderna e contemporanea*, 13.

identificam e qualificam a visibilidade de um lugar aberto de sentido: abrigo, silêncio, espaço propício à oração.

O papel relevante da luz na arquitetura «imaterial, a luz precisa da matéria para exprimir-se e tornar-se concreta [...] favorece a indagação nos diversos tempos, segundo o ritmo solar»³⁸⁷. Promove a transição do visível para o invisível.

Durante a celebração da missa, veem-se, do lado este, os ramos frondosos de eucalipto a rumorejar e a interpelarem o orante. Envolvida num abraço da natureza, a igreja *personifica-se* como espaço de acolhimento e sinal de espera. Está naquele abrigo de rumorejar ecológico para acolher e interpelar quem chega e precisa saborear o silêncio da suave brisa.

A unidade dos elementos que a arquitetura convoca: o vegetal, a pedra, o branco da fachada, a variação do movimento solar, tange a qualidade visível do lugar, e arriscamos para lá de nós, a espera do silêncio, o vazio que a estrutura do espaço qualifica como litúrgico. Assim o caracteriza o liturgista Romano Guardini:

O vazio relaciona-se com a imagem como o silêncio com a palavra. Assim que o homem se abre a ele, experimenta no vazio uma presença misteriosa. Ela exprime do sagrado aquilo que está para além de forma e conceito³⁸⁸.

O traçado das linhas simples, o matiz cromático da luz natural, a presença despojada do Crucificado sobreposto na testeira do presbitério, ajuda à qualificação da vivência da liturgia do crente na igreja de Águas.

O valor do silêncio pode dar lugar à oração, que Simone Weil experimentou com a oração do Pai Nosso, na versão grega do evangelista Mateus. Ao valorizar o valor do silêncio como a busca da vida profunda que podia ser a «renúncia a si mesmo», e que Rilk descreve «o que em mim aparentemente se dispõe à renúncia [...] será o caminho da minha alegria definitiva»³⁸⁹.

A oração que nasce no silêncio, «movimento em desejo, em oferta da miséria em direção ao trono do Deus altíssimo»³⁹⁰. Nascer do silêncio é abrir caminho para o esvaziamento de si, compreender o abandono de Deus, o Crucificado junto do altar a apelar à conversão, «aceitar a

³⁸⁷ Mario Botta, *Il cielo in terra – un secolo di chiese e cappelle nell'architettura moderna e contemporanea*, 14

³⁸⁸ Richter, *Espaços de igrejas e imagem de Igreja*, 27.

³⁸⁹ Cf. François Dupuigrenet Desroussilles, «Apresentação do Pai Nosso Secreto» (2024):7-21. Em, Simone Weil, *O Pai Nosso*, 21.

³⁹⁰ Romano Guardini, *Sinais sagrados* (Fátima: Secretaria Nacional de Liturgia, 2017), 64.

experiência da Kenosis»³⁹¹. Esta é a beleza de Cristo, a Sua entrega e abandono por amor, que nos interpela na liturgia da celebração da eucaristia.

Como um espaço e um tempo de *kairós*, uma jornada espiritual, «uma oportunidade que chega e que em algum momento se oferece, mas que será apenas cumprida quando as pessoas a compreenderem e a aceitarem livremente»³⁹².

No interior da igreja, além da caracterização do espaço para cada ação sacramental: o batistério e o confessionário à entrada, há o subir os degraus para o presbitério para onde toda a ação litúrgica congrega para oração da comunidade reunida e convocada.

A luz de este tange a toalha branca do altar, o ambão e a cadeira da presidência, toda a presença simbólica sacramental a fermentarem a atenção e a oração da comunidade eclesial reunida.

O exemplo de integração exterior das outras igrejas visitadas do mesmo arquiteto. A igreja de Almada está inserida num jardim aconchegado moldando o tecido urbano sem se deixar absorver da sua função religiosa. A forma poligonal da nave que anela assembleia e altar a viver a unidade da assembleia na celebração da eucaristia. Porém, a intervenção no projeto descaracterizou o despojamento e sobriedade das peças de madeira do presbitério: altar, ambão e presidência. A nova forma arquitetónica encontrada, a permuta da madeira pela pedra branca e as incrustações simbólicas em bronze, orientam o fiel para uma outra leitura: linhas menos simples e despojadas, menos integração na unidade do todo.

A igreja de Boidobra integrada num jardim de carvalhos e plátanos, percurso de silêncio, convite à contemplação. O interior, com uma única nave, convoca à participação pela disposição da assembleia em anfiteatro e mantendo a hierarquização do altar.

A igreja do Sagrado Coração de Jesus de Lisboa situada e integrada no coração da urbe. Uma obra de arquitetura da maturidade do MRAR. Um projeto de arquitetura que, pelas soluções de harmonia espacial encontradas, abre o religioso ao profano: crente e não crente. Uma arquitetura ao serviço do ecumenismo do Vat II.

³⁹¹ Rafael Gonçalves, *Mistagogia poética do silêncio na liturgia: práticas silenciarias* (Fátima: Secretariado Nacional de liturgia, 2022), 48. Ou, Kairológico, como caracteriza Halík, em *Tarde do Cristianismo*, 46.

³⁹² Halík, *A Tarde do Cristianismo*, 63.

BIBLIOGRAFIA

1. Sagrada Escritura

Bíblia Sagrada. Sexta Edição. Fátima: Difusora Bíblica, 2015.

Bover, José Maria, Jose O’Callaghan, Carlo M. Martini. *Nuevo Testamento Trilingue*, Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1988.

2. Documentos do Magistério

Bento XVI. Carta Encíclica «Deus caritas est» (Deus é Amor). 2ª edição. Braga: Editoria A. O. Secretariado Geral do Episcopado, 2013.

Católica, Igreja. Missal Romano. Libreria Editrice Vaticana – Dicastero per la Comunicazione.

Tradução portuguesa. Conferência Episcopal Portuguesa. Terceira Edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.

Católica, Igreja. Liturgia Horarum. Editio Typica. Polyglottis Vaticanis 1974. Tradução portuguesa: Liturgia das Horas. Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022.

Católica, Igreja. *Instrução Geral do Missal Romano*. Terceira edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.

Católica, Igreja. *Instrução Geral sobre a Liturgia das Horas*. Terceira edição. Fátima: Secretaria Nacional de Liturgia, 2019.

Católica, Igreja. *Missale Romanum. Editio Typica. Typis Polyglottis Vaticanis 1970*. Tradução portuguesa: *Missal Romano*. Terceira edição. Fátima: Conferência Episcopal Portuguesa, 2022.

Comissão Episcopal de Liturgia da Itália (Nota Pastoral). *A adaptação das igrejas segundo a reforma litúrgica*. Segunda Edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.

João Paulo II. A Eucaristia, vida da Igreja. Carta Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*. Segunda Edição. Braga: Editorial A. O., 2004.

_____. Jubileu da Encarnação – Bula incarnationis mysterium do sumo pontífice João Paulo II a todos os que caminham para o terceiro milénio, Org. Fernando Leite, S.J. do Ano Santo 2000. N. 9, 2ª edição. Braga: Editorial A. O., 1999.

Papa Francisco. A Santa Missa – Catequese do Papa Francisco sobre a celebração da Eucaristia. Braga: Secretariado Nacional do Apostolado da Oração, 2018.

_____. Carta Apostólica - *Totum amoris est*. No IV centenário da morte de São Francisco de Sales. Primeira edição. S. Paulo: Paulus Editora, 2022.

49º Congresso Eucarístico Internacional Québec – Canadá – 15-22 de Junho de 2008. *A Eucaristia, Dom de Deus para a vida do mundo – documento teológico de base*. Braga: Editorial A.O., 2007.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. Constitutio de Sacra Liturgia ‘Sacrosanctum Concilium’”. AAS 56 (1965): 97-138.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. Constitutio Dogmática de Ecclesia ‘Lumen Gentium’”. AAS 57 (1965): 5-67.

Sacrosanctum Concilium Oecumenicum Vaticanum II. Constitutio Dogmatica ‘Dei Verbum’”. AAS 58 (1965): 817-830.

3. Fontes Patrísticas e Medievais

Anselmo de Cantuária. *Proslogion*, Scmitt, F. S. Anselmi Opera Omnia, Vol. I, Edimburgi, Thomas Nelson, 1946, 89-122; Migne, op. Cit., S. Anselmi Opera Omnia, P.L., t. 158, col. 223-242. Em Tertuliano, S. Agostinho, S. Anselmo, S. Tomás de Aquino, Pedro Hispano. *Opúsculos Seletos da filosofia medieval*. Quarta edição. Tradução do original latino por António Soares Pinheiro, Braga: Editorial Franciscana, 2001, Cap. II, 95, 91-114.

Agostinho de Hipona. *Confissões*. Coord. e tradução de Lúcio Craveiro da Silva S. J. e Elias Couto. Oeiras: AD ASTRA ET ULTRA, AS, 2010.

Cordeiro, Padre José Leão (Coord.). *Antologia Litúrgica – Textos Litúrgicos, Patrísticos do Primeiro Milénio*. Segunda edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2015

4. Bibliografia Geral

Aldazábal, José. *Dicionário Elementar de Liturgia*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2007.

_____. *Dizionario Sintetico Di Liturgia*. Traduzione di Cristiana Paoletti e Nicolò Suffi. Citá Del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.

Almeida, D. Nuno. *A Cura pela Reconciliação*. Segunda edição revista e aumentada. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2024.

Apresentação do Missal Romano na terceira edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.

Ascenso, Adelino. *A Mistica do Arado – busca de um Deus possível*. Prior Velho: Paulinas Editora, 2021.

Bachelard, Gaston. *A Água e os Sonhos – Ensaio sobre a imaginação da matéria*. Primeira edição. Traduzido por António de Padua Danesi. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1989.

_____. *A Poética do Espaço*, traduzido por Antonio Pádua Danesi. S. Paulo: Martins Fontes, 1996.

Bonhoeffer, Dietrich. *Vida en comunidad*. Decimotercera Edición. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2019.

Botta, Mario. *Il cielo in terra. Un secolo di chiese e cappelle nell'architettura moderna e contemporanea*. Prima edizione. Milano: 24 ORE Cultura srl, 2023.

Bruni, Luigino. *A alma e a cítara – O que os salmos dizem de nós*. Primeira edição, traduzido por P. António Antão e P. António Bacelar. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.

Borobio, Dionísio. (dir.), *La Celebración en la Iglesia. Vol. I. Liturgia y sacramentologia fundamental*. Sétima Edición. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2023.

Campatelli, Maria. *El Bautismo. – Cada día en las fuentes de la vida nueva*. Traduzido por Pablo Cervera Barranco. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2016.

Canoso, António. *Igreja de Águas*. Penamacor: Câmara Municipal de Penamacor, 2016.

Carvalho, Joaquim Félix de. *Pentateuco das Passagens. Haikus de instantes & detalhes*. Primeira Edição. Porto: Officium Lectionis, 2024.

Catana, António Silveira. *Artistas da Nossa Terra II*. Idanha-A-Nova: Edição Câmara Municipal de Idanha-A-Nova, 2003.

Católica, Igreja. *Instrução Geral do Missal Romano*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.

Cohen, Jean-Louis. *Le Corbusier 1887-1965 (Lirismo da Arquitetura da Era da Máquina)*. Traduzido por Francisco Paiva Boléo. Lisboa: Edição exclusiva para o Jornal Público, 2006.

Cordeiro, D. José Manuel. *A sacramentalidade da celebração eucarística – Eterno hodie*. Primeira edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2024.

Correia, José Frazão, João Lourenço, Domingos Terra, J. E. Borges de Pinho, João Manuel Duque e Teresa Messias. *A Fé da Igreja*. Lisboa: Paulus Editora, 2014.

Costa, Bernardino Ferreira da. (Abade de Singeverga) *O Espaço celebrativo*. Segunda edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

_____. *Movimento Litúrgico em Portugal*. Primeira Edição. Fátima: Secretaria Nacional de Liturgia, 2018.

Crosti, Nicolletta. *À procura das raízes hebraicas da fé cristã*. Lisboa: Paulinas, 2010.

Cuito, Aurora. *Le Corbusier*. Traduzido por Joana Assunção. Barcelona: Loft e a Dinalivro, 2004.

Cunha, João Pedro F. Gaspar Alves da. *O MRAR e os Anos de Ouro da Arquitetura Religiosa em Portugal no Século XX. A ação do Movimento de Renovação de Arte Religiosa nas décadas de 1950 e 1960*. Tese de doutoramento. Lisboa: Faculdade de Arquitetura, 2014.

_____. *MRAR Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal do século XX*. Col. Investigação. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2015.

De Clerk, Paul. *A inteligência da liturgia*. Traduzido por Artur Morão. Primeira Edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.

Droste, Magdalena. *A Bauhaus 1919-1933. Reforma e Vanguarda*. Traduzido por João Bernardo Boléo. Koln, Lisboa: Taschen, Ed. Jornal Público, 2007, s/data.

Duby, Georges. *O Tempo das Catedrais - A Arte e a Sociedade, 980-1420*. Traduzido por José Saramago. Lisboa: Editorial Estampa, 1979.

Duque, João. *O Excesso do Dom – Sobre a identidade do cristianismo*. Lisboa: Editora Alcalá, 2004.

_____. *Homo Credens. Para uma teologia da fé*. Segunda Edição. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2004.

_____. *No Corpo do Tempo. Teologia Breve I*. Primeira Edição. Braga: Frente e Verso, 2021.

_____. *Fátima - Uma Aproximação*. Primeira Edição. Prior Velho: Paulinas Editora, 2017.

Eliade, Mircea. *Le sacré et le profane*. Paris: Éditions Gallimard, 1969.

_____. *Tratado de História das Religiões*. Traduzido por Fernando Tomaz e Natália Nunes. Primeira edição. Lisboa: Edições Asa, 1992.

Fernandes, José Manuel. *Arquitetos do Século XX – Da Tradição à Modernidade*. Casal de Cambra: Caleidoscópio edição, maio 2006.

Fornaciari, Christiano Sacha. *Disegnare il Sacro – Architettura e liturgia*. Prima edizione. Torino: Lindau, 2020), 68.

Forte, Bruno. *Maria, La Mujer Icono Del Misterio: Ensayo de Mariología simbólico-Narrativa*. Traduzido por Alfonso Ortiz García. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015.

_____. *La Porta Della Bellezza*. Traduzido por Adolfo Barrachina Carbonell. Valencia: Edicep C. B., 2004.

Gonçalves, Rafael. *Mistagogia poética do silêncio na liturgia: práticas silenciárias*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022

Grande, Nuno. *Igreja do Sagrado Coração de Jesus*. Coimbra: Eldlarc, 2021.

Guardini, Romano. *O Espírito da Liturgia*. Segunda edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

_____. *Sinais Sagrados*. Segunda edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

Hauser, Arnold. *Teorias da arte*, Segunda Edição. Traduzida por F.E.G. Quintanilha. Lisboa: Editorial Presença, 1978.

Hubaut, Michel. *Do Corpo Mortal ao Corpo de Luz. Fundamentos e Significado da Ressurreição*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, Lda., 2011.

Kasper, Walter. *Padre Nuestro – La revolución de Jesús*. Traduzido por Melecio Agúndez Agúndez, SJ. Salamanca: Ed. Sal Terrae, 2019.

Kung, Hans. *O Cristianismo – Essência e História*. Traduzido do francês por Gemeniano Cascais Franco. Lisboa: Círculo de Leitores, 2012.

Le Corbusier. *Conversa com os estudantes das escolas de arquitetura*. Traduzido por António Gonçalves. Lisboa: Edição Cotovia, 2009.

_____. *Para uma Arquitetura*. Traduzido por Manuel de Freitas. Lisboa: Universidade de Lisboa Lda., 2022.

Levinas, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Traduzido por José Pinto Ribeiro. Lisboa: Edições 70, 1988.

Marini, Guido. *La Liturgie - Gloire de Dieu, sanctification de l’homme*. Perpignan: Éditions Artège, 2013.

Mazza, Enrico. *O Novo Testamento e a Ceia do Senhor*. Primeira edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2018.

Merton, Thomas. *Curso de Mística Cristiana – em treze lecciones*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2018.

_____. *Nenhum homem é uma ilha*. Traduzido por Jorge Nunes. Primeira edição. Alfragide: Editora Lua de Papel, 2023.

Milheiro, Ana Vaz. *Nos Trópicos sem Le Corbusier – Arquitetura luso-africana no Estado Novo*. Lisboa: Relógio D’Água, 2012.

Niemeyer, Oscar. *Meu Sósia e EU*, Porto: Campo das Letras, 1999.

Pascal, Blaise. *Pensées*. Texte établi par Louis Lafuma. 1re. Publication. Paris: Éditions du Seuil, 1962.

Pereira, Nuno Teotónio. *Lisboa – Temas e Polémicas*. Lisboa: Ed. Câmara Municipal de Lisboa, 2011.

Pinson, Daniel. *Arquitetura e modernidade*. Traduzido por Filipe Duarte. Paris, Lisboa: Flammarion, Instituto Piaget, 1996.

Ratzinger, Joseph. *Caminhar Juntos Na Fé: A Igreja como «Comunhão»*. Traduzido por Manuel Losa, S.J. Braga: Editorial A. O. 2005

_____. *O Caminho Pascal*. Traduzido por António Maia da Rocha. Segunda Edição. Cascais: Príncípia Editora Lda., 2019

Ravasi, Gianfranco. *Orar com os Salmos*. Traduzido por Maria do Rosário de Castro Pernas. Prefácio do Papa Francisco. Prior Velho: Paulinas Editora, 2024.

Rey, Bernard. *O Sacramento do Perdão – Pastoral e Celebração da Reconciliação*. Traduzido por Margarida Maria Osório Gonçalves. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2000.

Richter, Klemens. *Espaços de igrejas e imagens de Igreja – O significado do espaço litúrgico para uma comunidade viva*. Traduzido por Vítor Coutinho. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2005.

Rodrigues, Luís M. Figueiredo (Org.). *A Edificação do tecido eclesial – Formação de agentes*. Lisboa: Universidade Católica, 2021.

Saint-Exupéry, Antoine de. *O Príncipezinho*. Traduzido por Joana Morais Varela. Trigesima Nona Edição. Lisboa: Edição Presença, 2015.

Schmemmann, Alexandre. *El Bautismo. Ensaio de teología litúrgica sobre el sacramento del agua y del Espíritu*. Traduzido por José Antonio Goñi Beásain de Paulorena. Salamanca: Ediciones Sígueme S.A.U., 2024.

Sequeri, Pierangelo. *A Ideia da Fé (Tratado de teologia fundamental)*. Traduzido por Artur Morão. Braga: Frente e Verso, 2013.

Silva, Luís Manuel Pereira da. *Nascemos da Páscoa – O memorial do mistério pascal*. Primeira Edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.

Tostões, Ana. (Coord.). *Arquitetura e Cidadania: Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera Editores, 2004.

_____. *Os Verdes Anos na Arquitetura Portuguesa do Anos 50*. Segunda Edição. Porto: FAUP, 1997.

Weil, Simone. *Espera de Deus: cartas escritas de 19 de janeiro a 26 de maio de 1942*. Traduzido por Karin Andrea de Guise. Petrópolis: Editora Vozes, 2019.

5. Artigos Científicos

Baltasar, Hans Urs von. *Il tutto nell frammento*. Milano, Jaca Book, 1972, 223-226. Em Bruno Forte. *La porta della beleza*. Brescia: Editrice Morcelliana, 2004. Traduzido por Adolfo Barrachina Carbonell. Valencia: fotocomposição EDICEP. 71-84.

Borghi de Avelar, Ana Paula, Michel Pereira Toussaint e João Pedro Alves da Cunha. *Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia*, Vol. 2, n. 4 (jul/ago. 2022): 122-146. ISSN 2447-0961. «A capela da Pampulha e a Igreja de Águas: Uma Possível Relação de Irmandade». Doi: <https://doi.org/10.55905/revconv.16.6-119>. Acedido em 25 de novembro de 2024.

Carvalho, Joaquim Félix de. «*Terebinto*, Tienda, Templo, Cuerpo. Anamnesis mayéutica acerca da la poética en la arquitectura religiosa contemporánea». *Actas de Arquitectura Religiosa Contemporânea*. 6: 230-247. <https://doi.org/10.17979/aarc.2019.6.0.6245>.

_____. «Arquitetura religiosa e esplendor na lentidão», 18ª Jornada Nacional d Pastoral da Cultura, 14.9.2024

_____. «Quando a arte contemporânea é alfaia de lugar». Primeiras jornadas da Pastoral dos Bens Culturais. Fátima, em 15/10/2024.

Correia, João Alberto. «Os relatos bíblicos: comunicação da fé construção da identidade cristã». Em Luís M. Figueiredo Rodrigues (Org.) *A Edificação do tecido eclesial – Formação de agentes*. Lisboa: Universidade Católica (2021): 77-97.

Correia, José Frazão. «A fé como forma vital e forma expressiva da existência humana». Em José Frazão Correia et al., *A Fé da Igreja*. Lisboa: Paulinas (2014): 12-57.

Cunha, João Alves da. «Arquitetura religiosa em Portugal: Séculos XX e XXI» (2019): 117-139. Em João Henrique Silva et al., (Coord.), *MASF Journal* Nº 2. Funchal: Museu de Arte Sacra do Funchal, 2019

Lemaître, Henri. «Introduction». Em Charles Baudelaire, *Les Fleurs du Mal et autres Poèmes*. Paris: Garnier-Flammarion, (1964): 7-15.

Matos, João Norton S.J. «A Renovação da Arte Religiosa. O MRAR e o seu Legado». Em *Brotéria*, (novembro 2022): 375-84.

_____. «Reforma Litúrgica e Igrejas Pombalinas». Em *Brotéria*, Vol. 197-4 (outubro 2023): 302-314.

_____. «Arquitetura e liturgia para novos tempos». *Brotéria* (novembro 2024): 355-366.

Noé, Paula. SIPA Igreja Paroquial das Águas/Igreja Nossa Senhora de Fátima/igreja Nova. http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_pagesUser/SIPA.aspx? Id=16688. Acedido a 18 de dezembro de 2023.

Pereira, Nuno Teotónio. «A Influencia em Portugal da Arquitetura Moderna Brasileira». Em «Escritos», Porto: Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto Publicações, 1999): 298-305.

_____. «Experiência de um Arquiteto», Entrevista por António Pereira dos Reis, *Novidades* (7 de fev. 1961):1-3. Acesso em ebook, João Alves da Cunha (org), *Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Texto e artigos*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura, (out.2022): 307-310.

_____. «Nova Igreja de Águas Anteprojeto: Memória (Documento Datilografado)». (S.I.: s.n.): 1-9. Acessível no Arquivo do SIPA (Sistema de Informação do Património Arquitetónico). Sacavém, Portugal. Citado por Ana Luísa Sanches Silva, «Arquitetura religiosa moderna em Portugal: o caso do atelier Nuno Teotónio Pereira». *Revista Arquitetura Lusíada*. Nº8 (2º Semestre de 2015), 157. Em <http://hdl.handle.net/11067/5395>, acedido em 25 de novembro de 2023

Portas, Nuno. «Arquitetura religiosa Moderna em Portugal», *Arquitetura*, lisboa, 3ª série, nº60 (outubro, 1957): 20-30. Em ebook, João Alves da Cunha (org.), *Movimento de Renovação de Arte Religiosa. Textos e artigos*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura (outubro 2022):155-158.

_____. «O Drama da Arte Sacra Portuguesa», *Encontro*, Ano 1, nº 4 (abril 1956): 2- 8. Em ebook, João Alves da Cunha, *MRAR – Movimento de Renovação da Arte Religiosa – Os anos de ouro da arquitetura religiosa em Portugal no século XX*. Textos e artigos (2015): 155-158.

Rodrigues, Avelino. «A construção de igrejas modernas e a responsabilidade do clero», julho 1958. *Novellae Olivarum*, Ano XV, nº 154. Em ebook, João Alves da Cunha (org.), *Movimento de Renovação da Arte Religiosa. Textos e artigos*. Lisboa: Centro Nacional de Cultura, (outubro 2022): 226-237.

Santos, José Maya. «Arte sacra, Assembleia cristã, fundamento do espaço sagrado», Julho 1958. *Novellae Olivarum*, Ano XV, n. 154, 226-237. Em ebook, Alves da Cunha (org.), *Movimento de Renovação da arte religiosa. Textos e artigos*. (outubro 2022): 367-402.

Schorghofer, Gustav. «Devem as igrejas acolher a arte do nosso tempo?». *Brotéria* 199-2/3 (2024):177-183.

Silva, Ana Luísa Sanches. «Arquitetura religiosa moderna em Portugal: o caso do atelier Nuno Teotónio Pereira». *Revista Arquitetura Lusíada*. Nº 8 (2º Semestre de 2015): 153-167. <http://hdl.handle.net/11067/5395>, acedido em 25 de novembro de 2023.

Terra, Domingos. «A fé como resposta de liberdade». Em José Frazão Correia et al. *A fé da Igreja*. Lisboa: Paulus Editora (2014): 130-180.

Tostões, Ana. «Obra aberta, entre experimentalismo e contexto, um sentido de escola». Em Tostões, Ana (Coord.). *Arquitetura e Cidadania Atelier Nuno Teotónio Pereira*. Lisboa: Quimera (2004): 20-41.

Wohmuth, Josef. «Beleza/Glória». Em *Dicionário de Conceitos Fundamentais de Teologia*, Peter Eicher (Dir.) 2ª ed. Tradução João Rezende Costa, George Ignacio Maissiat. S. Paulo: Paulus (2005): 51-55.

6. Fontes não citadas

Antónia Matos, Sara (Coord.). *Rui Chafes - Sob a Pele: conversas com Sara Antónia Matos*. Primeira edição. Lisboa: Documenta, 2015.

Araújo, Silva. *Ao serviço do altar – manual do acólito*. Braga: Editorial franciscana, 2009.

Azevedo, Carlos Moreira. *Estudos de Arte e Devoção*. Primeira edição. Prior Velho: Paulinas Editora, 2023.

Boselli, Gofredo (ed). *Architettura della Luce. Arte, spazi, Liturgia. Atti del XII Convegno litúrgico internazionale. Bose 4-5 giugno 2015*. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2016.

Canopi, Ana Maria. *A Santa Missa - Comentário espiritual da celebração*. Traduzido por Luís Ribeiro de Oliveira. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2021.

Chafes, Rui. *DURANTE O FIM*. Cascais: Documenta, 2021.

Comunita monástica di bosc, l'altare. Recenti acquisizioni, nuove problematiche. Atti del XVII Convegno litúrgico internazionali. Bosc, 30 maggio I giugno 2019. Magnano: Edizioni Qiqajon, 2021.

Cuito, Aurora (Coord.). *Le Corbusier*. Primeira edição. Traduzido por Joana Assunção. Barcelona: Loft Publications, 2004.

Escudero, Lorenzo de la Plaza (Coor.). *Dicionário Visual de Arquitetura*. Tradução Dina Canal i Basegna e Carlos Silva Lameiro. Lisboa: Quimera editores, 2021.

Félix de Carvalho, Joaquim. *Livro Da Deslocação – da ruína farei um Betel*. Porto: Officium Lectionis edições, 2022.

_____. *Do Fundo do Cálice: At the botton of the chalice*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2022.

_____. *Verna*. Porto: Officium Lectionis edições, 2023.

_____. «Quando a arte contemporânea é alfaia de lugar». Primeiras jornadas da Pastoral dos Bens Culturais da Igreja vão ser em Leiria. Em 18 de outubro de 2024.[htt://bensculturais.com](http://bensculturais.com)

Fonseca, Tiago. *A Arte de Apresentar o Mistério Trinitário. Imagem, Eucologia e Simbólica*. Primeira edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2023.

Habermas, Jurgen. *A modernidade: Um projeto inacabado*. Traduzido por Sara Seruya. Segunda edição. Lisboa: Nova veja, Limitada, 2017.

Henriques, Bernardino *Os desafios do Evangelho*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, Publicações, Lda., 2006.

Lencastre, Luís. *O Lugar da água e da luz*. Primeira edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.

Merleau-Ponty, Maurice. *O olho e o espírito*. Traduzido por Luís Manuel Bernardo. Décima edição. Lisboa: Vega.

Nascimento, Luís Filipe Collaço (Coord.) *Rui Chafes – Tudo É OUTRA COISA (EVERYTHIN IS SOMETHING ELSE)* texto [Text]] Manuel de Freitas. Primeira edição. Almada: Documenta Câmara Municipal de Almada, 2019.

Pedro Martins Patrício, João. *Do Lava-pés à vida do Ministro Ordenado. Por uma teologia de 'assemelhação'*. Primeira edição. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2024.

Puig, Armand. *El SACRAMENTO DE LA EUCARISTIA. De la última cena de Jesús a la liturgia cristiana antigua*. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2021

Resende, Nuno. *A Igreja de Tendais. Culto, Comunidade e Memória*. Cinfães: Ed. Fábrica da Igreja Paroquial da Freguesia de Tendais, 2018.

Rodrigues, Miguel. *Reconstruir o rumor de Deus: Para uma teologia estética da revelação*. Fátima: Secretariado Nacional de Liturgia, 2022.

Scorsese, Martin, Antonio Spadaro. *Dialoghi Sulla Fede*. Prima edizione. Milano: La nave di Teseo, 2024

Steiner, George. *As Artes do Sentido*. Organização, tradução e introdução de Ricardo Gil Soeiro. Col. Antropos. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1917.

Weil, Simone. *A Experiência de Deus. Cadernos de Marselha. Caderno IV – Inverno 1941-1942*. Traduzido por Ana Cardoso Pires. Col. Antropos. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2024.

Teses sobre Arquitetura Religiosa

Amoreira, Sofia Alexandra Fialho Reis de. Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura, 2020. Universidade da Beira Interior. «Produções Arquitetónicas e Intervenções no Património Religioso Pós-concílio Vaticano II. Arquitetura religiosa contemporânea em Portugal». Universidade da Beira Interior. <http://hdl.handle.net/10400.6/10957>. Acedido em 7 de dezembro de 2024.

Marques, João Luís. «‘Na casa de meu Pai há muitas moradas’ reflexões em torno da organização do espaço litúrgico numa Igreja em mudança; experiências portuguesas no séc. XX». Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 2005. <https://repositorio-aberto.up.pt>. (Acedido em 7 de dezembro 2024).

7 Fontes das Imagens

Fig. 1 *A Capella del ponte Cabbiera, Serravalle (2019)* -Martininoi Pedrozzi

Em <https://images.app.goo.gl/m2cEn3wqAXDHQgtB8>, acedido a 29 de dezembro de 2024.

Fig.2 Igreja moderna e integrada numa cultura local. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 3 O altar preparado para a celebração da eucaristia. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 4 Capela da Pampulha (de S. Francisco de Assis) do arquiteto Oscar Niemeyer. Em Oscar Niemeyer, *Meu Sósia e EU*. (Porto: Campo das 1999), 12.

Fig. 5 Vista interna da capela da Pampulha.

Em <https://www.vivadecora.com.br/pro/arquitetura/igreja-da-pampulha/,2019>. Acedido a 14 de dezembro de 2024.

Fig. 6 A fachada poente. A implantação orográfica exterior da arquitetura da moderna igreja de Águas. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 7 Vista de nordeste da fachada lateral esquerda integrada na zona urbana. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig.8 Planta e corte longitudinal da igreja de Águas (Nuno Portas - 1957, 29). Em <http://hdl.handle.net/11067/5395>. Acedido a 25 de novembro de 2023.

Fig. 9 Capela da peregrinação de Ronchamp (1950-1955) Le Corbusier. Em <https://www.archdaily.com.br/br/01-16931/classicos-da-arquitetura-capela-de-ronchamp-le-corbusier/02-luke-stearns>.

Acedido a 8 de janeiro de 2025.

Fig.10 Distinção dos traços de modernidade da fachada da igreja moderna, diante do peso e "rusticidade" da antiga. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 11 A leveza do traçado geométrico da linha do teto do coro ao altar, o efeito de cor, luz e sombra a qualificar o espaço interior da assembleia e altar. Fotografia de João Lopes Foto.

Fig. 12 Identidade e abertura da igreja ao adro, com a cruz de pedra e bancos de jardim. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 13 A luminosidade do presbitério e interior da nave central vista do coro alto. Uma espacialidade habitável à espiritualidade litúrgica. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 14 Integração e enquadramento urbano da igreja moderna na aldeia de Águas. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 15 A cota térrea do adro com guias de pedra endereça o convite a entrar na igreja de amplo nártex. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig.16 Momentos de construção. Fonte: Repositório da Câmara de Penamacor. Em https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&opi=89978449&url=https://andarilho.pt/tag/nuno-teotonio-pereira/&ved=2ahUKEwj-kNrC9rOKAxWaK_sDHZNzABoQFnoECBQQAQ&usg=AOvVaw0RgTPdmB-v6tTCbQvGgtrC. Acedido em 19 de dez. 2025.

Fig. 17 Acesso ao altar por uma escada em leque e a cadeira da presidência à esquerda. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 18 O efeito cruzado da luz matinal no interior da igreja. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 19 A qualificação do espaço pela conjugação de luz e cor dos diferentes materiais. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 20 O altar em granito claro e paralelepipedal. O Crucificado na testeira do presbitério, representação sóbria, em fundo cerâmico. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 21 O impacto da luz natural a qualificar a espacialidade interior. Fotografia vista do coro-alto. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 22 Arquitetura preside à orientação das outras artes convocadas. O efeito da luz poente e as cores no interior. Vista do lado esquerdo do coro-alto. Fotografia de João Lopes Cardoso

Fig. 23 Conservação da antiga igreja e a localização da igreja moderna de Águas. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 24 Integração da torre sineira, fachada principal e cruz de ferro a identificar a igreja. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 25 A separação da torre sineira através do muro contíguo a ligar à igreja. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 26 Enquadramento da igreja na paisagem local, no extremo da propriedade cedida pela família Megre. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 27 Orientação e disposição convergente do espaço interior da nave para o altar a convocar a assembleia. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 28 Focalização do interior: a grade do batistério, altares laterais e espaços de circulação na confluência do presbitério e imagens devocionais.

Em https://www.nauticalportugal.com/estacoes-nauticas/centro-de-portugal/estacao-nautica-de-penamacor/pontos-de-interesse/patrimonio/geo_artigo/igreja-de-aguaso. Acedido em 14 de dezembro.

Fig. 29 Destaque do ambão (encastrado no púlpito) sobrelevado em plataforma de cantaria e resguardo frontal de madeira. Junto encontra-se o círio. Fotografia de João Lopes Cardoso

Fig. 30 Ascende-se ao altar por dois lances de três degraus em granito. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig.31 Apresentação, à esquerda do altar, da presidência e assentos dos outros ministros. A presença da luz coada no altar a propiciar a leitura e a concentração na ação litúrgica.

Em: https://www.nauticalportugal.com/estacoes-nauticas/centro-de-portugal/estacao-nautica-de-penamacor/pontos-de-interesse/patrimonio/geo_artigo/igreja-de-aguaso. Acedido em 14 de dezembro de 2024.

Fig. 32 A relevância do efeito da luz cruzada e radial no presbitério, lugar da presidência e da assembleia. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 33 O batistério, à entrada, do lado do evangelho. Lembra ao Cristão a sua entrada na Igreja. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 34 A elevação do Crucificado sob o altar, símbolo do cordeiro imolado. A luz nascente a iluminar o altar. Fotografia de Lopes Cardoso.

Fig. 35 Na celebração da eucaristia, a comunidade experimenta a fonte e alimento da vida cristã. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig. 36 Em peanha, à direita, está a imagem de Na. Sra. de Fátima. Do lado do evangelho encontra-se o Sagrado Coração de Jesus. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 37 Os três altares laterais em homenagem à família Megre. E o corredor de circulação entre as duas naves. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 38 O crucifixo em bronze na testeira do presbitério: simplicidade e despojamento. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig. 39 O altar do Tabernáculo na nave adjacente, capela de S. José. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 40 O desenho do batistério: a parede poente com a presença de símbolos cristológicos e a pia batismal de pedra retirada do rio local. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 41 O início de uma vida nova, um renascimento luminoso. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 42 O confessionário é o lugar do reencontro e ativação de uma espiritualidade de confiança em Cristo. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 43 Espaço de acolhimento. A interajuda do presbítero para uma orientação espiritual. Fotografia de João Lopes Cardoso.

Fig. 44 O mobiliário do presbitério foi alterado, agora, o motivo decorativo da cruz predomina no presidência e ambão. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig.45 Uma única cobertura do presbitério e da nave em anfiteatro. Fonte:

https://www.google.com/search?q=igreja+boidobra+covilha+imagens&rlz=1C1GCEU_pt-PTPT836PT836&oq=&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgAECMYJxjqAjJCAAQIxgnGOoCMgkIARAJGCcY6gIyCQgCECMYJxjqAjIPCAMQLhgnGK8BGMcBGOoCMgkIBBAjGCcY6gIyCQgFECMYJxjqAjJCAyQIxgnGOoCMgkIBxjGCcY6gLSAQ0yNTI3NTg4NzlqMGo3qAIIsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acedido em 5 de janeiro de 2025.

Fig. 46 O mobiliário do presbitério originário, sem a última modificação. Fonte:

https://www.google.com/search?q=igreja+boidobra+covilha+imagens&rlz=1C1GCEU_pt-PTPT836PT836&oq=&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCQgAECMYJxjqAjJCAAQIxgnGOoCMgkIARAJGCcY6gIyCQgCECMYJxjqAjIPCAMQLhgnGK8BGMcBGOoCMgkIBBAjGCcY6gIyCQgFECMYJxjqAjJCAyQIxgnGOoCMgkIBxjGCcY6gLSAQ0yNTI3NTg4NzlqMGo3qAIIsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8. Acedido em 5 de janeiro de 2025.

Fig. 47 O antigo ambão, com a Bíblia aberta, à entrada da nave. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig. 48 O novo ambão transformado e o painel da Última Ceia. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig. 49 Adaptação do presbitério: altar, ambão e presidência. Em <https://pontosj.pt/paroquiasaoped...> acedido em 29 de dezembro de 2024.

Fig. 50 Destaque da cadeira da presidência em relação à presença dos ministros e acólitos. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig. 51 Do telhado recortado, recolhe-se a luz para o interior da igreja. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig. 52 O mobiliário original em madeira: o altar, o ambão e a presidência. A Cruz na testeira posterior. Em <https://o-povo.blogspot.com/2018/12/sobre-igreja-nova-de-almada.html?m=1>. Acedido em 4 de janeiro de 2025.

Fig. 53 Aproximação da textura cinza do betão descobrado, a forma original. Em <https://images.app.goo.gl/c3ZaeM2qRXaPYtTy7>. Acedido em 5 de janeiro de 2025.

Fig. 54 A arquitetura do presbitério depois da modificação do projeto original de arquitetura: a opção pela pedra branca e retoques clareados dos painéis crus de betão. Fotografia de Ismael Malhadas Vigário.

Fig. 55 A vista panorâmica do adro e volume da igreja integrada na cidade. Em <https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipPmWCoPu02Zheo7uQqiFvUtIJxOG8dMkZXR4elb=s1360-w1360-h1020>. Acedido em 9 de janeiro de 2025.

Fig. 56 A qualidade espacial do presbitério pelo recurso a materiais naturais e crus. O altar-mor visto a partir da assembleia. Em <https://www.flickr.com/photos/gastaum/52079603266/in/album-72177720299018347>. Acedido em 9 de janeiro de 2025.

Fig. 57 O altar, o ambão e a presidência em madeira. Em <https://www.flickr.com/photos/gastaum/52079603266/in/album-72177720299018347>. Acedido em 9 de janeiro de 2025.